



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

GABRIEL FARIAS ALVES CORREIA

“COLECIONAR É VOLTAR NO TEMPO”:
Histórias e memórias da gestão de colecionadores mineiros

Belo Horizonte
2023

Gabriel Farias Alves Correia

“COLECIONAR É VOLTAR NO TEMPO”:
Histórias e memórias da gestão de colecionadores mineiros

Tese apresentada ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Administração.

Área de concentração: Estudos Organizacionais, Trabalho e Pessoas

Orientador: Prof. Alexandre de Pádua Carrieri, Dr.

Belo Horizonte
2023

Ficha catalográfica

C824c
2023 Correia, Gabriel Farias Alves.
“Colecionar é voltar no tempo” [manuscrito]: histórias e memórias da gestão de colecionadores mineiros / Gabriel Farias Alves Correia. – 2023.
1v.: il.

Orientador: Alexandre de Pádua Carrieri
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.
Inclui bibliografia.

1. Colecionadores e coleções – Teses. 2. Memória - Teses. 3. Administração – Teses. I. Carrieri, Alexandre de Pádua de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. III. Título.

CDD: 658

Elaborado por Adriana Kelly Rodrigues CRB-6/2572
Biblioteca da FACE/UFMG. – AKR 111/2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO do Senhor **GABRIEL FARIAS ALVES CORREIA**, REGISTRO Nº 316/2023. No dia 17 de agosto de 2023, às 14:00 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 10 de agosto de 2023, para julgar o trabalho final intitulado **"COLECIONAR É VOLTAR NO TEMPO': Histórias e memórias da gestão de colecionadores mineiros"**, requisito para a obtenção do **Grau de Doutor em Administração**, linha de pesquisa: **Estudos Organizacionais, Trabalho e Pessoas**. Abrindo a sessão, o Senhor Presidente da Comissão, Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVAÇÃO

REPROVAÇÃO

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Senhor Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 17 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri

ORIENTADOR - CEPEAD/UFMG

Prof^a. Dr^a. Juliana Maria Magalhães Christino

CEPEAD/UFMG

Prof. Dr. Pablo Alexandre Gobira de Souza Ricardo

PPGArtes/UEMG

Prof^a. Dr^a. Maria Leandra Bizello

PPGCI/UNESP

Prof^a. Dr^a. Denise Franca Barros

PPGAD/UFF



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Maria Magalhaes Christino, Subchefe de departamento**, em 23/08/2023, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Padua Carrieri, Professor do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Franca Barros, Usuária Externa**, em 23/08/2023, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Leandra Bizello, Usuária Externa**, em 23/08/2023, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pablo Alexandre Gobira de Souza Ricardo, Usuário Externo**, em 24/08/2023, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

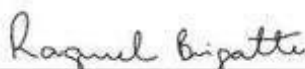


A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2567512** e o código CRC **1B5DFC98**.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO GRAMATICAL

Declaro, para os devidos fins, que eu, Professora Raquel Brigatte, doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, CPF 002656926-44, revisei, tendo em vista as normas vigentes da Língua Portuguesa, a tese do aluno Gabriel Farias Alves Correia, intitulada “‘COLECIONAR É VOLTAR NO TEMPO’: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA GESTÃO DE COLECIONADORES MINEIROS”, apresentada ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais.

Juiz de Fora, 25 de julho de 2023.



RAQUEL BRIGATTE
Professora Credenciada – UFMG

Feliz pelo que ainda não veio
E saudades do que nem foi
Esperando o melhor dos agoras
Nem temos o antes e já queremos o depois

E do lado de fora dos olhos
Os ponteiros disfarçam até o anoitecer
O tempo já sorrindo pro fim
Relógios não esperam por ninguém

Ontem você quis o amanhã
Hoje você quer o depois

Vou andando nas horas
Atravessando os agoras
Dançando as novas auroras

Vou andando nas horas
Atravessando os agoras
Dançando as novas auroras

Ainda nem chegou e pensa que já foi
Ainda nem chegou e pensa que já foi

Eis o feitiço do tempo
A corrida faminta incessante das horas
Lembrando quem adianta os instantes mutantes
A história e as intenções

Sem ponteiros nem norte ao redor dos eternos agoras
Sempre correndo atrás do que nunca demora
Foi-se embora sem satisfação

Um roteiro certo
Panorama no espelho
Janela de onde tudo vejo
Já vi esse filme inteiro

Ainda nem chegou e pensa que já foi

Ontem você quis o amanhã
Hoje você quer o depois
Ontem você quis o amanhã
Hoje você quer o depois

Vou andando nas horas
Atravessando os agoras
Dançando as novas auroras

(Nação Zumbi – Novas Auroras)

Passado

É um pé no chão e um sabiá

Presente

É a porta aberta

E futuro é o que virá

Mas e daí?

Gonzaguinha – Com a perna no mundo

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao povo brasileiro que, por 10 anos (2013–2023), arcou com meus estudos de graduação, mestrado e doutorado em uma Universidade pública de padrão internacional. A Universidade mudou minha vida e continuarei cuidando dela como nossa, lutando para que cada vez menos seja um privilégio de poucos a conclusão dos estudos nela.

À Coordenação de Apoio e Pesquisa em Ensino Superior (CAPES), pela bolsa de estudo dos anos iniciais, e à Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo financiamento nos anos finais do projeto de pesquisa que deu origem a esta tese.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em especial ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (CEPEAD), personificado em todos os seus trabalhadores, técnicos administrativos e professores, pelo suporte, ideias, reflexões e auxílios ao longo desta trajetória. A UFMG se mantém de qualidade graças à dedicação diária das senhoras e dos senhores. A vocês, meu máximo respeito.

Aos professores do CEPEAD, Luiz Alex Saraiva, Ana Paula Paes de Paula, Ivan Beck, Deise Ferraz e Kely Paiva, por todos os aprendizados compartilhados.

Às professoras da banca de qualificação, Paula Gontijo, Maria Leandra Bizello e Aline Magalhães, pela dedicação às reflexões trazidas.

À banca final da tese, Maria Leandra Bizello, Denise Barros, Juliana Christino e Pablo Gobira, pela participação no fechamento desta etapa.

Ao meu pai Paulo, a minhas irmãs Gabriela e Eduarda e minha tia Zita, por terem sempre confiado em mim e em meus sonhos. Obrigado pela compreensão e suporte nos inúmeros momentos de reclusão necessários para conclusão de minha trajetória acadêmica.

Aos queridos amigos que compartilham comigo a caminhada da vida: Rúbia Teodoro, Vítor Sanders, Higor Pereira e Marcus Vinicius Bernardes.

Aos companheiros de quase 10 anos do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS) por inúmeros compartilhamentos, trocas, reflexões, auxílios, experiências, angústias, risadas e por todo crescimento que tivemos juntos. Obrigado, Tito Palhares, Paula Gontijo, Fabiana Domingues, Felipe Fróes, Lorena Fonseca, João Delgado, Raquel Barreto e André Felipe Vieira Colares (*in memoriam*).

Aos colegas e amigos da UFMG, Ricardo Carvalho, Marília Duarte, Thais Torres, Cristina Saldanha e Ramom Carvalho. Obrigado pelas reflexões, pelos auxílios, pelas leituras e por terem topado o enfrentamento coletivo dos inúmeros desafios inerentes a esta trajetória de doutorado.

Às professoras, professores e alunos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), por todo acolhimento e compreensão enquanto fui professor substituto no curso de Turismo da instituição, em especial Helga Espigão, Ana Flávia Figueiredo, Elaine Teixeira, Cynthia Fonte Boa, Lourdes Ferreira e Virginia Fonseca.

Ao meu orientador Alexandre de Pádua Carrieri (o porco mau), que cuida de seus lobinhos com rabos chamuscados com uma sutileza incomum. Entre cafés, humor e orientações, a áurea do De Pádua se esvai e dá lugar ao K, que transforma montanhas, a princípio, impossíveis de serem escaladas em apenas pedregulhos no caminho. Casca dura e coração mole, ácido e doce, Alê é uma imensidão para quem tem o privilégio de o conhecer de verdade. É uma honra te chamar de amigo. Muito obrigado pelo suporte em incontáveis momentos difíceis, pela leveza em anos de risadas e por ter confiado em mim desde que eu era graduando até o momento em que me torno doutor. A gratidão é eterna.

À Bruna Luisa Ferreira de Azevedo, minha companheira, que voou comigo rumo aos meus sonhos, que acreditou em mim nos momentos de dúvida, que me fortaleceu nos momentos de fraqueza e que comemorou com igual força nos momentos mais felizes que vivemos durante minha trajetória no doutorado. Sua empatia e dedicação, seu acolhimento e afeto são, para mim, fonte de inspiração. Nesta tese, há uma parte importante desenvolvida por você e seu amor. Meu mais profundo e especial agradecimento.

*Às minhas irmãs Gabriela e Eduarda e aos meus
sobrinhos Davi, Alice, Thomas e Murilo. Ousemos
sonhar!*

RESUMO

O objetivo desta tese foi compreender como algumas coleções particulares mineiras são formadas e geridas, no tempo e espaço, pelas pessoas participantes deste trabalho. Partimos da asserção de que rastrear o colecionismo pessoal se caracteriza como um objeto da Administração na medida em que os objetos colecionados geram problemas de gestão no tempo e no/do espaço. Neste desiderato, refletimos sobre histórias e memórias com Walter Benjamin, apresentando as bases teóricas e filosóficas que nos guiaram por nosso processo. Os percursos e encruzilhadas ocorreram a partir de um trabalho qualitativo-histórico em conjunto com 29 colecionadores de diversos objetos e com cinco grupos colecionadores de Minas Gerais, envolvendo suas narrativas orais. Triangulamos estes dados com as análises de documentos, as fotografias em conjunto com as anotações de caderno de campo. Os dados foram interpretados a partir dos pressupostos orientadores da Análise de Narrativas, possibilitando-nos refletir sobre as categorias vinculadas aos pontos de referência teóricos sob um olhar organizacional histórico. A partir dos pressupostos orientadores, nos baseamos na combinação do processo de codificação baseado em dados, em pontos de referência e com nossa flexível ida ao campo para alcançarmos a subcodificação de memórias do colecionismo. A partir dele, emergiram seis enredos que compuseram as análises sobre os objetos e os aspectos do colecionismo: o ser colecionador, incluindo as visões sobre o start para a prática; o foco da prática colecionista, evidenciando o passado nas narrativas; os grupos de colecionadores e o imbricamento da memória individual com a coletiva; os aspectos de gestão, evidenciando o tempo presente e abrangendo desde a aquisição dos objetos, o armazenamento, os espaços, a manutenção dos objetos e a questão econômica; por fim, analisamos os dados relacionados aos vários futuros possíveis das coleções, evidenciando as possibilidades futuras. Os dados sugerem a existência de um imbricamento dos processos de passado, presente e futuro como um fenômeno que deve ser analisado em um continuum. Por fim, concluímos nosso trabalho refletindo sobre a necessidade de uma Administração que considere as dimensões do tempo, do espaço, dos sentimentos em prol da negação de uma produtividade sem fim. Considerando os aspectos colecionistas, a rememoração, a nostalgia e a contemplação, fomentamos a multiplicidade de modos de ser, estar e gerir próprios do sul global que, em suas descontinuidades e rupturas, apresenta modos de romper nas brechas e nas fissuras de uma administração tradicional, funcionalista e produtivista.

Palavras-chave: Colecionismo; História e memória; Estudos históricos de gestão; Walter Benjamin.

ABSTRACT

of this thesis was to comprehend how certain private collections in Minas Gerais are formed and managed, over time and space, by the participants of this study. We started with the assertion that tracking personal collecting characterizes itself as a subject within Administration, given that the collected objects pose management challenges in both temporal and spatial dimensions. In this pursuit, we reflected on stories and memories with Walter Benjamin, presenting the theoretical and philosophical foundations that guided us through our process. The paths and crossroads unfolded through a qualitative-historical work involving 29 collectors of various items and five collecting groups from Minas Gerais, encompassing their oral narratives. We triangulated this data with document analyses, photographs in conjunction with field notebook notes. The data were interpreted based on the guiding assumptions of Narrative Analysis, allowing us to reflect on categories linked to theoretical reference points from a historical organizational perspective. Building upon these guiding assumptions, we relied on a combination of data-based coding process, reference points, and a flexible field approach to attain the subcoding of collecting memories. Out of this emerged six narratives that composed the analyses on the objects and aspects of collecting: being a collector, encompassing perspectives on the initiation of the practice; the focus of collecting practice, highlighting the past within narratives; collector groups and the interweaving of individual and collective memory; management aspects, spotlighting the present time and spanning from object acquisition, storage, spaces, object maintenance to economic matters; finally, we analyzed data pertaining to the various possible futures of collections, highlighting potential future scenarios. The data suggests an interconnection of past, present, and future processes as a phenomenon that must be examined as a continuum. In conclusion, we wrap up our work by reflecting on the necessity of an Administration that takes into consideration the dimensions of time, space, and emotions in favor of rejecting boundless productivity. Considering collecting aspects, recollection, nostalgia, and contemplation, we encourage a multitude of ways of being, existing, and managing characteristic of the global South, which, in its discontinuities and ruptures, presents modes of breaking through the gaps and fissures of a traditional, functionalist, and productivity-oriented administration.

Keywords: Collecting; History and memory; Historical management studies; Walter Benjamin.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A distribuição geográfica da pesquisa na região metropolitana de Belo Horizonte...	48
Figura 2 – A distribuição geográfica da pesquisa em Minas Gerais.....	49
Figura 3 – A falta de espaço dos objetos do cotidiano.....	73
Figura 4 – As bicicletas no teto.....	82
Figura 5 – A exposição de cachaças mineiras.....	96
Figura 6 – A coleção de palhetas de Gump.....	112
Figura 7 – Macuta vendida em um site numismata mineiro.....	114
Figura 8 – Os carros de José e Daniel.....	117
Figura 9 – Os elefantes decorativos.....	119
Figura 10 – O galpão de um colecionador de antiguidades.....	126
Figura 11 – A coleção de obras de arte.....	127
Figura 12 – Miniaturas de carrinhos e outros itens.....	135
Figura 13 – As miniaturas dos personagens de Star Trek.....	137
Figura 14 – As miniaturas das naves de Star Trek.....	137
Figura 15 – O carro e os objetos em sua volta.....	139
Figura 16 – Brinquedo “Kitijolinho”	140
Figura 17 – As regras do grupo de colecionadores de camisa do Atlético-MG.....	152
Figura 18 – Parte da coleção de cédulas da década de 1930.....	169
Figura 19 – O corredor e a estante da coleção de cavaleiro de chumbo.....	175
Figura 20 – A cristaleira da coleção de maquetes de aviões.....	176
Figura 21 – O quarto de Vinicius.....	182
Figura 22 – Parte da coleção de discos na “caverna” de Bonfante.....	183
Figura 23 – As miniaturas lacradas em suas cartelas.....	189

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pressupostos orientadores das análises das narrativas memorialísticas.....	65
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Universo de participantes da pesquisa.....	50
Tabela 2 – Universo de grupos participantes da pesquisa.....	60

LISTA DE SIGLAS

- CEP – Comitê de Ética de Pesquisa
- EOR – Estudos Organizacionais
- FACE – Faculdade de Ciências Econômicas
- NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade
- OMS – Organizational Memory Studies
- SMS – Social Memory Studies
- UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
- UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
2 HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E O OLHAR BENJAMINIANO	24
2.1 O olhar benjaminiano sobre histórias, memórias e passado	32
3 OS PERCURSOS E AS ENCRUZILHADAS TRILHADAS JUNTO AOS COLECIONADORES	44
3.1 Caracterização dos sujeitos e grupos participantes da pesquisa	47
3.2 As análises das narrativas	62
4 OS OBJETOS E OS ASPECTOS DO COLECIONISMO	66
4.1 Baudrillard, Pomian e os objetos colecionáveis	70
5 “SER COLECIONADOR É UMA CHANCE DE ME APROFUNDAR ENQUANTO UM INDIVÍDUO QUE SE EXPRESSA”	80
5.1 Os vários começos passados do colecionismo	99
6 O COLECIONISMO E O PASSADO EM EVIDÊNCIA	109
6.1 “Meu foco é o futuro do passado.”	132
7 OS GRUPOS DE COLECIONADORES E SUAS COLEÇÕES	146
8 COLECIONANDO, ORGANIZANDO, REMEMORANDO: O PRESENTE EM EVIDÊNCIA	160
8.1 Busca e aquisição dos objetos	161
8.2 Armazenamento, catalogação/não catalogação e exposição/não exposição	167
8.3 Gestão dos espaços (e da falta deles).....	179
8.4 Manutenção (ou não) das coleções	186
8.5 O negócio colecionista e a questão econômica (ou a ausência dela).....	195
8.5.1 <i>O negócio colecionista</i>	195
8.5.2 <i>A questão econômica (ou a ausência dela)</i>	198
9 “QUANDO A GENTE COMEÇA UMA COLEÇÃO, NÃO PENSA EM FIM, PENSA EM COMEÇO”: O FUTURO EM EVIDÊNCIA.....	210
10 CONCLUSÕES (QUE NUNCA SÃO FINAIS).....	222
REFERÊNCIAS	230

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de tudo, é preciso salientar aos leitores sobre a pessoa gramatical em que esta tese é escrita: "nós", a primeira pessoa do plural. Esse posicionamento se deve ao fato de que, apesar de escrito por mim, Gabriel, este trabalho de pesquisa é atravessado e afetado por esforços que são coletivos, passando por toda a minha formação na graduação, no mestrado e no doutorado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobretudo com minha participação em diversos projetos de pesquisa, ensino e extensão junto ao Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS). Existem, desta forma, diversos autores e autoras, coautores e coautoras que perpassam as reflexões aqui existentes. Ressalto, sobretudo, a influência de meu orientador Alexandre ou De Pádua ou Krrieri (a depender da fase da lua, afinal, ele é de Câncer, regido por este astro), pelo auxílio na sistematização de todos os processos desta pesquisa. São por estes citados (e muitos outros que atravessaram a minha formação como pesquisador) que eu, Gabriel, não ficaria confortável em atribuir somente a mim as reflexões geradas nesta tese, fruto de dez anos de trabalho acadêmico. Por isso, falar em "nós" se apresenta mais adequado para as minhas pretensões enquanto pesquisador, com uma atuação pautada na dialogicidade em detrimento da imposição, da bilateralidade em detrimento da unilateralidade e da coletividade em detrimento da individualidade.

Outra pontuação importante é que nesta tese foram necessárias diversas idas e vindas sobre o pensamento com o qual rompemos: o funcionalista, dominante e pretensamente linear de que o resultado final de reflexões é objetivamente “resultado” de uma somatória de esforços. O processo de lidar com a diversidade de reflexões e memórias envolve, conseqüentemente, uma complexidade em lidar com um pensamento que transpõe o *mainstream* de uma área de conhecimento que é, em sua maioria, forjada na servidão aos interesses mercadológicos e, por isso, cobra de tudo e de todos resultados tecnicistas, imediatistas, lineares e generalizantes. Para tanto, os leitores se deparam com algumas questões que podem aparentar repetições, mas que estão no texto justamente como parte de um processo contrário ao imediatismo e do funcionalismo consolidado na Administração. Com isso, convidamos o leitor para a reflexão de um tempo outro: o da maturação dos pensamentos, das reflexões, das discussões e das elaborações que estão longe da linearidade, assim como são as memórias aqui narradas. Na visão que nos situamos, apresentar o resultado final não é o bastante para uma área que está imersa no tecnicismo. É preciso reforçar um mesmo argumento a partir de diversos suportes teóricos para consolidarmos a visão de que o organizar precisa considerar os aspectos locais,

bem como as tradições orais, os tempos de contemplação e dos saberes. Estes, assim como as reflexões desta tese, não são unívocos. São frutos de diversas tomadas e retomadas em um campo memorialístico ainda em processo dentro dos Estudos Organizacionais (EOR) brasileiros.

Esta tese ainda parte de um interesse particular que eu, Gabriel, possuo em minha vida pessoal, sendo um colecionador de camisas de futebol de meu time, o Clube Atlético Mineiro, desde o ano de 2014. Esta vivência foi fundamental para me debruçar no trabalho de pesquisa, sobretudo a partir de Ferraço (2003) quando o autor diz que, ao realizarmos trabalhos de pesquisa, pesquisamos os outros, mas também a nós mesmos. Em termos acadêmicos, partimos da ideia de lançar olhares teóricos na temática das memórias e do fenômeno de gestão do colecionismo pessoal sob os aspectos benjaminianos. Este esforço no campo da Administração, sobretudo nos EOR, vem de um reconhecimento de que as memórias não surgem de acasos, mas que elas são constituídas socialmente a partir de esforços sensoriais (ANDRADE; ALMEIDA, 2018) e materializadas por meio da posse de objetos, colecionáveis ou não. Desta forma, o **objetivo desta tese é compreender como algumas coleções particulares¹ mineiras são formadas e geridas, no tempo e espaço, pelas pessoas participantes deste trabalho.**

A nossa tese é a de que rastrear o colecionismo pessoal se caracteriza como um elemento da Administração na medida em que os objetos colecionados geram problemas de gestão no tempo e no/do espaço. Estes problemas, refletidos a partir de cruzamentos e encruzilhadas (RUFINO, 2019), auxiliam-nos a visualizar nosso processo histórico a partir de uma não linearidade que nega o dominante e suas tentativas de apagamento das memórias e das histórias localizadas no sul global. Encontramos pontos de referência no pensamento por constelações de Benjamin em que o passado é produzido no tempo presente com vistas a um futuro. Este processo é considerado em nossa tese como parte de uma tríade dialética histórica que trata destes três tempos como elementos de um *continuum*. Com destaque para as experiências das continuidades e interrupções do fluxo do tempo (VELLOSO, 2022), a temporalidade adquire um protagonismo que age em favor da diversidade de formas de ser e estar no mundo. A tríade histórica, portanto, destaca que os fenômenos históricos não devem ser refletidos ou no passado, ou no presente, ou no futuro, mas em todos os três tempos simultaneamente.

¹ O uso do termo é para indicar coleções geridas por pessoas físicas, distanciando das coleções geridas por museus ou quaisquer outras instituições jurídicas, conforme Cordova (2017).

Consideramos a necessidade da adição à tríade dos elementos de gestão para que as coleções se desloquem do campo das ideias daquele que as concebem e alcancem o mundo material. Desta forma, para que as coleções não sejam consideradas como simples reunião de objetos antigos ou de coisas, são necessários elementos históricos da tríade histórica para alcance de diversos fatores, a começar por seu propósito, seguido por sua lógica de organização (por tipos, cores, modelos etc). Não basta apenas a existência do objeto em si, mas são necessárias diversas disponibilidades, como as de: tempo para estudo, trabalho contemplativo do objeto e concepção das coleções; capital para investimento em espaços (ou não espaços, para alguns participantes da pesquisa) de armazenamento, além dos processos de busca, encontro, aquisição, transporte, conservação e exposição (ou não) dos objetos; e do capital social para inserção no meio colecionista. Sendo assim, a problemática das coleções não passa apenas pela existência do sentimento nostálgico que os objetos podem trazer (ALMEIDA, 2012), mas pelos recursos que são mobilizados para que as coleções concebidas sejam, de fato, implementadas e mantidas.

Este trabalho se faz relevante na medida em que busca ampliar os estudos históricos memorialísticos nos EOR, caminhando no sentido de ressaltar saberes e práticas que compõem a diversidade do que se entende como gestão. Em nosso caso, ela é compreendida a partir da chamada vida social organizada (CARRIERI, 2014), indo além das organizações formais e empresariais para alcançar as estratégias organizativas e cotidianas (no nosso caso, estratégias cotidianas de recordar, de relembrar, de rememorar) dos grupos que compõem a sociedade. Mais particularmente, os grupos colecionadores participantes desta pesquisa nos auxiliaram na ampliação do conhecimento sobre o organizar e o gerir coletivo no cotidiano dos processos organizativos da vida.

A escolha por apreender sujeitos colecionadores² e seus grupos se respalda em Carrieri (2014) quando o autor sinaliza a atitude do pesquisador frente à compreensão do funcionamento da vida social organizada destacando que, por meio dos significados dados pelos indivíduos, podemos explicitar a própria trajetória da sociedade por meio dos jogos de diferença individuais e coletivos. Partimos de uma visão pós-estruturalista que nos permite considerar a

² Cabe salientar que, nesta tese, apesar de utilizarmos a nomenclatura “coleccionador”, estamos considerando nela a diversidade de significados que compõem a palavra, abrangendo caracterizações que apareceram em nossa tese como os apreciadores e os “objeteiros”, assim como aquelas que não surgiram nas narrativas dos participantes, mas que consideramos em sua diversidade. Além disso, a escolha por “coleccionadores” não se dá por acaso: em sua maioria, são homens que realizam as coleções.

Administração em sua diversidade de pessoas, de organizações, de objetos. A visão do fenômeno de gestão aqui é uma entre outras várias possíveis (BARROS *et al.*, 2011), por isso, reforçamos que o que entendemos como conhecimento foge de quaisquer tentativas de instrumentalização de sujeitos, sentimentos e memórias (MENDES, 2015) em prol dos interesses de capital. Em vista disso, apoiados nas diretrizes anteriores de De Certeau (2012), consideramos os fenômenos sociais a partir de brechas e instabilidades que consideramos ser produtoras de sentido.

As memórias vistas por nós têm por base Bosi (2003), que as trabalha como um fenômeno produtor de sentido, auxiliando-nos no processo de revelar as inconsistências das narrativas totalizantes e que se dizem oficiais no âmbito da Administração. Ao questionarmos a lógica tecnicista (BOSI, 2003) que busca responder “para que” serve o conhecimento (e, em nosso caso, para que serve lembrar e o colecionar), estimulamos as ideias que apresentam que o conhecimento na Administração não deve servir, mas assimilar que as nostalgias, fruto das memórias, devem ser contempladas para além da visão positivista de utilidade, sobrelevando a importância da reflexão questionadora e crítica dos fenômenos sociais e da própria sociedade (CARRIERI; CORREIA, 2020).

Desse modo, nossa tese responde ao seguinte problema de pesquisa: **como algumas coleções particulares mineiras são formadas e geridas, no tempo e espaço, pelas pessoas participantes deste trabalho?** Para além do objetivo geral anteriormente exposto, alcançamos os seguintes objetivos intermediários: a) refletir sobre o que é a coleção e o colecionador; b) compreender como as coleções são concebidas pelos sujeitos; c) analisar quais são as práticas históricas que envolvem a gestão das coleções.

A prática de colecionar foi discutida por Benjamin em pelo menos quatro textos (MALHEIRO-DA-SILVA, 2020), sendo eles: “O colecionador”, no qual o autor teoriza sobre o colecionador em si; “Desempacotando minha biblioteca”, em que Benjamin direciona seus esforços para o colecionismo a partir de sua própria coleção de livros; “Escavando e recordando”, abarcando a reflexão sobre os aspectos do passado envolvidos no colecionismo; por fim em “Armários”, no qual o filósofo recorda sua infância e os objetos que dela fizeram parte. Estes textos nos deram pistas importantes para o desenvolvimento deste trabalho, pois, além dos aspectos da gestão inseridos por nós, o autor trata de histórias, memórias, experiências e do colecionismo.

Destacamos que os objetos, para Benjamin (2009), saem do lugar de coisas para o alcance do lugar de representação. Essa representação se refere a algo como um passado, uma lembrança, um modo de vida que não pode ser revivido, mas pode ser relembrado. Os sujeitos, ao buscarem ter a posse das coisas, reforçam o pensamento tátil que possuem. É preciso considerar este ato de recordar para compreendermos a existência, segundo Benjamin (2009), de um lado fisiológico do ato de colecionar, que adquire uma função biológica, como na construção de um ninho, ou seja, um lugar de segurança e de abrigo com materiais coletados no exterior. São materiais (e memórias) do passado que dão suporte para o tempo (e a vida) presente.

Nora (1993) bem como Dohmann (2015, 2017) apresentam alguns indícios que reforçam nossa tese. Consideramos a reflexão de que o olhar do colecionador para os objetos segue de uma tentativa de transpor as memórias intangíveis para o mundo material. Essa ideia encontra respaldo quando os autores discutem sobre a necessidade de suportes externos e de referências que são tangíveis para certas memórias. Além disso, eles destacam tentativas contemporâneas de preservação da totalidade do presente e do passado. Isso nos gera uma pergunta reflexiva que não temos a pretensão de esgotar: por que a preservação das memórias por meio dos objetos só adquire sentido aos colecionadores pessoais se ocorrerem por meio de suas posses? A mera existência do objeto (ou a representação dele por meio de fotos, por exemplo) não é suficiente para o pertencimento ao grupo colecionador. Não basta o objeto existir, ele precisa existir na posse do sujeito a partir de um objeto criado pelo colecionador ou pelo grupo colecionador em que ele faz parte.

Para entendermos o fenômeno proposto do ponto de vista de gestão, não nos parece também suficiente trabalhos como os de Belk (1988), que enquadra o fenômeno em dois tipos “puros” de colecionadores e caracteriza o colecionismo como resultado da percepção de reunião de objetos sem um objetivo anterior; de Belk (1995) que afirma que o colecionismo é apenas uma forma diferenciada de consumir; de Baker e Gentry (1996) que consideram o comportamento de consumo colecionista como busca pela identidade e destaque pessoal; de Long e Schiffman (1997), que tratam de modos com que os profissionais de marketing podem posicionar seus produtos como colecionáveis; de Farina *et al.* (2006), que discutem o colecionismo enquanto ato de consumo que se concretiza ao longo da formação da coleção; de Cavedon *et al.* (2007), que pontuam a construção e a confirmação do *self* por meio do consumo colecionista; de Fleck e Rossi (2009), que posicionam o comportamento de compra do colecionador, como tendência nostálgica; de Vieira e Cavedon (2013), que tratam o colecionismo como ato de consumo que

busca satisfazer aspectos psicológicos e simbólicos do sujeito; e de Silva e Nunes (2020) que resumem a dimensão estética do fenômeno colecionista, colocando-o como um consumo comprometido com o sentir.

Distintamente destes autores, compreendemos o fenômeno a partir de alguns colecionadores particulares e de seus modos próprios de gerir as coleções para além do comportamento do consumidor, alcançando, em um *continuum* de presente, passado e futuro, aspectos que mobilizam elementos não tecnicistas, produtivistas e funcionalistas. É nesse ponto que nosso trabalho contribui para a discussão das memórias nos EOR: daquelas que, a partir dos objetos, evocam modos de organizar e de gerir, perpassados por afetos, prazeres, assim como desprazeres, angústias e desgostos. O sentimento vinculado aos objetos cria problemas de gestão (do tempo, do espaço, dos recursos materiais e financeiros) que são experienciados a partir da tríade histórica. E é sobre o modo com que esta tríade perpassa os problemas que foram surgindo, estabelecendo-se, resolvendo-se (ou não) ao longo do tempo é que criamos possibilidades de contribuição aos estudos da área por meio de nossa tese.

Quando Nora (1993) avança sobre o tema da lembrança dizendo que existe a possibilidade de delegar ao arquivo a própria memória registradora, ele nos diz que os sujeitos que optam por acumulá-los (sendo um desses sujeitos, os colecionadores) também escolhem por guardar uma história que é escrita sem eles e, portanto, uma memória coletiva. É uma memória vinculada e que percorre o objeto, que pode, ao mesmo tempo, ser ponto de gatilho para recordar os acontecimentos históricos (ou o tempo histórico) a que o objeto é vinculado como também recordar um momento da vida do próprio sujeito em que aquele objeto se fez presente; ou os agenciamentos para a memória coletiva por determinado objeto; ou ainda haver um interesse pela própria memória do objeto. Neste último, a memória (em termos metafóricos) do próprio objeto pode compor o interesse pela memória do sujeito (Onde ele foi produzido? Exportado? Como chegou até o primeiro comprador? Quantos proprietários ele já teve? Como chegou até o dia de hoje?). Dessa forma, um único objeto (e também o conjunto deles) pode ser rastreado de diversas formas, a depender do objetivo do colecionador que o preserva ou da visão do pesquisador que se dispõe a ter o fenômeno como escopo de pesquisa.

Para Guarinello (2004), a memória é vínculo material ou ideal do passado com o presente e ela nos dá pistas dos sentidos que o relembrar em conjunto com um objeto pode ter. Para o autor, viver o presente e postular um futuro permanece vinculado às ações de um passado, a uma

memória. Algo diferente disso, segundo o autor, colocaria os sujeitos em uma inação que caminharia para a incompreensão do presente e também do futuro. Isso caminha para o colocado por Bosi (2015) de que o presente, quando não vinculado ao passado e voltado apenas para o futuro, torna-se uma prisão.

A concepção sobre o passado envolve um sentimento nostálgico de recuperação do que se passou. Esse processo memorialístico, para Guarinello (2004), precisa ser compreendido como ferramenta no agir social, e por isso, deve ser caracterizado como fonte de poder. O próprio ato de lembrar se vincula aos que possuem o poder de lembrar, optando por quais memórias serão preservadas, silenciadas e divulgadas. Caballero (2015), nesse sentido, discute que divergências quanto às memórias compartilham de algo em comum, o que resulta em uma narrativa de aceitabilidade para as ações. Ainda assim, o autor reafirma que as memórias não devem ser colocadas como absolutas, e as discordâncias possuem efeito duplo: para os que estão em desacordo, há uma insatisfação quanto às memórias que são reconhecidas, podendo caminhar para movimentos separatistas com uma rejeição do que está posto e uma aspiração pelo poder de tornar a narrativa legítima. Por outro lado, para os que detêm o poder sobre as memórias, os dissidentes são compreendidos como os que rompem a legitimidade e devem ter suas pretensões abafadas, já que ameaçam as memórias postas.

Pensando em termos dos objetos colecionáveis, visualizamos as contribuições de Caballero (2015) sobre o tema do poder nas memórias, conectando a ideia com os objetos que são exaltados como os de maior valor (simbólico ou econômico) para grupos que possuam maior poder de direcionar o que deve ou não ser prestigiado. Em contraponto, a dissidência fica a cargo de grupos ou sujeitos que não concordam com as orientações dos que estão no poder ou que querem promover novos objetos ao *status* de colecionáveis. Consideramos que essa questão corrobora o que já fora colocado por Araújo e Santos (2007) quando os autores refletem a existência de diversos conflitos, tensões e disputas relativas às memórias que são valorizadas ou silenciadas.

As memórias que os grupos optam por silenciar, e no caso dos objetos, sofrem as interferências dos momentos históricos e podem ser analisadas sob o prisma de Araújo e Santos (2007) quando os autores dizem que as memórias se caracterizam pela seletividade e intencionalidade. De natural, elas nada possuem, e, igualmente, esta mesma seletividade se estende aos objetos colecionáveis. Esses processos, complementam os autores, podem ser voluntários,

involuntários ou induzidos. Deste modo, as memórias são pontuadas como aquelas que possibilitam um voo e uma viagem no tempo, mesmo sendo agenciamentos de um passado ou da ação espontânea de recordar.

Tratamos de um importante ponto que envolve a contemplação dos objetos que remete às memórias dos sujeitos e grupos. É no sentido do escrito por Kundera (2011) em seu livro “A lentidão” de que a lentidão em que a memória é contemplada interfere em seu grau de intensidade e de igual forma em seu grau de esquecimento. É nesse mesmo raciocínio que Bosi (2003) nos colocou anteriormente que o tecnicismo de uma sociedade industrial, que, com seu ritmo próprio e voltado ao produtivismo, que alterou nossas formas de percepção do tempo da vida, tenta nos demonstrar de todas as formas que a nostalgia é inútil, improdutiva e que as memórias atuam exatamente para resgatar o que a autora diz fazer parte da humanidade do homem.

Pensando na improdutividade (aos olhos do capital) que é a vida, é que refletimos junto a Velloso (2022) quando a autora, a partir de uma perspectiva benjaminiana, trata das coisas pequenas, desinteressantes (até que sejam cooptadas) aos olhos do produtivismo para recuperar (ou caminhar em outra direção) sobre a diversidade que engloba o gerir. Esse movimento requer um deslocamento de nossos olhares para as questões que foram expropriadas pela Administração tradicional. Este movimento revela diversos aspectos, trazendo, junto ao abandono desta forma de fazer incrustada em nós, administradores, sua própria redenção. Por isso, é a partir de nossa alimentação das fontes do passado que pensamos na redenção da Administração, e somente essa administração redimida poderá apropriar-se de seu próprio passado: compreender o que é a administração passa por assumir os silenciamentos e ocultamentos que foram sendo construídos dentro da própria área.

É contra o exercício de “progressismos” (LÖWY, 2002), ou seja, contra o movimento de evolução linear humana rumo ao sucesso e de encadeamento dos acontecimentos históricos que as memórias atuam, buscando retomar o tempo da experiência, dos sentidos e das emoções. De igual modo, esta reflexão contribui para os EOR ao refletir sobre o modo com que a gestão tradicional apresenta técnicas e modelos sofisticados, importados e desenvolvidos para reforçar o produtivismo, ignorando os afetamentos dos objetos nos corpos, das memórias dos/nos sujeitos (MARTINS, 2021). Estudar uma gestão que considera as emoções e a nostalgia improdutiva aos olhos do capital possibilita, na mesma intensidade contrária, reverberar a

própria invenção do ser, do estar e do relacionar com o mundo. O gerir, em nossa concepção, pode e deve estar acompanhado dos múltiplos afetamentos que compõem as inventividades dos processos organizativos da vida.

Para tanto, esta tese está dividida em dez capítulos, incluindo-se esta introdução. No segundo, buscamos apresentar as reflexões sobre histórias, memórias e trazer os olhares benjaminianos sobre os fenômenos. No terceiro, mobilizamos os percursos e as encruzilhadas que foram trilhadas em conjunto com os colecionadores participantes desta pesquisa. A partir do quarto capítulo, iniciamos nossas reflexões, análises, teorizações e discussões com as explanações sobre os objetos e os aspectos do colecionismo. O capítulo cinco trata de nossas contribuições sobre o que é ser colecionador, além dos diversos inícios das coleções. O sexto capítulo visa apresentar as diversas nuances sobre o que é colecionar, além do estabelecimento dos focos daquilo que se coleciona. O capítulo sete discute a incidência dos grupos em nossa tese para, em seguida, apresentarmos as questões sobre a gestão, refletindo sobre a busca e aquisição dos objetos, o armazenamento, os espaços, a manutenção, o negócio do colecionismo e a questão econômica. O capítulo nove busca apresentar os diversos fins (ou começos) rememorados pelos participantes. Finalmente, apresentamos no capítulo dez as conclusões (que não são finais) do nosso trabalho de pesquisa, postulando novos pontos de partida a partir de nossa tese.

2 HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E O OLHAR BENJAMINIANO

Neste capítulo, discutimos os estudos históricos e memorialísticos e trazemos as contribuições recentes para o campo dos Estudos Organizacionais. Além disso, dedicamos, em um segundo momento, o desenvolvimento da base teórica e filosófica de Walter Benjamin. Para considerarmos esta tese coerente com este filósofo, trabalhamos alguns pontos de referência de seu pensamento, com suas provocações sobre as histórias e as memórias. Ao mesmo tempo, ousamos em nossas reflexões articular tais assistências com os estudos sobre a gestão, assim como em Mayumi e Carrieri (2011), Carrieri (2012) e Enoque (2023).

Inicialmente, recorreremos às contribuições de Hodge e Costa (2021) e Üsdiken e Kipping (2022) quando as autoras e os autores afirmam que é atual a utilização de pesquisas com as memórias na gestão e que elas ainda não alcançaram toda a potencialidade que estes estudos possuem. Para Costa e Wanderley (2021), os estudos que se dedicaram a unir as contribuições dos EOR

com as da História cooperaram com o que os autores consideraram como a formação de um campo de pesquisa coerente.

Estudos anteriores como os de Clark e Rowlinson (2004) e Booth e Rowlinson (2006) são considerados seminais para a chamada *historic turn*, que procurou fomentar os estudos da História no campo da Administração, afirmando a necessidade de retirar a primeira do campo da submissão e instrumentalidade. Destacamos, ainda, autores anteriores que fomentam os trabalhos históricos no campo da Administração, como Zald (1988, 1993, 1996), que ensaia sobre a necessidade de contextualizar historicamente as teorias de gestão, sob o risco de consolidar teorizações desprovidas de sentido para o tempo histórico a que elas dizem respeito. Os trabalhos ainda nos auxiliam na reflexão de que o terreno interdisciplinar em que os EOR foram desenvolvidos possibilita a conexão com áreas que, em um primeiro momento, não dizem respeito ao objeto organizacional, como a História.

Em Kieser (1994), é possível compreender os argumentos favoráveis aos estudos históricos nos EOR, sobretudo no que diz respeito às semelhanças das duas áreas que, para ele, representam os avanços em comparações de organizações situadas em locais e tempos históricos dessemelhantes. Além disso, o autor verifica uma tendência das práticas organizacionais no passado em auxiliar uma melhor compreensão da aproximação entre EOR e História. Acreditamos na pertinência do trabalho desenvolvido, ainda que o autor esbarre em alguns momentos no tecnicismo, tendo em vista sua disposição em desenvolver estudos em um terreno que era, até então, pouco investigado.

Concordamos com as críticas feitas por Clark e Rowlinson (2004) de que Kieser (1994) subordinou os trabalhos históricos aos modelos gerais de outras disciplinas, como se a História devesse estar em uma posição de submissão. Ao contrário da posição de Kieser (1994), acreditamos que as relações entre as áreas devam se dar no campo das trocas, em conjunto, constituindo os estudos históricos organizacionais de modo inclusivo e dialógico.

Destacamos também o trabalho Üsdiken e Kieser (2004), sobretudo quando reconhecem a característica a-histórica de desenvolvimento das teorias administrativas. Os autores trabalham as visões complementarista, integracionista e reorientacionista que possibilitam, na visão deles, mapear a área. A primeira utiliza a História de forma ferramental com intuito apenas de confirmar aquilo que já está consolidado no estudo da Administração (BONGERS; 2020;

ÜSDIKEN; KIPPING, 2022). A segunda, ainda funcionalista, atenta-se para o estudo de processos empresariais já solidificados por diretrizes tradicionais do conhecimento. Já a terceira e última considera protagonista o papel da História na análise organizacional, focalizando o pluralismo e o dinamismo através dos quais a área de conhecimento pode contribuir para avanço dos EOR. Barros (2013) se volta para o trabalho de Üsdiken e Kieser (2004) com um olhar crítico ao afirmar que as três visões buscam enquadrar o conhecimento da área em correntes, delimitando o processo de conhecimento a partir de características comuns que acarretam o silenciamento de outras dissidentes e a marginalização de possíveis desenvolvimentos teóricos que não foram contemplados nessas categorizações.

As reflexões trazidas por Clark e Rowlinson (2004) são consideradas fundamentais nos estudos que buscam trabalhar com a história no campo da gestão. Isso ocorre pelo fato de eles terem avançado no que eles nomearam de *historic turn* (virada histórica) nos EOR. Nesse contexto, os autores já apresentavam um olhar voltado para as pesquisas históricas no campo, e, nesta tese, apresentamos a necessidade da incorporação das ponderações sobre as novas metodologias e epistemologias que estavam em curso nas ciências sociais após a segunda metade do século XX. Os EOR, neste sentido, conforme complementam Mills *et al.* (2016), Durepos *et al.* (2019), Clegg *et al.* (2020); Mills e Novicevic (2020) e Üsdiken e Kipping (2022), poderiam se beneficiar da busca por novas abordagens que superem o positivismo impregnado na Administração por meio de três aspectos: como ponto de objeção ao pensamento que busca distanciar os EOR da área por meio da instituição de um novo campo da ciência; como redefinição, auxiliando no processo de estabelecimento da História como passado, processo e contexto; como ampliação dos significados da própria História e do papel das narrativas neste processo de virada histórica.

Estudos como os de Booth e Rowlinson (2006) surgem, apesar de voltados para o *mainstream*, como contributivos no processo de conexão com a História nos EOR. Os autores elencam dez possíveis temáticas a serem aprofundadas nos estudos históricos na gestão, que vão desde o uso das narrativas documentais, da história da gestão, da cultura corporativa e da memória social até o alcance da história e da teoria organizacional. Para eles, dissertar sobre a gestão e as organizações é ensaiar sobre aquelas que estão propensas ao lucro e ao sucesso econômico. A história das empresas, no sentido adotado pelos autores, é mais importante do que os estudos dos processos organizacionais não necessariamente empresariais, e, por isso, acreditamos que, apesar de importante, o trabalho se apresenta limitado. É importante, em nosso ponto de vista,

inserir discussões históricas que compreendem a dimensão da chamada vida social organizada. O estudo histórico das organizações, portanto, não se finda nas contribuições para a história dos negócios e das instituições, mas se amplia na investigação de formas diversas de ser e estar no mundo, bem como seus silenciamentos históricos, postulando um presente em que as dimensões do passado não estejam apenas submissas ao tempo do agora, mas que componham um futuro de equidade entre o que se passou, o que se passa e o que se passará.

Ainda que passados mais de 19 anos desde a publicação dos estudos de Clark e Rowlinson (2004) e 17 anos desde a publicação de Booth e Rowlinson (2006), autores como Maclean *et al.* (2016), Maclean *et al.* (2017), Tennent *et al.* (2020), Maclean *et al.* (2020a), Maclean *et al.* (2020b), Maclean *et al.* (2020c), Clegg *et al.* (2020), Reinecke *et al.* (2020), Coraiola *et al.* (2021) e Maclean *et al.* (2023) trazem contribuições recentes de que o potencial dos estudos históricos nos EOR ainda permanece incompleto. Isso se dá pela infinitude de teorias, metodologias, epistemologias e objetos que pode ser combinada em caráter crítico, ao mesmo tempo que existem inúmeros desafios ainda não superados pelos que se dedicam a estes estudos. Estes últimos autores são enfáticos ao afirmarem a necessidade de um olhar para o exterior dos EOR no intuito de que o envolvimento buscado com a História possa finalmente se consolidar, concomitantemente com o reconhecimento da dificuldade de estudos que buscam se manter na fronteira da área. Esse movimento, obtendo sucesso, completam os autores, poderá auxiliar na geração de formas originais de investigação, contribuindo para o alcance dos mais diversos aspectos históricos nos estudos sobre gestão.

No que tange aos estudos memorialísticos na gestão, Hodge e Costa (2020), Clegg *et al.* (2020) e Mills e Novicevic (2020) nos dizem que o assunto permanece em segundo plano na área. Em se tratando dos EOR históricos, os autores reforçam as críticas anteriormente colocadas por Rowlinson *et al.* (2010) de que as pesquisas no campo das organizações se voltam para uma concepção tradicional, considerando-as estáticas e gerenciáveis, em um processo que pode manipular as memórias em torno da tomada de decisão e do desempenho dentro das organizações (empresariais), reduzindo a pluralidade memorialística para um simples processo de reter, processar e buscar informações.

Os estudos memorialísticos no campo da gestão se concretizaram pela investigação das fontes documentais, deixando em segundo plano as memórias em sua perspectiva oral, uma espécie de “fetiche do arquivo” (HODGE; COSTA, 2021, p. 722). Para as autoras, esse movimento

ocorre desde a institucionalização da História no século XIX e a busca pela constatação de que a história é verdadeira a partir da comprovação por meio dos registros históricos, conforme anteriormente colocado como história tradicional por Novais e Silva (2011).

Ao nos dispormos a estudar as memórias no campo dos estudos organizacionais, recorremos aos apontamentos de Wanderley e Barros (2018), Barros e Wanderley (2020), Carrieri e Correia (2020), Coraiola (2021), Martins (2021), Silva e Carrieri (2022), Martins e Correia (2023) e Martins *et al.* (2023) de que os estudos que tratam das histórias precisam de uma “virada geográfica”, colocando na centralidade do processo de conhecimento o que é local, retirando de pauta a instituição de modelos dos fenômenos organizacionais oriundos dos ditos países centrais. Para tanto, os autores recomendam, entre outros pontos, historicizar os fenômenos locais para além de procedimentos funcionais, destacando a reflexividade como contribuição deste movimento. Neste sentido, a diversificação do conhecimento histórico fomenta novas articulações para, cada vez mais, incluir outros espaços de discussão, alcançando os objetos ainda pouco explorados com potencial de alterar a centralidade da gestão hegemônica. Acreditamos que os estudos das memórias podem concretizar essa contribuição ao colocar na centralidade das investigações objetos que historicamente não têm sido considerados nos estudos de gestão.

É importante delimitarmos que, nos estudos de gestão, temos aqueles que tratam as memórias sob dois aspectos. O primeiro movimento é o *Organizational Memory Studies* (OMS), focado em estudos nos quais as memórias são subordinadas aos interesses empresariais, utilizando-as como meras ferramentas para alcance de metas. Nessa acepção, elas são tratadas como repositórios de fatos, estáticas e que devem servir apenas como respaldo na tomada de decisão, sendo o passado apenas passível de repetição, e não de reinterpretação. O segundo movimento é o *Social Memory Studies* (SMS), buscando tratar as memórias a partir de uma base social construtivista, considerando-as como processos fluídos e dinâmicos, mas pensadas sob o ponto de vista das próprias organizações, como meios de socialização, poder e complemento de uma identidade empresarial já estabelecida, ou seja, apoiando a melhoria da imagem da organização e das relações entre os sujeitos que delas fazem parte (BINHOTE, 2017; QUELHA-DE-SÁ, 2018; CLEGG, *et al.*, 2020; MACLEAN *et al.*, 2020b).

Apesar de OMS e SMS serem importantes, ambos não ultrapassam a lógica empresarial e tratam a gestão histórica como restritas às empresas, não se voltando para as possibilidades múltiplas

dos estudos memorialísticos na Administração, como, por exemplo, a utilização das memórias orais (ainda que em contextos empresariais) para compreensão do passado de sujeitos renegados aos cargos mais baixos na hierarquia, mas importantes no cotidiano ou até mesmo nas memórias orais de dirigentes, gestores que lidaram com alterações importantes de processos passados, como ocorre em Machado (2019) e Monteiro *et al.* (2020). Se pensarmos para além das empresas e chegarmos às organizações (da vida, dos grupos, da gestão dos sujeitos, das memórias em si), ambos os movimentos alcançam ainda menos essas transformações. É nesse sentido que consideramos a importância de fomentar no campo dos EOR trabalhos que busquem tratar das memórias sobre a gestão como fenômeno social que ela é, não restrita apenas na gestão do lucro e de suas derivações, como proposto em nossa tese.

Neves e Ferreira (2013) já diziam sobre as dificuldades de estudo e legitimação da história do tempo presente na História, sobretudo por ser uma demanda consolidada fora do Brasil, mas ainda recente no país. O estudo da temática encontra resistências, sobretudo pela posição consolidada da comunidade de historiadores de que a história deve falar de um tempo outro que não o do acontecido. A história do tempo presente contraria, nesse sentido, a necessidade de afastamento temporal do “pesquisador profissional” frente ao objeto de estudo, desconsiderando justamente a necessidade pregada pela história tradicional de afastamento dos eventos históricos consolidados, algo que ocorre da mesma forma nos EOR (MACLEAN *et al.*, 2020b).

A história do tempo presente possui, como característica básica, o estudo histórico a partir de testemunhos vivos que podem, no processo histórico, negar, consolidar, alterar, refazer, repensar e refletir sobre os acontecimentos. A presença destes testemunhos, para Neves e Ferreira (2013), possibilita inclusive a contraposição aos pesquisadores que se dedicam ao estudo de determinado evento histórico, ao afirmar vantagem por ter vivenciado o desenrolar dos fatos. Essa concepção de estudo da história é ancorada na mobilidade, o que acarreta o deslocamento do estudo a partir do desaparecimento de testemunhas ou aparecimento de outras novas que não estavam no radar do pesquisador (DELACROIX, 2018; GARCIA, 2023).

O marco temporal deste tempo do agora não possui uma convergência. Alguns o compreendem como um período que destaca uma grande ruptura; outros o consideram como a época vivida e da qual se pode lembrar; ou ainda pode ser considerado como o período que impele o pesquisador a revisar constantemente as memórias do passado a partir das percepções e

significações adquiridas também no agora (NEVES; FERREIRA, 2013; DELACROIX, 2018; GARCIA, 2023). Concordamos neste trabalho com tais características, ressaltando aquela que, sendo móvel, permite acréscimos, revisões e correções a partir das memórias; um refazer constante do mesmo material de estudo. Esta história é localizada no aqui e no agora e sofre as interferências do tempo em que ela está sendo analisada. A compreensão do passado e do processo de conhecimento que fazemos hoje pode até ser parecida com a que faremos amanhã, mas ela não será igual.

O estudo da história do tempo presente encara uma temporalidade, de acordo com Neves e Ferreira (2013), com diversos percalços no que se refere à demarcação de datas e limites cronológicos fechados, precisos e definitivos. Isso se dá pelo fato de a história do tempo presente se debruçar em experiências delimitadas no tempo e no espaço, por isso, desconectadas dos critérios universais que se baseiam na cronologia. Este olhar fortalece o argumento de distanciamento dos estudos do tempo presente, tais como o nosso, de possíveis cobranças de enquadramento nestas características citadas, pois, como dito, nossas análises se voltam para as experiências do vivido. A cronologia universal como critério de estudo histórico, nesse mesmo raciocínio, afasta-se para dar lugar ao protagonismo dos sujeitos e dos testemunhos do passado, que ocorre, assim, por meio das memórias, tal como no estudo anterior de Martins (2008).

Hodge e Costa (2021) marcam seu trabalho ao reconhecer o esforço nos EOR por lidar com as memórias orais sem realizar referência à história do tempo presente. Apesar de concordarmos com as autoras acerca do fato de que existe ainda um longo caminho a ser trilhado no desenvolvimento da temática, há importantes outros esforços que são desconsiderados pelas autoras, sobretudo na compreensão da história do tempo presente por meio das memórias. Trabalhos recentes se dedicaram ao avanço da temática histórica e memorialística nos Estudos Organizacionais, como as contribuições de Carrieri (2014), Carrieri *et al.* (2014), Barros e Carrieri (2015), Carrieri *et al.* (2016), Pena *et al.* (2016), Wanderley e Barros (2018), Gouvêa *et al.* (2018), Correia e Carrieri (2019), Palhares *et al.* (2019), Correia (2020), Correia *et al.* (2020a), Correia *et al.* (2020b), Carrieri e Correia (2020), Monteiro *et al.* (2020), Palhares *et al.* (2020), Coraiola *et al.* (2021), Palma *et al.* (2021), Silva *et al.* (2021), Zimovski *et al.* (2021), Zimovski *et al.* (2022), Silva e Carrieri (2022), Martins e Correia (2023), Martins *et al.* (2023). Desta forma, acreditamos ser um equívoco generalizar que os estudos históricos da gestão desconsideram a história do tempo presente, tendo em vista que o olhar para o cotidiano e para

o silenciamento de pequenos sujeitos, locais e histórias é abordado em diversos trabalhos, por isso, tais estudos caracterizam-se como aqueles que fomentam os estudos das memórias nos EOR. Eles têm em comum as tratativas de uma outra gestão (a do cotidiano) que olha, em sua concepção histórica, para memórias do cotidiano e que fogem da instrumentalidade funcionalista dos fatos sociais.

Apesar de Santhiago *et al.* (2020) considerarem suas reflexões no que tange ao estudo histórico, é possível refletirmos sobre suas inquietações no contexto destacado por Hodge e Costa (2021). Concordamos com os primeiros autores quando criticam a insistência em se colocar o estudo do presente como um modo “distintivo” de se pensar a História, como se ela estivesse fadada ao seu fim por tratar de um “curtíssimo prazo”. Os autores desenvolvem que o movimento do *mainstream* de considerar histórico somente aquilo que se refere a um horizonte de tempo de longa duração é uma tentativa de reafirmar os estudos das fontes históricas tradicionais, que encontram nos documentos e na narração dos fatos uma forma de sobrevivência de um pensamento que tenta se colocar como “maior” do que outro. Os primeiros autores asseguram, de modo que concordamos, que as problematizações que tentam posicionar os estudos do tempo presente no campo dos “presentismos” limitam as possibilidades de ampliação dos horizontes, confundindo a intervenção na realidade do pesquisador que busca realizar tal trabalho.

A postura levantada por Santhiago *et al.* (2020) e que aparece nos estudos históricos de gestão pode ser visualizada quando Hodge e Costa (2021) apontam o trabalho de Joaquim e Carrieri (2018) como “presentista” por lidar com os estudos históricos do cotidiano, que são geridos e organizados no contexto do presente, considerando suas brechas e fissuras, como anteriormente nos coloca De Certeau (2012). Para nós, baseados em Santhiago *et al.* (2020), criticar estudos históricos que se voltam ao cotidiano sob a acusação de “presentistas” é pormenorizar os avanços no conhecimento que, muitas das vezes, são só possíveis no tempo presente e que, quase sempre, postulam um futuro. A história do tempo presente não é feita buscando o fim em si mesma. Ora, temos uma História que é dominante, geral, documental e que trata dos grandes fatos, acontecimentos e sujeitos. Como então, senão no tempo presente, ressaltar histórias que se constroem nos microfazer, nas microliberdades, nas microrresistências (DE CERTEAU, 2012), mas que foram silenciadas, apagadas e marginalizadas no decorrer do passado? Como destrinchar as relações de poder de sujeitos que não possuem os ouvidos atentos da sociedade (e muito menos da academia) no agora e muito menos possuíam no passado? Como negar a história oficial do passado sem recorrermos a artificios e possibilidades do tempo presente?

Como postular alterações em um futuro sem que denunciemos as práticas de poder estabelecidas em nosso fazer social (e administrativo)?

Para nos auxiliar neste movimento que trata da história do tempo presente, recorremos ao pensamento de Benjamin (1987c). Ele nos auxilia na compreensão do tempo do agora e do seu passado, de modo dialético, possibilitando postular o futuro a partir do que passou, de um vir a ser dos fenômenos. Desta maneira, “o interesse benjaminiano na análise histórica é compreender o presente e, portanto, o futuro, por uma política da memória em que se estabelecem relações com uma série de passados específicos” (*ibidem*, p.42). Assim, desenvolvemos a seguir as contribuições que nos embasam em um olhar sobre histórias, memórias e passado que contrapõem narrativas dominantes e, em conjunto, consideram o tempo das experiências da vida (SCHIEMER, 2015; KUECKER, 2020; PACHECO; GUSTAVO, 2022).

2.1 O olhar benjaminiano sobre histórias, memórias e passado

*Meu propósito não era conservar o novo, e
sim renovar o velho.*

Walter Benjamin

Neste tópico, refletimos com os olhares benjaminianos sobre história, memória, passado e suas contribuições para o conhecimento. Pires (2014) e Schiemer (2015) nos trazem pistas para compreendermos a dialética de Benjamin. Os autores colocam que a orientação judaico-messiânica perpassa suas concepções do que são consideradas verdade, origem, experiência, história, linguagem, imagem e pensamento, além da conexão feita com os referenciais marxistas de mercadoria e fetiche. Essas orientações fizeram com que o Benjamin contribuísse para o conhecimento em muitas frentes e nos inspirasse em nossas inquietações teóricas sobre o administrar, o gerir e o organizar, tal como em Carrieri (2012).

Löwy (2002) afirma que as classificações habituais que são feitas para tratar das filosofias da história (em caráter progressista, conservador, revolucionário ou nostálgico) fogem das compreensões que poderíamos atribuir ao pensamento de Walter Benjamin, já que ele é, ao mesmo tempo, “um crítico revolucionário da filosofia do progresso, um adversário marxista do ‘progressismo’, um nostálgico do passado que sonha com o futuro” (LÖWY, 2002, p. 199).

Este autor explica que isso talvez se dê por Benjamin não se inspirar em apenas uma corrente de pensamento, mas em três diferentes: o romantismo alemão, o messianismo judeu e o marxismo. O pensamento do filósofo alemão deve ser analisado diante destas três frentes para que ele não seja acusado injustamente de ser fiel a uma e ter traços da outra.

Benjamin deve ainda ser assimilado a partir das invenções que fez diante das três correntes citadas anteriormente, indo muito além de uma simples síntese desta tríade. O erro de enquadrá-lo em uma determinada corrente se dá pela ausência de estruturação de um sistema de seu pensamento, tendo em vista que ele se dedicou a realizar reflexões a partir de fragmentos (LÖWY, 2002; GONÇALVES, 2015). Tal característica se torna elementar para nós neste trabalho, pois nos incentiva a trazer suas bases teóricas e filosóficas para uma tese que converge com um olhar pós-estruturalista, ou seja, uma tese que busca estudar o micro, o inacabado, os fragmentos, as brechas e as incoerências das correntes que se dizem totalizantes e, por isso, trata da diversidade dos modos de fazer (DE CERTEAU, 2012), pensar e agir nas organizações sociais.

As reflexões de Benjamin se consolidam, segundo Pacheco e Gustavo (2022), a partir de dois eixos principais. O primeiro é a constituição do conhecimento como multiplicidades uniformes e lineares a partir da noção de “experiência” (*Erfahrung*); o segundo é a compreensão de que a verdade independe da vontade do ser, acima de qualquer construção intelectual, tendo em vista que existe pela natureza em si e, por isso, pode ser experienciada somente no aqui e no agora. Rebuá (2018) elucida que as concepções de experiência transpassam toda a obra de Benjamin, mas que dois textos são seminais para compreendermos suas discussões: *Experiência e pobreza* (1933) e *O narrador* (1936). Para o mesmo autor, Benjamin trata a temática de formas diferentes, mas complementares: no primeiro texto, o filósofo se aprofunda na decadência da experiência enquanto “legado e partilha” (BENJAMIN, 1987d, p. 85–86); no segundo, dedica-se a refletir sobre a destruição da “arte de narrar” (BENJAMIN, 1987f, p. 197).

A noção da “experiência” (*Erfahrung*) é tida em Benjamin, em um primeiro momento, como um conhecimento que se adquire por meio da experiência que pode ser “acumulada, prolongada, desdobrada, num sentido próximo à 'viagem'" (REBUÁ, 2018, p. 24). Logo após, ela aparece em uma perspectiva que se põe à “experiência vivida” (*Erlebnis*) de modo privado e isolado. De igual forma, o autor desenvolve que o filósofo alemão trata, a partir de uma relação dialética, que há uma anulação da sociedade capitalista moderna de efetivar a transmissão das

experiências, afetando, conseqüentemente, a chamada por Benjamin (1987f) de arte de narrar. “Com isso, menos narrativas resultam em menos intercâmbio de experiências e, logo, menos *Erfahrung*” (REBUÁ, 2018, p. 24). Por isso, Benjamin (1987f, p. 197) anteriormente afirma:

(...) é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (...) as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.

As nossas inquietações, fundamentadas em Benjamin (1987d, 1987f), fixam-se sobre as transmissões que compõem a experiência para o âmbito da gestão, tal como em Rebuá (2018): para onde estão indo as transmissões do que se entende como gestão e que fogem da lógica hierarquizante tradicional imputada pelos países euro-estadunidenses-centrados? Em nossas práticas latinas, sempre possuímos formas ímpares de experienciar, de ter e trocar experiências organizativas entre nós e que, com a expansão dos meios de comunicação, foram cada vez mais relegadas ao segundo plano pela influência dos países que se mantêm no topo da cadeia de poder mundial. Afinal, onde está o protagonismo das pessoas capazes de contar as histórias organizativas que não estão sob a influência do norte global? Onde estão as formas de se pensar a gestão para além da produtividade capitalista que interessa aos países do norte global?

Experiências nossas, enquanto país colonizado, com seus modos de ser, fazer, pensar, gerir, historicizar e relembrar, são perdidas em uma tentativa de adaptação ao que se tem como dominante. Enquanto sujeitos marginalizados (na produção de conhecimento mundial), nossas experiências não interessam aos do Norte. Se não interessam a eles, que elas interessem para nós mesmos. Precisamos, neste sentido e inspirados em Benjamin, de um chamado ao experienciar, um chamado para a troca de experiências no sentido Sul-Sul para que nossas experiências não se percam com o passar do tempo (SILVA *et al.*, 2021; SILVA; MARTINS, 2022; MARTINS *et al.* 2023).

Para melhor explicar e explorar o impacto da virada histórica no conhecimento sobre gestão, precisamos produzir conhecimento de interesse geral que está embutido nas realidades locais. Em outras palavras, pesquisadores de gestão e organizações precisam dar-se conta de como o lugar molda a experiência do tempo para construir diferentes histórias. O Sul global tem suas próprias experiências para compartilhar; assim, é importante levar em consideração como as relações entre países e empresas de diferentes culturas e nacionalidades contribuiu para informar e transformar umas às outras (CORAIOLA *et al.*, 2021, p. 2).

Prosseguindo, as investigações imputadas nas concepções de experiência e da verdade são fruto das discussões realizadas por Walter Benjamin sobre a dimensão da origem, levando sua

consolidação própria sobre a linguagem, de acordo com Costa (2021) e Pacheco e Gustavo (2022). Eles ainda complementam que o filósofo alemão compreende a linguagem como um dos tipos de comunicação, sendo que todos os fatos ou coisas existentes participam de algum modo da linguagem. Esta, apesar de ser considerada como força criadora, não viabiliza o fornecimento da essência das coisas, e, por isso, a linguagem que o homem oferece para as coisas consegue apresentar apenas uma imagem indireta e imperfeita do que é real (KUECKER, 2020).

Diante dessa apresentação da linguagem que interpreta o que é o real, Benjamin concilia a diversidade das experiências humanas, capazes de gerar conhecimentos particulares, com a ideia de verdade originária quando reconhece a existência de algo que é eterno, mas que sofre a interferência do conteúdo linguístico, que é histórico (SCHIEMER, 2015; PACHECO; GUSTAVO, 2022). É deste ponto que é possível reconhecer o tratado por Benjamin como avesso da história “como sua identidade dialética, que se estabelece entre as concepções de temporalidade e tempo, eternidade e história, interno e externo” (MAYUMI; CARRIERI, 2011, p. 41).

A necessidade do lembrar para que possamos nos desvincular de processos sociais tidos como verdades é pontuada por Gagnebin (2015) a partir da retomada da filosofia da história de Benjamin. Segundo a autora, tal filosofia nos ajuda na luta do hoje contra as políticas de esquecimento e silenciamento. De acordo com o colocado anteriormente por Silva (2013), a memória em seu aspecto dialético significa, no pensamento benjaminiano, o lugar de encontro do que está no presente e, por isso, próximo com aquilo que está no passado, ou seja, distante. Nessa dualidade, são construídas memórias individuais e coletivas que fazem parte do sujeito histórico, indo de encontro às tentativas de apagamento do passado. Nesse sentido, é possível compor a narração do que são os objetos colecionáveis, por exemplo, realizando um contraponto do real no tempo presente com nossos pontos de referência do passado, como as lembranças, as vivências e as experiências em que tais objetos se fizeram presentes.

Se pode haver uma salvação do passado no e pelo presente, é porque o passado nunca volta como era, na repetição de um pseudo-idêntico. Ao ressurgir no presente, ele se mostra como sendo, ao mesmo tempo, irremediavelmente perdido enquanto passado, mas também como transformado por este seu ressurgir: o passado é outro e, no entanto, semelhante a si mesmo. Por isso a sua imagem não é simples cópia, reprodução do mesmo. É uma imagem dialética, como chama Benjamin. Dialética porque junta o passado e o presente numa intensidade temporal diferente de ambos; dialética também porque o passado, neste ressurgir, não é repetição de si mesmo; tampouco pode o presente, nesta relação de interpelação pelo passado, continuar igual

a si mesmo. Ambos continuam a ser passado e presente, mas, no entanto, diferentes de si mesmos na imagem fugitiva que, ao reuni-los, indica a possibilidade da sua redenção (GARBER; GAGNEBIN, 1992, p. 47).

Gagnebin (2015) afirma que Benjamin apresenta importantes direcionamentos para uma memória do passado que permita trazer para o presente, além das memórias dos que foram vencidos, novas possibilidades de se pensar a ação no tempo presente. D'Angelo (2016) interpreta que Walter Benjamin, ao calibrar seu olhar para as coisas do mundo por meio da memória, busca reinterpretar o passado a partir dos interesses do tempo presente, sabendo da impossibilidade de reviver da mesma forma os acontecimentos passados. São nesses entrecruzamentos entre passado e presente, entre o que é interno e o que é externo, que o filósofo consegue exercitar as reflexões sobre os fenômenos sociais. Em complemento, a última autora ainda nos diz da existência de uma temporalidade única na relação entre presente e passado que acarreta, por meio das memórias, a descontinuidade de processos sociais mecanizados que buscam reproduzir histórias.

No pensamento de Benjamin, as histórias deixam de ser reescritas fiéis do passado para que as experiências protagonizem a interpretação do presente por meio da linguagem (COSTA, 2021). A língua indica, conforme anteriormente colocado por Benjamin (1987c, p. 239) “que a memória não é um instrumento para exploração do passado; é antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas”. Compreender a língua como meio, e não como fim na busca pelo passado, possibilita a aproximação de quem procura investigar esse passado que está soterrado. Tal procedimento deve ser feito quase que em uma escavação, na qual se retira a terra e a espalha para analisá-la. O importante, para ele, não é saber o local exato no qual o sujeito que rememora se apoderou de determinada lembrança, mas de ser possível fornecer uma imagem daquilo que se lembra. A investigação do que se rememora não deve vir acompanhada com a exatidão do “mito de criação”, mas da compreensão dos pontos de referência (e de divergência) que atravessaram os caminhos daquele que se recorda (BENJAMIN, 1987c).

Outro ponto importante na teoria benjaminiana, segundo autores como Löwy (2002), Pires (2014), Schiermer (2015), Rebuá (2018) e Velloso (2022), é o fato de a história ser escrita a contrapelo, ou seja, pela ótica dos vencidos. Benjamin (1987e, p. 224–225) indica a necessidade de elaboração de uma referência de história que abarque a verdade, ou seja, uma história que não considere somente os vencedores, mas a vida cotidiana daqueles que são calados pelo

discurso que se impôs, pois “os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”.

Destacamos com base em Pires (2014) a concepção contrária à linearidade histórica trabalhada por Benjamin, criticando a concepção contínua de um conhecimento que se buscava provar racional. Ao pensar desta maneira, o filósofo está postulando, conforme a mesma autora, “reterritorialização dos saberes, mas, ao contrário, a sua desterritorialização, seguida de uma interrupção, um gesto de descontinuidade na estável cronologia da história” (p. 815). O conhecimento, que é pensado, então, em suas descontinuidades, mover-se-ia em uma constelação de diversas ideias, fragmentos e inconclusões e, portanto, compondo a unicidade da própria história. A história é para ele descontínua e, por isso, em vez de estabelecer encadeamentos lógicos e dedutivos, ela questiona, em sua própria atividade, os limites da racionalidade técnica. Este movimento, conforme anteriormente trazido por Souza (2009, p. 187), preconiza “um tipo de conhecimento que inclui as paixões e as utopias indispensáveis à vida, sem as quais não há humanidade possível”.

Ao pensar e refletir com Walter Benjamin, pudemos tematizar a produção de verdades impostas pelo *mainstream* nos Estudos Organizacionais. Questionamos, então, aquilo que se coloca como racional em métodos empiricamente dedutíveis e observamos como os sentimentos, as paixões e aquilo que não é quantificável na existência humana pudesse ser separado de práticas de gestão. Não podemos, coerente com suas contribuições, pensar em uma proposta de gestão, de Administração, de organizar, mas sim em seu contrário. Estudar as organizações em conjunto com Benjamin (1987e, p. 231) nos aproxima das diversas ações de pensamento, mas também em sua imobilização:

Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos.

Löwy (2002) elucida que Benjamin critica com veemência a história como sucessão gloriosa dos fatos políticos grandes, sobretudo as homenagens aos grandes homens da história passada. Esta crítica à sucessão se traduz no trecho anterior em que é citada a imobilização da ação. Por

isso, estarmos imobilizados é a própria inclusão do pensar nas dinâmicas da história, e, diferentemente de uma sociedade capitalista industrial que nos impele a todo tempo pela produção, estarmos em um movimento contrário, paralisados na ação (mas não no pensamento), é uma forma de contrapor a própria caracterização tradicional de uma história que nos força a agir a todo tempo. Nestes termos, Löwy (2002) complementa que o filósofo alemão formula seu historicismo a partir da filosofia marxista, mas, ao mesmo tempo, apoia-se em Nietzsche quando questiona a admiração cega pelo sucesso, do progresso e da realidade que nos coloca, o tempo todo, a obrigação do êxito em todas as atividades da vida. Portanto, reforçamos: onde estaria o tempo daquilo que nada se produz, o destaque para o momento da contemplação e da nostalgia que não é vislumbrada nos padrões dominantes? Onde entraria o tempo da inação?

Precisamos, conforme Löwy (2002, p. 147), pensar que a história a contrapelo se traduz em uma história que é abertura, na qual sempre é possível pensarmos em um “novo”. Esse novo, complementa Rebuá (2018), não carece ser tratado como um fechamento, mas sendo imprevisível, traz-nos tempos, interpretações e sentidos múltiplos, não devendo, portanto, ser regida por fatalismos. A história que se apresenta em Benjamin e que nos guia em nossas reflexões é uma história aberta, possível e emancipatória. Atualizar Walter Benjamin se torna possível quando pensamos na esteira de Rebuá (2018), tratando as contribuições do filósofo como abertas rumo a uma emancipação. Por isso, refletir em Benjamin representa:

Aposta que traduz a incerteza de um futuro que não seja a barbárie, mas que ao mesmo tempo explicita que o trem que ruma para o abismo ainda não chegou lá, podendo ser freado pela ação emancipadora-revolucionária (...) Se a história é abertura e não fechamento e se a experiência não desapareceu da face da Terra, a despeito de sua cotação cada vez mais baixa, é possível afirmarmos que há em Benjamin a defesa intransigente da abertura de sentido sobre as temporalidades humanas (passado, presente e futuro) e, logo, das novas significações sobre o mundo (REBUÁ, 2018, p. 38).

A rejeição da lógica dominante requer um outro modo de agir, distinto, inacabado e muitas vezes desconhecido, sendo necessário traçar rotas alternativas para visualização dos fenômenos, confrontando com encruzilhadas e tirando proveito disso (RUFINO, 2019). Este ponto converge para as reflexões benjaminianas de Velloso (2022) que seguimos neste trabalho: a necessidade de pensar por constelações. A constelação se torna, então, uma estratégia de pensamento que nos permite pensar pelos extremos, partindo dos fragmentos e enfrentando a descontinuidade como algo necessário. Pensar na não linearidade, como propõe Benjamin, é um movimento angustiante justamente por não termos um caminho a seguir, mas somente pontos de referência. Todavia, este modo de pensar também nos possibilita aprofundar nas

dinâmicas que são próprias do fenômeno, partindo dos fragmentos e considerando a descontinuidade como algo inerente ao “esforço do conceito” (VELLOSO, 2022, p. 214).

Consideramos que as “constelações” são colocadas por Benjamin como uma metáfora. Para Buck-Morss (2002, p. 03), “se entendermos as estrelas como dados empíricos – fatos e fragmentos do passado – virtualmente ilimitados em número, virtualmente intemporais em sua existência, então nossa tarefa científica enquanto acadêmicos é descobri-las”. Este movimento em busca da descoberta dos fragmentos produz, no presente, as constelações. O mesmo autor ainda complementa que, em uma sociedade idealizada, “todas as estrelas seriam incluídas, e toda constelação seria legível. Mas, na nossa, isso é impossível. O poder distorce a visão dos céus, impondo seus pesados telescópios sobre certas áreas, de modo que sua importância se amplia, obstruindo outras de forma tão avassaladora, que ficam completamente invisíveis” (p. 03). Fomentar os conhecimentos inerentes às estrelas que não são tão evidenciadas deve encontrar, nos termos benjaminianos, espaços não apenas para elaboração de outras constelações, mas de implosão de um sistema dominante que produz, a todo tempo, verdades que nos são impostas em nosso tempo presente. Este movimento passa para Matos (2010) e para nós por uma crítica constante ao unívoco; àquilo que impede os fragmentos de manifestar as suas diversidades.

Pensar pelas constelações e pelos fragmentos, de acordo com Gagnebin (2004, 2005) e Velloso (2022), é considerar no trabalho de pesquisa os pontos de referência de experiência, fundamentais na filosofia benjaminiana, viabilizando pensar no tempo de uma forma (ou no contrapelo da história). Este tempo, diferentemente do que fomos familiarizados, possibilita que as análises históricas sejam realizadas por meio dos pequenos momentos particulares. Assim, “ora, se o momento individual é índice do acontecimento total, ele deve ser vivido numa experiência de continuidade-interrupção do fluxo do tempo” (VELLOSO, 2022, p. 224). Tal como pensado no urbanismo pela última autora, este movimento, dentro da Administração, imbrica passado, presente e futuro, sendo o contraponto necessário para rompermos com a história vencedora dentro da área, emergindo formas diversas de ser, estar, pesquisar no mundo cotidiano. Esta “ruptura instaura o tempo do agora, o momento do encontro entre dois instantes singulares: o momento do perigo do presente e o momento reencontrado do passado, aquele instante antes esquecido ou negligenciado” (VELLOSO, 2022, p. 224).

No tempo do agora destacado na obra de Benjamin, consideramos assim os detalhes, os costumes, as coisas pequenas e, mais particularmente nesta tese, os objetos. Esses modos de ver e perceber a realidade do filósofo e que são destacados em Garber e Gagnebin (1992) nos orienta na percepção do que é familiar e passa despercebido dos restos, dos resquícios, dos fragmentos, do inacabado e daquilo que é rejeitado em uma lógica capitalista e transitória. Assim, “essa significação do insignificante, significação do cotidiano que pode ser importante para as pessoas, infelizmente para o pensamento administrativo não é, ou perdeu-se” (CARRIERI, 2012, p. 17), sendo esta tese uma contribuição para este movimento (que deve ser contínuo) de retomada do insignificante (insignificante para quem?) na gestão.

Velloso (2022) ainda nos direciona que o trabalho com o passado, presente e futuro consegue unir, em uma condição dialética, o que ocorreu no antes com o agora, em um movimento que destaca a interrupção do presente pelo passado, considerando compreensões dos progressos e regressões da vida, que, para nós, é um movimento de postular o futuro. A experimentação do tempo desta maneira, complementa a autora, não se preocupa com “‘o que o passado tem a me dizer’, mas sim ‘por que ainda me interessa por aquele momento ou acontecimento que se passou lá atrás?’” (VELLOSO, 2022, p. 225). Esse modo de trabalhar com a temporalidade nos dá pistas do motivo pelo qual o passado permanece sendo interessante para nós no tempo presente e que trabalhamos no âmbito desta tese.

Os raciocínios de Benjamin (1987e) e de Velloso (2022) nos auxiliam a refletir sobre o fato de lidarmos com o *mainstream* que se instaura na Administração: área que se dedica ao tecnicismo. Estamos, nesta tese, lidando com uma forma de olhar para os fenômenos do organizar que não é a vencedora; uma forma de lidar com a contemplação que, desconsiderando o tecnicismo, tem sido historicamente relegada ao segundo plano da área. Administrar não é sinônimo de lucrar sendo, para nós, sinônimo de pensar uma gestão descomprometida com a lógica da transitoriedade capitalista, ou, como diz Silva (2013, p. 79), uma elaboração do conhecimento que abarca uma memória que pode ser acionada por um “corpo aberto às situações variadas, complexas, como uma gama de elementos responsáveis pela experiência plena é configurada por uma ‘utilização’, uma abertura das percepções e sentidos do corpo como acentuada ênfase para a categoria de uma corporalidade como um complexo vivo”.

A crítica inspirada em Nietzsche que Benjamin coloca nos serve como base para tratarmos das formas de fazer história e de se falar sobre os acontecimentos históricos no âmbito da

Administração. A “tirania da realidade” que sugere Löwy (2002, p. 203) nos impele a refletir sobre a gestão a partir dos fatores que são legitimados pelo pensamento dominante, tais como: as histórias? Somente as das empresas. As memórias? Somente as das instituições. Os grandes feitos? Somente os dos cargos de direção, dos vencedores. Mas onde então entram as histórias dos detalhes e dos acontecimentos cotidianos? Onde estão as histórias dos vencidos e suas paixões? E as histórias dos feitos que não atendem ao pensamento capitalista de produtividade? Onde estão as histórias que tratam dos acontecimentos passados não ferramentais? Por que não podemos aliar os acontecimentos passados com os estudos da gestão sobre fenômenos que a lógica capitalista descarta? Os fenômenos devem ser estudados, no âmbito da Administração, somente se atenderem aos anseios por novas tecnologias, por progressos e por produtividades? A vida em sociedade e os feitos humanos só interessam se estiverem dentro deste circuito? Pouco importa o relembrar e o recordar *per se* e a forma de organização de fenômenos originados dela se não atenderem aos interesses do que se tem como progresso? Só podemos estudar o fenômeno do colecionismo na Administração se tivermos como ponto-chave de investigação os lucros originados da atividade? Dos conhecimentos oriundos da comercialização de objetos colecionáveis? Da produtividade que os “ensinamentos” da gestão tradicional traz? Por qual motivo isto não pode ficar em segundo plano? Ou até mesmo não existir em nossas investigações? Não caracterizar o sucesso e o progresso esperado na área de Administração não significa pesquisar organizações? Trazer para a gestão o tempo da memória não é falar de gestão? Só existe uma única forma de filosofar sobre a gestão? A contribuição de Benjamin nos diz que não, inserindo a possibilidade discutir uma história vista pelo cotidiano, daquilo que é incompleto e deslegitimado pelo pensamento dominante. Os fragmentos que o filósofo nos apresenta, suportam-nos a pensar naquilo que é inacabado e, por isso, diverso e não totalizante.

O pensamento benjaminiano nos dá suporte na investigação daquilo que é micro, fragmentado, corriqueiro e cotidiano, daquilo que não é geral e não pode ser generalizado, ou seja, na investigação que pensa no sentido da mônada (BENJAMIN, 1987d). A partir disso, é possível conhecer o cotidiano do colecionismo, bem como aquilo que é específico e não generalizante no fenômeno. Garber e Gagnebin (1992) pontuam que o olhar benjaminiano embasa a pensar naquilo que passa despercebido pela familiaridade com as dinâmicas cotidianas da vida. Para estas autoras, é no detalhe, em um primeiro momento aparentemente sem importância, que a atividade crítica se exerce. É o olhar treinado para aquilo que não é totalizante, mas para o que somente um olhar concentrado consegue perceber. Carrieri (2014) complementa que é pelo

impulso dado pelo filósofo alemão que podemos calibrar nosso olhar para aquilo que está à margem, para o resto, para o rejeitado, para o que é tratado muitas vezes como insignificante pelos dominantes.

É na crítica ao progresso e aos ideais de sucesso que Benjamin fundamenta nosso argumento de tese: a ilegitimidade da crença no progresso que é linear, que se renova automaticamente rumo ao infinito, medido por métricas quantitativas e nas forças produtivas (GAGNEBIN, 1993; LÖWY, 2002) que culmina na concepção de homogeneidade, mecanização e esvaziamento do tempo histórico. Löwy (2002) nos diz que Benjamin busca a ruptura da continuidade e a rememoração como formas de resolução destes problemas apresentados. Na concepção aqui tratada, concentramo-nos nos aspectos da rememoração como uma possibilidade de contrapor os ideais de progresso e de sucesso: se os fenômenos existem como são, a busca desenfreada pelo modelo padrão não nos faz sentido. Ao contrário disso, compreendemos os fenômenos como eles são, em suas resistências, em suas brechas e em suas “inutilidades” para os sistemas econômicos e acadêmicos vigentes, mas em suas riquezas trazidas do passado para nós.

A reflexão benjaminiana sobre a história tanto como escritura quanto como conjunto de eventos do passado acarreta a crítica do progresso histórico colocada pela teoria social democrata, ou seja, Benjamin critica veemente a ciência literária burguesa e o historicismo (GAGNEBIN, 1993; SCHIEMER, 2015). A filosofia da história criticada por Benjamin acredita na singularidade de cada um dos acontecimentos da história humana, como um processo global. Segundo esta concepção, cada um desses acontecimentos históricos humanos possui o mesmo valor, desde que possa ser descrito da mesma forma por diferentes historiadores. Ao mesmo tempo, para esta corrente, os acontecimentos são únicos e devem ser reproduzidos por quaisquer sujeitos que tentem contá-los, sem interferências das opiniões dos historiadores. Assim, o estudo dos fatos, buscando reviver cada época de acordo com seus critérios, possibilitaria, segundo esta mesma concepção, a renovação da ciência histórica (GAGNEBIN, 1993).

Uma análise histórica com ausência da autorreflexão faz com que a pesquisa caminhe para um “positivismo da interpretação” (GAGNEBIN, 1993, p. 56), direcionando o pesquisador para a certeza da existência de um interesse científico “puro”. Nesse raciocínio, o intérprete da história não pode se colocar nesse percurso, negligenciando seus interesses do tempo presente nas análises. No historicismo, não há um questionamento da posição reflexiva daquele que analisa

os fatos históricos nem um questionamento desses mesmos fatos. O passado é dado, a história é incontestável e o que se passou na vida humana não carece de interpretação, apenas de reprodução. Deste modo, “a pesquisa histórica se curva às leis profundas da acumulação capitalista: seu objeto torna-se uma propriedade (cultural), a fonte de enriquecimento (espiritual) do indivíduo” (GAGNEBIN, 1993, p. 56).

Os críticos do historicismo, segundo Gagnebin (1993), acusavam esta escola de relativismo total e uma desnecessária descrição do passado com fim em si mesma, sem quaisquer reinterpretções do passado. Ao retomar estas críticas, Benjamin acredita que o historicismo se apropria do ideal de objetividade científica para mascarar a luta de classes e contar a história dos sujeitos de maior poder da história. Para o alcance da “verdade” de um objeto, Walter Benjamin acredita na necessidade de um “desvio pelas camadas de sentido com que a tradição o envolveu, desvio pelas arestas constitutivas do próprio objeto, e, sobretudo, desvio autorreflexivo pelos próprios pressupostos metodológicos do historiador ou do crítico” (GAGNEBIN, 1993, p. 56).

Consideramos, neste capítulo, necessária a reconstrução da *Erfahrung*, tal como em Rebuá (2018). O cotidiano que se apresenta em suas práticas muitas vezes naturalizadas torna-se, assim como em De Certeau (2012), possibilidade de ação em suas fissuras, brechas e fragmentos. A restituição da experiência acompanha uma capacidade de significação da existência que perpassa, para nós, a conexão com a tríade passado-presente-futuro, além de formas criativas de praticar o tempo (SIMPSON *et al.*, 2020). Pensar nesta tríade atualiza as postulações de um futuro de valorização das experiências como fez Benjamin na década de trinta do século passado. Este movimento (que pode também ser precedido de uma inação, já que estamos diante de um sistema capitalista que nos obriga a agir-produzir) acompanha uma colaboração coletiva nas diversas encruzilhadas (RUFINO, 2019) que se aparecem em nossos caminhos. Que saibamos construir pontes por meio das histórias/memórias que nos conectam ao compartilhamento de experiências que construam a existência plena de sentido da condição humana. Após as reflexões benjaminianas deste tópico, apresentamos a seguir os diversos percursos (e encruzilhadas) que estiveram presentes em nosso caminho de pesquisa.

3 OS PERCURSOS E AS ENCRUZILHADAS TRILHADAS JUNTO AOS COLECIONADORES

O objetivo deste capítulo é descrever os percursos que nos levaram a diversas encruzilhadas (RUFINO, 2019) que foram encontradas na execução desta tese. Seguimos os ensinamentos anteriores de Garnica (2001) quanto ao fato de que a descrição dos percursos realizados por nós não busca estabelecer uma forma única de se fazer pesquisa, mas reforçar a existência da pluralidade e da diversidade que permeia o trabalho científico. Nesse sentido, “a pesquisa é um meio fluido, vibrante, vivo e, portanto, impossível de prender-se por parâmetros fixos, similares à legislação, às normas, às ações formalmente pré-fixadas” (GARNICA, 2001, p. 42).

É com o suporte de Oliveira (2008) que caracterizamos nossa tese enquanto trabalho político, ou seja, que visa contribuir para a descaracterização dos procedimentos excludentes da academia. A prática comum de sobrelevar o conhecimento formal frente ao conhecimento prático é confrontada neste trabalho ao evidenciarmos as formas não apenas de ser e estar no mundo, mas as formas de gerir e organizar nas mais diversas instâncias sociais. Portanto, esta tese é política na medida em que visa ressaltar as histórias das práticas de gestão recuperadas por meio das memórias dos sujeitos não pertencentes às organizações empresariais, como pressupõem os estudos tradicionais da Administração. Os saberes de gestão práticos, comuns, aprendidos e ensinados, muitas das vezes distantes da torre de marfim da academia, têm muito a contribuir sobre a gestão, seja ela da vida, dos sentimentos, dos objetos, dos espaços, das histórias e/ou das memórias. Reconhecer a riqueza da gestão que perpassa as práticas da atividade colecionista pode ser considerada uma ação política visto que apresenta, a partir das práticas cotidianas, outras formas de se pensar e organizar da vida social.

Após pontuadas as dimensões políticas, cabe apresentarmos aos leitores os procedimentos combinados nesta tese. Para tanto, delineamos que nosso trabalho se apoiou nos preceitos de Rowlinson (2004), Yates (2014), Booth e Rowlinson (2015) e Üsdiken e Kipping (2022), quando consideram a aproximação entre a pesquisa qualitativa e a histórica. A autora e os autores destacam as aproximações existentes entre estes dois tipos de pesquisa nos Estudos Organizacionais e como eles interferem na visão com que o pesquisador terá do trabalho acadêmico: apurando a interpretação dos fenômenos e dos processos sociais.

Segundo autores como Rowlinson (2004), Yates (2014), Booth e Rowlinson (2015) e Üsdiken e Kipping (2022), o uso em conjunto de métodos históricos e qualitativos possibilita um avanço no conhecimento a partir da união das preferências das duas áreas. Os percursos históricos contribuem para as pesquisas qualitativas a partir da dimensão temporal que trata do passado no tempo presente e que vislumbra um futuro. Nesse sentido, ressaltamos a utilização da observação das práticas dos sujeitos participantes, das entrevistas, das fotografias e das análises de documentos (PIMENTEL, 2001; SÁ-SILVA, 2009) que caminham para uma triangulação dos dados, ampliando as análises críticas dos pesquisadores sobre os fenômenos estudados (TARROW, 2019; ÜSDIKEN; KIPPING, 2022).

Suportados em Mendes (2015), não apresentamos definições sobre os fenômenos. Diferentemente disso, discutimos os pontos de referência e, por isso, compreendemos a pesquisa qualitativa a partir das contribuições anteriores de Denzin e Lincoln (2006, p. 17). Os autores dizem que ela precisa ser analisada dentro de um complexo campo histórico, tendo em vista que possui caracterizações mutáveis ao longo da história. Apesar disso, eles oferecem uma ideia que pode contribuir para nossa reflexão: “A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações”.

É importante, do mesmo modo que realizado na pesquisa qualitativa, apresentarmos pontos de referência históricos. As análises históricas são, para Freitas (2006) e Bom Meihy e Seawright (2020), desenvolvidas a partir dos vestígios, sejam eles materiais ou memorialísticos, deixados pelas gerações. Esta produção, que um dia ficou a cargo das classes dominantes, atualmente considera a intermediação do pesquisador que realiza o trabalho com a finalidade de preservação de um passado. O trabalho histórico voltado para a oralidade “amplifica vozes que não se fariam ouvir” (FREITAS, 2006, p. 49), gestões que não se fariam protagonistas na Administração. Em complemento, a autora nos faz refletir que o trabalho histórico traz outras versões para um passado. Distintamente de uma visão metódica que trata a história como uma sequência de fatos lineares, a proposição da autora nos impele a considerar o passado (e os depoimentos sobre ele) em sua própria diversidade, descontinuidade e contradição. Ademais, a maior potencialidade dos pesquisadores que lidam com a oralidade é a de recolocar o protagonismo do sujeito no processo histórico, tendo em vista que a história tradicional

constantemente colocou o sujeito menor em segundo plano para destacar a descrição dos fatos e dos documentos como episódios concretos e “incontestáveis” dos grandes homens.

O trabalho com as memórias no sentido proposto neste trabalho envolveu as fontes orais segundo a proposta de Portelli (2016), incluindo narrativas individuais, informais e dialógicas constituídas a partir do encontro entre os grupos e os sujeitos pesquisados e os pesquisadores. Para reconstrução do passado da temática do colecionismo, trabalhamos com sujeitos que colecionam objetos particulares no estado de Minas Gerais. Nossa pesquisa partiu do contato com colecionadores de camisas de futebol e com os colecionadores de miniaturas para, a partir daí, receber indicações de outros sujeitos, seguindo as diretrizes da técnica de bola de neve (AUDEMARD, 2020). Do mesmo modo, contamos com o auxílio de redes sociais como *Facebook* e *Instagram* para identificarmos outros colecionadores e abordarmos uma variedade de objetos correlatos à temática.

Nossa trajetória foi atravessada por encruzilhadas que trouxeram diversas reflexões, inquietações, recordações que nos acompanharam desde a concepção do ensaio teórico, passando pela defesa do projeto, pelo trabalho de campo até a escrita final. Registramos todos os movimentos no caderno de campo, seguindo as diretrizes elaboradas por Bom Meihy e Seawright (2020), sendo um instrumento utilizado como um diário, em que todas as percepções, acontecimentos, sentimentos e conversas informais foram anotadas para contribuir com a análise dos resultados e com a redação final.

Para o esforço inicial de realização desta tese, iniciamos a partir de um dos grupos com o qual possuímos contato: o grupo de colecionadores de camisas do Atlético Mineiro, do qual eu, Gabriel, faço parte. Após este primeiro grupo, mapeamos, com auxílio das redes sociais, a existência de outros grupos colecionadores e chegamos até quatro outros deles: os colecionadores de miniaturas, os colecionadores de carros *Hot Rods*³, os colecionadores de minerais, o de filatelia e numismática e os colecionadores de *Safety Cards*. Optamos por não apresentar as siglas, logos e os nomes originais dos grupos para manutenção do sigilo da pesquisa e dos participantes dela. Iniciamos nosso mapeamento do campo no dia 12 de março de 2022 com a presença no encontro dos colecionadores de miniaturas. No dia 26 de março do

³ Os chamados *Hot Rods* são carros geralmente produzidos entre as décadas de 1940 e 1970 e que foram modificados e personalizados. Eles são customizados e possuem melhorias voltadas para o desempenho e a alta velocidade.

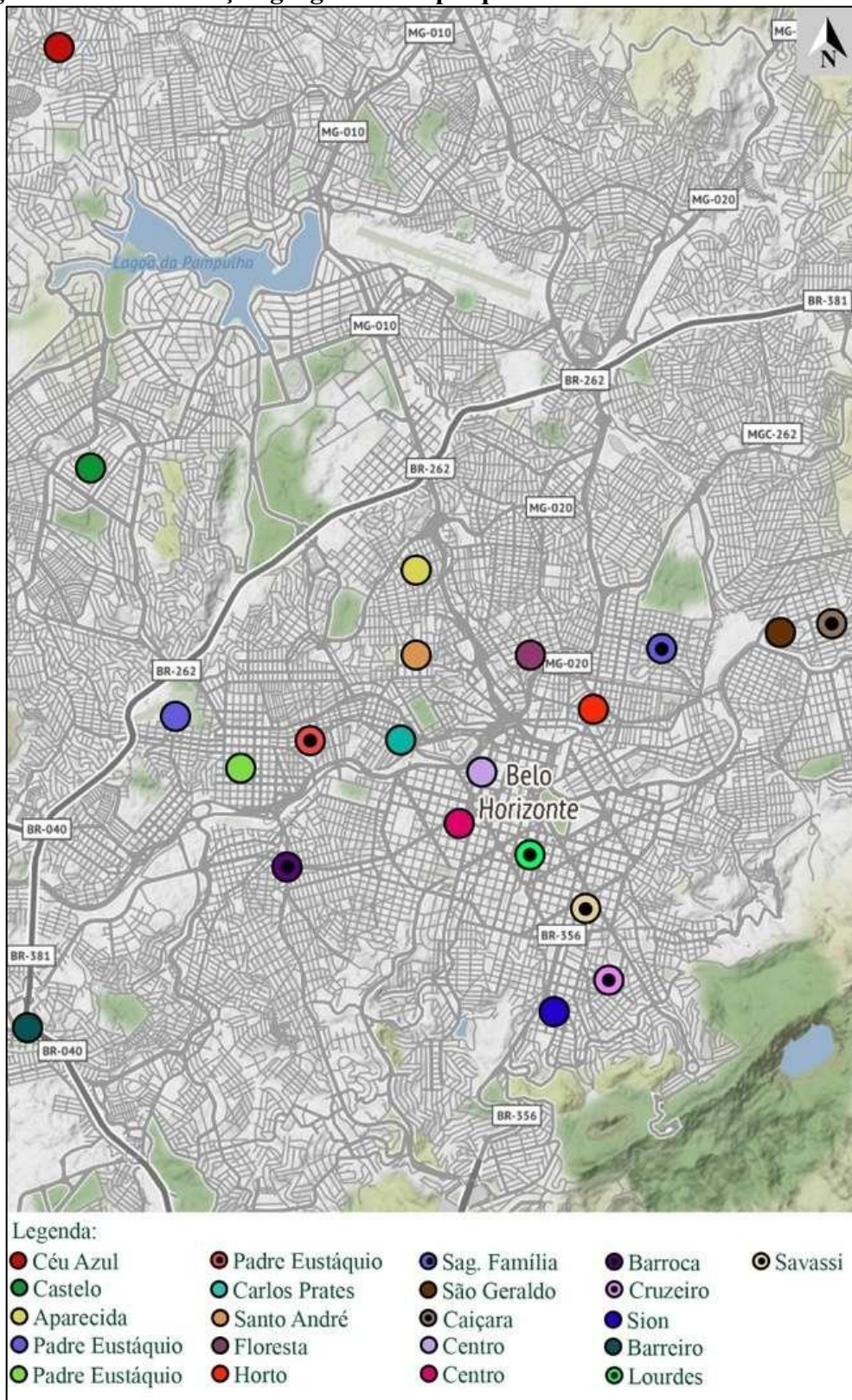
mesmo ano, estivemos no encontro de colecionadores de camisas do Atlético Mineiro de Minas Gerais; nos dias 8 e 9 de julho, no encontro de colecionadores numismatas; e nos dias 20 e 21 de agosto, no encontro de colecionadores de carros *Hot Rods*. Este mapeamento se tornou fundamental para vivenciarmos, experienciarmos, conversarmos e refletirmos sobre nosso campo de pesquisa e, posteriormente, no planejamento da forma de estudá-lo. O roteiro de entrevistas, originado desse movimento, abrangeu não só as teorizações realizadas em nosso ensaio teórico, mas o real, emergindo do contato com os próprios sujeitos e posteriormente validado em conjunto com o professor Alexandre, orientador da pesquisa.

Foi nos entremeios apresentados por Minayo (2017) e Tight (2023) que localizamos nosso trabalho de pesquisa. Muito menos preocupados com os números (de entrevistados, de coleções ou financeiros) alcançados para justificar uma “saturação” e mais atentos a dar corpo a nossa tese e torná-la defensável; mais preocupados com o aprofundamento, diversidade e abrangência do que com as generalidades. Esse processo se deu de tal modo na nossa pesquisa que pudemos abranger os diferentes aspectos apresentados pelo campo à luz das contribuições teóricas que nos fundamentaram. O mapeamento no campo, a presença nos eventos e a realização das conversas informais foram preponderantes para selecionarmos os participantes, que são caracterizados no tópico a seguir.

3.1 Caracterização dos sujeitos e grupos participantes da pesquisa

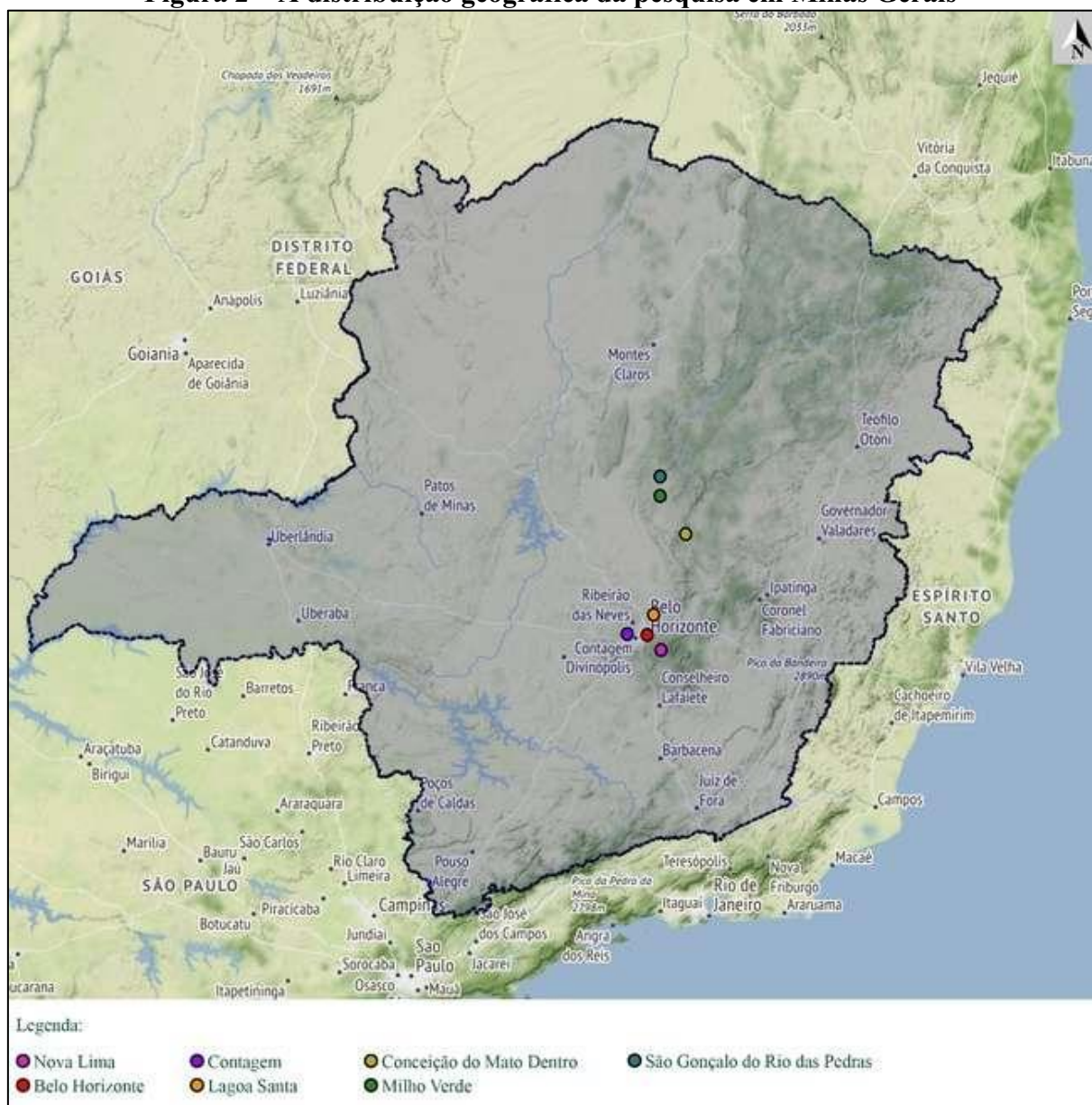
As encruzilhadas em conjunto com os participantes desta pesquisa envolveram caminhos diversos. Percorremos, em sua maioria, a cidade de Belo Horizonte (figura 1), mas recebemos indicações e fomos até as cidades de Contagem, Nova Lima, Lagoa Santa, Conceição do Mato Dentro, Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras (figura 2). Ademais, diversas foram as cidades mineiras citadas nas memórias dos participantes, como Araxá, Caratinga, Divinópolis, Diamantina, Itaúna, Serro e a região do Vale do Jequitinhonha etc., o que nos permite afirmar que as memórias dos colecionadores participantes não dizem respeito somente ao local em que atualmente estão instalados, mas de toda uma vivência histórica de cidades representativas do estado de Minas Gerais.

Figura 1 – A distribuição geográfica da pesquisa nos bairros de Belo Horizonte



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborada pelos autores

Figura 2 – A distribuição geográfica da pesquisa em Minas Gerais



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

Na figura 1, apresentamos a distribuição geográfica com concentração na cidade de Belo Horizonte, e, na figura 2, o caminho percorrido no estado de Minas Gerais. Há uma concentração das entrevistas na região centro-sul da capital do estado, bem como na região central da cidade de Belo Horizonte. Todos os locais apresentados correspondem aos bairros e/ou cidades em que as entrevistas foram realizadas, impossibilitando, portanto, a identificação dos participantes pelos mapas.

Em média, realizamos quatro encontros com cada participante, necessários em virtude seja de objetos de expressivo valor econômico, seja pela quantidade de itens. No primeiro encontro,

realizamos a explanação dos objetivos da pesquisa e a introdução ao assunto, de tal modo que o participante estabelecesse conosco uma relação de confiança a partir de perguntas mais genéricas e filosóficas sobre o colecionismo, a coleção e o colecionar. Um segundo encontro foi marcado com os participantes para continuidade da entrevista a partir de questões particulares, sendo possível perguntas sobre dinâmicas consideradas mais reservadas. Nos casos em que não foi possível conhecer as coleções nos encontros anteriores, marcamos um terceiro encontro apenas para contemplação dos objetos, já que poucos dos dois primeiros encontros ocorreram na presença dos objetos. Aconteceram momentos também nos quais realizamos mais de um encontro contemplativo, sobretudo nas coleções que envolveram quantidades expressivas de itens. Por fim, o último encontro ocorreu após a transcrição literal das entrevistas para adição ou retirada de falas e aprovação da transcrição final.

No campo de pesquisa, estivemos diante de uma diversidade de objetos e de tipos de colecionadores. Realizamos 29 entrevistas semiestruturadas, abarcando 28 diferentes objetos, todas em caráter presencial, que estão apresentadas na (tabela 1) na ordem em que foram realizadas. Destas, 05 foram realizadas com mulheres; e 24, com homens. Os participantes possuem idades entre 22 e 80 anos, e suas coleções têm desde 30 até mais de 100 mil itens, com valores que variam de 40 mil até inestimáveis milhões de reais. Todos os nomes apresentados são fictícios, para não permitir a identificação dos participantes e seus respectivos grupos. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas com o auxílio do site “Transkriptor”, conferidas na íntegra, sinalizando as devidas questões linguísticas, entonações e pausas nas falas. Após a conferência integral do conteúdo e correção de eventuais erros na transcrição, o material foi liberado para retorno e aprovação dos participantes da pesquisa.

Tabela 1 – Universo de participantes da pesquisa

N.º	Nome	Tipo de coleção	Início da coleção	Local em que reside atualmente	Idade
1	Volpi	Camisas de Futebol	1998	Belo Horizonte	31
2	Mário	Camisas de Futebol	2010	Belo Horizonte	24
3	Givanildo	Camisas de Futebol	2008	Belo Horizonte	28
4	Vinicius	Cartões Telefônicos, <i>Safety Cards</i> , Miniaturas, Bonés de Companhias Aéreas, " <i>Remove for Flight</i> " e Bolachas de Velcro	1968	Lagoa Santa	61
5	Bernardo	Discos de Vinil	1992	Conceição do Mato Dentro	52

6	Cândido	Obras de Arte, Fotografias e Esculturas	1971	Belo Horizonte	80
7	Thomas	<i>Sneakers</i> (Tênis)	2000	Belo Horizonte	35
8	Beatriz	Numismática	2020	Belo Horizonte	35
9	Dionísio	Miniaturas	1976/2001	Belo Horizonte	58
10	Gump	Palhetas e Camisas de Futebol	2001	Belo Horizonte	37
11	Emanuel	Carros	1985	Belo Horizonte	62
12	João	Carros, Miniaturas e Discos de Vinil	1983	Belo Horizonte	54
13	Reginaldo	Objetos do Cotidiano	1992	Belo Horizonte	71
14	Bonfante	Antiguidades e Discos de Vinil	1979	Belo Horizonte	55
15	Bruna	<i>Souvenirs</i>	1986	Belo Horizonte	57
16	Josias	Minerais	2011	Nova Lima	36
17	Alexandre	Numismática	1979	Belo Horizonte	60
18	Kleber	Miniaturas	1998	Contagem	45
19	Francisco	Minerais e Filatelia	1967	Belo Horizonte	75
20	Ronaldo	Miniaturas	2007	Belo Horizonte	59
21	Guilherme	<i>Safety Cards</i> e Miniaturas	2012	Belo Horizonte	22
22	Lucca	Antiguidades	1985	Belo Horizonte	79
23	Alice	Antiguidades	2012	Belo Horizonte	45
24	José	Carros	1998	Belo Horizonte	43
25	Daniel	Carros	1998	Belo Horizonte	43
26	Arnaldo	Antiguidades, Discos de Vinil, Cutelaria, Filatelia, Lápis, Relógios e Numismática	1969	Belo Horizonte	61
27	Cláudia	Antiguidades	2019	Belo Horizonte	59
28	Renata	Porcelana, Ferramentas Antigas, Cachimbos e Numismática	2002	Milho Verde	65
29	Murilo	Cachaça, Chaves, Pregos Antigos, Cachimbos e Numismática	1984	São Gonçalo do Rio das Pedras	69

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

Na tabela 1, apresentamos todos os participantes da pesquisa, cada qual com as suas características. Volpi, de 31 anos, coleciona camisas de futebol focadas no Clube Atlético Mineiro, seu time de coração, e em outras equipes e seleções latino-americanas, desde o ano de 1998, e se recorda de que seu interesse pelas coleções advém do contato de sua mãe, que é colecionadora de *souvenirs*, e de seu pai, que é colecionador filatélico e de ferramentas antigas na cidade de Itaúna/MG, cidade em que nasceu o participante da pesquisa. Apesar de termos realizado contato, não foi possível agregar ambos no contexto de nossa pesquisa. O participante coloca sua coleção como uma “expressão de subjetividade” (dados da pesquisa), tendo em vista

que representa seus ideais políticos de valorização da cultura latina por meio do futebol. Por isso, afirma que, por mais que seja possível realizar a contagem, os valores e os números não são capazes de demonstrar a riqueza que a coleção possui para ele. A coleção do participante fica dividida entre dois apartamentos na cidade de Belo Horizonte, e ele é membro ativo no grupo de colecionadores de camisas do clube para o qual torce.

O participante Mário, 24 anos, coleciona camisas de futebol de seu time, o Clube Atlético Mineiro, desde o ano de 2010. Ele afirma que sua coleção é uma tentativa de “guardar a história”, vislumbrando até mesmo deixá-la como herança, caso tenha filhos. O participante, oriundo da cidade de Divinópolis/MG, mantém cerca de 90 camisas, muitas ainda na etiqueta e não usadas, em um guarda-roupa de seu apartamento, no centro da cidade de Belo Horizonte. Ele é membro ativo no grupo de colecionadores de camisas do clube para o qual torce.

Givanildo coleciona camisas de futebol de seu time, o Clube Atlético Mineiro, mas também de outras equipes mundiais. O recorte da escolha das equipes é, para o participante, baseado em seu “ideal político-progressista” (dados da pesquisa), escolhendo as camisas das equipes das cidades brasileiras e europeias para as quais seus pais viajavam. O participante afirma que seu olhar colecionista é oriundo da influência familiar exercida por seu pai Arnaldo, participante desta pesquisa. O colecionador estima possuir 350 camisas que são guardadas em seu apartamento em Belo Horizonte e estima ter gastado entre 50 e 60 mil reais em toda a coleção. Ele é um membro ativo no grupo de colecionadores de camisas do clube para o qual torce.

O participante Vinicius, de 61 anos, coleciona diversos objetos. Chegamos até o participante por sua coleção de *safety cards* (cartões de segurança), exposta em um evento de colecionadores de miniaturas na cidade de Belo Horizonte em que estivemos presentes. Esses itens contêm as principais informações de segurança de cada modelo de avião que sobrevoa o mundo, sendo uma coleção de abrangência internacional. O participante, que está construindo um galpão para armazenamento dos objetos em seu sítio na cidade de Lagoa Santa/MG, afirma que começou a colecionar desde criança os calendários que eram distribuídos pelas lojas de Belo Horizonte. Ao longo da vida, ele ainda desenvolveu grandes coleções, como a de cartão telefônico, em que estima ter cerca de 15 mil itens únicos e 20 mil cartões repetidos, além de objetos vinculados à aviação, que era sua profissão antes de se aposentar. Por isso, as coleções do participante contemplam as miniaturas de aviões, as “bolachas” de velcro com emblemas da aviação, os

“*remove for flight*”, que são itens dos aviões que precisam ser removidos para os voos, e os bonés de companhias aéreas.

Bernardo, 52 anos, apresenta-se não mais como um colecionador que um dia afirma ter sido, mas um “apreciador de música em um formato físico” (dados da pesquisa). Ele, oriundo da cidade de Belo Horizonte, possui em sua residência, na cidade de Conceição do Mato Dentro, mais de 700 discos de vinil que escuta regularmente. O participante afirma que sua coleção possui influência de seu pai, que também colecionava discos de vinil e que a sua se iniciou ao frequentar as lojas de discos no centro da cidade em que nasceu, adquirindo muitos deles na década de noventa do século passado. Inclusive, chegamos até o participante por meio de uma loja de discos antigos de Belo Horizonte em que entramos, explicamos os objetivos da pesquisa e solicitamos contatos de possíveis colecionadores. Dos quatro contatos informados, apenas Bernardo aceitou participar da pesquisa.

Cândido, de 80 anos, é um colecionador de esculturas e fotografias, mas possui, nas obras de arte de pintura, um vasto acervo que impressiona. Chegamos até o participante através de reportagens e livros publicados na internet sobre sua prática. Para ele, sua ação “foge do comum, porque ninguém mais que coleciona arte quer falar e mostrar publicamente” (dados da pesquisa). O participante afirma que, em algum momento, possuía mais de 3500 obras, mas que já perdeu a conta há algum tempo. As obras estão espalhadas por todos os cômodos de seu apartamento na cidade de Belo Horizonte. Estão de cima até em baixo nas paredes, pelos corredores, pelo chão, pelo teto, nos guarda-roupas, nos banheiros, nas reservas técnicas e em todos os lugares possíveis, com diversos nomes importantes da pintura brasileira. A atividade de colecionador foi iniciada na década de setenta do século passado e possui, para ele, uma condição vinculada muito mais à sua subjetividade do que aos investimentos: “a arte me escolheu” (dados da pesquisa), afirma o participante.

Thomas, de 35 anos, reside na cidade de Belo Horizonte, local em que nasceu, mas estava, no momento da entrevista, prestes a se mudar para a cidade de São Paulo. O colecionador de tênis, os chamados *sneakers*, possui em sua residência, mais de 100 pares de tênis dos mais variados modelos, marcas e valores, “todos são 44. Não compro número menor, porque senão eu vou querer usar” (dados da pesquisa). Forjada em sua adolescência, a coleção possui uma forte influência da indústria cultural, focada nas parcerias das grandes marcas com bandas de música

euro-estadunidenses, as chamadas *collabs*. O participante afirma que seu desejo atual é diminuir a quantidade de itens colecionados, já que “não dá pra usar tudo” (dados da pesquisa).

Beatriz, 35 anos, é colecionadora numismata por ocasião, como ela se coloca. Detentora de uma loja numismata na cidade de Belo Horizonte que surgiu na pandemia, ela afirma que possui, na coleção de cerca de 30 moedas, “uma forma de investimento para momentos de aperto” (dados da pesquisa). Ela afirma que, apesar de apreciar as peças, não possui interesse em expandir sua coleção pelos altos valores praticados neste mercado: “coleccionar moedas é caro” (dados da pesquisa). Por isso, ela se concentra na manutenção das peças de acordo com sua beleza, com seu valor de mercado e foca suas atividades na compra e venda de coleções brasileiras.

Dionísio, 58 anos, possui uma ampla coleção de miniaturas de personagens, carrinhos, aviões e pequenos objetos representativos de desenhos e filmes. A coleção, que ouvimos dos colegas colecionadores como uma das maiores e mais completas do Brasil, surgiu no ano de 2001 a partir da influência de seu filho, que pedia carrinhos *Hot Wheels*, e o pai os adquiria em duplicidade. Entretanto, o participante afirma que seu colecionismo é inspirado no de sua mãe, que era colecionadora e o influenciou a ter uma coleção (que acabou se perdendo) em sua infância, na década de setenta do século passado. Hoje, a coleção, que ocupa um quarto em seu apartamento na cidade de Belo Horizonte, possui mais de três mil peças, com itens considerados raríssimos no Brasil e no mundo, já que o participante realizou um intercâmbio frequente com colecionadores de miniaturas. É membro ativo em um grupo de colecionadores da categoria.

Gump, 37 anos, participou de nossa pesquisa por sua coleção de palhetas de bandas nacionais, que iniciou quando ainda residia na cidade de Caratinga/MG, no ano de 2001. Mesmo não tendo uma ligação com a música, a coleção do participante conta com aproximadamente 200 itens e não possui, para ele, valor financeiro, mas valor sentimental: “são muitas histórias de quando eu não tinha grana pra ir nos shows e pulava o muro pra ter um momento de lazer” (dados da pesquisa). O participante, entretanto, também coleciona camisetas de futebol do time para o qual torce, o Atlético Mineiro. O participante considera que, mesmo possuindo cerca de 100 camisetas do clube, hoje não é um colecionador de camisetas, pois realizou a venda de mais de 300 camisetas “por motivos financeiros e de espaço” (dados da pesquisa). Segundo ele, sua coleção possuía um valor alto, com muitos itens bem conservados e que a venda possibilitou investir o dinheiro em busca do sonho da casa própria.

Emanuel, 62 anos, possui em sua coleção dois carros do mesmo modelo e de cores diferentes de uma marca alternativa da General Motors. O participante afirma que já teve mais de 20 carros desde a década de oitenta do século passado, quando começou a colecionar, e diz que nunca possuiu muitos ao mesmo tempo por questões financeiras, tendo em vista que “manter é caro” (dados da pesquisa). O participante é atuante no grupo de colecionadores de carros *Hot Rods*, e sua participação ficou marcada por nós pelo ressentimento que possui pela desvalorização dos carros por parte de seu pai: “Meu pai nunca entrou num carro antigo meu” (dados da pesquisa).

João, 53 anos, é um colecionador de carros. Sua atuação é marcada por preservar, desde sua adolescência, na década de oitenta do século passado, um carro que era de seu pai. Segundo ele, seu pai já adquiriu o referido carro com a intenção de colecionar, sendo “um dos primeiros colecionadores de carros de Belo Horizonte” (dados da pesquisa). A influência do pai fez com que, além de colecionar, o participante trabalhasse com os carros, tendo uma oficina em Belo Horizonte. O participante se recorda de todos os mais de 50 carros que possuiu ao longo de sua vida como colecionador, conseguindo precisar o dia (e alguns casos até a hora!) de compra e de venda de cada um deles. O seu último foco, destinado a uma marca estadunidense, possuía quatro carros do “mesmo modelo, mas de séries diferentes” (dados da pesquisa) e foi desfeito por questões financeiras.

Reginaldo, 71 anos, nomeia-se como um “objeteiro” (dados da pesquisa), diferenciando-se da nomenclatura de colecionadores por não buscar “fechar uma série específica” (dados da pesquisa). O participante possui objetos que impressionam pela quantidade: são mais de 100 mil itens (até a última contagem que já se perdeu) espalhados em nove galpões na cidade de Belo Horizonte. Seu foco são os objetos que estiveram presentes no cotidiano brasileiro durante o século passado, destinando seu olhar para objetos curiosos e objetos que faziam parte da vida das pessoas comuns: “Não me interessa pelos itens raros” (dados da pesquisa). Com a intenção de “preservar o futuro do passado” (dados da pesquisa), o participante agrupa os objetos em “desordem cronológica” (dados da pesquisa) e percorre a região metropolitana da capital mineira em busca de novas aquisições.

Bonfante, 55 anos, é nascido nos Estados Unidos da América, mas mora em Belo Horizonte desde sua infância. Se considera colecionador “desde os dois anos de idade” (dados da pesquisa), afirmando ter relatos que confirmam seu apego à sua primeira mamadeira. O

coleccionador de antiguidades possui um apartamento inteiro destinado para sua coleção no bairro Sagrada Família em Belo Horizonte. Nele, existem antiguidades de vários tipos: brinquedos, máquinas de escrever, discos de vinil, moedas e vários outros objetos, ainda preservados, que fizeram parte da sua vida desde o século passado: “É difícil eu me desfazer de algo. Se for pra desfazer, eu nem compro” (dados da pesquisa).

Bruna, 57 anos, é colecionadora de *souvenirs* que retratam elefantes. Em seu apartamento, localizado no bairro Grajaú em Belo Horizonte, ela possui por todos os cômodos mais de 1300 itens, em sua maioria, presentes de amigos, parentes, alunos, ex-alunos e conhecidos. Ela afirma ainda que sua coleção não perpassa critérios financeiros e não estima valores, mas que possui um controle de quando ganhou determinado item, quem a presenteou e qual foi o local do mundo em que foi comprado. Bruna ainda afirma que há um acordo com seu único filho de que a coleção ficará de herança para ele.

Josias, 36 anos, é colecionador de minerais desde 2011 e é atuante no grupo de colecionadores de minerais de Minas Gerais. Ele afirma que seu olhar para a coleção é oriundo de sua formação acadêmica como geólogo, além de haver a influência de seu pai, que possuía uma coleção de minerais desativada em casa. O participante afirma possuir a estimativa dos valores que gastou e de quanto a coleção vale atualmente, mas que não se sente confortável “devido à situação econômica brasileira” (dados da pesquisa). Focada em minerais brasileiros, Josias considera que os critérios financeiros não passam pela escolha de suas peças, utilizando como o primeiro deles a beleza, e, no caso de não atender a este, a raridade e a representatividade da peça tomam protagonismo. Ele ainda não sabe precisar exatamente a quantidade de itens de coleção, mas que são aproximadamente mil amostras de minerais.

Alexandre, 60 anos, é colecionador numismata e ativo no grupo de colecionadores mineiros. Nos eventos em que fomos, os colecionadores se referem a Alexandre como um dos grandes nomes do colecionismo mineiro e brasileiro, já que é autor de diversos catálogos que parametrizam os critérios de raridade, estado de conservação e valores das moedas brasileiras. Além disso, ele é reconhecido por possuir em seu acervo, construído em mais de 40 anos de dedicação, mais de 15 mil itens conservados, sendo diversos raros e muitos outros únicos. O participante afirma que sua coleção foi sistematizada por meio da compra de mais de 100 coleções durante a vida e que hoje a coleção não é dele, mas está com ele, dando ênfase ao caráter permanente das peças ao longo da história que independe de sua presença em vida.

Kleber, 45 anos, é colecionador de miniaturas de carrinhos desde o ano de 1998 que, segundo ele, são oriundas de um desejo de possuir carros originais. Impossibilitado por critérios de espaço, mas, principalmente, por questões financeiras, a coleção de miniaturas é uma forma de “manter aquele sonho vivo” (dados da pesquisa). Ele possui em seu acervo, 350 carrinhos, afirmando não ser o desejo de passar dos 400 itens, pois, em sua visão, “o ser humano precisa de limite, esse é o meu” (dados da pesquisa). Deste modo, a atividade colecionista é mantida a partir do aperfeiçoamento das peças que já possui, buscando substituí-las por outras mais bem conservadas e absorver eventuais itens raros. Esta possibilidade ocorre por ter como atividade secundária a compra e venda de coleções de miniaturas por meio da loja que possui. Ele é um membro ativo no grupo de colecionadores da categoria.

Francisco, 75 anos, é um colecionador de minerais e tratado pelos demais colecionadores como um dos grandes nomes da modalidade em Minas Gerais e no Brasil. Sua coleção, com mais de 3.500 peças, foi construída durante toda sua vida e é vinculada com a sua profissão de geólogo. Ele é autor de diversos livros sobre os minerais e é pesquisador acadêmico atuante. Em sua coleção, que ocupa doze cristaleiras de duas salas de seu apartamento (e muitas outras caixas estocadas) em Belo Horizonte, existem diversos itens raros e interessantes por suas formas e cores. O autor destaca, em seu colecionismo, a subjetividade inerente ao sujeito na escolha das peças já que, diferentemente de outras coleções, o colecionador de minerais pode coletar as peças em campo e escolher qual delas irá compor a sua coleção.

Ronaldo, 57 anos, é colecionador de miniaturas e ativo no grupo mineiro da modalidade. Focado em personagens dos desenhos que compuseram sua infância, o participante acredita que sua coleção é uma forma de recordar os momentos passados em que assistia a filmes e séries. Ter a “memória em suas mãos” (dados da pesquisa) é para ele um grande impulsionador que o mantém como colecionador. Contudo, para isso, o participante destaca a necessidade de estabelecer limites financeiros, já que existem miniaturas com muitos detalhes e com qualidades superiores, conseqüentemente, de maior preço. Sua coleção abrange atualmente 1200 itens que estão expostas em prateleiras (mas também armazenadas em caixas) no escritório de sua casa em Belo Horizonte.

Guilherme, 22 anos, é colecionador de *safety cards* e miniaturas. A coleção dos cartões de segurança começou por influência de sua mãe, que guardou o cartão de seu primeiro voo

realizado, ainda recém-nascido. A coleção ainda se vincula com sua profissão, como piloto de avião. Apesar de possuir mais de 1200 cartões, o participante afirma que às vezes se questiona: “por que tô guardando esse tanto de papel que ninguém vê?” (dados da pesquisa). E esse posicionamento demonstra que, apesar de ter uma abrangência internacional, tal coleção, iniciada ainda na sua pré-adolescência, não é algo que o motiva atualmente. Além disso, o grupo mineiro de colecionadores de *safety cards* é desmobilizado, possuindo 30 membros, mas apenas 03 praticantes atuantes.

Lucca, 79 anos, é colecionador de antiguidades dos mais variados tipos que estiveram presentes em sua juventude, no século passado. Em um galpão, na região leste de Belo Horizonte, encontram-se diversos e incontáveis itens dos mais diversos segmentos. O participante afirma que iniciou sua coleção por meio dos carros antigos e que depois passou para todos os objetos à sua volta. Tendo atualmente a concepção de construção de um museu particular, o participante afirma que sua atuação se volta para a preservação dos objetos para que a geração futura tenha a real noção do que eles eram. Em seu olhar, o colecionismo se dedica a “resolver o problema de conservação da história dos objetos” (dados da pesquisa).

Alice, 45 anos, é filha de Lucca e auxilia seu pai na gestão das antiguidades presentes no galpão. Nesse processo de administração, a participante criou uma forma de monetizar a coleção, realizando o processo de catalogação de alguns itens e do aluguel deles para os interessados na região metropolitana de Belo Horizonte. Ela ainda afirma estar aprendendo sobre o colecionismo, pois, desde 2012, acompanha seu pai no desenvolvimento das atividades no local. Sabendo que irá herdar todas as antiguidades do galpão, ela afirma que, quando possuir o controle total do espaço, “muita coisa vai para a caçamba. Nem tudo que é velho precisa ser guardado. Tem muita coisa que não está conservada” (dados da pesquisa).

José precisa ter sua coleção lida em conjunto com Daniel. Ambos amigos nascidos em Belo Horizonte e com 43 anos de idade, colecionam carros antigos desde o fim da década de noventa do século passado e os mantêm em uma garagem no bairro Santo André, na mesma cidade. Mesmo sendo José o proprietário, pois é ele “que tem o dinheiro e efetiva a compra” (Daniel, dados da pesquisa), a relação entre eles não possui esta hierarquia. José afirma que a coleção é deles, enquanto grupo de amigos, e que todos os mais de 10 carros são de propriedade de todos, incluindo seu irmão. São, ao todo, três donos desta coleção. Ela foi iniciada a partir da

lembrança de um carro que o pai de José possuía e se torna característica pelo fato de ser gerida coletivamente.

Arnaldo, 61 anos, é colecionador de diversos itens que passam por antiguidades, lápis, cutelaria, discos de vinil, selos, relógios e moedas. O participante, que afirma ter adquirido o hábito de colecionar com um de seus avôs e com seu pai, mantém, entre várias coleções, uma de selos e outra de 300 lápis que eram de seu avô, da década de cinquenta do século passado. O quarto que era de seu filho em seu apartamento na cidade de Belo Horizonte foi transformado recentemente em um local de exposição das coleções.

Cláudia, 59 anos, esposa de Arnaldo e mãe de Givanildo, participantes desta pesquisa, começou no ano de 2019 a colecionar antiguidades a partir da influência do marido. Antes contrária à compra dos objetos, a participante agora afirma ter tomado gosto pelos objetos e considera que eles estão em um momento de vida em que “se achou que tem que comprar, vai lá e compra” (dados da pesquisa). Seu gosto pelos objetos antigos se deu por lembrar sua juventude, já que adquirir uma bicicleta do mesmo modelo de quando ela era jovem foi o ponto motivador, além de estar sempre realizando as atividades de manutenção das peças.

Renata, 65 anos, expõe, em seu estabelecimento na cidade de Milho Verde, suas coleções de diversos itens, que passam por antiguidades, moedas, selos, cachimbos de ex-escravizados encontrados na região, ferramentas antigas e porcelanas. O interesse por colecionar, segundo a participante, teve influência de seu pai, tropeiro, que colecionava diversos objetos da região do Vale do Jequitinhonha, mas que não herdou nada dele. Mais tarde, em 2002, já com a pousada estabelecida, seu filho incentivou seu desejo antigo de colecionar e realizou diversas aquisições conjuntas com a participante para decoração do local.

Murilo, 69 anos, possui em seu estabelecimento, na cidade de São Gonçalo do Rio das Pedras, uma coleção de cachaças mineiras com mais de 300 itens diferentes. Apesar de não consumir a bebida, o participante acredita na representatividade que ela possui para o estado mineiro e, por isso, interessou-se em colecionar seus rótulos. Além disso, ele busca colecionar outras antiguidades que possuem vínculo com a região, como pregos antigos, cachimbos de ex-escravizados da região e moedas.

No contexto de nossa pesquisa, apresentado a seguir na tabela 2, estivemos em contato com seis grupos de colecionadores de diversos objetos. Deles, conseguimos a participação de pelo menos duas pessoas de cada um, possibilitando pensarmos nos contrapontos sobre os grupos, entre os quais estivemos presentes em sete encontros, todos na cidade de Belo Horizonte. No recorte temporal de nossa pesquisa, único grupo que não realizou encontros foi o de colecionadores de *safety cards*, por não possuírem uma articulação grande em Minas Gerais.

Tabela 2 – Universo de grupos participantes da pesquisa

N.º	Tipo de coleção	Data de fundação
1	Camisas do Atlético	2008
2	Carros <i>Hot Rods</i>	1986
3	Miniaturas	2014
4	Numismatas	2021
5	Minerais	2005
6	<i>Safety Cards</i>	2011

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

O grupo de colecionadores de camisas de futebol do Atlético Mineiro surgiu no ano de 2008, e, estima-se, pelos dados da pesquisa, que possua cerca de 1000 membros ativos no estado. O grupo realiza encontros anuais na cidade de Belo Horizonte em que as camisas são expostas. Neste grupo, no qual eu, Gabriel, também faço parte, é possível comprar, vender e conversar sobre dúvidas dos diversos modelos que o clube possui. Há regras bem determinadas que podem causar a expulsão do grupo.

O grupo de colecionadores de carros *Hot Rods* surgiu no ano de 1985 como uma dissidência do grupo de colecionadores de carros antigos. Segundo dados da pesquisa, os primeiros sofriam preconceito dos últimos por realizarem modificação nos carros, criando uma rixa entre os grupos. O grupo pesquisado realiza encontros mensais na cidade de Belo Horizonte e possui cerca de 100 membros ativos. Eles afirmam que o encontro que acontece na cidade uma vez por ano é o maior do Brasil destinado a esta categoria de carros. Nos eventos em que fomos, realizamos várias conversas informais com os expositores, que foram registradas no caderno de campo, o que auxiliou em nossa compreensão da dinâmica do grupo. Há um estatuto com todas as regras, deveres e benefícios do grupo, mas que, no contexto da pesquisa, não foi disponibilizado para acesso e reprodução.

O grupo de colecionadores de miniaturas surgiu no ano de 2014, como uma dissidência do clube de colecionadores de miniaturas de Minas Gerais. Hoje, possui aproximadamente 2000 pessoas vinculadas em todo o estado, realizando encontros mensais para exposição, compra e venda dos itens na região metropolitana de Belo Horizonte. Estivemos presentes em diversos destes eventos, que foram importantes para a compreensão da constituição do grupo. Há, no contexto do grupo, regras e benefícios por meio de um estatuto, ao qual não nos foi cedido acesso, tal como ocorreu com os colecionadores de carros.

O grupo de numismatas mineiros também fez parte das análises de nossa pesquisa. Estivemos presentes em diversos eventos do grupo em Belo Horizonte que, ainda incipiente, já que foi fundado em 2021, caracteriza-se mais com uma feira de compra e venda de moedas. Não tivemos contato com nenhum dos participantes que possuía intenção de apenas expor as coleções, confirmando nossos levantamentos em campo de que os maiores colecionadores numismatas não possuem interesse de expor as peças que possuem. Não nos foi cedida uma quantidade aproximada de membros do grupo.

Os colecionadores de minerais de Minas Gerais possuem um grupo com aproximadamente 50 pessoas ativas, mas com uma articulação incipiente. Tal característica se dá, de acordo com os dados de nossa pesquisa, pelo fato de haver um chamado *gap* de idade entre os colecionadores. Segundo as informações levantadas, entre as idades de 30 e 50 anos, poucos colecionistas se interessaram pela atividade, que têm sofrido atualmente uma renovação a partir da inserção de pessoas mais jovens de 20 e 30 anos. Os encontros do grupo são realizados uma vez ao ano, e, em 2022, estivemos presentes na atividade realizada no Museu da Gerda, em Belo Horizonte.

Por fim, menciona-se o grupo de colecionadores de *safety cards* mineiros, que é ainda incipiente. Apesar de haver uma articulação desde 2011, de acordo com os dados da pesquisa, poucas pessoas possuem conhecimento da existência de um grupo para colecionar tais itens. Apesar da abrangência mundial, em Minas Gerais existe um grupo com aproximadamente 30 pessoas, em sua maioria, vinculados ao setor de aviação. No grupo, são realizadas trocas dos cartões, já que as vendas destes itens não são estimuladas pelos colecionistas praticantes. Segundo nossa pesquisa, não são realizados encontros do grupo em Minas Gerais.

3.2 As análises das narrativas

Para as análises das narrativas, refletimos com Benjamin (1987f), além das complementações de Ewald (2008), Ferreira (2011) e Fernandes (2019), para considerarmos que as narrativas possuem importante papel na troca de experiências, ressaltada no contexto narrativo da perspectiva benjaminiana. Deste modo, compreendemos as narrativas em suas multiplicidades, distintas de quaisquer tentativas que busquem reconhecimento da temporalidade histórica por um mero acúmulo de dados. Portanto, as narrativas analisadas neste contexto benjaminiano são interrupções das versões dominantes do passado, sobretudo na Administração, questionando um ideal de verdade e uma pretensa objetividade nas Ciências Sociais (e mais ainda na aplicada, como a nossa). Contrapomos, portanto, “formas hegemônicas de referenciar o passado” (FERREIRA, 2011, p.132) e, assim, buscamos apresentar conexões entre os tempos e os que narram.

Recorremos a Feijó (2018) para salientarmos que as possibilidades de enredos consideram uma aproximação possível entre as pesquisas qualitativas e as pesquisas narrativas e históricas, conforme complementado por Silva *et al.* (2021). Para as últimas autoras, é preciso ter ciência de que, em uma pesquisa histórica, as narrativas orais não são o real em si, mas um modo de articular as experiências com base nos relatos que facilitam a compreensão pelos pesquisadores do caráter processual de produção de significados. Incide, ao mesmo tempo, a sensibilidade de que as narrativas não recuperam o momento da experiência, mas interpretam e reinterpretam este vivido, dando sentido ao que já foi realidade. É por isso que Bolívar *et al.* (2001) disseram anteriormente que as narrativas possuem função de orientar a ação e fornecer formas de interpretação. Por isso, podemos afirmar que:

As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retroalimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que serão ouvidas/lidas/vistas por um terceiro que retorna ao início do processo (CURY, 2011, p. 160).

Muylaert (2014) discute que, no contexto das análises de narrativas, foca-se no que é dito e na maneira com que isso ocorre. Salientamos, de igual forma, que nosso trabalho com as narrativas não possui a intenção de reprodução fiel do mundo, mas exemplificação da diversidade de mundos possíveis que elas nos oferecem. A narrativa é “discurso, forma originária vinculada à possibilidade de ser, e sua manifestação é um emaranhado de sensações e enunciados nos quais

os personagens circulam em meio a cenários perpassados por alguma temporalidade” (GARNICA, 2015, p. 183). Entendemos as narrativas, portanto, como chaves para acessar portas que nos levam a outros mundos e, assim, esmiuçar a diversidade de olhares, de situações históricas (SILVA *et al.*, 2021) e de modos de fazer, ser, estar e administrar no mundo atual.

Feijó (2018) reverbera sobre o olhar necessário para as fontes orais em pesquisas envolvendo memórias e histórias. Estas são consolidadas por meio da interpretação dos enredos narrativos, auxiliando na compreensão histórico-cultural do fenômeno estudado. Isto converge com o anteriormente colocado por Moutinho e Conti (2016) de que, quando as histórias são narradas, elas trazem para a discussão sujeitos que se inserem em determinado tempo e espaço. Este movimento abre a possibilidade de um olhar que coloca estes em processo de transformação que, a partir do enredo, podem se relacionar com outros em uma espécie de mundo social em que há conflitos entre os interesses, os seres e as narrativas, emergindo, deste procedimento, julgamentos morais. É possível, deste modo, compreender as estratégias desenvolvidas para que se interpretem as memórias a partir dos contextos que elas estão inseridas, fator que, inclusive, interfere nos recortes dos trechos trazidos para esta tese.

Para apresentarmos os resultados, nós nos inspiramos nas semelhanças e diferenças das referências teóricas das narrativas de Pentland (1999), de Reuter (2007) e Riessman (2008) em conjunto com as sistematizações já apresentadas por Jovchelovitch e Bauer (2002) e as complementações de Santos *et al.* (2019). Consideramos ainda a concepção de “experiência do processo narrado” (BLATTNER, 2020, p. 15), quando o autor nos apresenta que a retenção do passado e a antecipação do futuro permitem a vivência de processos que são “apreendidos em sua extensão temporal para que façam sentido”. Buscamos combinar essas leituras metodológicas com as contribuições teórico-metodológicas da história oral de Alberti (2004, 2012), Portelli (2016), Bosi (2015, 2003), Bom Meihy e Holanda (2013), Neves (2003, 2010), Neves e Ferreira (2013), Moraes (2014), Ataíde (2016) e Bom Meihy e Seawright (2020), e apresentamos uma analítica de narrativas.

A partir das discussões teórico-metodológicas de Clandinin e Connelly (2015), compreendemos a necessidade da reflexão do que eles chamaram de ato de fazer pesquisa narrativa para além da tentativa de uma definição do que ela deve ser. Para tanto, os autores consideram que o ato de pesquisar deve considerar o espaço tridimensional da pesquisa narrativa, levando em consideração a interação (pessoal e social), a continuidade (presente, passado e futuro) e a

situação (lugar). Estes elementos são fundamentais para o desenvolvimento das narrativas. Sobretudo, destacamos o componente da continuidade para que pudéssemos pensar em uma analítica que chamamos de tríade narrativa. Esta considera que as memórias podem ser analisadas por meio do passado-presente-futuro e é complementada pelas discussões de Carvalho *et al.* (2021), Nunes *et al.* (2017), Koll e Jensen (2020), Bongers (2020), Blattner (2020), Cintra *et al.* (2020) e Lyra *et al.* (2019). Nela, assumimos que as narrativas históricas contêm elementos dos três tempos que devem ser analisados em conjunto, nunca separados, tendo em vista que passado, presente e futuro se articulam em um mesmo fenômeno. Os tempos podem até ser isoladamente estudados, mas as reflexões trarão aprofundamento incompleto na compreensão das memórias.

As narrativas, ao mesmo tempo que estão rememorando o passado, estão dizendo do presente e do futuro. O futuro é postulado por meio do passado. O passado é revisto por meio do presente. O presente é refeito por meio dos ideais futuros. Isto converge para com as explicações de Gonçalves *et al.* (2019) quando as autoras afirmam que fazer pesquisa narrativa é considerar passado, presente e futuro, relativizando uma suposta “verdade narrativa” buscada na construção e interpretação dos eventos para alguns pesquisadores. A tríade interage entre si apresentando elementos distintos e profundos do passado, considerando que, por ser um trabalho de pesquisa, possui presença ativa do pesquisador no texto (HODGE; COSTA, 2021), nos relatos e nas narrativas. Em nossos capítulos analíticos a seguir, os leitores irão perceber que, por mais que em alguns momentos haja ênfase no passado, no presente ou no futuro, não excluimos os outros dois elementos da tríade. Então, ainda que a análise evidencie um tempo, os outros dois são fundamentais para que o fenômeno seja esmiuçado. Com base em todos estes apontamentos, apresentamos os pressupostos orientadores para as análises das narrativas memorialísticas de nossa tese (quadro 1).

Quadro 1 – Pressupostos orientadores das análises das narrativas memorialísticas

Pressupostos orientadores	Questionamentos reflexivos
Tema de investigação proposto	Como o tema proposto aparece na narrativa do sujeito pesquisado? Qual é o principal enredo mobilizado? Qual é a mensagem transmitida?
Tempo narrativo	Qual é o momento em que a história é discorrida frente ao tempo em que ela, aparentemente, acontece? A narrativa apresentada é localizada no tempo e no espaço? Apresenta início, meio e fim? É linear? Mais focada no passado, no presente ou no futuro?
Linguagem verbal e não verbal	A narrativa aparece de modo implícito, explícito ou silenciado? Há indícios de conflitos na coerência entre o texto verbal e o não verbal? Como os temas silenciados aparecem na narrativa: de modo natural, reflexivo, desconfortante ou como lapsos de memória?
Personagens	Quais são os personagens (pessoas ou organizações) que aparecem nas memórias? Como elas são mobilizadas?
Vozes narrativas	Como o narrador se coloca na história narrada? Com proximidade ou distanciamento? Mobiliza os aspectos individuais ou coletivos?
Pontos de referência para a ação	Qual é a “moral” que sustenta a narrativa? Quais são as expressões valorativas utilizadas? Quais são os valores culturais que permeiam as avaliações?

Adaptado de Pentland (1999), Reuter (2007) e Santos *et al.* (2019). Elaborado pelos autores.

Hodge e Costa (2021) são enfáticas ao dizerem que as narrativas, como produções individuais, são permeadas por outros enredos e culturas, desaguando em uma igual diversidade de interpretações possíveis pelos pesquisadores. Deste modo, a produção das narrativas é conjunta com os participantes a partir do momento que os pesquisadores interpretam as narrativas criadas, tal como fizemos. As considerações das autoras convergem ainda para a reflexão anteriormente colocada por Garnica (2010, p. 34), de que “as histórias que os sujeitos nos contam, suas narrativas, servem para constituir outras narrativas nas quais a voz do pesquisador está irremediavelmente contaminada pelas vozes daqueles que teve como interlocutores”. Deste modo, nosso objetivo não foi conceber o mundo social tal como ele é, mas, sim, a partir das análises de narrativas, compreender o significado dele para os sujeitos pesquisados, tal como sugerem Souza e Carrieri (2014).

Consideramos as contribuições de Schütze (2008) na realização da seleção dos dados narrativos, descrita a seguir: a) após a transcrição, separamos o material indexado (concreto de quem faz o quê, quando, onde e por que) e não indexado (expressando valores e juízos); b) utilizamos as partes indexadas, ordenamos as trajetórias dos indivíduos; c) investigamos as

dimensões não indexadas; d) agrupamos e comparamos as narrativas individuais; e) a partir das trajetórias individuais, buscamos semelhanças para identificarmos trajetórias coletivas. Em seguida, para o processo de reflexão das categorias e posterior categorização, nós nos baseamos em Muylaert *et al.* (2014) e utilizamos a combinação do processo de codificação baseado em dados, em pontos de referência (MILES, *et al.* 1994) e com nossa flexível ida ao campo, o que possibilitou a emergência das categorias aqui analisadas. Deste modo, codificamos os dados em ciclos por meio de uma abordagem dedutiva e indutiva combinatória a partir do software Atlas T.I. No primeiro círculo, o conjunto de dados foi indutivamente codificado a partir do campo de pesquisa. Disto, resultaram diversas categorias analíticas que desaguaram no tema “memórias do colecionismo”. Após nos debruçarmos neste, surgiram variadas categorias que foram codificadas e, então, vinculadas aos pontos de referência teóricos de Benjamin, das coleções, dos estudos históricos, memorialísticos e do tempo, além do olhar da gestão sobre o fenômeno organizacional histórico. Uma subcodificação detalhada confirmou a constatação verificada em campo da existência de construções narrativas dos colecionadores dentro da categoria memórias do colecionismo. Nesse processo, identificamos seis enredos, que compuseram cada um dos seis capítulos analíticos posteriores.

4 OS OBJETOS E OS ASPECTOS DO COLECIONISMO

A partir deste momento, desenvolvemos as discussões que envolvem nosso objeto de pesquisa: as coleções. Para tanto, trabalhamos, neste capítulo, em um primeiro momento, com os pontos de referência históricos para que, em um segundo momento, pudéssemos avançar nas teorizações sobre os objetos, tendo como suporte autores clássicos como Baudrillard e Pomian, além das memórias dos participantes da pesquisa. Por ser o primeiro tópico de análise, elucidamos aos leitores que, visando arquitetar melhor as discussões, apresentamos em nossa tese a teorização sobre os aspectos aqui trabalhados em conjunto com as respectivas análises dos resultados. Para nós, teoria e prática são processos de um mesmo percurso, e, por isso, optamos por realizar a apresentação dos resultados, em um movimento de teorizar e avançar sobre as contribuições do fenômeno estudado.

Antes de adentrarmos aos tópicos de análise, acreditamos na importância de situar historicamente, de forma breve e sem intenção de esgotamento, alguns pontos principais da incidência do colecionismo na história humana, sabendo da existência de muitas outras histórias

não contadas, silenciadas, apagadas, marginalizadas e esquecidas. Em termos de uma história oficial, contada pelos vencedores, o ato de colecionar objetos é um fenômeno que possui lastro ao longo da existência humana e que necessita ser compreendido em suas várias alternâncias, tendo em vista que existem especificidades que se destacam em cada uma das épocas. Pomian (1984) informa sobre a existência de relatos arqueológicos de que, já na Pré-História, os homens guardavam, protegiam e atribuíam valores simbólicos aos objetos com características diferenciadas.

Guimarães (2012) afirma a existência, entre os povos antigos, da prática de guardar objetos naturais (como conchas, sementes), de armas, joias e outros pequenos utensílios, encontrados por escavações arqueológicas próximas às sepulturas. Almeida (2012) complementa que, desde a Antiguidade, o ato de colecionar ocorre, sendo, nessa época, conduzido pela prática de exibição aos súditos dos objetos que foram capturados dos inimigos vencidos nas batalhas pelos soberanos. Com significados e funções diferentes, a prática de colecionar objetos ocorre em diversos momentos da história humana. Ao longo do tempo, as transformações dos mais diversos aspectos que foram atingindo as sociedades alteraram os modos de relacionamento com os objetos, incidindo em diferentes formas de constituição de coleções, que poderiam representar interesses, identidades, poder e/ou conhecimento (OLIVEIRA, 2017).

No que se trata da Idade Média, as coleções se mantiveram prestigiadas com os tesouros das igrejas rivalizando com os objetos externos às igrejas, já que, nos primeiros, eram destacados objetos devocionais e litúrgicos, em uma espécie de diferenciação da igreja a que pertenciam (POMIAN, 1984; OLIVEIRA, 2017). Nesta época, desenvolve Pomian (1984), as coleções eclesiásticas eram acumuladas tanto quanto os tesouros dos príncipes, compostos por relíquias, objetos sagrados, obras de arte, entre outros objetos considerados dotados de distinção.

A prática de colecionar tal como conhecemos começou a se desenvolver na Europa Ocidental na segunda metade do século XV, incentivada pela influência do humanismo, conexo com a revelação de riqueza e de conhecimento dos colecionadores (OLIVEIRA, 2017). Conforme anteriormente descrito por Pomian (1984), o clero e a nobreza, como detentores do poder, monopolizavam e controlavam o acesso dos servos aos objetos de contemplação como uma forma de demarcar a posição dominante na hierarquia social. O processo de formação de novos grupos sociais foi iniciado na segunda metade do século XV e desembocou na ruptura de certos padrões vigentes, em um momento de transição dos modos de produção feudal para o

capitalista. Assim, grupos como os humanistas, os antiquários, os artistas e os cientistas começam a compor esta sociedade, embutidos de novos olhares para as coleções, trazendo para esse circuito os objetos que valorizavam como, por exemplo, os manuscritos, os objetos da Antiguidade, os objetos naturais exóticos e os instrumentos científicos. Para Pomian (1984), estes objetos permitiram aos membros destes grupos o reforço e a valorização de suas características, demarcando o local que possuem na hierarquia social, bem como suas práticas de pertencimento.

Conforme Bloom (2003) e Pedrão e Bizello (2016), até o século XV, as coleções europeias se limitavam aos príncipes e à alta sociedade da época, sendo o ato de colecionar sinônimo de status, poder e riqueza a partir da valorização do diferente e do desconhecido. Já nos séculos XV e XVI, o Renascentismo significou um impulso nas práticas colecionistas, inspiradas pelo contexto de centralidade no Homem e na natureza como fontes de conhecimento. Neste período, havia uma pretensão de representar tudo aquilo que existia no mundo, por isso valorizavam-se, por exemplo, as coleções enciclopédicas (PEDRÃO; BIZELLO, 2016; OLIVEIRA, 2017; WEITZEL, 2021).

O século XVI também ficou marcado, conforme concordam autores como Pomian (1984), Bloom (2003) e Pedrão e Bizello (2016), por um movimento maior de disseminação das práticas de colecionar que, caminhando com o crescimento do comércio, alcançou classes sociais que possuíam menor acesso a renda e ao ensino formal. Para Bloom (2003, p. 39), este século também ficou marcado pela expansão comercial marítima para os colecionadores que, assim como os mercadores, davam instruções para que fosse comprado tudo de “exótico e maravilhoso... tudo que julgasse digno de ser levado”. Conforme complementam Pedrão e Bizello (2016, p. 832), essa prática comercial intensificou as atividades colecionadoras enquanto uma “mania burguesa”, ultrapassando a anterior bolha colecionista das cortes.

Para Pomian (1984), os objetos colecionáveis oriundos das expedições dos países longínquos no século XVI levaram para a Europa novas mercadorias, novos saberes, mas, também, novos objetos valorizados pelos colecionadores, não por seu valor, mas pelo que significavam. Estes objetos foram “[...] recolhidos não pelo seu valor de uso, mas por causa do seu significado, como representantes do invisível: países exóticos, sociedades diferentes, outros climas. [...] Mais do que objetos de estudo, são curiosidades” (POMIAN, 1984, p. 77).

A partir dos séculos XVII e XVIII, no período denominado de Iluminismo, as relações entre coleções e o conhecimento se tornaram mais lúcidas, conforme Santos (2015). Esta época estabeleceu os modos científicos a partir de um interesse por estruturar o conhecimento do mundo, acarretando uma maior preocupação com a conservação dos fatos históricos, a partir da reunião dos objetos como fragmentos do cotidiano com a finalidade de comprovar os eventos passados (DE CERTEAU, 1982; SANTOS, 2015).

A ausência de especialização inicial dos objetos foi dando lugar para uma organização funcional que culminou na tendência setecentista de organização a partir de critérios racionais e que, posteriormente, transformou-se em museus públicos e instituições privadas de resguardo das coleções. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as coleções particulares ocuparam o imaginário de uma burguesia europeia que estava em ascensão. Nesta época, não possuir um acervo particular poderia ser lido pela sociedade como ausência de generosidade e de erudição (ALMEIDA, 2012).

Para Belk (1995), a partir do século XX, o fenômeno colecionista se tornou um fenômeno de massas, influenciado pela expansão da cultura e a produção em série de objetos. Oliveira (2017) complementa que foi neste momento que as coleções privadas e institucionais sofreram um *boom*, acompanhadas da diversidade de olhares inerentes ao fenômeno que passou, principalmente a partir do século XXI, a ocupar espaços virtuais. Bloom (2003) já apontava os impactos da produção em massa sobre os atos de colecionar, sobretudo a partir da compreensão de que, por mais que haja pluralidade dos objetos, eles são finitos. Essa compreensão, complementada por Pedrão e Bizello (2016), possibilita-nos pensar na prática colecionista como uma atividade sempre por fazer, sempre em aberto, já que, em nosso contexto atual, a coleção constantemente estará se renovando. Deste modo, a coleção de objetos oriundos do movimento de produção em massa é “a face mais vista do ato de colecionar atualmente. As cerâmicas, álbuns de fotos e figuras, passagens de ônibus, trens e espetáculos, são todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente e pequenas afirmações de individualidade, saudade e esperança” (PEDRÃO; BIZELLO, 2016, p. 835).

Em termos de Brasil, Costa (2012) nos diz que os atos de colecionar podem ser relacionados com o período da Primeira República (1889–1930), tendo em vista que o incentivo às propostas que se voltavam para busca do que é o país e o povo brasileiro. Na década de vinte do século passado, ainda permaneciam as preocupações em se discutir as identidades e os rumos que o

país deveria percorrer, sendo estes um dos fatores impulsionadores do movimento artístico e intelectual modernista. A influência modernista impactou as práticas colecionistas brasileiras, sobretudo pelas novas elites, que buscavam reforçar seu capital simbólico, tendo expressivo crescimento do colecionismo particular em diversas partes do país.

Concordamos, sobretudo, com o dito por Pomian (1984, p. 71): “não é a questão das origens que nos interessa”, mas sim a diversidade de possibilidades inerente às práticas colecionistas. Essa postura requer o abandono de um discurso da História que busca reconstituir com exatidão os acontecimentos sociais, caminhando para a apresentação de pontos de referência para os fenômenos (NOVAIS; SILVA, 2011). Deste modo, neste tópico, situamos no tempo a incidência das práticas colecionistas na humanidade, compreendendo, ainda que brevemente, o reflexo destas nas práticas sociais. Não nos interessou, neste tópico (e em nossa tese), a remontagem de uma história linear, narrando todos os fatos que compõem a história oficial do colecionismo. As práticas de memória e de gestão envolvidas neste processo são o nosso objeto principal, sabendo que existem muitas outras que aqui não estão abarcadas. Estes pontos superam quaisquer tentativas de sistematização do tempo em um encadeamento de fatos interdependentes. Portanto, a história continua sendo para nós plural e multifacetada, construindo-se em suas próprias dessemelhanças.

4.1 Baudrillard, Pomian e os objetos colecionáveis

Para Almeida (2012), existem proposições consideradas clássicas sobre o fenômeno colecionista, sendo recomendada aos pesquisadores que se dedicam ao tema a compreensão das diferenciações trazidas anteriormente por Baudrillard (2004a, 2004b) e Pomian (1984). Para o último, as coleções se caracterizam como reunião de objetos, que podem ser naturais ou artificiais, especialmente protegidos e temporariamente distantes de suas funções iniciais. Já para o primeiro, os objetos colecionáveis são caracterizados mais por sua posse do que por sua utilidade, indo além de considerá-los como valor de uso e valor de troca para alcançar a ideia de valor de signo. Os olhares dos autores são confirmados nas narrativas destacadas a seguir:

O colecionador é uma pessoa que tem um **gosto específico por um certo produto, um certo objeto e que pode ter variações também. Se ele tem mais de um, já é um colecionador, mais de uma unidade** (João, Carros).

O termo coleção é engraçado, **porque, se você tem mais de um, já começa uma coleção** (Bernardo, Discos de Vinil).

O tema de investigação proposto nas memórias de Bernardo e João apresenta o principal enredo mobilizado em suas memórias: o do que é uma coleção, que parte por ter e reunir objetos com alguma característica semelhante. É interessante destacar que parte das considerações teóricas de Pomian (1984) e de Baudrillard (2004a, 2004b) são satisfeitas nestes dois trechos narrativos: para os participantes da pesquisa, atende tanto ao ponto de referência que coloca a reunião de objetos como a que dá origem à coleção quanto ao destaque da posse frente a sua utilidade. Os participantes apresentados utilizam tanto os personagens “coleccionador” quanto o termo “coleção” para relembra os aspectos de posse e de reunião de objetos, já que, para ambos, a necessidade é que se tenha “mais de um” objeto. Pomian (1984) nos apresenta uma prova que comprova a negativa da homogeneidade de se pensar as coleções quando se nega a lógica positivista de pensar em modelos de construção do objeto “coleções”. Por ser diverso, a lógica de ranquear, qualificar e quantificar as coleções não se aplicam, deixando sem resposta, por exemplo, perguntas como “quantos objetos necessitam para que seja possível afirmar a existência de uma coleção?” ou “qual objeto se caracteriza como mais (ou o menos) colecionável?”. Essas perguntas não são fundamentais para o estudo do fenômeno como exemplifica o autor:

Salvo alguns casos particulares que não serão aqui examinados, não é necessário determinar quantidades. Porque, em geral, o número de objetos que formam a coleção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objetos, etc. Este número é, portanto, necessariamente muito variável no tempo e no espaço e só excepcionalmente pode servir para distinguir uma coleção de um conjunto de objetos que o não é. O que realmente importa é a função e é esta que se exprime nos caracteres observáveis que definem a coleção (POMIAN, 1984, p. 68).

Entretanto, acreditamos que não basta apenas ter mais de um objeto. É preciso refletir sobre estes aspectos, pois, senão, quaisquer guarda-roupas seriam considerados coleções. É necessária uma intenção colecionista neste processo. É preciso que haja um recorte, uma delimitação. A coleção não é o todo existente. Há interesses particulares e coletivos que fazem com que os sujeitos optem por escolher realizar o processo colecionista de determinados objetos. Este ponto vai ao encontro da afirmação de Guimarães (2012, p. 229): “O ato de colecionar é tão antigo quanto o próprio homem. Constitui um esforço para ordenar a realidade dispersa” (Guimarães, 2012, p. 229).

Passado este momento inicial, acreditamos que a reflexão sobre as coleções necessita ter que se debruçar, neste primeiro subtópico, sobre os objetos colecionáveis, assim como trata Baudrillard (2004a). Nesta esteira, o autor nos contempla com um importante subsídio ao tratar dos objetos que são tidos como singulares e que vai ao encontro do trecho narrativo a seguir:

O objeto tem que ter uma peculiaridade, ele tem que ter, como dizem os mineiros, um borogodó. Ele tem que ter um charme, mas nunca a partir do seu valor intrínseco (Reginaldo, *Objetos do Cotidiano*).

A narrativa de Reginaldo propõe como tema exatamente ressaltar a peculiaridade ou o “borogodó” que os objetos precisam ter para que eles sejam colecionáveis. É esta singularidade que converge com a tratada por Baudrillard (2004a). O participante define um critério que faz com que o objeto se diferencie dos demais. Ele “tem que ter um charme”, algo diferente, algo que não passa pelo valor de mercado que um dia teve. Tratar os objetos assim contradiz o que a eles foi destinado como função inicial, alcançando uma outra função: a do testemunho de uma história, da lembrança e/ou da nostalgia. Os objetos elevados à categoria de singularidade se tornam referências ao passado, descolando de sua praticidade para, unicamente, significar. Ainda assim, o objeto que perde sua praticidade não perde sua função, ou seja, ele “não é nem afuncional nem simplesmente ‘decorativo’, [já que ele] tem uma função específica dentro do quadro do sistema: significa o tempo” (BAUDRILLARD, 2004a, p. 82). Por isso, nesses casos, a utilização do objeto permanece em segundo plano, pois ele é elevado ao grau de “virtude” (BAUDRILLARD, 2004a, p. 90). Sobre esta questão, Reginaldo disse, em diversos momentos nas conversas informais enquanto percorremos seu galpão de objetos do cotidiano, que seu trabalho não trata de objetos decorativos, mas de objetos “decoRAtivos”, ou seja, objetos que possam decolar e ser utilizados nos mais diversos contextos e áreas do conhecimento. Eles vão para uma outra alçada e representam uma outra questão para aqueles que conhecem sua “falta de espaço” (figura 3). Mais que decorar e figurar, os objetos precisam decolar e servir de base para as mais diversas finalidades: estudo, memória, recordação.

Figura 3 – A falta de espaço dos objetos do cotidiano



Fonte: Dados da Pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

A partir das reflexões de Baudrillard (2004a), uma inquietação surge: se a intenção é retirar os objetos de suas características funcionais originais para alcance do lugar de contemplação, como ocorre na figura 3, por qual motivo as reproduções fiéis aos objetos não bastariam? O autor desenvolve pistas para pensarmos a questão a partir do momento que ele coloca a necessidade de distinção de dois aspectos na mitologia dos objetos: a nostalgia das origens e a obsessão pela autenticidade. O primeiro aspecto se aplica, para o autor, como se fosse um apelo místico do nascimento, como se saber o tempo que o objeto possui o aproximasse de uma era anterior, quase que uma divindade da natureza. O segundo aspecto, completa Baudrillard (2004a), passa pela certeza da autenticidade para que o valor possa ser atribuído a ele por meio de uma valorização da data e do tempo em que esse objeto se fez presente. É como se o “simples fato de que o objeto tenha pertencido a alguém célebre, poderoso, confere-lhe valor”

(BAUDRILLARD, 2004a, p. 84). Saber que o objeto de que se tem posse é fidedigno ao passado ao qual a ele se refere cria, para o autor, uma fascinação por aquilo que é único: a trajetória no tempo, o percurso nas diferentes épocas desde a fabricação até a chegada no tempo presente.

Assim como a relíquia da qual seculariza a função, o objeto antigo reorganiza o mundo de um modo constelado, oposto à organização funcional em extensão, e visando preservá-lo desta irrealidade profunda, essencial sem dúvida, do foro íntimo. Simbólica do esquema de inscrição do valor num círculo fechado e num tempo perfeito, o objeto mitológico não é mais um discurso para os outros, mas para si mesmo (BAUDRILLARD, 2004a, p. 87).

É pela pista da posse do objeto que Baudrillard (2004b) desenvolve a abstração de sua função. A posse não diz respeito a um utensílio, mas de um objeto que, ao ser abstraído, relaciona-se com o indivíduo e, assim, constitui um sistema no qual se procura reconstituir um mundo a partir de uma totalidade privada. A partir desta lógica, Baudrillard (2004b) torna possível pontuar duas funções, inversamente proporcionais, do objeto: a de ser utilizado e a de ser possuído. A primeira abarca o modo prático com que o sujeito se relaciona com o mundo, enquanto a segunda envolve a abstração desse sujeito, sem a participação do mundo. O autor completa que o objeto que pertence ao lugar de utilidade e praticidade é, por meio de um estatuto social, apresentado como máquina; diferente do objeto de posse, tratado como “puro, privado de função ou abstraído de seu uso, [que] toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar ‘objeto’” (BAUDRILLARD, 2004b, p. 94). No trecho narrativo a seguir, o participante da pesquisa destaca em seu tema narrativo algo que diverge das proposições refletidas pelo autor:

Nessa fase [de adolescência], também já um pouco mais maduro, **eu comecei a entender os valores, dos países e das seleções**. Então, isso já começou a nascer assim, **o que que a camisa de futebol representa. Então para mim, era legal usar como uma forma de expressão**. E aí hoje eu tenho essa consciência que **usar uma camisa de futebol é se expressar, escolher um clube que carrega inevitavelmente uma série de valores, uma cor. As camisas são memória e expressão** (Volpi, Camisas de Futebol).

Nas memórias de Volpi, o objeto, no caso a camisa de futebol, apresenta uma dialética, diferente das funções inversamente proporcionais evidenciadas por Baudrillard (2004b). Neste caso, o objeto se torna, além de utilizado, possuído. Ele é ao mesmo tempo camisa, mas também é um objeto. Ele cumpre sua função, que é vestir, mas se torna objeto a partir do cuidado colecionista dado a ele. Volpi, ao trazer para o tempo narrativo o passado, "era legal usar como uma forma de expressão", vincula sua prática ao tempo presente: “hoje eu tenho essa consciência que usar uma camisa de futebol é se expressar”. Ou seja, a utilização da camisa em si não cumpre apenas

sua função, que é vestir, mas se torna objeto por trazer com ela os valores que o sujeito gostaria de transmitir: uma conexão entre a memória que o objeto carrega, em uma conexão com a expressão por meio do ato de vestir um item colecionável e os valores que a camisa e as cores de um clube de futebol carregam, sobretudo pelo tempo a que elas se referem.

Baudrillard (2004b) afirma que a problemática temporal é ponto importante para refletirmos sobre os objetos colecionáveis. O autor, ao olhar para os objetos a partir do tempo, diz sobre aquilo que não é real, mas das significações ou indícios culturais do real, que, a partir dos objetos antigos, podem ser retomados. Nesse raciocínio, considerar os objetos funcionais que existem nesse real é considerá-los como eficazes para o que são destinados, no e para o presente. Diferentemente disso, os objetos antigos mergulham numa regressão desse tempo, buscando se assegurar enquanto signos capazes de trazer para o presente o tempo que passou, exatamente como na narrativa de Volpi.

A tentativa de se ancorar no passado, naquilo que um dia já teve uma praticidade, é uma busca por pontos de referência e de ancoragem do que é o homem: em um contexto moderno, o homem se sente sem raízes e, por isso, busca laços (nos objetos) para encontrar a própria razão de sua existência (SANSEVERINO, 2015). Baudrillard (2004a) expõe que o objeto apenas por ser antigo se torna belo por sua sobrevivência no tempo, por significar um tempo que é outro, anterior. Esse movimento é, para o autor, uma busca pelas origens, signos de um tempo anterior.

Quando eu tive oportunidade, **eu saí e levando até as últimas consequências**. Então **os objetos, eles são vistos e trazidos para cá apenas pelo meu olhar** e também **pelo fato de eu estar inserido em uma sociedade, que eu sei que tipo de tendência tem, que é o descarte**. Então eu trabalho na direção oposta. É mais ou menos um retrovisor de um carro, você tá indo pra frente, mas tem que ver o que tá atrás (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

O trecho narrativo que destacamos traz a memória de Reginaldo cujo tema é a perpetuação dos objetos no tempo, colocado por ele como uma “direção oposta” da tendência de descarte da sociedade atual. O tempo narrativo do participante é apresentado por meio da metáfora do retrovisor, em que o caminho em direção ao futuro se dá no tempo presente, mas considerando o que está no passado, assim como a tríade narrativa proposta nesta tese apresenta. A partir de nossas anotações de diário de campo e de nossa observação de um dos galpões em que Reginaldo guarda os objetos do cotidiano que chamam sua atenção, é possível suportar sua afirmação de que o contato com os objetos foi levado “até às últimas consequências. Isso se dá por meio da posse de mais de 100 mil objetos espalhados por todos os cômodos e lugares

possíveis, do chão ao teto, montados e setorizados. Foi uma experiência curiosa e, ao mesmo tempo, desconfortante para nós pesquisadores.

Reginaldo, que se descreve como um “objeteiro”, utiliza uma linguagem verbal reflexiva para que sua voz narrativa em primeira pessoa do singular sobressaia. Baudrillard (2004b) afirma que pensar nos objetos privados e sobre sua posse se apresenta como algo essencial na vida do ser humano, tão quanto os sonhos. Partindo do tempo como objetivamente irreversível, são necessários artifícios imaginários que assegurem ao homem uma conexão material com o tempo, seja com o passado, em termos de buscar o que se é, seja com futuro, na busca pela perpetuação do indivíduo nos seus objetos. Assegura-se, assim, para o autor, a continuidade da vida daquele que colecionou, e não apenas acumulou objetos. Para Reginaldo, o trabalho feito é uma forma de preservar “o futuro do passado” dos objetos curiosos que estão sob a posse dele. A pergunta reflexiva que fica para nós é: afinal, até que ponto as últimas consequências se valem na preservação da história? Seria uma tentativa de manter a materialidade passageira do passado a todo custo? Um apego aos produtos que se desintegram pela condição material em si? Uma tentativa de perpetuar o passado? Até que ponto este movimento é possível?

Em Baudrillard (2004b), é importante diferenciar a coleção da acumulação. Certos objetos de maior valor econômico e social não são colecionados como outros de menor valor. É preciso, deste modo, que a coleção, enquanto *colligere* (no latim: escolher e reunir) (DOHMANN, 2015), seja distinta do simples acúmulo e amontoamento de materiais. A coleção emerge e se direciona para a cultura ao visar a objetos que possuam valor de troca, mas que também sejam fonte de benefícios sociais em sua própria conservação, exibição, comércio ou ritos sociais. “Estes objetos são acompanhados de projetos. Sem cessar de se remeterem uns aos outros, incluem neste jogo uma exterioridade social de relações humanas” (BAUDRILLARD, 2004b, p. 111). A relação que remete um objeto ao outro é, para Reginaldo, ter tido um uso social ao longo do cotidiano, porém o cotidiano é infinito, e o “borogodó” para com o objeto é particular. O que seria, então, esta tentativa de manter o cotidiano vivo na sociedade? Será que é possível dar conta de todas as coisas que despertam a curiosidade? Afinal, todos os objetos podem ser colecionados? Os trechos abaixo nos auxiliam a caminhar nestas reflexões:

Carro, tem gente que coleciona, uma pessoa rica (...). **Agora, carro não foi feito para ser colecionado, mas pode vir a se tornar um item colecionável.** [Por quê?] O carro é feito para ser usado. Os únicos que eu vejo que foram feitos pra colecionar são aqueles que o fabricante fala “essa é uma série específica para colecionador”, aí sim.

Ninguém compra um carro hoje, aí “eu vou comprar um carro zero, porque eu vou colecionar” (Vinicius, *Safety Cards*).

Acho que **vinte, trinta por cento das minhas camisas estão na etiqueta ainda e não pretendo usar**. (...) porque eu penso assim, são peças muito representativas do clube. Então, como o intuito é deixar isso pra frente, **eu quero deixar a peça mais intacta possível** (Mário, Camisas de Futebol).

A minha coleção é para eu ouvir, pra eu aproveitá-la. Curtir mesmo. Então, **agora, tem gente que conheço que compraram LP, mas nunca tinham aberto o LP. Nem tocava o LP. Eu falava “uai, faz sentido, não. O disco é pra ouvir”** (Bernardo, Discos de Vinil).

Utilizando o exemplo do carro, Vinicius diz que, de acordo com sua narrativa, nem tudo é feito para colecionar. Para ele, existem coisas que são feitas para serem usadas, justamente pelo fato de que “ninguém compra um carro hoje, aí ‘eu vou comprar um carro zero, porque eu vou colecionar’”. Tal tema também é apresentado na narrativa de Mário, quando ele afirma que “vinte, trinta por cento das minhas camisas estão na etiqueta ainda” e que ele não pretende usar. Todavia, como explicar a existência de colecionadores de objetos que, a princípio, não foram feitos para serem colecionados? Com exceção dos objetos que se apresentam com este apelo, envoltos em uma série especial, como também considera o participante, o objeto não é feito para ser colecionado. Eles são feitos para serem utilizados, acabados e seguirem fluxo no processo de descarte, como afirma Bernardo: “a minha coleção é para eu ouvir, pra eu aproveitá-la”. O último participante ainda reflete que não compreende as pessoas que compram objetos da coleção, mas optam por mantê-los intactos, explicitando a ideia por meio do trecho a seguir: “uai, faz sentido, não. O disco é pra ouvir”. Contudo, qual é o momento em que eles deixam de realizar suas funções, para que se tornem itens intocáveis? Na visão de Pomian (1984), é a retirada do cotidiano que faz com que os objetos sejam elevados ao status de colecionáveis, deixando de fazer parte do cotidiano de trabalho e de auxílio nas atividades diárias para ocupar um lugar no qual a utilidade parece banida. Ao mesmo tempo, os objetos não perdem a noção de utilidade, tendo em vista que, nesse novo modo de existência, possuem a função única “de se oferecerem ao olhar” (POMIAN, 1984, p. 51).

Para Pomian (1984), as coleções particulares são concebidas a partir de diversos objetos, dos mais banais até os mais valiosos, e, por isso, o autor afirma que quaisquer objetos que os homens conhecem, sejam eles naturais ou não, figuram em alguma coleção particular. Sendo assim, a coleção pode ser considerada como “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do

público” (p. 53). Ou seja, para o autor, estar em uma posição que permita o olhar contemplativo é critério fundamental para a definição de uma coleção, excluindo dessa característica os objetos que são tratados como momentos do processo de circulação e/ou produção material e aqueles que são acumulados ao acaso, bem como objetos (como os tesouros escondidos) que não estão expostos ao olhar. A exposição ao olhar, mesmo que do próprio colecionador e de seus amigos visitantes, é lembrada a seguir:

Eu gosto de abrir o armário e olhar para as camisas assim, passar uma por uma ou às vezes pensar em uma. Eu tenho, sei lá, eu estou vendo um jogo. Aí eu pensei, eu tenho uma camisa desse time, aí eu vou lá e pego, vejo os detalhes, lembro de como comprei, de algum jogador da época (Volpi, Camisas de Futebol).

Esse processo de disposição ao olhar é apresentado no tempo narrativo do presente, mas que remete ao passado. Volpi, ao narrar que gosta de “abrir o armário e olhar para as camisas”, reforça as reflexões de Pomian (1984) sobre a necessidade de exposição ao olhar. Complementamos o autor de que esse processo está imbricado com outros sentidos, sendo, neste caso, o tato, explícito quando o participante narra: “eu vou lá e pego”. Esse processo desperta, no presente, uma lembrança de um passado que ainda permanece vivo, como constatado na fala de Volpi quando recorda: “lembro de como comprei, de algum jogador da época”. Ao visitarmos a coleção de camisas do participante, estivemos imersos neste processo. Em sua coleção, estão presentes camisas do clube para o qual torce, o Clube Atlético Mineiro, mas também outros clubes brasileiros em que as torcidas possuem amizade, além de seleções sul-americanas e equipes consideradas progressistas. O processo de visitação desta coleção, que estava em um local próprio para elas, fora do circuito econômico e com uma proteção especial, reforça novamente os apontamentos de Pomian (1984). Tal elemento indica a compreensão do objetivo de nossa tese: entre outros aspectos, as memórias vinculadas aos objetos contribuem para justificar a existência dos problemas de tempo e de espaço mobilizados pelos sujeitos colecionadores. As memórias que os objetos despertam fazem com que os sujeitos permaneçam solucionando problemas que possibilitem a manutenção destes no presente. Ainda assim, os participantes podem ser contrapostos com uma afirmativa: “os objetos não são eternos”. Entretanto, assim como os objetos e sua condição material, a condição humana também não é eterna. Enquanto há vida, dependendo do tipo de material, poderá haver recordações vinculadas aos aspectos físicos destes objetos.

Eu escuto, eu sei os objetos me chamam. Se eles se sentem abandonados eu trombo neles. É uma convivência boa e que deve ter uma comunicação espiritual que eu não alcancei ainda e que talvez eu nunca v  alcanç ar, mas são energias que conspiram a favor (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Eu trato bem os objetos porque particularmente **sou meio Toy Story**, eu imagino os bonequinhos brincando de noite, **eu humanizo demais. O negócio tem que estar intacto, que é o respeito de como ele foi criado ou para que que eles serviam.** Então assim, **a fantasia só se completa se a coisa está perfeita (...), a questão do juntar e do cuidar do objeto, do colecionar está com cuidar** (Bonfante, Antiquidades).

Há, por fim, nas memórias de Reginaldo e Bonfante, a temática da relação com os objetos que não passa apenas pelas memórias, mas pelas energias e das condições humanas deles. Nas memórias de Reginaldo, utilizando o tempo presente como condutor da narrativa, os objetos “chamam” o participante caso eles se sintam “abandonados”, fazendo com que haja contato físico involuntário a partir do uso do substantivo “trombo”. Ele ainda justifica que “são energias que conspiram a favor” para justificar um contato e uma atração implícita que vai para além das explicações científicas. Os objetos, humanizados pelo sujeito por meio da metáfora, estabelecem uma convivência com Reginaldo. No mesmo sentido, Bonfante utiliza a referência do filme “Toy Story”, (COOLEY *et al.*, 1995), para afirmar a existência de sentimentos dos objetos, já que, no filme, os brinquedos possuem características humanas. Esta questão, tratada como fantasia pelo próprio participante, justifica o apego e o cuidado que existe para com eles, já que um eventual “destrato” pode acarretar um sentimento de tristeza por parte dos objetos. O participante transita entre o passado e o presente para afirmar a existência da frustração no caso de um objeto não estar intacto. O colecionar, para ele, depende do cuidado com os objetos, explícito no fragmento “coleccionar está com cuidar”.

Tais temas tratados pelos dois últimos participantes geram reflexões. Há uma utilização de uma fantasia infantil para com os objetos, que precisam ser cuidados e bem tratados, para que eles possam ter uma existência digna. Ora, podemos refletir sobre este mesmo ideal de fantasia: será que os objetos gostariam, então, de permanecerem presos em espaços, distantes das funções para as quais eles foram criados? Os objetos são criações dos homens a partir de interesses comerciais para o exercício de determinadas funções em um tempo e um espaço específico. Assim, como a vida, eles são matéria orgânica que irão se desfazer em algum momento. Eles possuem prazo de validade para acabar. Então, qual o motivo para que o cuidado humano para com os objetos permaneça sendo realizado? É a partir destas reflexões que caminhamos para refletir com Nora (1993) que o olhar do colecionador busca uma preservação do passado no presente que postula um futuro, como uma espécie de manutenção das referências que compõem o sujeito. Ao mesmo tempo, esse movimento possibilita realizar um contraponto das referências do passado com as vivências do tempo presente, tal como nos apresentam Garber e Gagnebin (1992). Os objetos possibilitam, para nós, o trânsito entre as referências do passado,

alterados no tempo presente e que mobilizam um futuro, mesmo que esse futuro tenha data de validade, assim como a própria existência do sujeito.

A intensidade vivida do passado no tempo presente faz ressurgir novas referências, novos olhares: é o passado sendo refeito no presente que mobiliza o futuro (BOM MEIHY; SEAWRIGHT, 2020). Isso caminha para respondermos nossas próprias reflexões: a vida não é tão objetiva a ponto de conseguirmos mobilizar e responder as perguntas objetivas do hoje. Há algo da existência humana que escapa nas tentativas de explicação dos fenômenos: e são nesses momentos que a vida se reforça enquanto incompleta e mostra o quanto a busca pela objetividade, pela verdade única, torna-se irreal.

Por fim, avançamos neste capítulo, em conjunto com os leitores, na forma com que os objetos são compreendidos pelos participantes da pesquisa. Para tanto, recorreremos a um suporte histórico da incidência colecionista na história para, logo em seguida, avançarmos nas análises dos dados seguindo as contribuições de Baudrillard e Pomian. Superados tais pontos, inserimos na discussão a compreensão do que é um colecionador a partir das memórias dos próprios participantes, além dos vários inícios que permearam as trajetórias dos sujeitos desta pesquisa.

5 “SER COLECIONADOR É UMA CHANCE DE ME APROFUNDAR ENQUANTO UM INDIVÍDUO QUE SE EXPRESSA”

Toda paixão beira o caos, mas a paixão do colecionador beira o caos das memórias.

Walter Benjamin

Benjamin (2009) trabalha em suas reflexões que, no ato de colecionar, o objeto é retirado de suas funções primitivas, oposto à sua dimensão de utilidade. Para ele, retirar o objeto de sua relação funcional é essencial para caracterizar o colecionismo. Cada um dos objetos adquire um encantamento, sendo colocados em um círculo mágico em que são imobilizados. Esse procedimento ocorre a partir do que é lembrado e se torna suporte, pedestal, moldura e fecho da posse do sujeito que coleciona. Desta forma, para Benjamin (2009, p. 23), “coleccionar é uma forma de recordação prática e de todas as manifestações profanas da ‘proximidade’ a mais resumida”. O colecionador, então, busca tornar as coisas presentes em seu próprio espaço,

colocando a vida do sujeito na centralidade do momento em que as coisas permanecem presentes.

Benjamin (2009) coloca que a posse do conhecimento sobre as coleções, e da gestão delas para nós, caracteriza-se como um saber. A posse deste delimita os objetos que devem ser colecionados, protagoniza uns, silencia outros, congruente com a razão instrumental típica do sistema econômico vigente no qual vivemos. O filósofo contribui, no mesmo sentido, ao nos alertar sobre a temporalidade transitória que caracteriza o capitalismo e à qual nós contrapomos nesta tese.

Eu já tinha o olhar para os objetos, porque o **que eu faço de hábito é olhar o objeto em 360 graus. Eu não olho o objeto só ortodoxamente, na posição original. Eu vejo o objeto ao contrário, o objeto às vezes me leva a criar outro objeto**, como aqueles (focos) do palácio das artes que eu transformei nas luminárias. Tem coisas que às vezes eu uso em uma outra função também. **Você passou por várias aqui coisas que eu fiz, como as bicicletas no teto** (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

As reflexões trazidas por Benjamin (2009) sobre o sujeito colecionador são reforçadas pela narrativa de Reginaldo, que se considera, de acordo com nosso caderno de campo, um “objeteiro”, que é uma outra nomenclatura para o ser colecionador. Ele recorda que, no passado, “já tinha o olhar para os objetos”, justificando que, no tempo presente, o que é feito é “olhar o objeto em 360 graus”, de uma outra maneira, vendo “o objeto ao contrário”, inventando novos lugares para eles, “como as bicicletas no teto” (figura 4). Benjamin (2009) destaca que os sujeitos colecionadores, e incluindo os “objeteiros” (tratados por nós como sinônimos no âmbito desta tese), são embutidos de um olhar diferenciado sobre os objetos a que se destinam, visualizando diferentes possibilidades do que o olhar de um proprietário que está preocupado apenas com a função primeira dos objetos. Deste modo, o autor completa que existe um mundo de possibilidades, olhares e significações que estão presentes em cada um dos objetos para o sujeito colecionador que se dedica a essas infinitas possibilidades.

Figura 4 – As bicicletas no teto



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores

A visita ao galpão dos objetos do cotidiano de Reginaldo é ilustrada na figura 4. Os objetos amontoados, mas organizados em uma “desordem cronológica” pelo participante são setorizados conforme seus interesses. O espaço (chamado pelo participante de falta de espaço), apesar de ser um galpão grande, não possui fácil locomoção pela infinidade de objetos que possui por todos os pequenos corredores que restaram. Objetos que relatam a história do cotidiano do século XX de Belo Horizonte, que eram vistos pelas ruas, nas casas dos moradores

e que foram encontrados nos mais diversos locais: em ferros-velhos, bazares, em visitas a outros colecionadores, na casa de parentes e amigos e em negócios que foram sendo realizados. Os objetos que foram sendo buscados por Reginaldo possuem um apelo para a volta no tempo. Nossas anotações de diário de campo apresentam uma angústia ao se deparar com o local: são tantos objetos que é difícil fixar a atenção em um só. Comparamos a atividade do participante com a arte: sua função é causar algum sentimento naquele que se depara com ela. Aqui, sua função é despertar naqueles que visitam seus objetos algum tipo de reação, mesmo que negativa. Para além de julgamentos, acreditamos que a diferença no trabalho do participante, que passa até pela própria nomenclatura que ele se autodefine (“objeteiro”) faz com que ele não se enquadre em quaisquer formas preconcebidas de se perceber as relações com os objetos. Ele apresenta exatamente a diversidade de olhares, de formas de ser e estar no mundo em sua própria atividade.

Para ser colecionador, você tem que ter um enorme controle das coisas. É impressionante. Porque você fica obcecado quando você vê uma peça que você não tem e que você gostaria de ter. Eu mesmo estou brigando comigo mesmo por causa de um de um Tuc Tuc, um carrinho italiano que fazia cargueiro, que eu não tenho, e tem um cara falando “vou te vender isso”. E eu estou assim sonhando com ele, mas falando com ele “não vou comprar” (Lucca, Antiguidades).

Eu acho que **todo colecionador é obcecado com a sua própria coleção. E chega em um momento que você perde totalmente o limite. Porque você quer colecionar, você quer ter mais, e a coleção é infinita.** Isso, de certa forma, pode gerar uma angústia, no momento em que a pessoa não conseguir tal item. **De uma certa forma é a questão do desejo, de sempre ir perpetuando. Aí, a partir do momento que você realiza o desejo, comprar o disco é como se não fizesse mais sentido aquele desejo que já foi realizado, aí você passa para outro desejo.** Aí fica aquela coisa. **Se você não tiver um controle, é como se fosse ficar refém. E refém economicamente também. Porque, se você tem uma coleção, seja lá qual for, o custo é muito alto** (Bernardo, Discos de Vinil).

Eu também não vou desesperadamente pagar qualquer preço, não. E assim, o que que diferencia você de um colecionador que vai atrás de um único item? É essa obsessão maior de ter aquele único item a qualquer preço, a qualquer custo, a qualquer esforço. Eu gosto de ter aquilo que me atende. **Se eu tivesse recurso financeiro, tipo infinito, cara, eu seria um paranoico total, eu seria loucaço. Então assim eu me situo dentro da minha realidade também** (Bonfante, Antiguidades).

A necessidade de “controle” é um tema narrativo articulado nos trechos narrativos acima. O participante Lucca utiliza o adjetivo “enorme” para indicar uma excessiva tentativa para não permanecer obcecado pelos itens e acabar comprando mais do que se pode, questão implícita quando o participante utiliza um exemplo que ocorre no tempo presente. Ele afirma que há uma obsessão quando se depara com uma peça que não possui e que, para que ele não conclua as compras, ele precisa ficar “brigando” com ele mesmo. Tal questão nos faz refletir sobre o protagonismo do tato e da visão para com as coleções, é o movimento que faz com que o

coleccionador queira ter em sua posse os objetos. O participante Bernardo chama atenção em sua narrativa pela obsessão que acontece com todo colecionador no trecho “todo colecionador é obcecado com a sua própria coleção”, e, em algum momento, “você perde totalmente o limite”, explicando o sentimento que gera ao não conseguir um item, tal como exemplificou anteriormente Lucca: “angústia”. O participante mobiliza ainda sua narrativa para explicitar que, se o desejo por itens novos não estiver acompanhado de um certo controle, o colecionador pode se tornar “refém” dele, convergindo para as contribuições de Mindlin (1997) e Oliveira *et al.* (2005) e Oliveira (2017) de que as coleções podem ser paixões e, ao mesmo tempo, um vício. Ademais, o participante Bonfante utiliza como ponto de referência para a ação a diferenciação de sua atuação frente a de um colecionador que busca obsessivamente um único item. O narrador destaca sua preferência por ter itens que o atendam dentro de sua realidade e recursos disponíveis, já que, se pudesse ter recursos inesgotáveis, ele “seria um paranoico total”, “loucaço”.

Para Benjamin (2009), o colecionador empreende uma luta contra a dispersão, que para nós, é impulsionada por esse desejo de ter os produtos sob sua posse e que pode ocasionar em um possível descontrole na gestão da coleção, ocasionando problemas financeiros, de espaço, de manutenção etc. O filósofo desenvolve em seu argumento as bases essenciais para o colecionador na própria confusão e dispersão em que as coisas se encontram no mundo. As coisas são e estão dispersas, mas, por meio de interesses e afinidades próprias, há uma busca por alcançar um ordenamento não do mundo, mas das coisas para si. Fato esse que um sujeito exterior pode perceber determinada coleção como um amontoado de coisas sem sentido e sem função, mas o ordenamento para o próprio sujeito que atribui sentido é que pode despertar diversos sentimentos. A relação entre o colecionador e as coisas é, então, a posse mais íntima que é possível se ter com as coisas: aquelas que extrapolam a existência dessas mesmas coisas dentro dos sujeitos para alcance da existência do sujeito dentro das coisas.

Na esteira de considerar a coleção com uma dispersão de coisas, Benjamin (1987, p. 228) diz: “O que é a posse senão uma desordem na qual o hábito acomodou de tal modo que ela só pode aparecer como se fosse ordem?”. A desordem e a dispersão dos objetos no mundo criam uma contrapartida ao colecionador: a própria ordenação de seu catálogo. Portanto, a existência do colecionador é posicionada em uma tensão dialética entre a ordem e a desordem. Bloom (2003) concorda com este fato ao tratar o ato de colecionar como consequência da busca humana por dar sentido à desordem do mundo:

O ato de colecionar como projeto filosófico, como tentativa de dar sentido à multiplicidade e ao caos do mundo, e talvez até descobrir seu significado oculto, também sobreviveu até nossa época. [...] Um colecionador de discos buscando a essência do gênio em centenas de gravações do mesmo concerto, ou do mesmo artista, dá continuidade a essa tradição, da mesma forma que alguém que tenta captar a própria beleza em tudo que é “rico e estranho” (BLOOM, 2003, p. 61).

A depender dos objetivos do colecionador, os objetos podem reforçar os problemas de gestão, sobretudo porque os colecionadores praticantes consideram suas coleções sempre incompletas, em um constante vir a ser. A falta de uma única peça pode causar a “desordem produtiva” (BENJAMIN, 2009, p. 246), e a percepção de que tudo que foi colecionado se trata de uma obra fragmentária. O autor nos faz refletir sobre um problema que surge: como estudar um fenômeno social que está em constante vir a ser, sempre inacabado, mas que gera problemas no mundo real? Benjamin, então, ajuda-nos a refletir que o fenômeno colecionista deve ser estudado em sua incompletude.

O colecionador planeja, sonha isso, ele sabe, estabelece, se sacrifica. Ele se organiza, projeta o espaço para ter, onde vai estar, achar essa cor, ele planeja. Ele planeja se vai ser um vai para um, você não abre um negócio sem capital de giro sem estudar mercado. Sabe aquele negócio, sem olhar a clientela? É. Produtividade, retorno, margem de lucro. Você não abre um negócio sem isso. Sem considerar esses fatores, você pode não dominar nada, mas você tem que ter essa noção. Então ele, segue mais ou menos isso, também, sabe se tem, planeja para ter a coisa. Se ele compra uma série que não está completa cara, ele vai correr atrás para ter aquela peça que está faltando (Bonfante, Antiguidades).

No trecho destacado das memórias de Bonfante, o participante realiza uma metáfora que aproxima o colecionador de um administrador. Para ele, o sujeito que coleciona, “planeja, sonha isso, ele sabe, estabelece, se sacrifica. Ele se organiza”. Ao realizar esta narrativa no tempo presente, o participante atribui ao colecionador características da atividade do administrador, apresentando a existência de uma mobilização organizativa por parte do sujeito que pretende colecionar. O planejamento, inerente nas mais diversas instâncias, adquire destaque no trecho narrativo para justificar a metáfora da abertura do negócio: para tal, é necessário estudo do mercado. E da mesma forma para o colecionador, é preciso que haja um conhecimento sobre aquilo que se está colecionando. Deste modo, segundo o olhar do participante, o sujeito que coleciona terá todas as ferramentas mobilizadas para que ele se mantenha perseverante e no alcance das metas da coleção, explícita no trecho que se segue: “ele vai correr atrás para ter aquela peça que está faltando”.

Na ordem prática, refletir sobre o mundo real não deve vir acompanhado de início, meio e fim, mas de vários meios, vários inícios e alguns fins, que originam outros meios, que, ao mesmo

tempo, contemplam novos inícios que são fins ao mesmo tempo. O processo de investigar o fenômeno colecionista, congruente com a leitura de Benjamin (2009), deve vir acompanhado da compreensão de que ele está situado em um tempo e um espaço específico, contribuindo para nosso olhar de gestão dialógica, cotidiana e, sobretudo, incompleta. As coleções, incompletas como são (VENN, 2006; FONTDEVILA, 2017, podem nos auxiliar na compreensão da própria administração em sua incompletude: um círculo que não se fecha e que não se completa por meio dos estudos do *mainstream*, mesmo que haja a insistência de pontuar que os fenômenos podem ser estudados em um ordenamento bem delimitado de início, meio e fim. Adiante, os modos diversos com que os colecionadores percebem a própria atividade são apresentados a seguir:

Ser colecionador é ter um propósito, porque o propósito te faz ter um método para as mais definidas áreas. Tanto em cuidar, tanto em procurar novos itens e se desfazer eventualmente de itens antigos (Mário, Camisas de Futebol).

Eu entendo como **coleccionador uma pessoa que tem interesse em alguma área específica.** Seja interesse **profissional** ou puramente **amador**, como um **hobby**, que é o meu caso e se desenvolver a cultura e o conhecimento específico dentro desse tema (Francisco, Minerais).

Ser colecionador é uma satisfação pessoal. Eu não tenho aquele foco daquilo igual meu filho Givanildo é, de camisa, de ter as camisas do ano, eu não tenho, eu não tenho esse foco. Eu gosto de objetos antigos, **coisas antigas que remetem à minha família** (Arnaldo, Antiguidades).

Nas narrativas dos participantes Mário, Francisco e Arnaldo, são mobilizadas as lembranças de ser colecionador por diferentes motivos. As temáticas mobilizadas sugerem a existência de um “propósito” (Mário) e de um “interesse em alguma área específica” (Francisco) ou como “satisfação pessoal” (Arnaldo). Estes fatores apresentam para os participantes modos de ação, que podem ser a criação de “um método para as mais diversas áreas” (Mário), que possam atender a um “interesse profissional ou puramente amador, como um hobby” (Francisco) ou simplesmente ter um gosto por “coisas antigas que remetem” à família (Arnaldo). Estes trechos são representativos por apresentar a diversidade do que é ser colecionador, passando por uma gama de interesses que se mobilizam no tempo presente, como no caso da criação de métodos, de uma profissão, de um hobby ou que remetam ao tempo passado ao reviver as lembranças acionadas pelos objetos. Por isso, não cabe a nós enquadrar quaisquer formas de ser e estar como colecionador, pois elas se diferem, são diversas, são as aqui colocadas, mas também muitas outras que não alcançamos neste trabalho.

Eu coleciono um pouco por prazer, um pouco de memória. É prazeroso e, quando você completa alguma coisa e tudo é muito bom. Mas **também algo que não é racional, o prazer é uma consequência.** (...) Você começa a dar tanto valor para a

sua coleção que, **quando você fecha uma meta que você mesmo criou, você acaba sentindo um prazer nisso** (Givanildo, Camisas de Futebol).

Ser colecionador é uma expressão da subjetividade. Tem isso e tem o guardar, cultivar a memória (...) para mim é **a camisa traz essa imagem de um tempo**, é um objeto que se conecta com a história. Mas assim, **coleccionar é voltar no tempo e viver aquela época da pracinha da minha infância, de comprar as camisas com a minha mãe** (Volpi, Camisas de Futebol).

A coleção é um jeito de ser, é uma terapia. O **coleccionador, ele é um cara que quer distração, ele quer uma coisa, não para fugir da realidade, mas para lembrar do que ele já passou. São lembranças**. Ele é **um cara que tem que viver isso. Está no sangue** dele viver essa coisa. **Passou por momentos excelentes, momentos ótimos e quer ter isso no resto da vida em forma de objeto** (Dionísio, Miniaturas).

Os fragmentos narrativos que estão apresentados acima de Givanildo, Volpi e Dionísio apresentam o semelhante tema: o que vincula o ser colecionador com as memórias. Tais questões são explícitas nos excertos em que se coleciona por “um pouco de memória” (Givanildo), “... tem o guardar, cultivar a memória”; “é voltar no tempo e viver aquela época da pracinha da minha infância” (Volpi) e “para lembrar do que ele já passou. Acho que coleção é mais isso mesmo. São lembranças” (Dionísio). Tais trechos corroboram Pedrão e Bizello (2016) quando as autoras nos colocam que é preciso ler os objetos colecionáveis como um conjunto de registros que compõem a própria história do colecionador. A coleção, ou seja, a reunião de objetos colecionáveis motivada por uma ou várias memórias, torna-se mais uma memória a ser lembrada, recordada, vivida e mantida no tempo presente. Coleções e memórias, nesse sentido, são objetos de um mesmo fenômeno: o passado que é vivido no presente. São artificios que se confundem para manter o passado vivo. E tudo que é vivo precisa de movimento, de alimentação, e, por isso, não podemos considerar memórias e coleções como fenômenos inerentes na vida do sujeito colecionador: elas estão na centralidade do movimento da vida. É na conexão com o passado, instaurada no seio de uma modernidade em que tudo se torna transitório, que se oferece ao sujeito pontos de referência para sua própria vida, sua própria história. Ao mesmo tempo, os participantes apresentam inclusões de questões que, além de complementar o tema narrativo comum entre eles, explicitam a diversidade inerente às coleções. Para Givanildo, a coleção que ele realiza passa pela descoberta de um “prazer” que “não é racional”, mas uma construção que passa pelo ato de fechar “as metas” da coleção. Nas memórias de Volpi, colecionar se manifesta como “expressão da subjetividade”, tendo em vista que “a camisa traz essa imagem assim, de um tempo”.

O participante Dionísio reforça que o colecionador possui algo “do sangue”, o desejo por viver o colecionismo, já que ele “passou por momentos excelentes, momentos ótimos e quer ter isso

no resto da vida em forma de objeto”. Entretanto, contrapomos a narrativa do entrevistado por considerarmos que as memórias e o ato de guardar os objetos são construções sociais que são atravessadas por uma coletividade. O desejo por colecionar não é algo já dado ao sujeito e que “vem do sangue”, mas algo que é construído ao longo dos anos a partir de memórias compartilhadas em uma coletividade. Isso mobiliza uma série de ações e modos de agir na sociedade, sendo um deles o destacado intuito de ter as lembranças de bons momentos materializadas nos objetos. As memórias dos sujeitos, para Halbwachs (1990) e Alberti (2004, 2012), devem ser entendidas e analisadas em suas relações com as memórias coletivas, o que nos leva a considerar que as análises das lembranças não dizem respeito somente aos indivíduos, mas às relações destes com outros indivíduos e outros grupos sociais.

As memórias dos sujeitos, reforçam Araújo e Santos (2007), não surgem de acasos, mas das interações sociais, englobando os agenciamentos coletivos. Na concepção memorialística, é importante delinear, portanto, que a recordação do passado não é fruto de uma relação linear e causal, mas de uma diversidade de olhares, experiências, contatos sociais, tensões, conflitos, disputas, afinidades, imitações e conformidades com os grupos sociais. É por isso que esses autores compreendem que a reconstrução do passado por meio das memórias não é um processo estático, natural e involuntário. Posto isso, cumpre salientar as reflexões anteriores de Thomson (1997, p. 57):

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências: quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes.

Em Pollak (1989), temos uma base importante para compreensão das memórias coletivas enquanto ponto de disputa pelos sujeitos, sendo constantemente mutável e negociada nas relações. Ela cumpre o objetivo de manter a coesão interna e defesa das fronteiras do que é comum a determinado grupo, em um movimento de fornecer quadros de referência por meio do compartilhamento de valores. No mesmo raciocínio, Bosi (2003) e Alberti (2004, 2012) complementam que o poder de difusão da memória coletiva se manifesta por sentimentos, valores, ideias e imagens compartilhadas pelos membros de certo grupo.

Ser colecionador é uma chance de me aprofundar enquanto um indivíduo que se expressa. De me aprofundar na história daquilo que eu vivo, do futebol, do Galo. (...) Foi um mergulho nesse estado de espírito, que é ser um torcedor de futebol. (...) acho que a coleção tem também esse sentido muito lúdico. E a gente volta para a infância assim, é quase uma brincadeira colecionar e brincar, colecionar e brincar. As camisas são os seus brinquedos. E eu sempre volto para a infância. O sentido é esse assim. Ser colecionador para mim é muito espontâneo (Volpi, Camisas de Futebol).

A memória mobilizada no trecho narrativo de Volpi nos permite pontuar considerações de subjetividade e os afetamentos dos colecionadores em relação aos objetos, sobretudo por ser o tema narrativo de “indivíduo que se expressa”. Uma importante referência anterior que se toma para pensarmos nesse ponto de vista é De Certeau (2012), ao dizer que os bens/objetos não podem ser considerados como dados em sua circulação ou difusão, mas que devem ser compreendidos a partir das operações próprias que os sujeitos deles fazem. Por meio disso, podemos compreender que o próprio movimento de circulação desses objetos (circulação esta que envolve o planejamento a partir de pontos de referência das memórias dos sujeitos, efetiva aquisição, manutenção ou posterior venda) ocorre mediante as produções que são individuais e/ou coletivas.

As produções colecionistas alcançam Oliveira (2005) e nos ajudam a pensar sobre a subjetividade nesse desenvolvimento. As coleções são desenvolvidas, para a autora, a partir de objetos que possuem relação entre si para este colecionador. É neste sentido que recorreremos às memórias como aquelas motivadoras do início, mas também da manutenção de uma coleção. No caso de Volpi, são aquelas que permitem o “mergulho nesse estado de espírito, que é ser um torcedor de futebol”. Reconhecemos que as memórias possuem influência de uma memória coletiva, logo, as memórias colecionistas também possuem influência da coletividade. Ao mesmo tempo, a coleção possui algo de individual, algo pessoal, como a memória também possui. Existe uma memória afetiva que é particular, que não se refere somente à de uma coletividade embora receba influências desta, ao mesmo tempo que é acompanhada de uma memória histórica e cultural, como complementam Pedrão e Bizello (2016). Pode ser um evento marcante para a coletividade, um fato excepcional ou lembranças de pessoas públicas, neste caso, explícita no uso do personagem “Galo” para se referir ao time que motivou a manutenção e a imersão do participante em sua coleção.

Um outro ponto que destacamos na narrativa de Volpi é que ela corrobora Benjamin sobre o fenômeno colecionista, quando o participante rememora: "eu acho que a coleção tem esse sentido muito lúdico. E a gente volta para a infância assim, é quase uma brincadeira, colecionar

e brincar, colecionar e brincar”. Segundo Sanches e Silva (2018, p. 381), a ordenação das coisas pode ser uma recomposição do “sujeito em sua subjetividade nos seus fazeres”, sendo considerado pelos autores uma porta de entrada para o olhar lúdico do colecionar, como mobilizado nas memórias do participante. Ao mesmo tempo, complementam os autores, Benjamin aproxima as atividades colecionistas com as das crianças no que se refere ao modo em que são organizadas a materialidade da história em que fazem parte. As figuras, portanto, da criança e do colecionador, “situam-se em um mesmo terreno, mas certamente em lados diferentes do maciço escarpado e fragmentado da experiência” (BENJAMIN, 2002, p. 134), diferenciados pela experiência inerente ao tempo vivido do colecionador na vida adulta.

Nessa temática do brincar e do colecionar recordada nas memórias de Volpi, refletimos que é pelo afastamento das funções nas quais os objetos foram criados, em um terreno de detritos para Benjamin (2002), que crianças e colecionadores se utilizam daquilo que se tornou obsoleto para tornar as coisas representadas no espaço do tempo presente. É um “fazer história dos detritos da história” (BENJAMIN, 2002, p. 138), de tal modo que colecionadores vivem com os objetos uma relação de aura. Para Sanches e Silva (2018, p. 387), há para o colecionador uma vivência semelhante à de um mundo dos sonhos, em que se permeia a “fantasia elaborada pela criança ao brincar. No ambiente onírico há uma transgressão do real, do ritmo, do espaço, da lógica da organização das coisas. A própria percepção que se tem de tudo isso faz parte de um sistema completamente anárquico, profano, em relação à realidade”.

O colecionador vai atrás do Santo Graal. E o Santo Graal é um só, não são dois. Então o colecionador, que é o que é mais obcecado, **ele vai atrás da peça que só ele vai ter** (Bonfante, Antiguidades).

O colecionador quer **ter aquela peça para os outros falarem** “hum, filha da puta” (risos) (José, Carros).

O colecionador, de um modo geral, ele **tem uma personalidade muito forte**. E ele que **o que ele tem, os outros não tem**. O colecionador **quer brigar por exclusividade do produto que ele tem**. Então, por exemplo, se você vir falar de cinco fuscas iguais, ele não quer. Ele quer encontrar o primeiro fusca (Lucca, Antiguidades).

A temática da exclusividade é inserida nas memórias dos participantes Bonfante e Lucca. O uso das expressões narrativas “vai atrás do Santo Graal” (Bonfante) e “quer brigar por exclusividade do produto que ele tem” (Lucca) adiciona mais elementos que nos ajudam a compreender a complexidade do que é o colecionador mineiro. Em ambos os trechos narrativos, é mobilizada uma voz narrativa da terceira pessoa do singular, para apresentar que essa busca pela peça que “só ele vai ter” (Bonfante) é algo que é feito pelos outros, mas nunca por eles mesmos. E ao

falar dos outros, Bonfante e Lucca estão falando deles mesmos, como colecionadores que querem as peças exclusivas, raras. Há uma busca de um reconhecimento entre os colecionadores dos mesmos tipos de objetos para os participantes, como aqueles que possuem determinados objetos únicos, valorizados pela memória coletiva (HALBWACHS, 1990; ALBERTI, 2004, 2012). O ter o objeto único se estende para o próprio dono, sendo este também um ser “único e distinto” dentro deste grupo social. É o ter a peça, conforme a expressão de José, para “os outros falarem ‘hum, filha da puta’”.

Belk (1998) contribui para a discussão do colecionismo a partir da ideia de identidade e consumo. Para ele, o exame das posses dos indivíduos mobiliza nos grupos sociais a forma de caracterização destes procedimentos. Para tanto, o autor utiliza o termo "extended *self*" (*meu*) para considerar sobre as características de si mesmo que podem ser estendidas aos objetos em sua posse. O *self* (eu) possibilita, para o autor, a incorporação de diversos objetos de posses pessoais, por exemplo. O colecionador para o autor constrói e reforça sua identidade por meio dos objetos que possui, sendo todo o processo colecionador constituinte do *self*. Apesar de discordarmos da visão funcionalista do autor que busca definir com exatidão o que é esse colecionar, concordamos que existe uma tentativa de extensão das características dos objetos para o sujeito. Por isso, acreditamos que as proposições do autor convergem para com as memórias dos participantes, em uma tentativa de manutenção de um status no grupo de colecionadores por meio da exclusividade dos produtos que possuem. Assim como os produtos, as características destes seriam estendidas aos sujeitos, que também seriam “exclusivos e raros” dentro do meio colecionador. Tal reflexão converge com as contribuições de Cravo (2017) de que o aspecto de raridade mobiliza um status social que remete tanto ao ato de colecionar quanto a peças que o sujeito colecionador possui, contribuindo para a mobilização de uma identificação para com o ato na sociedade, acompanhada de uma validação social de um outro que o vê como colecionador. Sobre esse papel do outro no que é ser colecionador, o trecho a seguir nos apresenta um importante indício:

De repente, **as pessoas começam a chamar você de colecionador (risos)**, foi pelo outro. **A vida é o outro, você não acha não?** Por ser o olhar do outro, não existe arte sem o outro, você acha que existe? **O outro nomina. Me chamaram de colecionador de arte e virou. Hoje eu sou colecionador de arte, o Brasil inteiro me conhece. Mas eu também me sinto um colecionador de arte** (Cândido, Obras de Arte).

A temática mobilizada na narrativa de Cândido de que o colecionador se faz pelo olhar do outro possui um contexto importante para a análise do trecho. O participante, como psiquiatra, possui um conhecimento importante para refletir sobre esse papel de personagem “outro” na

mobilização do ser. Esse outro “nomina”, e foi assim que as pessoas começaram a nomeá-lo “de colecionador de arte e virou”. Esse outro que nomina a partir de determinado grupo social se tornou importante para o autor. Primeiro foi pelo olhar do outro, que o chamava de “coleccionador de arte”, e, em um segundo momento, foi a própria identificação com os significados sociais do que é ser um colecionador que o fez ficar conhecido como um dos maiores colecionadores de arte do país.

Interessante que **ser colecionador mexeu um pouco na minha vaidade. É um desejo de se realizar na vida.** Eu acho que, eu já era médico. Mas médico pra mim não é o suficiente (risos) (Cândido, Obras de Arte).

Todo colecionador tem as suas vaidades (...) todo colecionador é vaidoso, isso aí você não resta sombra de dúvida, que ele quer mostrar a coleção. Ele quer falar, “eu tenho, eu consegui, só eu, só eu consegui, olha pra você ver como tá novinho, é muito difícil, eu paguei tanto, foi caro, mas paguei e tal,” tem isso da vaidade (Bernardo, Discos de Vinil).

A temática mobilizada nos trechos destacados das memórias de Cândido e Bernardo ocorre a partir da expressão valorativa “vaidade”. No primeiro trecho, o participante Cândido se coloca como sujeito de sua própria vaidade, em uma voz narrativa manipulada na primeira pessoa do singular, que, para ele, surgiu por meio do ato de ser colecionador, sendo isto “um desejo de se realizar na vida” e, deste modo, um ponto de referência para sua própria ação. De forma diferente é expressada a temática da vaidade nas memórias de Bernardo. O participante utiliza a terceira pessoa, colocando o “coleccionador” como um personagem, em que ele se inclui ao utilizar o pronome indefinido “todo”. Desta forma, ele se engloba, ainda que implicitamente, nas características vaidosas mobilizadas em suas memórias. Para ele, essa vaidade se manifesta no momento que os colecionadores gostam de “mostrar a coleção”. Isso se apresenta também nas memórias de Cândido. Em conversas informais anotadas em nosso diário de campo, o participante afirmou que não possui a pretensão de criar algum instituto ou museu para suas obras, mas, enquanto isso, elas permanecem em suas residências e são abertas para visitação: “não precisa ficar em museu. Eu quero que fique aqui comigo. Quem quiser ver, me procura, me liga que eu mostro”. Entretanto, nem todos os participantes possuem tal abertura como demonstrado pelos dois participantes abaixo:

O colecionador, ao mesmo tempo que ele é vaidoso, ele também   sigiloso e discreto, ele não quer ninguém aborrecendo ele, pedindo para ver, ele não gosta de ser assediado ... É meio... eu vou usar um termo aqui. É meio “masturbat rio” o negócio, “eu sou bom, eu tenho, eu tenho prazer, são   meu, ninguém mais. Ralei tanto para colocar para alguém chegar e ver de graça, olhar de graça”, entendeu? (Bonfante, Antiguidades).

Poucos gostam de mostrar. Eles gostam de conversar com outros colecionadores, porque é uma linguagem muito especial. Porque nós somos considerados como

loucos. Nós somos considerados assim. **Ou são os caras loucos, ou são extravagantes** porque estão gastando dinheiro com isso (Lucca, Antiquidades).

As narrativas dos colecionadores acima mobilizam a temática da “discrição”, auxiliando-nos em mais um aspecto de compreensão dos colecionadores. Para Bonfante, há uma dialética em que, ao mesmo tempo que o colecionador é caracterizado como vaidoso, que gosta de valorizar os seus atributos, ele é “sigiloso e discreto”. O participante desenvolve que há um assédio de outras pessoas para visualizar determinados itens “pedindo para ver” e que isso é tratado com repulsa pelos que colecionam, pois, este processo é íntimo e pessoal, destacado quando o participante utiliza a metáfora do autoprazer para com os itens. A coleção, nesse sentido, atende aos desejos de seu dono, e uma exposição pública poderia causar situações negativas.

Lucca, em sua narrativa, mobiliza que há um padrão de comportamento entre os colecionadores e que “poucos gostam de mostrar”. A exposição, segundo o participante, é por haver, por parte de não colecionadores, um julgamento para com a atividade, sendo eles “considerados como loucos” ou como “extravagantes”. Este trecho converge para as contribuições de Oliveira *et al.* (2005) quando dizem que a coleção se caracteriza como algo tão pessoal e individual, que o fato de pessoas externas compreenderem ou não o significado dela não é algo relevante. Nesse sentido, é importante estabelecermos: a forma social de atuação do colecionador não é linear. Ela compõe uma diversidade que vai depender do tipo de item que se coleciona, da raridade dos itens que se possui, dos valores e que existem questões, sobretudo de segurança, que precisam ser consideradas. Então, a opção por não publicizar as coleções não podem ser julgadas por nós como mero egoísmo, mas que passa por um desejo dos sujeitos que buscaram realizar a estruturação dos itens. Há, por parte de alguns, o anseio por não ostentar os itens que foram adquiridos.

Eu fui adquirindo modelos e cada vez mais entendendo um pouco mais. A gente vai descobrindo isso e vai criando o desejo em cima disso. E a partir do momento que eu vi assim, cara, **“pô, eu tenho uma quantidade considerável de tênis”, e eu comecei a perceber que o que eu tinha tênis era específico demais e me vi como colecionador** (Thomas, Tênis).

O colecionador, ele está sempre estudando alguma coisa desde que ele seja um colecionador sério e que queira conhecer bem o produto da coleção dele. Se você tem um mineral, você quer saber qual elemento químico que compõe aquele mineral (...) você sabe a finalidade daquele mineral, por que que ele existe, o que você pode extrair daquilo ali (Francisco, Minerais).

Adquirir um mineral novo, **além da parte de conhecimento técnico de geologia,** porque eu sou geólogo, me dá prazer, porque ele é bonito. Mas **eu encaro o mineral não só pela estética. Eu gosto dele pela estética, mas eu vejo ele de uma parte científica por trás, porque me intriga, me faz estudar, me faz conhecer** (Josias, Minerais).

Há ainda, por parte de alguns participantes, o reforço da diversidade que está vinculada ao ser colecionador por meio do estudo e do conhecimento. Esta temática está explícita nos trechos acima, quando o participante Thomas afirma o que se segue: “fui adquirindo modelos e cada vez mais entendendo um pouco mais” sobre seus itens colecionáveis. Do mesmo modo, Francisco acredita que o colecionador “está sempre estudando alguma coisa desde que ele seja um colecionador sério”. Ou seja, para o último participante, há uma categorização de “coleccionador sério”, e, para que ele possua esta alcunha, ele precisa estudar os itens que coleciona. Ademais, o participante Josias afirma que gosta de sua coleção de minerais “pela estética” e prossegue: “eu vejo ele de uma parte científica por trás, porque me intriga, me faz estudar, me faz conhecer”. Para além das tentativas de categorizar aqueles que merecem a alcunha de “mais” ou “menos” colecionadores, acreditamos que este movimento de conhecimento para com as peças em que são colecionadas se torna importante pelo fato de apresentar mais uma faceta do que é ser colecionador: é ser estudioso da coleção que se propõe a realizar. Entretanto, existe no meio uma categorização realizada pelos próprios colecionadores frente àqueles que não buscam aprofundar e conhecer sobre aquilo que colecionam. São os chamados colecionadores de figurinha:

Tem o colecionador sério e tem o colecionador de figurinha. O de figurinha que eu falo é que ele quer encher aquela lacuna, de qualquer maneira. Não, ele não quer esperar (...). Ele quer comprar qualquer peça, quer completar o álbum de figurinha dele. Então assim, esse não é um colecionador, ele quer fazer a qualquer custo, entendeu? Então assim é o apressado, que come cru, não faz uma boa coleção. E como eu te disse, eu estou há 43 anos no mercado, faço no mínimo trinta, quarenta viagens por ano só para poder estar melhorando a minha coleção (Alexandre, Numismática).

Alexandre busca categorizar os colecionadores a partir da dedicação realizada para com conhecer a sua própria coleção. Nas memórias do participante, “o colecionador sério” é distinguido do “coleccionador de figurinha” a partir da temática da paciência. O segundo tipo de colecionador, para ele, “não quer esperar” e “quer comprar qualquer peça, quer completar o álbum de figurinha dele”. Por isso, o colecionador de figurinhas busca fazer sua coleção “a qualquer custo”, não se atentando para a qualidade dos itens que adquire. Por isso, ele desenvolve que o “apressado, que come cru, não faz uma boa coleção”, convergindo para as contribuições de Cordova (2017), quando a autora afirma que, em sua pesquisa com colecionadores de arte, constatou a existência da nomenclatura de pessoas que não se aprofundam no colecionismo e, por isso, não possuem coleções, mas álbuns de figurinhas.

A memória de Alexandre, ao apresentar a seriedade existente em uma coleção, converge para a concepção colocada por Benjamin (2009), quando o autor afirma que os colecionadores são uma espécie de “fisiognomonistas” do mundo das coisas e, por isso, interpretam o destino. O autor, quando afirma isso, considera os colecionadores como aqueles que podem ler a feição dos objetos e indicar seus destinos, como sujeitos que, inspirados pelas coisas, podem ver além do destino, como “magos”. O colecionador, que ele caracteriza como sendo profissional, forma sua coleção primeiro em sua mente com suas próprias justificativas para um plano traçado e que pode demorar anos (ou nunca) ser cumprido. O autor delimita isso para diferenciar que o colecionador amador busca se guiar pela sorte, sem metas para serem cumpridas.

Ser colecionador, então, nas memórias de Alexandre, requer paciência, pois, segundo nossas conversas informais com o participante, ele já incorporou mais de cem coleções diferentes em seus mais de 15 mil itens. Isso é explícito neste trecho quando ele afirma que está “há 43 anos no mercado” e contabiliza as viagens que faz por ano com o intuito de aperfeiçoar os itens de sua coleção. O participante, nessa dinâmica, possui um facilitador que é ser empresário no ramo numismata, com funcionários em Belo Horizonte e em São Paulo. Ele declarou, segundo nossas anotações de caderno de campo, que algumas moedas de sua coleção já foram trocadas mais de 10 vezes, pois há uma rotatividade no momento em que ele adquire uma nova coleção. O procedimento, a partir disso, é verificar qual o estado de determinada moeda adquirida e se essa pode ser superior à que ele possui. Neste sentido, sua loja numismata se concentra na venda de moedas que são repetidas de sua coleção. Para finalizar este tópico, apresentamos referências de outros participantes que compõem nossa tentativa de ampliar as identificações do ser colecionador.

Eu não diria que eu sou uma colecionadora de fato, até porque é caro. Eu peguei gosto e comecei a pesquisar sobre as moedas e hoje é o meu ganha-pão. **Mas eu não diria que eu sou uma colecionadora. Eu tenho algumas peças que eu, que eu guardo (...). Tem hora que eu fico com algumas. Tem hora que não, mas tudo vai depender do financeiro. Que eu guardo, vamos dizer aí umas 30 peças variadas entre moedas de prata, bronze e ouro** (Beatriz, Numismática).

Até hoje eu não me considero colecionador não, porque **coleccionador, ele põe, ele cataloga tudo e bota tudo em prática certinho. E eu não faço nada disso. Eu vou achando aquilo interessante e vou colocando as cachaças mineiras, colocando os cachimbos aqui** (Murilo, Cachaças).

Apresentamos que a diversidade do que é o colecionismo se manifesta até nas diversas formas de se nomear o fenômeno. Beatriz, por exemplo, não se considera colecionadora pela limitação financeira que se exige do colecionismo numismata, mas possui “algumas peças” que guarda,

em torno de 30, e que atende a critérios como valor, beleza e apego, mas que, em um momento de “aperto financeiro” ela se desfaz de algumas delas. Isso se apresenta para nós como uma forma curiosa de ser colecionador, que é quando há um certo conforto financeiro. Há momentos em que é possível colecionar, há momentos que não, como uma poupança que poderá ser resgatada a depender das necessidades financeiras da vida.

Murilo, mesmo tendo mais de 300 cachaças que não são comercializadas, todas de Minas Gerais e expostas em um bar no interior do estado (figura 5), não se considera um colecionador por não haver um senso de catalogação, pois o colecionador de “verdade” seria aquele que “cataloga tudo e bota tudo em prática certinho”. No entanto será que apenas aspectos formais de catalogação definem o que é ou não um colecionador?

Figura 5 – A exposição de cachaças mineiras



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores

As cachaças apresentadas na figura 5 ficam expostas por todo o bar de Murilo. Nas conversas informais, ele afirma que os clientes até fazem oferta para o consumo, mas que ele recusa todas, já que elas compõem seu acervo. Na nossa concepção, são nos modos práticos da vida cotidiana que o conhecimento é construído e que permite que pessoas como Murilo sejam colecionadoras. Para além de quaisquer amarras e definições, o ato de guardar objetos a partir de uma narrativa que os mobiliza para nós se caracteriza como colecionismo. Isto e diversas outras coisas. O

coleccionar é um fenômeno social aberto, em constante mudança e que abrange diversas manifestações. Por isso, não nos atemos a quaisquer tipos de tentativa de minimizá-lo.

Hoje eu digo que eu **não sou um colecionador, eu sou um apreciador de música, que gosta de escutar no formato físico**. Antes, antes eu tinha essa nessa questão de “ah, eu quero ser um colecionador, então eu comprava tudo que achei que fosse pertinente ao artista”. Antes eu tinha essa perspectiva. Hoje eu já não tenho mais. Eu gosto de consumir, **apesar de que as pessoas acham que eu sou “ah um colecionador”** (...) Hoje eu me julgo **como um apreciador de música, só que eu gosto do formato de vinil**. (...) **eu não sou um colecionador tradicional** (Bernardo, Discos de Vinil).

É muito difícil das pessoas compreenderem o que é atípico, **uma pessoa que cuida do futuro do passado**. É o que eu faço, **eu cuido do futuro do passado** (...). Eu cuido do objeto, sou um objeteiro. (...) **Objeteiro é uma palavra é um termo que eu criei para me situar, já que as pessoas cometiam o equívoco de me chamar de colecionador, de acumulador, de antiquário, de comerciante etc**. Então eu criei essa palavra para as pessoas de certa forma entenderem **o que eu faço, que é reunir objetos do cotidiano**. E segundo meu olhar, modestamente, eu garimpo os objetos que eu penso que são inusitados e curiosos e peculiares. **Eu não sou um colecionador porque eu não tenho mil caixas de fósforos ou mil moedas. São objetos díspares que eu vou encontrando e posicionando aqui dentro do meu galpão em desordem cronológica** (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Para finalizar, apresentamos outras nomenclaturas que ocorreram nas memórias dos participantes de nosso trabalho de campo. Para Bernardo, mesmo ele possuindo mais de 700 discos, ele não se considera um colecionador por não ter a intenção de adquirir muitos itens de um mesmo artista, por não se balizar pela raridade e nem por buscar completar a coleção. Por isso, ele se caracteriza como um “apreciador de música” que gosta dela em “formato de vinil”. Todavia, apesar de se colocar neste trecho como apreciador, por diversos momentos em nossos contatos, ele se projetou como um colecionador. A diferença que ele procura demarcar são para as pessoas que, em suas palavras oriundas de nossa conversa informal, “por vaidade”, buscam estabelecer critérios de raridade ou de busca incessante por determinado artista.

Reginaldo apresentou uma outra nomenclatura que criou a partir de sua experiência e que define, para ele, o trabalho que realiza: um “objeteiro”. Seu interesse por “reunir objetos do cotidiano” não se caracterizaria um colecionismo por não buscar adquirir, por exemplo, “mil caixas de fósforos, mil lápis ou mil moedas”, e sim por se concentrar em “objetos díspares” organizados em “desordem cronológica”. Ora, é possível, em nosso ponto de vista, ser colecionador e mobilizar os aspectos levantados por Bernardo e Reginaldo, mas também por Beatriz e Murilo. É possível, em nossa visão, ser colecionador que aprecia as músicas a partir do gosto por tê-las no formato de vinil. Se o critério para se considerar colecionador fosse a existência de coleções completas, é muito provável que esta tese estaria restrita somente a

colecionadores de produtos que foram produzidos em pequenas séries. É possível optar, por questões financeiras, por manter 30 objetos no acervo colecionista, sendo preservados tanto quanto em uma coleção de mais de 15 mil objetos, como a de Alexandre. É possível ser colecionador sem realizar qualquer tipo de catalogação dos itens que possui, com datas de entrada e saída, tipos, valores, pagos etc. A gestão com base nos pressupostos enalacrados pelo *mainstream* da Administração não pode ser critério para definição do que é ser colecionador. Caso fosse, estaríamos reforçando os conhecimentos dominantes que tanto buscamos combater, desconsiderando as experiências e as vivências na constituição da gestão.

Não é por não haver o interesse pela compra de todos os modelos de um determinado tipo de objeto do cotidiano que o trabalho feito por Reginaldo não possa ser considerado colecionismo. Há um interesse por objetos que estiveram (e que ainda estão) no cotidiano belo-horizontino, mineiro e brasileiro, foco de suas buscas. A maior parte deles pode ser considerada como antiguidades, nomenclatura que não utilizamos por não ser definida assim pelo participante. Entretanto, diferentemente das tentativas de enquadramento da realidade social, buscamos considerar o fenômeno em sua diversidade, considerando o que nos disse um dos colecionadores participantes desta pesquisa, quando afirmou que falar de coleção não é pensar no fim, mas nos começos. Que possamos apreciar os diversos começos incessantes da vida cotidiana, da vida colecionadora sem buscar critérios de inclusão para este fenômeno.

Lopes e Silva (2018) consideram pressupostos articuladores na experiência colecionista, bem como em suas possíveis variações. Deste modo, os autores afirmam a existência de referências comuns que permitem a articulação de agências individuais das memórias com as memórias coletivas, ou seja, as memórias conexas às coleções podem ser lidas tanto como “práticas de contar” quanto como em referências coletivas no desenvolvimento de uma história comum e coletiva que produz afetamentos nos sujeitos em diversas instâncias. Existem alguns que são comuns, foco de discussão entre os autores, sendo alguns apresentados neste tópico: as motivações do colecionismo despertadas na infância e na adolescência; as práticas colecionistas que se manifestam em redes de interações que, posteriormente, tornam-se redes de sociabilidade; as coleções que englobam processos de marcação simbólica, sendo para o colecionador um fator de distinção; sendo fator de distinção, podem gerar mudanças de valores e referências sobre aquilo que é colecionado, produzindo idealizações para uma futura publicização. Mesmo com essas referências comuns, concordamos quando os autores nos dizem que as variações são possíveis e infinitas nos diferentes afetamentos que reverberam na

composição de arquivos, ou de seus repertórios, e aquilo que é aprendido nesta prática. Por isso, colecionar é o exposto aqui e muito mais, em uma espécie de trabalho inacabado, ou um infindo “*work in process*” (CORDOVA, 2017).

5.1 Os vários começos passados do colecionismo

O objetivo deste tópico é discutir a diversidade dos começos do ser colecionador imbricados nas memórias dos participantes da pesquisa, perpassando questões de família, infância e outros acontecimentos motivadores nas vidas dos participantes da pesquisa, em uma espécie de passado que precisa ser ecoado. A seguir, damos ênfase às memórias dos participantes que buscam estabelecer conexões com as diversidades de coleções em suas infâncias:

O colecionador em geral, **ele é um cara que sempre coleciona várias coisas. Nunca começa com uma coisa e vai naquilo ali para sempre. Eu comecei desde moleque**, colecionando o, a, tinha, colecionando minicraque, colecionando bolinha de gude, aqueles itens da Coca-Cola (Thomas, Tênis).

Colecionar é um tópico na minha vida que eu desenvolvo desde criancinha. Desde pequenininho, eu comecei com o interesse em colecionar lápis, tampinha de cerveja, de refrigerante. Colecionar miniaturas, chaveiros, selos (Francisco, Minerais).

A história do meu colecionismo, **ele começa criança, colecionando borboletas, animais, ovos de passarinhos, maço de cigarro. De arte nada**, porque eu sou do Vale do Jequitinhonha, uma região das mais pobres do Brasil. E eu acho que os ovos e as borboletas são arte. A arte está na natureza, tudo já tá feito, a natureza fez tudo (Cândido, Obras de Arte).

Eu observo os objetos desde criança. Eu nasci com esse traço de observar o objeto do cotidiano, não sei por que também (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Nos trechos destacados nas memórias dos participantes Thomas, Francisco, Cândido e Reginaldo, enfatizamos a temática das coleções que foram sendo criadas no momento da infância. Thomas destaca que as pessoas que possuem o olhar voltado para as coleções colecionam “várias coisas” e que nunca é “uma coisa e vai naquilo para sempre”. Este trecho é reforçado nas memórias de Francisco e Cândido quando afirmam que colecionaram na fase de infância objetos que não foram continuados. Os três primeiros participantes apresentam que colecionavam, neste momento da vida, itens que faziam parte de suas vivências. Distintamente das experiências vivenciadas e que despertavam interesses pelos objetos, o participante Reginaldo opta por atribuir ao inteligível seu interesse por “observar o objeto do cotidiano”. Ora, mas será que o ser humano nasce tão pronto assim que não sofre influências do meio em que possui as primeiras experiências?

Os trechos apresentados convergem para Almeida (2012) ao tratar dos colecionadores como aqueles que não somente reúnem os objetos colecionáveis, mas inventam suas coleções. Os colecionadores seriam, nesse sentido, *bricoleurs* na perspectiva anteriormente colocada por De Certeau (2012), ou seja, aqueles que possuem a capacidade de reunir diversos elementos (em nosso caso, objetos) para criar algo novo. O que Almeida (2012) caracteriza como invenção pode ser, em nosso olhar, o organizar e, por isso, objeto de estudo da Administração: a idealização e concepção, escolha, compra, classificação, manutenção dos objetos e do próprio espaço etc. passam por práticas de gestão em um tempo e em um espaço específico.

Os trechos selecionados também nos remetem à recusa das categorizações universais para tratar o fenômeno, trazidas por Magalhães e Bezerra (2012). Para eles, a noção de prática é inerente ao colecionismo e, por isso, o distancia de quaisquer visões, como a do participante Reginaldo, que pretende naturalizar um fenômeno que não é universal e a-histórico. No mesmo sentido, Costa (2012) reforça que são, nas práticas colecionistas, produtoras de significados, que são elaborados modos de interagir com as histórias, com as memórias e com o tempo, e, por isso, permitem-nos criar novos caminhos no estudo do colecionismo e ousar criar nos estudos sobre a gestão.

Eu acho que é mais **um resgate daquilo que eu tinha vontade de ter na minha infância e que eu não tinha**. Minha esposa até brinca comigo, quando eu compro carrinho, ela fala assim “**você não teve carinho assim na sua infância não? Por isso você tá comprando agora?**” E eu acho que tem uma parte disso também, sabe, **de ter essa memória do que você não teve na infância** (Ronaldo, Miniaturas).

Os modos de agir e interagir com a própria história, memória e com o tempo, apresentados por Costa (2012), encontram respaldo nas recordações trazidas pelo participante Ronaldo. Podemos afirmar isso porque não é só no próprio acontecimento que se busca ser um *bricoleur* das coleções, mas também pela ausência de determinada materialidade que permanece na memória. Isto ocorre pois Ronaldo afirma que a coleção pode ser também “um resgate daquilo que eu tinha vontade de ter na minha infância e que eu não tinha (...) de ter essa memória do que você não teve na infância”. Para ele, o exposto se justifica pela ausência de condições materiais de sua família, que o impediam de ter acesso aos objetos, segundo anotações em nosso caderno de campo. A forma verbal “tinha”, utilizada como 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, indica uma “vontade” que era do passado. E apesar de o participante apresentar como algo passado, tal questão se manifesta no tempo presente, que o faz adquirir os carrinhos e ser ironizado por sua esposa. A memória, nesse sentido, torna-se material a partir dos esforços

sensoriais trazidos por Andrade e Almeida (2018): ela se torna posse, algo que se pode ter, comprar e colecionar, acionando tanto aquilo que se vivenciou, como nos casos de Thomas, Francisco, Cândido e Reginaldo, mas também aquilo que não foi possível vivenciar.

Eu comecei assim, interessar por isso de criança, por influência do meu pai e do meu avô. Eles colecionavam de tudo. Lápis de coleção, caixinha de fósforo de propaganda, moedas. E eu também ajudava meu pai a juntar selos quando a gente recebia uma carta, a gente cortava e guardava o selo (...) e **as coisas que meu pai guardou do pai dele acabaram ficando comigo** (Arnaldo, Antiquidades).

Eu tenho a referência do meu pai (Arnaldo), que sempre colecionou coisas. Eu acho que foi um motivador, porque é uma coisa normal no meu núcleo familiar. De guardar as coisas e de **dar um valor imaterial para as coisas** e ter esse prazer de juntar e tudo (Givanildo, Camisas de Futebol).

Lá em casa era isso mesmo, **papai colecionava garrafa de cachaça. Não bebia, mas colecionava os rótulos das garrafas, canecos,** e eu colecionava chaveirinho quando eu era criança. Eu acho que é de família, **meu pai influenciou a gente muito em muita coisa, e essa coisa da coleção é dele** (Bruna, *Souvenirs*).

Meu pai é geólogo, mas ele não atuava como geólogo. Um dia fuçando, **na minha infância, eu achei guardada a coleção de minerais do meu pai.** E falei para ele “o que é isso?”, e ele falou “são pedras”, tipo assim, pra uma criança entender, e aí eu vi minerais que são flexíveis, minerais todos geométricos, e **comecei a me encantar** (Josias, Minerais).

Nos trechos destacados, o tema proposto nas memórias se refere à influência da família (leia-se, figuras masculinas) pelo colecionismo. Na narrativa de Arnaldo, o contato com as coleções é rememorado a partir dos personagens masculinos da família, explícitos em “pai” e “avô”. A referência masculina também é explícita na narrativa de Givanildo, filho do participante Arnaldo e da participante Cláudia. Do mesmo modo, o participante opta por explicitar a representação masculina do personagem “pai” e silenciar a feminina. Mesmo o participante rememorando a existência de uma prática recorrente em seu “núcleo familiar”, a personagem feminina não é mencionada. Cláudia, apesar de seu interesse recente pelo colecionismo, hoje se considera uma colecionadora de antiguidades.

Almeida (2012) considera os sujeitos que colecionam fundamentais para a compreensão do universo das coleções. Costa (2012), em seu raciocínio, apresenta que os atores que estão envolvidos no desenvolvimento de projetos de coleção estão negociando, constantemente, as dimensões da memória e de seu esquecimento. O objetivo do sujeito que se dispõe a esse processo é o de resguardar os objetos das transformações temporais, atentando-se aos elos entre as gerações e ao cultivo nostálgico do passado. Compreender o projeto de colecionar por parte de um sujeito é refletir sobre sua posição enquanto agente histórico e a sua temporalidade. Assim, “um projeto de memória, envolve, necessariamente, os valores, as emoções, as

memórias compartilhadas pelo indivíduo, em uma relação entre memória e projeção de futuro” (COSTA, 2012, p. 37).

Bruna rememora que, em sua casa, a prática de colecionar era exercida pelo personagem “papai”, declarando que a prática de colecionar era algo “de família”, não mencionando quaisquer personagens femininos que realizam a prática. O mesmo silenciamento ocorre na narrativa do participante Josias, quando menciona: “eu achei guardada a coleção de minerais do meu pai”.

Os trechos apresentados nos fazem refletir: ora, a família colecionadora é composta só pelo membro masculino? Onde estão as mulheres silenciadas nas narrativas e nas memórias como aquelas que colecionavam nos quatro participantes acima? Elas não influenciaram em nada? Dos 29 participantes, apenas Dionísio e Lucca afirmaram que suas mães eram colecionadoras e exerceram algum tipo de influência no hábito, explícito nos trechos: “Minha mãe gostava de guardar as coisas, então eu herdei isso dela” (Lucca, Antiguidades); “minha mãe colecionava” (Dionísio, Miniaturas). As mulheres, são, em sua maioria, silenciadas e pouco mencionadas como aquelas que não se interessam pela prática e não incentivam seus filhos ou netos, tal como já colocava anteriormente Oliveira (2018). A seguir, o carro vinculado ao personagem masculino também é explícito nas memórias dos participantes como motivante no início de três coleções.

Na realidade, eu não queria adquirir peças, não. **A minha ideia era comprar o carro do meu pai (...).** Eu não consegui achar **o carro do meu pai**. Aí quando eu acabei comprando esse aqui, que é igualzinho. Aí começaram a surgir outros carros e as peças que ficam em volta deles para comprar (Lucca, Antiguidades).

Esse Impala mesmo que eu tenho, meu pai comprou em 1976, e eu cuido do carro até hoje. Tem vários momentos de família, vários. Andava eu, meu pai e meus sete irmãos. Nove pessoas dentro do carro. Então meu pai teve esses carros, aí foi conservando, e a coisa virou coleção e virou antigomobilismo. Baseado nisso aí, convivência com **meu pai**, eu fui adquirindo outros carros, e ele me ajudando financeiramente e incentivando. Um dia, **eu com quinze anos de idade, meu pai perguntou “filho, quer esse carro pra você?” Eu falei “quero”**. E ele disse “então me ajuda a conservar para sempre” (João, Carros).

Meu pai tinha um Gol Star de 1989 a 1999, ele era muito cuidadoso com o carro. **Então é a paixão pelo carro, pelo meu pai, pelo cuidado que meu pai tinha com o carro.** E tem aquilo **da família, de estar viajando. Lá em casa nós** somos quatro filhos, então viajava os quatro filhos no banco de trás (José, Carros).

Nas narrativas de Lucca, João e José, a temática em torno do carro do personagem “pai” é desenvolvida nas três recordações. O participante Lucca apresenta sua voz narrativa com proximidade da rememoração. Ele afirma que, no início, sua intenção não era adquirir

antiguidades, mas o próprio carro do pai. Não sendo possível, ele buscou um modelo semelhante e, a partir daí, comprava não só as antiguidades, mas também as peças que se relacionavam temporalmente com os carros que adquiria e lembravam a sua juventude. A partir daí, o participante se tornou um colecionador de antiguidades.

Nas memórias do participante João, o carro que foi de seu pai não precisou ser recomprado nem foi necessário adquirir um modelo semelhante, pois o próprio pai deu o carro ao participante quando ele tinha por volta dos quinze anos de idade. A coleção, segundo ele, surgiu a partir deste carro que foi sendo preservado e que possibilitou “vários momentos de família”. Novamente, o caráter machista das coleções surge a partir do momento que o participante se recorda das nove pessoas dentro do carro, silenciando em suas memórias a existência de alguma mulher nestes momentos, reforçando os argumentos de Oliveira (2018), quando a autora coloca que as mulheres são silenciadas na vivência das coleções. O mesmo silenciamento ocorre nas memórias de José. Compartilhando da mesma narrativa de que o colecionismo surgiu a partir da paixão e do cuidado que o pai possuía com um modelo, explícito no trecho “é a paixão pelo carro, pelo meu pai, pelo cuidado que meu pai tinha com o carro”, o participante opta por explicitar as memórias de família em que as viagens eram realizadas com “os quatro filhos no banco de trás”. Ora, se as viagens eram realizadas em família, se seu pai era o dono do carro, provavelmente o dirigindo e se os quatro filhos estavam no banco de trás, quem estava no banco do passageiro da frente? Provavelmente, sua mãe. Novamente, a personagem feminina é silenciada para exaltação do personagem masculino “pai” como aquele motivador para o exercício do ato de colecionar. Um dos participantes afirma explicitamente sobre nossas percepções:

Pode soar meio machista, mas. O **coleccionismo é um universo basicamente masculino**. Não é porque a mulher não gosta, mas parece que elas não têm o mesmo apelo que o homem tem. É, acho que, acho que isso é **uma coisa mais nossa**. Tem mulheres que fazem, lógico, mas são muito poucas (Vinicius, *Safety Cards*).

Antes de adentrarmos nas questões posteriores aos inícios dos colecionadores, é importante ressaltarmos um tema constatado por nós que surge explicitamente na memória de Vinicius: a de que “o colecionismo é um universo basicamente masculino”. Oliveira (2018) afirma que a exclusão do universo feminino da prática colecionista é algo construído na história pelo fato de que os próprios museus e processos museológicos excluíram, ao longo do tempo, referências às memórias das mulheres. Este fator, não isolado de nossa sociedade machista e patriarcal, contribuiu para que as mulheres não fossem abordadas como colecionadoras, silenciadas na

prática colecionista, que é tratada como algo próprio do universo masculino. A quantidade de mulheres que publicizam a prática também reverberou em nossa pesquisa e alcançamos apenas cinco entrevistadas. Destas, apenas duas delas possuem suas coleções independentes dos homens. As outras três se consideram colecionadoras, mas por influência da figura masculina do filho ou do esposo. Por isso, acreditamos na importância de compreender que tal fato não é por acaso. Historicamente, foi facultado ao homem a escolha pela vida pública, sendo que à mulher foi imposta a reclusão na vida privada. Desta forma, a memória que “pode soar meio machista” (mas que é de fato machista, como a de Vinicius) não é algo isolado, mas que se manifesta nos próprios modos da sociedade, acarretando, de fato, a existência de poucas mulheres colecionadoras. Nos grupos que frequentamos de colecionadores de Miniaturas, Carros, Antiguidades, somente encontramos mulheres que colecionam independentemente da figura masculina nos de Camisas de Futebol. Uma delas, que participaria do trabalho conosco, foi impossibilitada por problemas de saúde. As outras participantes possuem ligação com as coleções, sobretudo de antiguidades, a partir do protagonismo de uma figura masculina. Por isso, em nossa tese, infelizmente, abarcamos pouco do assunto, pois não há estabelecido grupo de colecionadoras mulheres. Existe atualmente um movimento de um grupo chamado “Mulheres Numismatas do Brasil” para promoção do colecionismo de moedas, notas e medalhas. O movimento se torna, neste sentido, importante para a expansão do colecionismo independentemente dos homens e que possui potencial para crescer, mas ainda está incipiente, tendo em vista sua criação no ano de 2021. Voltando à questão das influências familiares, apresentamos o trecho a seguir:

Eu sou piloto de avião e eu coleciono desde novinho. Meus pais também trabalham com avião. Aí eu comecei a voar muito novo, e a **minha mãe guardou, junto com minhas coisas de bebê, a passagem e o *safety card* do primeiro voo que eu fiz na vida.** Aí um dia eu mexi nisso e falei “uai, vou saber onde é que tem isso”, porque tinha foto do avião na capa. Falei “vou guardar isso”. Passei a juntar e vi que existe colecionadores de *safety cards* no mundo todo (Guilherme, *Safety Cards*).

A família influenciou Guilherme ao guardar seu primeiro *safety card*. Os personagens “pais” são explícitos em memória por terem socializado o participante na dinâmica da aviação. Em sua memória, a personagem “mãe” é enfatizada como aquela que guardou “o *safety card* do primeiro voo”, e só após ele ter contato com suas “coisas de bebê” ele se interessou por “juntar” o objeto. A narrativa implícita do participante é que foi após o conhecimento da existência de colecionadores mundiais de *safety cards* que ele se tornou um colecionador, justamente por adquirir conhecimento sobre a forma com que os objetos eram na coletividade.

Eu gostava muito dessas coisas mais antigas. **Que nem pai, ele trabalhava com tropas e tudo, então sempre teve coisas antigas. Eu via ele colecionando e me interessei.** Mas aí só depois que eu comecei a mexer com a pousada, **que eu mais meu filho fizemos as coleções pra decorar aqui** (Renata, Antiquidades).

Eu tive duas fases. Uma da minha infância mesmo, que eu fui até pré-adolescente. Eu via minha mãe e meu avô colecionando, e eu colecionava também. Eu colecionava muito e depois eu parei completamente. **Depois que meu filho nasceu, ele começou a querer "a, pai, me dá um Hot Wheels"**, aí eu fui lá “pô, bonitinho, eu vou ficar com um pra mim e uma pra ele”. Aí acabou. Hoje ele tem 21 anos, ele não coleciona, mas eu continuo (Dionísio, Miniaturas).

Diferentemente das memórias que havíamos apresentado até o momento no tópico em que os pais exerciam influência, a participante Renata e o participante Dionísio rememoram o início de suas coleções por questões distintas e inserem seus filhos como motivadores das práticas atuais. Renata, colecionadora de antiguidades, já possuía o interesse pelas “coisas mais antigas”, explicitando no passado o personagem “pai” para confirmar a socialização com o ato. A narrativa da participante, que apresenta voz narrativa próxima dos eventos, percorre o tempo passado de modo cronológico para inserir seu personagem “filho” na narrativa e afirmar que foi com ele que as coleções de fato se concretizaram, explícito no trecho a seguir: “eu mais meu filho fizemos as coleções pra decorar aqui”. Cabe destacar que o advérbio “aqui” foi utilizado pelo fato de que estávamos no local em que a entrevista foi realizada: um empreendimento de hospedagem, da qual é proprietária.

Dionísio recorda que seu interesse pelo colecionismo, sob influência dos personagens “mãe” e “avô”, era realizado em sua “infância” e abandonado no momento em que era “pré-adolescente”, um mesmo tempo passado. A narrativa prossegue, ainda no tempo narrativo do passado, mas mais recente, recordando o nascimento do personagem “filho” como motivador para que uma nova coleção se iniciasse: a de miniaturas da marca “*Hot Wheels*”. Os pedidos dos carrinhos pelo filho e a justificativa estética explícita no uso do adjetivo “bonitinho” fizeram com que uma nova coleção se iniciasse. Os inícios do colecionismo perpassam, para além das lembranças de infância e de família, algumas outras questões diversas e que são representativas para nosso trabalho:

Eu comecei logo por volta dos quinze, dezesseis anos. **Eu comecei a trabalhar muito cedo e nas horas de folga, frequentava uma loja de discos que tinha lá em Belo Horizonte, na Galeria Praça Sete. Em casa também, meu pai tinha um hábito de ter vinil. Então, naturalmente, eu tive algum interesse** em começar a comprar disco (Bernardo, Discos de Vinil).

Aqui em Belo Horizonte, eu me lembro quando eu tinha lá por volta de sete, oito anos de idade, todo final de ano, a gente ia nas lojas só pra poder pedir calendário. As lojas faziam calendários de bolso pequeno. Eu colecionava aquilo, e a gente fazia a troca como se fosse figurinha de álbum (Vinicius, *Safety Cards*).

Ah, isso **começou a 43 anos atrás**. Eu **estava indo para o Parque Municipal (de Belo Horizonte)** aqui junto com o meu pai e passei na rua Tamoios. **Tinha cinco banquinhas de moedas lá na rua, eu me interessei dali**. Depois de uns dois, três dias, **passei na rua, já comecei a interessar, pesquisar, comprar e dali que começou, despertou ali**. Hoje, gente hoje faz um trabalho em todas as sociedades numismáticas do Brasil. Eu sou, eu sou sócio remido de quase todas elas (Alexandre, Numismática).

Destacamos, nas memórias de Bernardo, Vinicius e Alexandre, o interesse pelo colecionismo que foi aflorado a partir das experiências vividas na cidade de Belo Horizonte, em um momento passado de juventude. O início de Bernardo é rememorado tanto a partir dos aspectos familiares trabalhados neste tópico quanto pela vivência na cidade. O personagem “pai” é apresentado como um dos que influenciaram o olhar de Bernardo para a coleção de vinil. O que é explícito na fala do participante como algo que ocorreu “naturalmente”, nós acreditamos que perpassa uma socialização e construção social que envolvem a familiarização com a coleção de vinil, caracterizando-se com um ponto de referência para sua ação. Ao mesmo tempo, em sua narrativa que ocorre no tempo passado, são escolhidas memórias que justificam o comparecimento à loja da Galeria Praça Sete nos momentos de folga com o fato de trabalhar, explícito no trecho: “eu comecei a trabalhar muito cedo e nas horas de folga, frequentava uma loja de discos que tinha lá em Belo Horizonte, na Galeria Praça Sete”. Torna-se implícito na memória do participante que o ato de trabalhar e ter momentos de folga, possivelmente no centro da cidade, local onde fica a Galeria Praça Sete, possibilitava suas idas à loja e, conseqüentemente, a compra dos primeiros discos de vinil.

O participante Vinicius explicita em seu fragmento narrativo a vivência na cidade de Belo Horizonte ao rememorar que, nas lojas da cidade, eram distribuídos calendários e que, em sua infância este era um objeto que ele colecionava, explícito no fragmento: “a gente ia nas lojas só pra poder pedir calendário (...) eu colecionava aquilo”. Já Alexandre opta por rememorar seu início no colecionismo pela vivência que teve na capital onde, ao passar por uma rua do centro da cidade, viu “cinco banquinhas de moedas lá na rua”, e daí partiu seu interesse, sendo este o fator motivador que o fez pensar, retornar e começar a se “interessar, pesquisar, comprar”. Apesar de explícito na memória do participante, o personagem “pai” ou outros membros da família são silenciados neste início. Não sabemos, portanto, se, com dezessete anos, o participante já conseguia realizar suas aquisições fruto de algum trabalho, comum na época com pessoas menores de dezoito anos, ou se houve algum suporte familiar. Dando continuidade em sua narrativa, o participante dá um salto em sua memória e ressalta a conexão com o tempo

presente, quando se destaca como um dos maiores da sociedade numismatas do Brasil, sendo “sócio remido de quase todas elas”.

Os trechos destacados convergem para as contribuições de Bosi (2015) e Neves (2010) quando as autoras, ao teorizarem sobre o tempo, apresentam que a transitoriedade conexas à vida humana reverbera na necessidade de compreendê-la em sua complexidade. Isto ocorre, pois, para além da suposta linearidade positivista de análise dos fatos sociais, é preciso considerar suas rupturas, continuidades, sensações e afetamentos. Neste sentido, a ruptura de Alexandre, ao pensar o início de sua coleção e já estabelecer uma conexão com o tempo presente, precisa ser analisada em sua complexidade. Olhar para as memórias e, desta forma, para o passado envolve a interpretação dos processos que a eles pertencem, por isso, cabe o distanciamento de quaisquer pretensões de modificação do que se passou para alcance do lugar de reinterpretação. Por conseguinte, o tempo sendo plural e de movimento requalifica o passado visando a um futuro que pode até ser semelhante, mas nunca será igual ao que se findou (BOSI, 2015). Olhar para o passado, conectando com o presente, é um movimento que permite que o futuro seja vislumbrado, mesmo que se silencie ou se relativize todo um percurso entre um tempo e outro.

As dinamicidades das memórias precisam ser discutidas em conjunto com as referências sobre o tempo, tendo em vista que eles constituem um processo equivalente de fuga da inércia (NEVES, 2010). O tempo, conforme anteriormente desenvolvido por Bosi (2015), é trabalhado pelas memórias a partir das vivências e da cultura dos indivíduos. Esse tempo só pode ser recuperado, pondera a última autora, por meio da temporalidade da língua, explicitando a impossibilidade de retomada do tempo físico. Neves (2010) complementa que, mesmo que o tempo se apresente como algo abstrato, ele se refere a uma vivência do que é concreto, há algo que existiu na concretude da vida.

Eu conheci minha mulher em 1966, e foi ela quem me aplicou na arte. A gente, antes de casar, começou a comprar objeto de antiguidade, ganhava coisas da família, ela começou com esse olhar (...). **Nós casamos em 1971, e eu ganhei de presente uma obra de arte. A partir daí que nasceu a chama, o talento.** Talento é a mesma coisa que fortuna, você sabe disso. A origem da palavra talento e fortuna é a mesma coisa. Fortuna é que você nasce com ela. Então **despertou de novo essa fortuna, e eu não parei de comprar arte até hoje** (Cândido, Obras de Arte).

O participante Cândido explicita em suas memórias o momento que iniciou sua coleção de obras de arte. Ele considera a influência de sua esposa, quando afirma que foi ela quem o “aplicou na arte”, por já ter um “olhar” para antiguidades. Todavia foi após o presente de casamento de um amigo, “uma obra de arte” que o participante afirma ter nascido “a chama, o

talento”. Ele, ainda, desenvolve em sua narrativa que o talento significa o mesmo que “fortuna”, sendo importante tal explicação para quando ele afirma que foi um fator que “despertou de novo essa fortuna”. Destacamos que, ao usar a expressão “de novo”, Cândido está estabelecendo uma conexão do passado em que se casou com a sua infância, na qual colecionava objetos da natureza. O trecho é finalizado quando ele estabelece uma conexão do passado com o tempo presente, pois ele não parou “de comprar arte até hoje”. Assim, apesar de uma prática iniciada no passado, com diversos pontos expressos na temporalidade da narrativa, ela se conecta com o tempo presente, sendo um ponto de referência para a ação nos dias atuais. Tal análise converge para as contribuições de autores como Meneses (1992), Guarinello (2004), Seixas (2004) e Bom Meihy e Seawright (2020), pois, para eles, as memórias precisam ser descaracterizadas do lugar de retenção, registro de acontecimentos de fatos históricos já estabelecidos e que não podem ser reinterpretados por serem concretos.

Diversamente desse lugar de mecanicidade, Meneses (1992), Guarinello (2004) e Seixas (2004) consideram que as memórias, no presente, não devem apenas resgatar os fatos ocorridos no passado e desgastá-los, replicando-os, mas que devem reconstruir esse passado com os olhos e as conveniências do tempo presente. Esse passado deve ser questionado, complementado, refeito e repensado em um movimento de constante alteração. O passado recordado hoje não é o mesmo do que foi recordado ontem e não será o mesmo de amanhã. As memórias são, portanto, sujeitas às dinâmicas sociais do tempo em que são acionadas (BOSI, 2003; NEVES, 2010).

Por fim, acreditamos que este tópico possibilitou aos leitores a compreensão do que é ser um colecionador no contexto de nossa pesquisa, além de avançar sobre como estes colecionadores apresentaram interesse para o início de suas coleções. Por isso, dedicamo-nos para a compreensão não só sobre o que é entendido como colecionador, mas o destaque para o passado a partir das dinâmicas familiares e/ou dos vários começos. O colecionador bem como seus inícios estão longe da univocidade. Ao contrário, buscamos apresentar neste tópico que não existe uma única forma de se interessar pelas coleções. Elas ocorrem entre as várias que colocamos aqui e muitas outras que não acessamos por meio de nossa pesquisa. Deste modo, consideramos avançar, no próximo capítulo, o que está sendo considerado como coleção para os participantes e como eles estabelecem (ou não) critérios de entradas para composição delas.

6 O COLECIONISMO E O PASSADO EM EVIDÊNCIA

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade.

Walter Benjamin

Neste capítulo, apresentamos os pontos de referência que nos permitem compreender as coleções em suas complexidades. O colecionismo pode ser tratado a partir das explicações lexicográficas de Espírito-Santo (2011), já que, na língua portuguesa, o sufixo nominal “ismo” adquire sentido conotativo de continuidade de determinada ação ou de certo fenômeno. No mesmo raciocínio, o verbo colecionar no gerúndio (“coleccionando”) é voltado para explicitar a continuidade de um fazer. Como o colecionismo é algo que adquire sentido de movimento, ele não pode ser compreendido a partir da nomenclatura “coleccionado”, no passado e indicando algo finalizado do processo de colecionar. É por isso que a escolha pelo termo “coleccionismo”, substantivo, manifesta o sentido de produção coletiva do fenômeno. Assim, “ao significar as características da ação de quem coleciona, colecionismo fora sustentado pelo termo coleção, que é carregado dos significados das ações colecionistas, as quais permitem indicar situações e movimentos invisíveis no ato de colecionar” (ESPÍRITO-SANTO, 2011, p. 31).

O verbo colecionar é compreendido pelo ponto de vista do estudo das subjetividades que são geradas, em um tempo e espaço específico, a partir dos desejos e das intenções individuais ou coletivas. É importante delinear, então, que o colecionar precisa ser compreendido além do ato aparente de acumular ou arranjar os objetos, mas em sua possibilidade de reunião de coisas que são projetadas por critérios de semelhança ou de significantes (ESPÍRITO-SANTO, 2011; WEITZEL, 2021). Os trechos abaixo reforçam os argumentos da autora:

Na coleção, você considera todo um conjunto, sacou? É coleção, às vezes, se você identifica o item. Carro, você vai por item. Quantos carros você tem? “Eu tenho 15 carros, tenho 8 carros, tenho 10 carros”, entendeu? Agora tem, igual o *countable and uncountable, in English*. Tem o contável, cabelo é incontável, uva é contável, então. **Coleção é sobre o contável e o incontável** (Bonfante, Antiquidades).

Coleção, eu entendo como sendo itens que foram produzidos **dentro de um contexto, de uma época**, não com intuito de serem colecionados pode ser, mas muitas vezes não. E a pessoa guarda aqueles itens porque tem um **apego a eles**. Ou que tem um **valor histórico**. E que são **itens que eles formam um determinado conjunto**. Então,

esse é por **formarem um determinado conjunto. Isso pode ser considerado colecionável** (Vinicius, *Safety Cards*).

Bonfante e Vinicius mobilizam, em seus enredos narrativos, a temática da coleção enquanto um conjunto de itens. Nas memórias de Bonfante, a voz narrativa utilizada é a de segunda pessoa do singular, como se a análise do tema fosse distanciada em um ato realizado não por ele, que é colecionador, mas por “você”. Esta estratégia narrativa é utilizada para apresentar distanciamento do tema e possibilitar a análise do participante como se fosse um sujeito externo ao fenômeno, culminando na afirmação de que a coleção é sobre “o contável e o incontável”. Em sua narrativa, os itens considerados colecionáveis podem ser contados em suas unidades, mas também nas pequenas peças que os formam, ao utilizar as metáforas do “cabelo” e da “uva”, itens não colecionáveis. Já Vinicius mobiliza a temática mencionada a partir do tempo narrativo histórico, apresentando que o conjunto de itens pode se referir a uma época e um contexto histórico determinado. O implícito nas narrativas dos dois sujeitos é em relação ao objetivo dado por cada colecionador. Para que os objetos sejam agrupados e formem um conjunto, é necessária a existência de algo em comum, que pode ser pela característica física do próprio objeto ou os sentidos dados aos sujeitos que optam por colecioná-los, como já desenvolvido na literatura por Formanek (2005), Case (2009) e Miller (2013).

Eu entendo colecionar como o gesto de procurar, reunir no sentido de agrupar, de colocar perto, e conservar e **dar sentido a objetos que estão relacionados com as suas experiências, suas memórias, aos seus interesses**. E aí os interesses podem ser **subjetivos**, que é meu caminho, mas eles podem ser **econômicos** também. Eu não falo disso [do econômico], mas eu nunca desprezo, eu sei que acontece (Volpi, Camisas de Futebol).

No trecho acima, o tema narrativo que se apresenta é a coleção como reunião de objetos. Em adição a este aspecto, já tratado nas narrativas anteriores de Bonfante e Vinicius, Volpi traz a questão dos significados e das memórias individuais. Para ele, o ato de colecionar envolve o “dar sentido a objetos que estão relacionados com as suas experiências, suas memórias, aos seus interesses”, convergindo para as contribuições de Dohmann (2015, 2017) quando o autor afirma que os objetos representam uma espécie de tangibilidade para as memórias e experiências. Ao destacar as memórias, o participante traz para sua análise o tempo narrativo implícito do passado, em uma linguagem reflexiva que sustenta a valorização das experiências na relação do colecionador com sua coleção.

As rememorações de Volpi convergem para a afirmação de Silva (2013), Wilson (2016) e Gardner (2019) de que a memória, o tempo histórico e a narração fazem parte do mesmo grupo de experiências autênticas. A autora destaca, no pensamento benjaminiano, o amparo da

memória na experiência, sendo constatada na modernidade a partir da crise das estruturas históricas. Ao mesmo tempo que os homens procuram se distanciar das formas objetivas de estabelecer a realidade social, perdem-se os pontos de referência que acarretam o próprio julgamento do homem enquanto tal. Como uma das formas de solucionar esse problema gerado, Silva (2013) nos apresenta que Benjamin se ancora nas memórias para ir além da história factual e determinística para alcançar o próprio compartilhamento das experiências autênticas.

Para superar o estabelecimento de verdades embasadas historicamente, Benjamin conta, de acordo com Silva (2013), com a imaginação e a interpretação (ou reinterpretção) dos fatos pelos sujeitos, o que é possível por meio das memórias, como no caso de Volpi. D'Angelo (2016) complementa que o movimento das memórias de trazer o passado para o tempo presente é uma forma de criar um novo futuro, de trazer para novas possibilidades o que antes se passou, atendendo a expectativas desse tempo do agora. Nesse raciocínio, podemos considerar que Volpi realiza o mesmo movimento: recria, a partir das memórias, os significados para os objetos do passado no tempo presente.

Compreendemos que, para Volpi, colecionar se conecta com a vivência de um passado e da própria vida. Ao mesmo tempo, mesmo não sendo o foco de Volpi, ele busca considerar a existência de uma vertente econômica, que é silenciada em sua narrativa em um aparente desconforto, tanto no tom de voz constatado na conferência da transcrição da entrevista quanto em nossa percepção anotada em nosso caderno de campo. Em um dos momentos, o participante disse que poderia mensurar economicamente, por exemplo, o valor das peças de sua coleção, mas que este movimento não abranja a imensidão que caracteriza o ato de colecionar. A questão econômica é importante e aparece, mas não dá conta de representar o significado da coleção, convergindo para as contribuições de Case (2009) de que as questões econômicas não necessariamente pautam as práticas colecionistas e que elas alcançam as implicações de identificação do sujeito. Um excerto que considera a coleção como reunião de objetos, mas que está além da questão econômica, é apresentado a seguir:

A coleção pode ser a reunião de objetos que remetem às memórias tristes e felizes, ela pode ser página de livro contando histórias sobre as bandas, sobre as suas idas ao show, a cidade da sua vida. A coleção, ela pode abrir muito parêntesis, ela pode ser um livro ou uma biblioteca. **A coleção depende do que tem ali por trás de tudo.** porque eu posso comprar uma coleção pronta e que ela vai ser fria. Se um dia alguém comprar minha coleção de palhetas está comprando um livro que pra mim é uma biblioteca, **porque eu vivi cada palheta, mas para outra pessoa não,** seria uma coisa muito fria. Seria **uma coisa bem sem passado** (Gump, Palhetas).

Gump adiciona o tema subjetivo das coleções ao apresentar que a coleção pode reunir “objetos que remetem às memórias tristes e felizes”. Este trecho se torna importante para nós por apresentar que há um sentido dado à reunião de objetos e que ele pode remeter às várias memórias, que podem ser positivas, mas nem sempre são. Em uma coleção, existem aspectos felizes e tristes que podem ser mobilizados, significados que podem ser atribuídos a depender dos objetos que compõem a coleção (VENN, 2005; DOHMANN, 2015). Para Gump, são exatamente estas experiências, apresentadas no tempo narrativo do passado, que fazem com que a metáfora do livro e da biblioteca seja usada, sobretudo em um contexto econômico. Para ele, se em algum momento houver uma venda de suas palhetas colecionadas a partir dos shows aos quais foi, o comprador estará adquirindo um “livro”, mas que para ele a dimensão econômica não alcança as vivências que ele possuiu com cada um dos objetos, o que torna aquela coleção uma “biblioteca”. Inspirados em Benjamin (1987a), acreditamos que essa biblioteca só pode ser desempacotada pelo próprio sujeito que a formou. Por isso, o trecho narrativo é encerrado com a declaração de que, para um comprador, uma coleção já pronta se torna “uma coisa bem sem passado”. É o passado vivido em cada uma das palhetas (figura 6) que dá significado a esta coleção.

Figura 6 – A coleção de palhetas de Gump



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Na figura 6, é possível visualizar parte das palhetas colecionadas pelo participante Gump. Várias foram ganhadas no contexto dos shows, mas também em outros momentos com artistas

brasileiros, já que ele possui em sua profissão uma inserção midiática. Para ele, segundo nossas anotações, mesmo as que não são oriundas de sua presença em shows são colecionadas a partir de uma relação de amizade com os artistas e as memórias das músicas das bandas de que gosta.

As narrativas de Bonfante, Vinicius, Gump e Volpi convergem com a proposição de Espírito-Santo (2011, p. 30) quando ela considera o colecionismo como ato de “coletar, reunir e compor acervos ou arranjar peças consideradas de cunho memorialistas, com traços fetichistas, com propriedades históricas e artísticas, num determinado espaço e tempo”. Os elementos complexos de compreensão do colecionismo são, portanto, atos relacionais de determinados sujeitos e certos objetos, estabelecendo vínculos entre os indivíduos e a sociedade (ANDRADE, 2018). Para refletir sobre seu significado, é preciso ir além da aparência dos objetos e analisá-lo como atividade humana, ou seja, como interação dos sujeitos com o mundo em si. Essa interação dos sujeitos que destacamos é que dão significado para a coleção (DOHMANN, 2017). Não basta apenas reunir objetos. É preciso dar a eles significados, que, em nossa tese, constroem-se por meio das memórias e das experiências vividas com eles. Em contraponto às memórias discutidas por Volpi e Gump, de que a dimensão econômica não alcança os aspectos colecionistas, o participante a seguir apresenta um outro ponto de vista.

Você pode colecionar e fazer uma coleção de mil, de dez mil, de cem mil reais, um milhão ou um bilhão de reais, depende do seu bolso, do seu nível, do seu conhecimento. Mas tem coleção para tudo. Se o cara quiser, pode fazer a coleção de aço, prata, de bronze, de níquel, você tem que ver seu bolso para ver o tipo de coleção que você vai fazer, tem bolso para tudo. (...) depende de cada bolso, de cada um e o que ele quer fazer (Alexandre, Numismática).

Alexandre manifesta em suas memórias o tema de “coleccionar depende do seu bolso” no que tange ao tipo de coleção que irá ser feita, apresentando em sua voz narrativa um distanciamento do fenômeno, por meio da segunda pessoa do singular “você”, deixando implícito que se trata da condição financeira de outro, não da dele. Para isso, ele apresenta as possibilidades financeiras do colecionismo numismática. Diferentemente da perspectiva de Volpi e Gump, que ressaltam as memórias e as experiências particulares para constituição das coleções, Alexandre opta por reforçar o lado econômico, assim como Dale (2008). Para o participante, “você precisa ver seu bolso”, mas “nada impede você fazer uma coleção de bronze por três, quatro mil reais”. Percebemos em nossas entrevistas e em nossas anotações de caderno de campo das feiras numismatas em que tivemos presentes, que esta categoria de colecionismo valoriza e reforça a questão econômica frente às subjetividades com as peças das coleções, convergindo para as exposições de Dale (2008) e Case (2009). Se para Volpi e Gump, por

exemplo, as peças são importantes por fazerem parte de uma vivência, uma experiência humana, a relação para com os objetos numismatas incide de duas formas diferentes: pelo reforço do valor histórico das peças para a sociedade e do valor econômico que elas possuem. Não raro foi vermos negócios nas feiras que envolviam quantias de vinte, trinta mil reais por uma única moeda. Em um site de um vendedor numismata mineiro, encontramos uma macuta, com dois recunhos diferentes, então um objeto raro, no valor de 139 mil reais (figura 7).

Figura 7 – Macuta vendida em um site numismata mineiro



Retirada de: <https://www.numismaticaneves.com.br/2-macutas-1816-66-perolas-rec-sobre-1-macuta-1786/p>
Acesso em 08 de maio de 2023

Os aspectos subjetivos relacionados às memórias, mobilizados em muitos tipos de coleções, pareceram-nos relegados ao segundo plano nas coleções de moedas. As lembranças particulares para com os objetos numismáticos, como acontece em outras coleções, não adquirem destaque, o que para nós passa pelo fato de que muitas peças possuem, a depender do foco da coleção, sua circulação anterior até ao nascimento dos colecionadores, além de caracterizar um investimento financeiro por sua valorização no mercado, como apresentado na figura 7.

Entretanto, outras coleções que visitamos são consideradas pelos participantes como de valor histórico para a sociedade e também para eles, não sendo tão demarcados por este viés econômico:

Eu acho que tem muito a ver com guardar um pedaço da minha história. Eu acho que **todo mundo que coleciona, coleciona alguma coisa que gosta. Então é um pedaço da história de tudo. E nunca é só dos objetos também. Toda a coleção para mim, tem alguma, um pedaço assim de história. Eu acho que tem um valor muito histórico** e normalmente alguma coisa do interesse de quem está colecionando. **Ninguém vai colecionar uma coisa que não sente interesse, que não vai gostar de ficar olhando os detalhes** (Givanildo, Camisas de Futebol).

Eu vejo uma coleção como algo que tem um valor histórico, porque são itens que eles vão se tornar raros e eles vão retratar um momento da história, pode ser da minha história ou da história da sociedade. É o caso dos *safety cards* que contam uma história da aviação. Os cartões telefônicos contam uma história da evolução da telefonia no Brasil (...), eu vejo muito esse lado da preservação histórica (Vinicius, *Safety Cards*).

Está tudo articulado assim. A imagem, o sentido, a história, a memória. A camisa de futebol carrega isso, a camisa futebol tem um *design*, tem uma cor ou algumas cores e **tem história, tem memória. A coleção carrega tudo isso** (Volpi, Camisas de Futebol).

Distintamente do tom implícito do valor histórico das coleções tratado no último trecho destacado de Alexandre, os participantes Givanildo, Vinicius e Volpi possuem em suas narrativas um tema narrativo em comum: a de que as coleções carregam com elas significados históricos. Eles reforçam no tempo presente, o passado que postula um futuro: a de que os objetos preservados carregam com eles uma história e uma memória. Neste sentido, podem ser a história e memória do próprio objeto (BELK, 1995), como em Volpi; pode ser a história da sociedade ou das relações dos sujeitos com as coleções (DOHMANN, 2015; ANDRADE, 2018), como em Vinicius; ou a história de quem está colecionando (CASE, 2009), como em Givanildo. Todos estes aspectos aparecem nos três trechos narrativos, implícita ou explicitamente, com a diferença de que cada um dos participantes opta por recordar um aspecto deste.

De Certeau (1982), ao citar brevemente algumas impressões sobre o colecionismo, apresentamos a compreensão de que colecionar foi considerado na história, durante muito tempo, como ato de cópia, impressão, reunião e classificação dos objetos. Entretanto, a colocação de que os colecionadores, diante de pertinências sociais e intelectuais que surgem, reinventam o próprio processo histórico convergem para as falas de Givanildo, Vinicius e Volpi. A coleção, então, é, a todo tempo, transformação dos próprios instrumentos do trabalho, do olhar para o trabalho, que coloca um outro tempo no circuito: o tempo histórico contemplativo. Esse tempo, para o

historiador francês, permite distribuir coisas, redefinir unidades de saber e instaurar constantes recomeços e, por isso, possibilita outras (e novas) histórias.

Coleção é, **em um momento da sua vida, aquilo que te chama atenção**. Então a coleção ela desenvolve do seu momento da vida e **faz parte da sua história** (Bonfante, Antiquidades).

Os carros, você pega igual, eu que sou colecionador de carros, **cada carro tem sua característica e tem sua memória, tem muita história nossa com eles** (José, Carros).

Já as narrativas de Bonfante e José optam por recordar os momentos vividos com os objetos ou o momento da vida em que eles despertaram a atenção do sujeito, seja no momento que se podia colecionar ou não. Delineamos este último aspecto, sobretudo na fala de Bonfante, que recorda, por exemplo, um parente que possuía uma coleção de caixinhas de fósforo da Seleção Brasileira campeã do mundo de 1958, mas com a qual ele só foi ter contato anos mais tarde. Por isso, o que este participante chama de “momento de vida” não significa exatamente o momento em que a coleção é adquirida e estabelecida, mas uma experiência que se teve ao longo da vida e na qual este objeto esteve presente. Na recordação de José, quando explicita que “cada carro tem sua característica e sua memória”, ele não está recordando o valor histórico do bem, mas as memórias específicas dos momentos que foram vividos com cada um dos carros. Quando ele usa a expressão valorativa “característica”, ele não está apresentando um aspecto em si do carro colecionador, mas dos diferentes momentos e ocasiões que cada um dos carros aciona em sua lembrança. Esta análise nossa foi possibilitada por nossas anotações no caderno de campo. Ao irmos a campo e visualizarmos a garagem dos participantes, verificamos que se refere a uma garagem (figura 8) em que três amigos cuidam de uma coleção do total de 14 carros, que conhecemos no local. Apesar de José ser a pessoa que desembolsa os valores para as compras e reparações, todos os três amigos se percebem como donos da coleção, sendo esta capaz de despertar lembranças individuais e coletivas, tal como exposto por Silva (2015). Neste contexto, nossa visita na garagem envolveu um momento de muitas lembranças e recordações por parte de José e de Daniel. As recordações e os momentos felizes e tristes que foram sendo contados ao longo de nossa visita nos permitiram esta última análise: de que a característica de cada carro é uma característica do que foi vivido com cada um destes objetos.

Figura 8 – Os carros de José e Daniel

Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

O panorama que trouxemos do trecho destacado de José converge com Cavedon *et al.* (2007) quando eles afirmam que os significados direcionados aos objetos colecionáveis são construídos socialmente, e, por isso, eles precisam ser analisados de acordo com o contexto no qual fazem parte, sendo, neste caso, a valorização dos veículos da figura 8 como objetos que acionam memórias. Na mesma esteira, Magalhães e Bezerra (2012) contribuem no debate ao pensarem em uma polissemia necessária para pensar o ato de colecionar, ou seja, sobre o modo com que as diferentes ações nesse contexto possuem diferentes sentidos e significados, não cabendo análises que considerem somente categorizações únicas, como noções de nostalgia, a relíquia, a museália etc. O que os autores nos chamam atenção é que estas são categorias válidas, desde que sejam pensadas em conjunto e observados os diferentes aspectos inerentes a elas. Nesta perspectiva, o ato de colecionar precisa ser compreendido a partir da interação de diversas possibilidades que geram uma pluralidade de olhares e que consideram o tempo e o espaço em que o fenômeno está inserido, distanciando de quaisquer tentativas de buscar a linearidade e, de igual modo, estancar o mundo. Por isso, uma coleção coletiva, que valoriza as relações de amizades entre os sujeitos inseridas nelas, precisa ser analisada em sua peculiaridade. É este

aspecto que mobiliza nosso argumento de que as coleções particulares mineiras possuem uma diversidade *per se*, e que não podem nunca umas serem analisadas sem a compreensão do contexto único em que elas se dão. Mesmo que haja aspectos semelhantes, elas nunca partem do mesmo ponto de saída, não mobilizam os mesmos recursos, não objetivam as mesmas questões e não são estabelecidas da mesma forma. Cada uma das coleções possui um olhar ímpar para o mundo social e, por isso, apresentam-se para nós como possibilidade de avanço no conhecimento científico histórico que não pode (deve) ser universalizado. Por isso, há algo que mobiliza os sujeitos em diversas instâncias que faz com que as coleções tenham diversas repercussões nas vidas dos sujeitos:

A coleção pra mim é **um trem que [pausa] é a paixão, que é uma coisa meio irracional, que eu acho, você não pensa quando você começa, você vai se apaixonando**. O mais importante da minha coleção pra mim na minha vida é que eu olho. **A maioria dos elefantes são presentes de amigos, alunos. Conhecidos às vezes tem gente que nem tanto contato comigo, e você se faz lembrado, sabe?** E eu lembro de cada pessoa que me deu. **Nossa, mas eu amo, é uma alegria, assim é a presença da pessoa na minha vida** (Bruna, *Souvenirs*).

As memórias da participante Bruna possuem, como temática, o motivo de se ter uma coleção. Bruna em sua entrevista se emociona ao recordar os elefantes que recebeu. Por isso, sua narrativa começa com “a coleção pra mim é um trem que [pausa]”. Neste momento, faltam palavras para a participante, e ela se recorda dos diversos itens com que foi presenteada. Sua linguagem não verbal, traduzida pelo choro, reforça como os itens são de extrema importância para ela. Ela utiliza a expressão valorativa “paixão” para traduzir sua coleção, que seria de certa forma irracional, pois, para ela, não há uma estruturação do pensamento, pois “você vai se apaixonando”.

A moral que sustenta a narrativa e a ação da participante é a de que a coleção articula uma série de sentimentos que a faz ser lembrada por meio dos presentes que ganha: os *souvenirs*, que, em seu caso, são mais de mil e trezentos elefantes de decoração que estão espalhados por toda sua casa. Sua memória começa com um distanciamento no uso da segunda pessoa do singular “você” para realizar uma análise distante do tema. Contudo, a participante mobiliza os personagens “amigos”, “alunos” e “conhecidos” para sustentar sua argumentação memorialística chave: os *souvenirs* como a presença das pessoas em sua vida. Para ela, não se traduz em tipo de material recebido, mas em uma dualidade: ser lembrada por quem oferta o presente e lembrar de quem a presenteou, como apresentado em Arantes (2010). O contato com ela nos faz refletir: por que não uma mensagem, uma foto, mas uma coleção de *souvenirs*? Não sabemos a resposta para tal questão. E talvez seja para não saber e apenas refletir sobre o motivo

pelo qual a coleção de itens apresenta uma magnitude apenas a partir da presença física dos objetos (DOHMANN, 2015), como ilustra a figura 9.

Figura 9 – Os elefantes decorativos



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Bruna mantém os objetos, apresentados na figura 9, por toda a casa. Os *souvenirs* colecionados são de elefantes, e eles estão por todos os cômodos de seu apartamento: salas, quartos, cozinha, banheiro e nas áreas externas. Tudo que remete aos elefantes são itens colecionáveis para ela, já que as pessoas com quem possui contato ofertam presentes de todos os tipos. A coleção se expande dos objetos *souvenirs* e alcança panos de prato, chinelos, toalhas, roupas, copos, talheres, pratos e quaisquer objetos que remetam ao animal.

A coleção me faz lembrar das reuniões de família. A gente se reunia, se encontrava sempre. Então, **tem muita coisa ali que remete há anos atrás, a minha avó, a minha mãe, as reuniões de família**, as coisas que tinham, os objetos que tinham lá (Arnaldo, Antiquidades).

As memórias de Arnaldo mobilizam a recordação dos acontecimentos passados, de modo nostálgico, como aquelas que influenciam na sua coleção de antiguidades. Para ele, a coleção aciona em suas memórias as “reuniões de família”, nas quais as matriarcas de sua família se reuniam anos atrás sob o cenário de diferentes objetos. Neste sentido, a memória do participante se volta para uma coleção em uma tentativa de resgatar e recuperar esse passado, ou seja, a coleção é apresentada como um resgate histórico que liga as memórias do colecionador com a família do sujeito, tal como apresentado anteriormente em Oliveira *et al.* (2016).

Ao pensarmos no olhar para o passado, cabe refletirmos sobre um termo que constantemente se evidencia nos estudos colecionistas e que é fundamental para compreendermos o fenômeno tal como ele é: a nostalgia. A discussão encontra suporte em Boym (2017) quando a autora apresenta dois pontos de referência. O primeiro é uma nostalgia restauradora, que evoca o passado com uma ideia conservadora do presente, um lugar do futuro do passado. Em suas características, ela se reconhece como a protetora de uma verdade absoluta que existia em um passado, o qual, a partir de valores universais (família, natureza, pátria), deve ser restaurado, assim como os hábitos que deles faziam parte.

O segundo ponto, no qual posicionamos nosso trabalho, é uma nostalgia reflexiva que, em vez de espacializar, temporaliza o tempo. Ela não procura cessar mudanças, mas vivenciar os acontecimentos por meio delas, tal como a ação do participante Arnaldo. A nostalgia reflexiva, diferentemente da restauradora, busca contrapor as verdades absolutas e, por isso, valoriza os fragmentos esparsos da memória. Ela apresenta um futuro em aberto, um futuro repleto de possibilidades que não se restringe à repetição do passado, compreendendo que a nostalgia “reside na ambivalência do pertencimento e saudade humanos e não se desvia das contradições da modernidade” (BOYM, 2017, p. 159).

A partir de nosso posicionamento sobre a nostalgia, é possível desenvolver sua oposição a uma abordagem tecnicista, que é mais próxima da abordagem da nostalgia restauradora. A oposição entre as nostalgias apresentadas se trata do mesmo fenômeno desenvolvido ao longo desta tese: a oposição entre uma gestão *mainstream*, uma memória, uma forma de ser e estar no mundo tecnicista, voltada para a obtenção de novos meios utilitaristas para repercussão do lucro; e uma gestão da vida social organizada, das memórias plurais, que reconhece formas diversas de ser, pensar e estar no mundo a partir da diversidade.

O tecnicismo, exemplificado na nostalgia restauradora, tenta colocar a nostalgia reflexiva como inútil, pois, para ele, não há qualquer tipo de ganho com a reflexão que visa à superação de um passado repleto de dominações e exclusões. O utilitarismo na qual a nostalgia restauradora se aproveita reverbera uma concepção de “retorno às origens” de tal modo que a diversidade de mundos, de ideias, de concepções (e de administrações, de memórias) seja totalmente desconsiderada. E como analisar, por meio da nostalgia restauradora, um fenômeno que é em sua existência a própria diversidade por meio de uma concepção que busca uma verdade

absoluta? Não é na busca por uma nostalgia do que foi o objeto um dia, buscando voltar para esse momento originário, que posicionamos nossa tese. Pelo contrário, ao nos suportarmos em uma nostalgia reflexiva, estamos interessados no estudo das relações que, por meio de um vir a ser constante, caminham para novas flexibilidades que integrem a vida, uma reflexão para Boym (2017) que complementamos com um refazer e repensar, mas não para um restabelecer de uma suposta harmonia. É uma reconsideração constante das coleções por meio das memórias, um reescrever que está no cerne do que pode ser a história.

Compreender as coleções em seu “vir a ser” não significa reforçar a razão instrumental de que as ações humanas devem atender ao progresso que nunca se finda, ao alcance da técnica ótima de gerir e na aplicação do modelo moderno. Pelo contrário, significa dialeticamente nadar contra a corrente capitalista que lança a novidade que está prestes a se tornar sucata (GAGNEBIN, 2005). É possível dizer que a valorização dos objetos velhos se caracteriza como uma dialética, como todos os fenômenos sociais; ao mesmo tempo que se retira o poder de desvalorização dos objetos antigos, eles são tratados como novos em uma nova lógica de relações dos sujeitos para com as coisas, vide valor monetário que alguns possuem no circuito colecionista. Os autores chamam a atenção para a temporalidade, que o sistema capitalista tenta colocar como única, mas é plural e diversa. Tanto Dohmann (2015) quanto Martins e Correia (2023) complementam que esta temporalidade é acompanhada de outras formas de saber, de ver o mundo, de se relacionar com as coisas e objetos, considerando as relações histórico-sociais vigentes.

Pedrão e Bizello (2016, p. 836), considerando as contribuições da nostalgia reflexiva, afirmam que “as coleções são uma junção de memórias e lembranças traduzidas por objetos diversos escolhidos e organizados pelo colecionador”. Nesse sentido, suportamo-nos nestas autoras e reconhecemos a diversidade inerente ao estudo do fenômeno e nos atemos ao estudo memorialístico dele, destacando mais suas desarmonias do que suas convergências. Tal proposição só é possível a partir da compreensão de que as memórias são mutáveis e que atendem aos interesses do tempo presente em que se estuda, conforme anteriormente colocado por Bosi (2015). Neste caminho, é possível apontar ainda que:

Uma peça, quando mantida no seu arranjo de coleção original, conserva os valores que a sociedade ou o poder que lhes atribuem. Neste caso predomina a sua dimensão testemunhal, destinada a evocar determinada memória e a cumprir funções, que ultrapassam tanto o âmbito material quanto o funcional (GUIMARÃES, 2012, p. 231).

Em Nora (1993), é possível apreender que a memória se torna possibilidade de estudo das coleções a partir da consideração de que a nostalgia carrega com ela um sentimento de continuidade e recuperação de lugares, fatos e objetos. Olender (2012) complementa a pista dada pelo autor ao afirmar que as coleções seguem a proposição de “lugares de memória” pelo fato de serem criadas a partir de uma operação histórica que, esquematicamente, apresenta os objetos distantes de suas funções originais. Assim, os objetos “perdem a sua “memória inata” e são instalados em locais de celebração de alguma história” (OLENDER, 2012, p. 154–155).

A concepção de “lugares de memória” de Nora (1993) aparece tanto em Guimarães (2012) quanto em Dohmann (2015) para tratar das coleções enquanto lugares simbólicos em que o passado sobrevive a partir de seus fragmentos. Deste modo, os últimos autores concluem que as coleções são consideradas a partir de critérios de pertencimento e continuidade, conferindo, desta forma, um caráter artificial:

Lugares de memória são simples e ambíguos, naturais e artificiais, abertos às experiências mais sensíveis e ao mesmo tempo alvos de complexas elaborações abstratas. São lugares nos três sentidos do termo: material, simbólico e funcional, porém, simultaneamente de graus diversos. Mesmo um ambiente de aparência apenas material só vem a constituir um *lugar de memória* [grifo do original] quando a imaginação o investe de uma aura simbólica (GUIMARÃES, 2012, p. 230).

Pelo mesmo raciocínio de Guimarães (2012), as coleções podem ser consideradas lugares de memória quando se propõem, de modo sistematizado, a realizar a preservação material dos fragmentos do passado. Colecionar, tal como a memória, é estar em um processo que acarretará a guarda de umas coisas em conjunto com o esquecimento de outras, ou seja, um procedimento cumulativo, seletivo e intencional, que nada tem de natural. Ao mesmo tempo, a memória não pode se reduzir apenas ao processo de lembrança e esquecimento, “pois o objeto da memória constitui das práticas individuais e coletivas que se transformam no percurso dinâmico em que os grupos buscam representar sua memória cultural condicionada a um dado contexto histórico e sociocultural” (FARIAS; BIZELLO, 2016, p. 105).

A coleção é **uma forma de você canalizar o prazer para alguma coisa**. O ser humano tem que ter é, vamos dizer alguma coisa para ele. **Desestressar, ele trabalha o dia inteiro e tal, chega aí, chega em casa, dá uma olhada na coleção** (Kleber, Miniaturas).

Às vezes eu fico pensando, “eu estou juntando esse mundo de papel aí para quê?” Às vezes passa pela minha cabeça. **Só quem coleciona sabe o que isso significa, o valor que tem** (Guilherme, *Safety Cards*).

Murilo e Guilherme articulam em suas memórias duas formas distintas de conceber a coleção. Murilo apresenta que ela é uma possibilidade de canalizar o prazer para algo. E por mais que

ele tente distanciamento no uso do pronome de tratamento “você”, ele apresenta pontos de referência para sua própria ação. Então, para o participante, ter uma coleção está conectado com momentos de “prazer”, para “desestressar” no tempo narrativo do presente. Guilherme explicita um desconforto com a coleção, quando reflete que, às vezes, pensa no motivo pelo qual está “juntando esse mundo de papel”. A narrativa, que se dá no tempo presente, não postula um objetivo futuro, já que ela se torna um acumulado de papel, na visão do participante. Fica implícita em sua memória a existência de algum tipo de conflito, pois somente as pessoas que colecionam os *safety cards* sabem o valor que eles possuem, de acordo com os dados da pesquisa. Ora, apoiamo-nos na mesma aflição de Miranda (2012) e nos questionamos sobre um ponto fundamental: quais são as motivações de uma coleção? Longe de tratar a questão de forma objetiva e de buscar uma resposta única, o autor considera sua multiplicidade de práticas, sendo a nostalgia, como apego ao passado, apenas uma destas. Entretanto, ainda assim, complementamos: quais são os aspectos que fazem com que, em momentos reflexivos, a coleção se torne um simples “juntar”? Qual então seria o motivo que o faria continuar “juntando”, participando de grupos e de encontros se a coleção é algo que aparenta não ter sentido? Em nossa análise, por mais que o participante seja piloto de avião e a coleção seja relacionada à sua coleção, há um apego aos objetos. Em conversas informais com Guilherme, conforme nossas anotações de caderno de campo, ele disse que não se desfaz porque “não ocupa espaço”, tendo mais de mil cartões armazenados em uma caixa no alto do guarda-roupa. Todavia, há outra questão que nos faz refletir sobre o que motiva a continuidade da coleção: seu caráter proibido.

A gente corre e pega **porque não pode tirar do avião, todos têm essa coisa aqui oh “por favor não retire este cartão do avião”**. Teve uma vez que **a comissária de bordo pediu para devolver, mas eu já tinha pegado outros**, eu sabia que ela ia pedir para devolver. **Eu já tinha me garantido e pegado vários, o cartão era raro**. Mas eu tava só sendo educado “Ei, tudo bem? Eu posso levar?” Só que eu tava sabendo que ela ia falar “não”. E só pensei **“Coitada, a essa altura do campeonato eu já fui muito mais rápido que ela”**. E assim, **não pode tirar do avião porque é caro para a empresa**, além de ser um item de segurança (Guilherme, *Safety Cards*).

A memória de Guilherme apresenta, em nossa análise, a resposta para nossos questionamentos. Pode ser pelo caráter proibido, além da ideia de raridade, que a coleção de cartões de segurança de avião, os chamados *safety cards*, continua sendo movimentada. Esta se torna uma coleção proibida justamente pelo fato de não ser permitida a retirada destes objetos de segurança de dentro dos aviões. Os cartões, com os quais tivemos contato com nossos participantes, são elaborados em folhas de papel, coloridos e que, para o participante, podem representar um alto custo para as empresas aéreas. Ainda assim, ele rememora um voo internacional em que estava

como passageiro e como foi se deu a estratégia para coleta do máximo de *safety cards* raros que ele conseguiu: “sendo mais rápido” do que a personagem “comissária de bordo” e subtraindo os itens proibidos de dentro do avião. Por isso, acreditamos que é o fato de ser uma coleção proibida, que ocorre no mundo inteiro, que o participante ainda permanece colecionando os itens. Um outro aspecto que é mobilizado nas memórias dos participantes e que nos ajuda na complexidade de compreensão do fenômeno das coleções é em relação à obsessão que elas causam:

Eu já tô mais desapegado, a gente tem que ficar atento. **A coleção vira uma obsessão, cara. É uma obsessão isso pra mim.** Tem gente que acha que tem outra explicação. **Se você começa a viver em função dela, ela vira uma obsessão na sua vida** (Bernardo, Discos de Vinil).

A coleção de palhetas não fica obsessiva. A de camisa eu estava bem obsessivo por um tempo. Assim “quero a camisa de 97, número tal que era a camisa do jogador tal”. **Quando a coleção parte para obsessão, ela perde um pouco do prazer gostoso que tem nela.** Eu não quero que a palheta vire uma obsessão nessa parte (Gump, Palhetas).

Se eu falar que não existe limite para uma coleção, eu não chego em casa hoje (risos). Pode ser sincero? **Colecionar é uma obsessão, é difícil. A gente quer ter mais e mais** (Lucca, Antiguidades).

A obsessão que muitos de nossos participantes relatam convergem com os apontamentos de Modenese (2011) e Oliveira (2017). As memórias dos trechos acima destacados apresentam um tema narrativo explícito da obsessão pela coleção. O participante Bernardo opta por rememorar sua coleção apresentando no tempo presente que já está “mais desapegado”, deixando implícito que no passado houve momentos de maior apego à sua coleção, orientando que é preciso “ficar atento”. O aspecto obsessivo, então, é articulado em sua memória sob um ponto negativo de referência para a ação, já que estar obcecado pela coleção acarretaria “viver em função dela” no futuro. Entretanto, a fala do participante apresenta uma reflexão para nós: o que seria a obsessão por uma coleção? Viver em função dela? Se formos pensar em termos de quantidade, atualmente há por parte do participante uma contradição, tendo em vista que ele possui mais de 700 discos. Se a manutenção de um volume alto de discos colecionáveis não é uma obsessão, qual outro fator poderia ser? Ou, para ele, 700 discos não seria uma quantidade expressiva? As conversas informais com este participante, anotadas em caderno de campo, fornecem pistas de que isso se daria pela compra desenfreada de discos raros ou pela tentativa de “zerar” a compra de um determinado artista. Isso, para ele, seria uma coleção obsessiva. Já Oliveira (2017, p. 174) afirma que “coleccionar é, para muitos colecionadores, um vício, uma obsessão e os objetos controlam e manipulam o colecionador, levando-o a agir de forma incontida e irrefletida para

saciar o desejo de adquirir o alvo da sua fixação”. Buscar, portanto, colecionar discos de um único artista é que seria obsessivo para o participante Bernardo.

Nas memórias de Gump, que também já colecionou camisas de futebol e optou por vender boa parte dos itens, “a coleção de palhetas não fica obsessiva” já que o interesse não é exatamente pela palheta em si, mas por aquelas provenientes dos shows que frequentou e palhetas de bandas pelas quais se interessa e eventualmente consegue trocar com outros colecionadores. Gump, em sua narrativa, afirma que ficou “bem obsessivo” com as coleções de camisas e que, quando isto ocorre, “perde um pouco do prazer” que se tem na atividade, tal como já apontado por Oliveira (2017). Em nossa análise, a prática que Gump tinha no passado pelas camisas pode estar relacionada com a história pessoal do participante. De acordo com nossas anotações de caderno de campo obtidas por meio de conversas informais, ele é atualmente uma pessoa pública e participante de um programa esportivo, permanecendo em contato diário com as pautas ligadas ao time de futebol pelo qual torce, o que pode ter influenciado socialmente na construção do que ele chamou de “obsessão” com as camisas. Ao mesmo tempo, o participante em questão não possui em sua profissão vínculos com a música, o que pode influenciar o fato de que para esta coleção não importa somente o item em si, mas as experiências vividas que são representadas na maior parte das palhetas.

Em Lucca, o fato de querer “mais e mais” itens é um fator que coloca a coleção como obsessiva e, por isso, infinita. Há, na visão do participante, uma busca contínua pelos itens, deixando implícita em sua memória a existência presente de uma pressão social por sua família para o encerramento da compra de novas antiguidades. Este participante se insere em um contexto curioso. No galpão que visitamos (figura 10), local onde realizamos as entrevistas, existem milhares de objetos que nos causam desconforto, sendo lido pela filha do participante, de acordo com nossas anotações de caderno de campo, como um local de “desordem”.

Figura 10 – O galpão de um colecionador de antiguidades



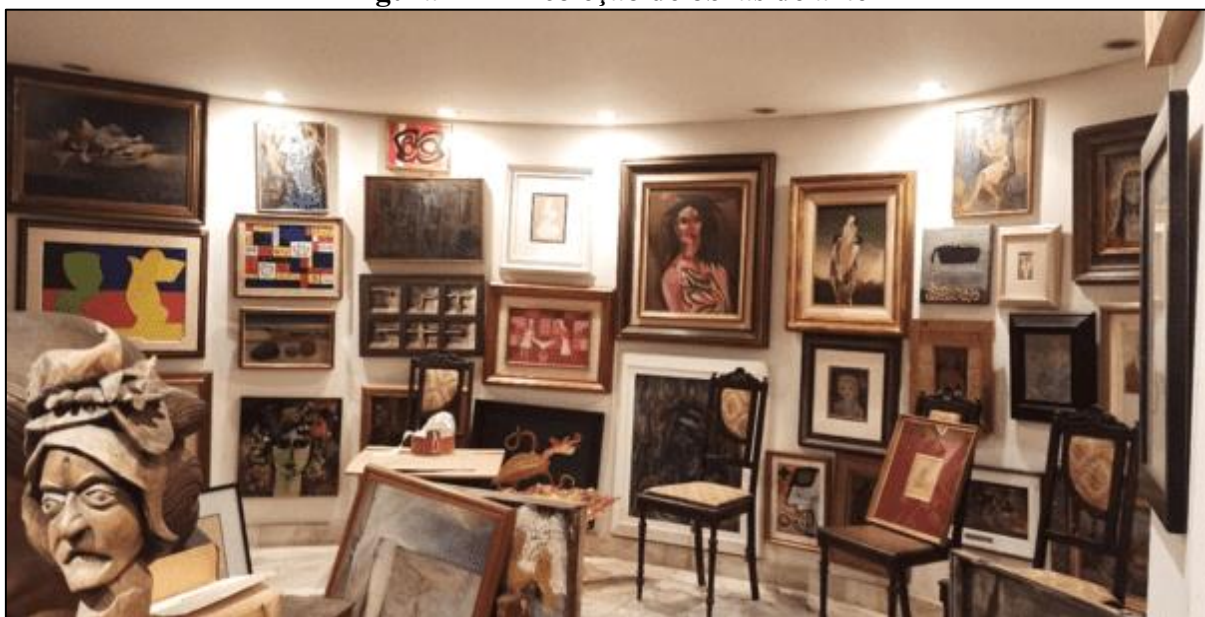
Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Os objetos do galpão do participante Lucca estão reunidos aos montes, incluindo itens históricos de Belo Horizonte e do país, misturados com revistas antigas, relógios, carros que funcionam e que não funcionam, e uma infinidade de antiguidades que ocupam do chão ao teto do local. Um dos espaços do galpão está apresentado na figura 10 e pode nos dar um indício dos motivos que justificam o trecho “Se eu falar que não existe limite para uma coleção, eu não chego em casa hoje” ter sido narrado aos risos.

Eu tenho várias peças muito importantes. Se eu morresse e pudesse levar umas três, eu sei quais eu levaria (risos), pela importância delas, pelo artista, pela história (Cândido, Obras de Arte).

Nas memórias de Cândido, a temática da obsessão fica implícita na narrativa que utiliza o pretérito imperfeito do subjuntivo (“se eu morresse e pudesse”) para imaginar uma situação possível, apresentando, em sua narrativa, as relações entre passado, presente e futuro. Os aspectos individuais explícitos possuem relação com os aspectos coletivos implícitos. A escolha pelas obras que levaria consigo em uma hipótese de morte não se dá apenas por critérios individuais, mas pela representatividade e importância coletiva que se dá à sociedade. Este fator pode estar conectado com o fato de o participante possuir obras de diversos artistas renomados e relevantes, da parede ao chão de todos os cômodos de seu apartamento (figura 11).

Figura 11 – A coleção de obras de arte



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

A coleção de Cândido, apresentada na figura 11, apresenta uma das fotografias que realizamos em nosso trabalho de campo. Nela, está em destaque no centro da imagem uma pintura “Sem Título” de Emiliano Di Cavalcanti datada de 1975. Ademais, existem muitos outros modernistas brasileiros como Tarsila do Amaral (em uma gravura posta, curiosamente, no banheiro de visitas), Lasar Segall, Cícero Dias, Cândido Portinari, Anita Malfatti, Ismael Nery, José Pancetti, Vicente do Rego Monteiro, Mário Zanini, Genesco Murta e Jeanne Milde ou ainda nomes do construtivismo brasileiro, abrangendo o concretismo e o neoconcretismo de Athos Bulcão, Burle Marx, Alfredo Ceschiatti, Amilcar de Castro, Franz Weissmann, Lygia Clark e diversos outros. Ou ainda nomes importantes do abstracionismo geométrico de Manabu Mabe, Iberê Camargo e Eduardo Sued. Na visita ao local, fizemos um *tour* por todo o espaço e visualizamos a imensidão de obras presentes em todos os cômodos. Muitas delas nos chamaram a atenção, conforme nossas anotações de caderno de campo. A quantidade de obras importantes, em conjunto com o valor imensurável que esta coleção possui, beira o inexplicável para nós. E afinal, será que a arte alcança seu objetivo exatamente no momento que faltam palavras para explicá-la? A delicadeza e a expressão artística das obras que visualizamos *in loco* nos fizeram refletir em muitos momentos sobre a dedicação (de tempo e de dinheiro) em objetos expostos para apenas duas pessoas: Cândido e sua esposa. Em conversas informais, ele nos informou que o investimento não é o ponto-chave de sua coleção. E para nós ainda permaneceu uma pergunta em mente, que também foi feita por Cravo (2017): por quê? Por quê e para que isso tudo? A vaidade, citada pelo participante no momento que fazíamos o *tour* pelas obras, pode ser um dos

indícios, materializado nas diversas caricaturas de si mesmo que ganhou de presente de artistas que se tornaram amigos. No entanto será que isso pode ser a resposta para tudo? Acreditamos que não é que as coleções mobilizam diversos aspectos que alcançamos nesta tese, mas que abrangem também muitos outros que não estão em nosso radar neste momento. Essa mesma inquietação foi compartilhada com Cândido: por quê?

Eu gosto de colecionar, só isso basta precisa mais do que isso? Eu só faço o que eu gosto. E eu acho que **nessa vida nada tem “por quê”**. Eu falo assim “por que não”, veja, por quê? porque não. Porque, não é? Percebe? **Algumas coisas são muito objetivas e outras, não**, você percebe que eu **sou objetivo e também diferente, esquisito** (Cândido, Obras de Arte).

A questão subjetiva, implícita na narrativa de Cândido, aparece em uma linguagem verbal reflexiva, em um tempo narrativo localizado no presente. O participante utiliza a voz narrativa da primeira pessoa do singular expressa na palavra “eu” para mobilizar os aspectos de sua coleção. Assim como algumas questões não possuem explicação por mobilizarem aspectos subjetivos, as memórias do participante caminham para este mesmo sentido, ao refletir que “nessa vida nada tem ‘por quê’”. Para ele, “algumas coisas são muito objetivas e outras, não”. Está implícito no trecho que colecionar está entre as coisas não tão objetivas e que, no meio da dialética da vida, em que ele é “objetivo e também diferente, esquisito”, os fenômenos podem ser compreendidos. Nem tudo, desta forma, possui explicação. No que tange à arte, nem tudo é explicado nesta vida. Muitas das vezes, os acontecimentos devem ser apenas sentidos (RAMPIM, 2016; CAMPOS, 2016). Em continuidade com nossas reflexões diversas sobre aspectos das coleções, Alexandre e Thomas nos dão um indício interessante:

Ninguém completa a coleção de moedas brasileiras. Ninguém, ninguém completa. Eu tenho peças únicas. O Banco Central tem peças únicas. O Banco Itaú tem peças únicas, Banco Econômico tem, o Banco do Brasil tem. **É difícil** (Alexandre, Numismática).

Eu penso em diminuir o tamanho da minha coleção. Porque é muito engraçado, porque as pessoas acham que às vezes é a quantidade é o que conta. Na verdade, o que conta na minha coleção ideal é a qualidade. Então eu diminuiria ali tranquilamente. (...) **com o passar dos anos, você acaba acumulando por comprar mesmo.** Você vai comprando ali e na hora que você vê, na hora que eu vi, eu cheguei em 100 pares (...). **Eu não consigo curtir a coleção** (Thomas, Tênis).

Para os participantes Alexandre e Thomas, não há uma forma de se completar uma coleção, narrativa que permeia os temas de ambos. Os participantes apresentam estas questões sob pontos de vista diferentes. Enquanto, para Alexandre, é impossível completar uma coleção pela existência de peças únicas em posse de diversos personagens mobilizados em suas recordações como “Banco Itaú” e “Banco do Brasil”, o participante Thomas prefere recorrer ao fato de que não se é desejável buscar abranger uma quantidade superior de itens, pois, em nossas conversas

informais, coaduna com a ideia do participante Alexandre e considera “impossível zerar uma coleção”, tendo em vista o lançamento recorrente dos itens pelas marcas, que já compreenderam a existência de um mercado colecionador. A diminuição dos itens alcançaria o que ele nomeou a partir da referência àquilo que é de “qualidade”. Isso ocorre pois uma coleção está intimamente ligada com a acumulação, o que se consta na literatura por autores como Nordsletten e Mataix-Cols (2012) e Oliveira (2017), e está explícito no trecho narrativo: “coleccionador, ele acaba se transformando um pouco no acumulador. Isso é o fato”. O movimento do participante Thomas, contrário a todos os outros participantes, permitiria, na diminuição da quantidade, consequentemente, “curtir a coleção”. Diminuir os itens colecionados é algo que vai na contramão de quase todos os participantes, que possuem a tendência de realizar a mesma atitude descrita a seguir:

Eu tenho muita coisa que não tem significado nenhum, mas tenho afeto. **Eu não gosto de ver, mas eu também não gostaria de desfazer, entende? Não tenho um desapego. Hoje eu acho que sou meio um acumulador de arte, sabe?** Minha casa é entupida de arte, tem arte pra tudo quanto é lado, no banheiro, na cozinha, no quarto de empregada, tudo tem arte, no chão no teto (risos), tem umas embaixo da cama, em cima da cama (risos) (Cândido, Obras de Arte).

O participante Cândido assume em sua narrativa uma impossibilidade de diminuição de sua coleção pelo que ele chamou de “afeto” para com os itens. Mesmo tendo itens de que ele diz não gostar, existe ao mesmo tempo um desejo pela acumulação ao não se desfazer deles. Sua coleção, então, acaba tomando uma proporção em que sua própria residência está permeada de obras por todos os lados, como descrevemos anteriormente. Contudo por que o participante Cândido com suas mais de 3 mil obras de arte (e muitos outros como Reginaldo e seus mais de cem mil objetos do cotidiano, Alexandre e seus mais de 15 mil moedas, Lucca e seu galpão com uma quantidade incalculável de antiguidades, Francisco e seus mais de 5 mil minerais) realiza suas coleções com tantos itens? Acreditamos que diferentemente de se buscar a resposta para esta pergunta, é importante refletirmos com esses participantes de que é na incompletude das coleções (VENN, 2006; FONTDEVILA, 2017) que elas compõem um fenômeno importante de ser estudado do ponto de vista histórico e memorialístico.

De igual forma, é na incompletude da administração, da gestão, das histórias e das memórias que o fenômeno da vida é mobilizado. As coleções deixam para nós uma explicação de que é exatamente na forma incompleta de viver que a vida e de buscar o conhecimento acadêmico que os fenômenos permanecem em efervescência, assim como as coleções, como também sugerem autores como Formanek (2005), Venn (2006), Oliveira (2016), Fontdevila (2017) e

Rosa (2020, 2022). O caráter incompleto da vida, do conhecimento, das coleções permite que possamos resgatar e reviver histórias, fazer e refazer modos de vida, questionar e refletir sobre os modos em que o conhecimento é realizado. Tudo isso nos permite repensar, retratar e reorganizar os processos das memórias (DOHMANN, 2015). Distintivamente de uma concepção de que as considera como dadas, elas permanecem urgentes sobretudo pela nossa incapacidade de explicar a totalidade do mundo. O conhecimento acadêmico e as histórias concebidas sob uma prática funcionalista e tradicional estão em busca da completude, “de completar o álbum de figurinha”, como dito pelo participante Alexandre, daquilo que não se completa.

Diferentemente da completude, para nós, é a tentativa de mobilizar e aceitar exatamente a incompletude, exatamente a inexatidão para com os fenômenos da vida. É neste percurso, muito mais da mobilidade e fazer-fazendo como trata a estratégia como prática (MOZZATO *et al.*, 2022), do que do permanecer estático e planejar, que conseguiremos alcançar um modo de compreender a infinitude que trata a gestão, a administração e a vida cotidiana. O fazer, o viver, o gerir, o colecionar são partes de um mesmo olhar para o mundo: aqueles que não se conseguem completar. E pensar na impossibilidade disso retira nosso poder de controle das ações, mas, ao mesmo tempo, dá-nos a oportunidade de conhecer o mundo em sua diversidade de olhares, técnicas, fazeres, sabendo que este movimento nunca dará conta do todo. Sempre haverá algo por fazer. É nesse por fazer que nos mobilizamos enquanto conhecimento científico localizado no tempo e no espaço e que nos permite entender, por meio das coleções, que a vida social (bem como a vida social organizada) é incompleta. Tentar compreendê-la em sua totalidade é andar em círculos infundáveis sem uma resposta final. A administração até tentou, em seus estudos tradicionais, dar conta da totalidade por meio de diversos modelos de gestão, mas em todos eles havia uma “ponta solta”. Em todos eles, havia um modo de se organizar no mundo não contemplado. Por isso, reforçamos: é a nossa impotência de compreensão das coleções, das gestões e de suas totalidades que torna estes fenômenos tão instigantes de serem estudados. Se eles fossem completos, não estaríamos aqui. Bastaria um único estudo para dar conta da totalidade do fenômeno. Neste ponto, temos mais indício de reforço de nossa tese: o colecionismo, gerando as questões incompletas inerentes ao fenômeno, ocasiona problemas de gestão que podem (ou não) serem resolvidos no tempo e no espaço estudado. Isso nos suscita uma pergunta reflexiva: estaria a administração preparada para lidar com a impotência de resolver ou não os problemas a ela destinados? Ou a ciência administrativa permanecerá buscando resolver questões que nem mesmo a própria vida consegue?

E na realidade, tudo isso que eu estou te falando é porque **90% dos colecionadores têm a frustração de juventude, de infância. Que eles queriam ter e nunca tiveram.** Por isso que eu falo que 90% deles vieram de origem simples (Lucca, Antiguidades).

A questão do colecionismo passa muito **pelas coisas que você viveu na infância** também. **Ai vem muito a questão da memória afetiva, então você quer ter algumas coisas que remetem a sua infância. Ou alguma coisa que você não pôde ter na sua infância, que era mais complicado, você não podia ter, seus pais não podiam te dar,** então acho que passa muito por isso, de **relembrar isso e ter esse objeto na mão, você quer ter esse objeto** (Ronaldo, Miniaturas).

Além da consideração que realizamos sobre a incompletude, é importante compreendermos também a existência do contexto social (MORAES, 2021) dos participantes para mobilização dos objetos para coleção. Nas narrativas de Lucca e Ronaldo, a temática da aquisição dos objetos a partir de sentimentos da infância é apresentada. Para os participantes, a aquisição dos objetos pelos colecionadores é oriunda de uma “frustração de juventude, de infância” (Lucca) e/ou “pelos coisas que você viveu na infância” (Ronaldo). Para eles, então, um sentimento negativo também acompanha o colecionismo, ao retratar que os objetos colecionados são coisas que os colecionadores “queriam ter e nunca tiveram” (Lucca), ou “alguma coisa que você não pôde ter na sua infância, que era mais complicado, você não podia ter, seus pais não podiam te dar” (Ronaldo). E a escolha por colecionar passa por “relembrar isso e ter esse objeto na mão” (Ronaldo). Tais apontamentos dos participantes reforçam as discussões de Sanches e Silva (2018) de que, na infância e juventude, a criança vive toda a potencialidade e plenitude na relação com os objetos. Para Benjamin (2002), esse olhar retroativo que possui o colecionador auxilia na constituição de uma coleção a partir da memória que é estabelecida, de modo prático, no objeto (SANCHES; SILVA, 2018). Esse olhar infantil, complementa os autores e está explícito nas memórias de Ronaldo, faz com que o colecionar na vida adulta remeta a essa sensibilidade para os objetos que estavam presentes no momento em que, quando criança, foram sendo realizadas as experiências para o mundo. Vincula-se a isso o “processo imaginativo do brincar” (p. 391) com as elaborações que dão vida às coleções neste tempo. E por mais que elas remetam e revivam as experiências de um passado, elas estão postulando um futuro: de manutenção dos processos imaginativos da infância em uma eternidade do colecionar.

Ter a posse do objeto para recordar, então, as memórias desse outro tempo se destaca no presente. Colecionar, rememorar são fruto de um mesmo movimento que, no presente, incide nas construções e desconstruções, problematizações e resoluções, avanços e retrocessos, ou seja, significa continuidade e alteridade (LOPES, 2010; GUIMARÃES, 2012). Para nós,

estarmos atentos aos movimentos do tempo significa a própria vida: entre passos e descompassos, colecionar e recordar são frutos não da conservação de algo tal como ele foi, mas da conservação tal como se quer que ele seja no agora, tendo como única certeza de que esse algo será diferente no futuro. Esse movimento do tempo é dotado de reinterpretação do próprio ser, da história, dos acontecimentos, dos objetos materiais e da própria vida.

Eu vivi anos ruins e as camisas me lembravam alguns desses anos ruins. Eu percebi que existia também esse fator das camisas estarem me ligando um passado que eu queria apagar, de alguns anos difíceis que eu queria esquecer, apagar da memória (Gump, Palhetas).

Tem um carro que tava com o [José] a todo momento, eu acho que ele não tem um ódio, mas, assim, **ele tem aquele sentimento ruim, porque ele lembra do momento ruim, mas é um carro que estava com ele todo momento ruim**, é aquele carro que estava com ele. E a gente tava junto nisso. Então pra mim se torna também um carro importante, mas foi por fase de grana mesmo, acabava gasolina e tal (Daniel, Carros).

Por fim, finalizamos este tópico mobilizando as memórias de Gump e Daniel. A temática mobilizada é a de que as memórias que as coleções acionam nem sempre são positivas. Neste sentido, os participantes apresentam trechos em que rememoram que as camisas (no caso de Gump) e um carro (no caso de José, pela memória de Daniel) acionam sentimentos negativos no tempo presente. Diante de tais questões, em ambas as memórias, a opção escolhida foi por um afastamento destas memórias a partir da venda destes objetos. Todavia será que a escolha por narrar tais fatos confirma o esquecimento que os participantes dizem mobilizar? O “apagar da memória” apresentado por Gump foi atingido com sucesso? Tais trechos confirmam que as coleções permanecem mobilizando memórias nos sujeitos, ainda que elas acionem angústias. A seguir, abordamos especificamente as memórias dos colecionadores que tratam das delimitações dos objetos que serão colecionados, seguindo as sugestões de Rangel (2012), Kiernan (2015) e Gardner (2019).

6.1 “Meu foco é o futuro do passado.”

O objetivo deste tópico é discutir o critério de delimitação das coleções que aparecem nas memórias dos participantes da pesquisa. Rangel (2012), Kiernan (2015) e Gardner (2019) elaboram sobre a diversidade de possibilidades de coleta, seleção e organização dos diversos fatos e experiências do passado, retirando, assim, as ocorrências temporais que incidiram originalmente sobre os objetos para oferecer para eles um outro valor temporal. Esse processo de coleta dos objetos, “pelo menos no ocidente, onde geralmente se pensa no tempo como linear

e irreversível, pressupõe resgatar fenômenos da decadência ou perda histórica inevitáveis. A coleção teoricamente contém o que merece ser guardado, lembrado e entesourado” (RANGEL, 2012, p. 133). É importante compreender que essa valoração de “merecer” que nos coloca o autor encontra alternâncias e diferenças em períodos históricos distintos. Desta forma, o que é valorizado em uma época, pode não ser em outra, fazendo com que o significado de “coleccionar” seja visto de diferentes formas de acordo com o olhar que se tem para este fenômeno, influenciando nos recortes realizados.

É um universo que às vezes é muito amplo. É, não vou dizer que é infinito, mas é incalculável a quantidade de produtos. Então, às vezes, **perseguir uma coleção a nível de exaurir é realmente, é muito complexo, é muito complicado** (Bonfante, Antiguidades).

Tem que ter pelo menos alguma restrição de entrada, se não tudo que passar pela frente do cara, ele coleciona qualquer mineral. Se o cara coleciona qualquer mineral e soltar ele numa fábrica de brita, ele vai ter uma coleção infinita (Josias, Minerais).

Não é qualquer garrafa. É garrafa de cachaça, desde que seja o modelo ou o rótulo diferente (...). **De 350 rótulos que eu tenho aqui hoje, de cachaça, eu acho que eu não tenho 20 que não seja de Minas. Todas são de Minas, tá? Porque eu acho interessante é colocar a de Minas, que é famosa na cachaça** (Murilo, Cachaças).

Os participantes Bonfante, Josias e Murilo apresentam em suas narrativas a necessidade de critérios mínimos para que as coleções sejam estabelecidas. Bonfante, apresentando sua narrativa toda no tempo presente, utiliza o adjetivo “amplo” para apresentar que colecionar abarca algo bastante abrangente, não necessariamente “infinito”, mas “incalculável”. Para ele, portanto, há uma complexidade e uma complicação para quem busca “perseguir uma coleção a nível de exaurir”, não sendo algo somente do passado, mas que ocorre também no tempo presente e, de forma implícita, permite-nos afirmar que é uma dificuldade que se manterá no tempo futuro. É sobre essa dificuldade que a narrativa de Josias complementa a de Bonfante, quando estabelece a necessidade de “ter pelo menos alguma restrição de entrada”, tendo em vista que a ausência de qualquer restrição acarretaria uma “coleção infinita”, o que está explícito na situação hipotética da “fábrica de brita”, que, sendo um mineral produzido em larga escala industrial, levaria aqueles que não possuem critérios mínimos de entrada a colecionar algo incontável, tal como sugerem Menezes Filho e Chaves (2007).

De modo prático, Murilo rememora, no tempo presente, que “não é qualquer garrafa” que faz parte de sua coleção, sendo, então, “a garrafa de cachaça”, desde que seja de Minas Gerais. O participante, logo, coloca, em sua coleção, sua memória individual sobre a valorização da produção artesanal da cachaça, mas o conecta também a uma memória coletiva do estado que

nasceu e que é conhecido mundialmente, por sua produção de cachaça. O estado, maior produtor de cachaça artesanal do Brasil, possui reconhecido desde 2007 o produto como patrimônio cultural por meio da Lei Estadual n.º 16.688, de 11 de janeiro de 2007. A escolha do participante pela coleção e por ressaltar em sua narrativa o estado de Minas Gerais, portanto, converge com os apontamentos de Maciel *et al.* (2020) quando os autores afirmam que a exaltação da memória coletiva pelo sujeito se conecta com a importância do mesmo se sentir pertencente a um grupo e a sua memória coletiva, neste caso, dos mineiros que apreciam uma cachaça.

Quando você começa a colecionar, você começa pelo que a gente chama de *mannig line*, que são essas que a gente encontra mais facilmente nas lojas, **mas depois você começa a ver outras com mais detalhes, com um *blister* mais legal, mais raros e muda. E quando você passa a olhar essas aí, você vê que tem a diferença no custo, ele aumenta.** E o problema é que, **para você colecionar, o mundo é infinito. Não tem fim, quanto mais você procurar, mais você vai achando (...).** Eu tenho filhos, família, então não dá para ficar exagerando. **É um hobby que não é muito barato, então você tem que dar uma segurada** (Ronaldo, Miniaturas).

Muitas vezes, a gente tem sonhos de ter uma Ferrari na garagem, de ter um Porsche. Muitas vezes, **com a condição que a gente tem, a gente não consegue adquirir uma Ferrari lá de dois milhões de reais. E você não consegue ter aquele sonho real. Então você vai nutrir isso aí com a miniatura com uma estatueta,** que vai te lembrar do passado ou vai te lembrar aquele sonho seu. Então, **eu tenho a menorzinha porque eu não posso ter a de verdade, se pudesse eu tinha uma Ferrari ali na garagem** (Kleber, Miniaturas).

Nos fragmentos acima selecionados dos participantes Ronaldo e Kleber, a temática financeira se torna ponto de referência para a ação de diferentes formas. Para Ronaldo, o início da coleção passa por itens encontrados “mais facilmente nas lojas”, mas o uso do advérbio de tempo “depois” projeta a ação para o futuro (“depois você começa a ver outras com mais detalhes”), deixando implícito que um maior conhecimento sobre o que se coleciona faz também com que se valorizem produtos mais detalhados ou com um “*blister* (embalagem que envolve o produto) mais legal, mais raros”, o que ocasionaria um aumento no custo, explícito no trecho: “tem a diferença no custo, ele aumenta”. A quantidade de possibilidades para se colecionar, que para o participante envolve uma infinidade de questões que “não tem fim”, é apresentado de modo implícito na memória do participante no que tange ao desejo que tem sempre possibilidade de ser materializado (DOHMANN, 2015), pois “quanto mais você procurar, mais você vai achando”. A questão que limita as aquisições do participante é explícita no trecho a seguir: “tenho filhos, família”. Ele apresenta tais questões em suas memórias para alcançar o ponto central de sua narrativa, a saber, a afirmação de que colecionar “é um hobby que não é muito barato”, algo apontado por Caso (2009) e Oliveira *et al.* (2016), e isto faz com que a questão

financeira, aparentemente em segundo plano, torne-se primordial para as escolhas dos objetos que irão compor a coleção.

A questão financeira como limitadora se reverbera nas lembranças de Kleber de uma forma diferente: não perpassa objetos adquiridos, mas, anteriormente, perpassa o tipo de coleção que se terá (GOMIDE, 2015). O sonho de ter carros das marcas “Ferrari” e “Porsche”, que se apresentam como personagens, é inviabilizado pelos preços que os itens originais possuem, impedindo que se tenha “aquele sonho real”. O sonho dos carros é, então, transferido para as réplicas em miniaturas, foco de sua coleção (figura 12).

Figura 12 – Miniaturas de carrinhos e outros itens



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Na figura 12, podemos visualizar no canto superior direito e no inferior esquerdo as miniaturas que lembram o “sonho” do participante Kleber: as miniaturas de carros da marca Ferrari. As lembranças do participante demarcam que o foco da coleção é também um motivador para lembrar “o passado”, já que, em outra parte da parede de sua casa, em que a coleção está localizada, há mais um nicho, móvel em que os objetos estão, com a maior parte de sua coleção. Contudo o participante, segundo os dados da pesquisa, apresenta uma linguagem não verbal desconfortante ao enunciar: “eu tenho a menorzinha porque eu não posso ter a de verdade, se pudesse eu tinha uma Ferrari ali na garagem”. Para nós, a coleção de miniaturas, diferentemente

de “nutrir” o sonho com o que não é real, parece-nos a recordação de uma frustração de sua condição financeira que o impede de acessar carros que poucas pessoas no mundo conseguem. Afinal, quem pode adquirir uma Ferrari que custa, em seu modelo mais simples, quase dois milhões de reais?

Eu entro ali (no quarto dos objetos e), **eu volto a minha infância. Você vê que tem muita coisa que é hoje meu foco, um dos focos, são coisas da minha infância, de seriados que eu assisti** (Dionísio, Miniaturas).

Com a minha coleção, **eu me lembro de alguns desenhos animados que eu via na minha infância**, que me marcaram e que na época assim não existia objetos colecionáveis para isso, pelo menos que eu tenha conhecimento (Ronaldo, Miniaturas).

As lembranças de Dionísio e Ronaldo mobilizam aspectos comuns que os fazem selecionar quais serão os objetos colecionados: as “coisas da minha infância, de seriados que eu assisti” (Dionísio) e “alguns desenhos animados que eu via na minha infância” (Ronaldo). O tema central das narrativas dos participantes apresenta, então, a maneira como essas lembranças das vivências da infância reverberam no que se coleciona dentro de todo o universo de miniaturas possíveis, assim como nos estudos sobre miniaturas de Foxhall (2015), Davy (2015) e Kiernan (2015). No caso de Dionísio, apresenta-se apenas como uma das possibilidades, como ele explicita no trecho “um dos meus focos”, já que ele possui em todas as paredes e armários de um quarto em sua casa diversas miniaturas de carros, motos, personagens de desenho animado, robôs, helicópteros. Com base em sua fala sobre os seriados de sua infância, duas prateleiras nos chamaram atenção (figuras 13 e 14).

Figura 13 – As miniaturas dos personagens de Star Trek



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Figura 14 – As miniaturas das naves de Star Trek



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Nas figuras 13 e 14, visualizamos que, no local destinado exclusivamente para a coleção de Dionísio, encontram-se em destaque as miniaturas dos personagens e das naves do seriado “Star Trek: Jornada nas Estrelas”. O destaque dado na coleção é coerente com sua recordação: “Star Trek me faz lembrar de mim assistindo com minha mãe, ela era maluca com esses seriados

todos dos anos 1970 e 1980. E ela me fez ficar doido com o negócio. Aí, pô, tem a oportunidade de ter a peça, não tem jeito, tem que ter” (Dionísio). Neste sentido, entre a diversidade de itens escolhidos pelo participante da pesquisa, há aqueles que fazem referência a memórias dos momentos da personagem “mãe”, lembrada como aquela que tem um gosto particular com o que se passava na TV, explícito na expressão “maluca com esses seriados”. Neste sentido, o colecionar para Dionísio adquire diversos afetamentos: valorizam-se itens raros, as memórias com o filho, a memória com a mãe, a memória de seu time Atlético Mineiro e muitos outros pontos. Tais pautas nos fazem refletir: as coleções e os itens escolhidos para serem colecionados são diversos e convergem para as contribuições de Benjamin (2009) quando ele nos apresenta que o ato de colecionar possui, de fato, íntima relação entre histórias e memórias, tendo em vista que é um ato seletivo de uma pequena parte das diversas recordações que se apresentam ao sujeito colecionador. Além disso, ele remete às histórias e memórias do sujeito colecionador e de uma coletividade (BENJAMIN, 2009), e, por isso, falar de colecionismo em sua perspectiva é, antes de tudo, falar de seu olhar sobre o mundo, sobre os fenômenos históricos, memorialísticos e sociais, que reforçamos que não são lineares.

Então eu fui juntando os carros. Depois eu comecei a gostar do que estava em volta dos carros, comecei a mexer com geladeira, fogão, televisão, rádio, radiola, telefone e fui juntando as coisas da época. (...) Eu coleciono tudo o que foi significativo dos anos de 1940 até os anos 1990, mas meu foco são os objetos dos anos 1930 até os anos 1960, 1970, porque foi minha juventude (Lucca, Antiquidades).

As recordações de Lucca nos possibilitam avançar na compreensão das diversidades que atravessam as memórias sobre as demarcações das coleções dos sujeitos participantes de nossa pesquisa. No fragmento “eu fui juntando os carros. Depois eu comecei a gostar do que estava em volta dos carros”, Lucca explicita o modo com que ele definiu, a princípio, o que era importante de ser colecionado: todos os objetos que remetessem às épocas dos carros que possuía (figura 15).

Figura 15 – O carro e os objetos em sua volta



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Um dos carros que impulsionaram a transgressão de coleções de automóveis para as de antiguidades é apresentado na figura 15. O carro se refere a um modelo de *Jeep* utilizado pelo exército golpista brasileiro no contexto da ditadura militar, chamada pelo participante de “revolução”, segundo os dados da pesquisa. Esse carro entra no contexto explicitado pelo participante Lucca de que seu “foco são os objetos dos anos 1930 até os anos 1960, 1970, porque foi minha juventude”. Ainda assim, a quantidade possível de objetos que podem ser colecionados em um intervalo de 40 anos, que se referem à juventude do participante, podem até não ser infinitos, mas são incontáveis. Por isso, nossa percepção converge com Nordsletten e Mataix-Cols (2012) de que pode haver tendências que ultrapassam o colecionismo e alcançam a acumulação, assim como ocorre com o participante.

Minha coleção remete 40 anos para trás e tem que ser itens originais (...) **meu intuito é o de preservar o negócio. Para eu me desfazer de alguma coisa, é meio difícil, eu nem compro.** Não compro com o intuito de simplesmente de pertencer a um conjunto (...). **O que eu gosto, eu vou atrás e não é simplesmente para poder fechar uma série** (Bonfante, Antiguidades).

O participante Bonfante, assim como Lucca, possui como tema central de sua narrativa a preservação de itens que remetem à sua juventude, nos anos 1980. O participante afirma em outro momento da entrevista, em tom bem-humorado e em uma linguagem verbal de conforto, que sua coleção começa quando “tinha dois anos de idade”. Isso suporta o trecho destacado quando ele diz que “para eu me desfazer de alguma coisa, é meio difícil, eu nem compro”, o

que explicita um apego pelos objetos. O participante relata, segundo dados da pesquisa, seu intuito por preservar o objeto “o mais intacto possível” (figura 16) e que ele realiza esse processo de preservação a partir daquilo que gosta, explícito no trecho “o que eu gosto, eu vou atrás”, descartando quaisquer tentativas de fechar uma série de produtos semelhantes.

Figura 16 – Brinquedo “Kitijolinho”



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Na figura 16, apresentamos aos leitores uma imagem que dá suporte ao relato do participante: a de que seu interesse é de manter os objetos intactos. Nela, podemos ver um brinquedo de nome “Kitijolinho”, que simulava, com tijolos e argamassas reais, a montagem de uma estrutura, sendo possível de ser utilizado apenas uma vez para brincadeira. Em vez de realizar a função primária do kit, o item foi guardado completo há mais de 40 anos como item de sua coleção de brinquedos, o que reforça o argumento de que o apego aos objetos é considerado algo que acompanha o participante desde sua juventude. Tal questão converge com as contribuições de Dohmann (2015, p. 4) quando o autor afirma a preservação buscada pelos sujeitos, materializada na retirada da prática dos objetos do tempo presente, e revela necessidades de reescrita de uma memória que não é apenas individual, mas coletiva,

“revolvendo percursos de vida e tempo em função de atribuir novos significados ao passado, em um criativo processo de construção de memória e tradição”.

Eu sempre escolhia um clube progressista para comprar a camisa, porque tem lugares que isso fica muito claro. E são os meus valores também, então eu acabava optando por eles. Eu via história do time (...). Quais as bandeiras sociais que as torcidas levantavam e tudo. **É a história. A história me atrai** (Givanildo, Camisas de Futebol).

Eu fui **valorizando a identidade latino-americana e eu vivia muito ela pelo futebol.** E daí vem o um foco que eu tenho hoje, dentro da coleção que é o futebol sul-americano. Porque **desde muito novo eu fui convivendo** com coleções que **diziam muito sobre uma subjetividade, e não sobre o valor econômico** (Volpi, Camisas de Futebol).

As lembranças apresentadas pelos participantes Givanildo e Volpi possuem como tema central de suas narrativas os significados históricos atribuídos aos objetos que os fizeram ser colecionadores de camisas de clubes de futebol a partir de um posicionamento político progressista. Dohmann (2015) reflete que os significados que são atribuídos aos objetos são influenciados por uma dualidade que perpassa tanto os elementos históricos e culturais quanto os elementos individuais. É desta forma que as coleções podem, para o autor, caracterizarem-se como resultado de tradição social, sendo, nos casos dos participantes acima, a valorização de uma cultura latino-americana e progressista a partir do futebol. Ao mesmo tempo, como representações de memória, as coleções ainda permitem que os valores atribuídos pela sociedade (MORAES, 2021) sejam estendidos a elas, tal como é explícito nos trechos de Givanildo, “eu sempre escolhia um clube progressista para comprar a camisa (...) e são os meus valores também”, e de Volpi, “fui valorizando a identidade latino-americana e eu vivia muito ela pelo futebol”.

Primeiro porque **eu gosto do formato. Eu gosto da estética, gosto da arte, da arte gráfica. Segundo porque eu me sinto bem comprando vinil. É porque é questão de ter mesmo algo físico.** Então por isso que eu gosto de colecionar, mas que nem eu te falei, eu não fico seguindo padrões mais (Bernardo, Discos de Vinil).

O meu primeiro critério de entrada é beleza. Mas beleza é estritamente pessoal. Então, a beleza para mim é a primeira coisa (...). É, esse é o critério majoritário. **O segundo é a raridade.** Assim, se ele for uma coisa muito horrível, eu talvez relute em adquirir. Mas do Brasil, mineral que é descoberto no Brasil. **Se ele é horrível, mas ele é muito raro, eu vou ter mais por uma representatividade do nosso país** (Josias, Minerais).

As vinte moedas que eu seleciono para colecionar são pela beleza delas. Além de ter a beleza da peça, **algumas delas são peças escassas,** então, quanto mais escassa for uma peça, **mais ela vai valer.** É essa que eu tento guardar (Beatriz, Numismata).

Aí quando eu comecei a, na faculdade a estudar geologia, **eu fiquei, desde o início, fascinado pelos minerais. Principalmente pelas formas, pelos brilhos, pelas cores.** Aí, até então, não sabia da **parte química** e da **parte econômica** dos minerais. **Então,**

o primeiro foi só o visual. E com o passar do tempo eu fui aperfeiçoando e melhorando até se tornar uma coleção robusta como ela é hoje (Francisco, Minerais).

A partir dos trechos acima destacados, podemos compreender a temática comum proposta nas memórias dos sujeitos participantes. Destacamos o olhar voltado para a questão estética, explícito nos fragmentos “Eu gosto da estética, gosto da arte, da arte gráfica” (Bernardo); “O meu primeiro critério de entrada é beleza” (Josias); “eu seleciono para colecionar são pela beleza delas” (Beatriz); e “eu fiquei (...) fascinado pelos minerais. Principalmente pelas formas, pelos brilhos, pelas cores” (Francisco). Neste sentido, há nos trechos destacados o reconhecimento de que a questão estética (CHAVES, 2007; SILVA; NUNES, 2020) despertou uma primeira atenção dos participantes. Ao mesmo tempo, o critério para colecionar, sendo diverso e multifacetado como propomos nesta tese, não passa apenas por tal ponto. Os participantes destacam outras questões que atravessam a questão estética. No caso de Bernardo, há uma mobilização do sentimento e da tangibilidade possível ao se ter o objeto, ao utilizar do tempo verbal do presente para afirmar: “eu me sinto bem comprando vinil. É porque é questão de ter mesmo algo físico”. Tal declaração converge para as reflexões de Dohmann (2015, p.11) que, com base em Krzysztof Pomian, postula que “a tangibilidade da memória nas coleções abarca toda e qualquer coletividade humana, desde as sociedades primitivas, complexas e tradicionais”, ou seja, uma memória tangível da cultura material. Para Josias e Beatriz, a temática da raridade é mobilizada por meio do uso dos vocábulos “raros” (Josias) e “escassez” para justificar um critério de opção pela aquisição das peças.

O participante Francisco mobiliza, além da questão “visual”, a “parte química e (a) parte econômica”. É importante salientar que este último participante, professor de geologia, possui destaque no meio colecionista e, ao mesmo tempo, é por isso que a composição química é algo que lhe despertou interesse. Quando estivemos presentes no encontro de colecionadores de minerais, no Museu da Gerdau em Belo Horizonte, diversos foram os momentos em que o participante era reconhecido pelos demais colecionadores de minerais como um dos mais importantes colecionistas de minerais de Minas Gerais. Por isso, quando ele utiliza a expressão “passar do tempo”, é confirmada a dedicação de anos que possui no meio. Ele ainda utiliza o advérbio de inclusão “até” para expressar a magnitude da coleção nos dias de hoje, como “uma coleção robusta”, deixando implícita a existência de uma dedicação de muitos anos. A robustez que o participante explicita em sua narrativa foi por nós vista e nos impressionou. Ao visitarmos a coleção, que possui quase quatro mil peças e fica exposta em seu apartamento, perpassamos cada uma das estantes de exposição e, entre as mais curiosas, questionamos o participante sobre

os locais de origem, de aquisição, as composições químicas. Infelizmente, o participante não autorizou a realização de fotografias.

Os trechos analisados ainda convergem para as contribuições de Chaves (2007) e Silva e Nunes (2020) quando analisam a questão colecionista através da experiência estética. As autoras procuraram, no âmbito da Administração, analisar o processo colecionista a partir das experiências de consumo de colecionadores de estátuas. Para elas, a análise do fenômeno a partir de uma experiência estética possibilita uma discussão do que consideraram como uma vida que pode ser estetizada por meio do consumo de massa, “proporcionando um prazer estético a partir da interação de componentes cognitivos e emocionais do colecionador com os objetos de coleção suscetíveis de desencadear sentimentos, impressões e imagens carregadas de sentido simbólico, mobilizando a capacidade imaginativa do indivíduo” (SILVA; NUNES, 2020, p. 5).

Silva e Nunes (2020) ainda discorrem que o objeto para ser considerado colecionável deve atender a um determinado apelo estético que influencia percepções sensoriais, convergindo para os trechos acima destacados. No mesmo sentido, concordamos com as autoras quando elas afirmam que os objetos são retirados de suas funções utilitárias para que sejam considerados colecionáveis e que esse movimento é concebido, também, para “provocar os sentidos e promover um prazer estético pela apreciação dos objetos em si” (SILVA; NUNES, 2020, p. 7), exatamente como destacamos nas memórias do participante Bernardo.

Meu foco é o futuro do passado. É o seguinte, eu já passei de 70 anos, então eu tô preocupado em **deixar isso para que seja visto**. Eu costumo brincar que eu não trabalho com objetos decorativos. Eu trabalho com objetos decoRAtivos (entonação). Eu quero que, a partir dos objetos, a pessoa venha e use os objetos para os mais diversos segmentos (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

O meu foco principal é contar para os nossos descendentes e a geração atual o sacrifício que os nossos antepassados fizeram para a gente ter o conforto que tem hoje. Então, **o grande problema que o colecionismo tenta resolver é o da história.** **Colecionar é contar histórias, porque o passado é muito rico** (Lucca, Antiguidades).

Meu foco como colecionador passa pelo **interesse de preservar** aquilo que eu gosto, **de não só de resgatar e salvar coisas que estariam indo pro lixo, como também preservar as coisas.** E com isso eu consigo guardar coisas para as **outras gerações terem contato** (Arnaldo, Antiguidades).

Em qualquer colecionismo, **a busca é pela preservação da história brasileira, mas o Brasil ainda é muito fraco em memória** (Alexandre, Numismática).

Os trechos acima destacados buscam mobilizar, a partir da temática da história, a preservação dos objetos por meio das coleções. Isso acontece de forma que os próprios delineamentos das coleções ocorram a partir deste viés, explícitos nos fragmentos “meu foco é o futuro do passado” (Reginaldo); “meu foco principal é contar para os nossos descendentes e a geração atual o sacrifício que os nossos antepassados fizeram para a gente ter o conforto que tem hoje” (Lucca); “resgatar e salvar coisas que estariam indo pro lixo, como também preservar as coisas” (Arnaldo) e “preservação da história brasileira” (Alexandre). Estes trechos convergem para o exposto na literatura por Venn (2006, p. 40) de que a coleção representa um testemunho dos anseios e prazeres de um tempo, auxiliando no processo de preservação da história das comunidades e de seus feitos, sendo, assim, “um legado a ser preservado”.

Pedrão e Bizello (2016) complementam Nora (1993) quando afirmam que a tradução das memórias que buscam recuperar o que está no passado ocorre por meio de um trabalho constante de ordenação, catalogação e reordenação acompanhada de um significado que pode ser dado para cada um dos objetos ou para a reunião deles em volta da coleção. Neste caso, o significado mobilizado pelos participantes apresenta uma proximidade na voz narrativa, destacado no uso constante do pronome possessivo “meu”. Para as autoras, este esforço possibilita a transmissão da memória que acompanha a motivação da coleção, bem como sua perpetuação ao longo do tempo, tal como os quatro participantes acima explicitam fazer. Nesse sentido, o tempo narrativo deles apresenta um *continuum* entre o passado que é preservado no presente para acesso no futuro. Há uma coerência entre as linguagens verbal e não verbal, tendo em vista que as ações explicitadas nas memórias dos participantes são verificadas no real, sobretudo nas coleções de Reginaldo, Lucca e Alexandre que possuem números expressivos de objetos.

Os trechos destacados nas memórias dos participantes remetem a Pedrão e Bizello (2016) quando as autoras afirmam que a coleção se trata da própria junção da história e memória, exatamente como defendemos em nossa tese. As autoras desenvolvem que a história se refere aos objetos e a peças oriundas de certo período histórico, não sendo necessariamente o mesmo em que o colecionador vive. Já a memória nessa concepção é a própria escolha dos objetos pelos colecionadores, que ocorre por meio de suas lembranças sobre determinado grupo, sobre a própria vida e a de sua família ou por um gosto desenvolvido ao longo da vida. A busca pela preservação destes objetos é, neste sentido, a busca pela preservação da história, em uma

associação memorialística (HALILOVICH, 2016; KRTALIĆ *et al.*, 2021) que mobiliza constantemente a memória individual e também a coletiva.

Acho que o mais importante mesmo que eu gosto de falar **é essa relação da gratidão e da presença, de lembrar e ser lembrada** pelas pessoas. É uma coisa que eu não sei explicar. Elas terem esse cuidado de comprar um elefante pra mim, são só energias boas que elas me trazem (Bruna, *Souvenirs*).

Eu não sei porque eu escolhi colecionar as obras de arte. Tem coisas que são inexplicáveis, você não explica. Você não explica o porquê, por que que duas pessoas dão certo e outras, não? Destino? Você não vai. Acho que **nada é predeterminado**, mas existem potencialidades que tem dentro de você que podem sair ou não (Cândido, *Obras de Arte*).

A partir dos fragmentos destacados, buscamos finalizar o tópico a partir de uma temática que perpassa, de modo explícito, as memórias de Bruna e de Cândido. Os participantes adotam a temática da impossibilidade de explicar o sentimento que possuem com as coleções. No caso de Bruna, sua coleção de *souvenirs* possui, em sua maioria, itens que ela ganhou de presente de diversos amigos, parentes, colegas, conhecidos e alunos e que isso, para ela, lhe causa um sentimento de “gratidão e da presença, do lembrar e ser lembrada” que ela complementa que não sabe “explicar”. Do mesmo modo, Cândido opta por desenvolver seu foco em coleção de obras de arte que ele não sabe explicar, explícito no trecho “eu não sei porque eu escolhi colecionar as obras de arte”. Optamos por trazer essas “inexplicações” justamente para chamarmos atenção do leitor para um fato: a realidade social, as memórias e as ações na vida não são determinadas de modo que possamos apenas descrevê-la.

As delimitações para o exercício da atividade de colecionar são estas que apresentamos em nossa tese, mas também muitas outras que não alcançamos na prática de nossos participantes e de muitos outros praticantes que não participaram de nossa pesquisa. Existem coisas que a realidade social não pode explicar de modo predeterminado. É isso que faz sua prática ser rica, difusa e diversa. É pela impossibilidade de precisar, de estabelecer e de quantificar que a prática social se torna abundante. É por meio da valorização das “potencialidades” que Cândido trata que precisamos apurar nossos olhares enquanto pesquisadores, pois qualquer movimento diferente disso pode acarretar uma homogeneização das práticas. As práticas de vida, de gestão de memórias são múltiplas. Estabelecer uma verdade única (ou uma delimitação única) é algo que não é capaz de ser apresentado nem se fosse essa a nossa intenção. Desmontar as tentativas de apagamento do que foge do *mainstream* (em nosso caso, do *mainstream* da gestão) se trata de um movimento necessário para alcançarmos o entendimento de que a realidade social é uma. É uma, porém muitas outras, alcançadas ou não por nossas pesquisas, por nossos olhares e por nossas reflexões.

Para finalizar este tópico, acreditamos que o colecionismo, as coleções e as delimitações das coleções apresentam uma série de particularidades, questões, reflexões, apontamentos que de modo algum podem ser uniformes. É possível pensarmos nas relações dos colecionadores com as coleções que são delimitadas de maneira difusa. No limiar do colecionar, delimitar e organizar os objetos, há atravessamentos de inúmeras histórias, diversas memórias individuais, outras tantas que são coletivas que não conseguimos (e não conseguiríamos nem se quiséssemos) alcançar em sua totalidade. No fim das contas, o trabalho de delimitação que buscamos apresentar neste capítulo são alguns. Alguns entre muitos outros. E é nesta exatidão da realidade social que a ciência contribui para o avanço das maneiras de ser e estar no mundo, enfrentando quaisquer formas de estabelecimento de verdades universais do que supostamente deve ser o âmago do colecionar por meio de um movimento em tríade com o presente, com o passado e com o futuro vislumbrados em um *continuum*.

7 OS GRUPOS DE COLECIONADORES E SUAS COLEÇÕES

Neste capítulo, discutimos as relações dos sujeitos para com os grupos de colecionadores com os quais eles possuem contato, a partir do compartilhamento de uma memória coletiva, como apontado em Halbwachs (1990). As discussões sobre as memórias devem, segundo Pollak (1989), partir do entendimento de que elas são processos que elaboram narrativas a partir de interesses conflitantes e seletivos, tanto para o ato de recordar quanto para o de esquecer. Elas precisam, como consolidado por Halbwachs (1990), ser compreendidas no campo das interações sociais e dos quadros sociais, ou seja, o desenvolvimento delas ocorre por meio de relações múltiplas que os sujeitos desenvolvem no decorrer da vida no contato com diversos grupos. As lembranças se apresentam, com isso, a partir de possibilidades múltiplas das vivências dos sujeitos e precisam ser compreendidas a partir de suas próprias complexidades, afastando quaisquer tentativas de enquadramento da realidade social (BOSI, 2003; ARAÚJO; SANTOS, 2007; NEVES, 2010). Apresentado o olhar sobre a forma com que o colecionismo se manifesta nos grupos, apresentamos a seguir como a interação social aparece nas narrativas dos participantes:

O colecionismo é uma paixão em comum entre as pessoas. Muitas vezes você tá num evento e chega na mesa de um cara que você nunca viu na vida e fala “cara, onde você conseguiu isso?” e o cara começa a conversar com você como se te conhecesse há trinta anos (Kleber, Miniaturas).

Belo Horizonte hoje tem os colecionadores de qualidade, não em quantidade. Para você ter uma ideia, **a gente encontra todas as quartas-feiras num restaurante.** O assunto é 90% carro e 10% automóvel. Então, o colecionador, ele briga porque o parafuso não está escrito o emblema do, da originalidade tem sido o emblema da Ford, por exemplo. São coisas assim que você passa o dia todo falando sobre história. **Tem sempre pessoas contando histórias, uma nova história. E o mais importante é o seguinte: a gente está perpetuando o passado para o futuro, é para o futuro** (Lucca, Antiquidades).

Nas narrativas de Kleber e Lucca, os participantes mobilizam a temática da interação social com outros colecionadores. O participante Kleber apresenta em sua narrativa o personagem “cara” para rememorar os casos em que há uma interação em um “evento” de colecionador, colocando-se distante da narrativa ao utilizar a segunda pessoa do singular “você”, apresentando situações que ocorreram em um tempo passado, mas que retratam possibilidades que podem voltar a ocorrer em eventos futuros. De forma implícita na narrativa de Kleber, surge a temática de que o colecionismo é uma forma de se fazer amizades. No mesmo sentido, a narrativa de Lucca opta por apresentar, de forma explícita, a expressão valorativa “qualidade” para se referir aos colecionadores da cidade de Belo Horizonte, no tempo presente (“hoje”). De forma implícita em sua narrativa, tal valorização é que possibilita que sejam realizados encontros “todas as quartas-feiras”, tendo em vista que “tem sempre pessoas contando histórias”, posicionando que o trabalho feito por estes colecionadores, incluindo Lucca ao utilizar a expressão “a gente”, é de estar “perpetuando o passado para o futuro, é para o futuro”. O participante se insere nesta coletividade por comungar com os mesmos objetivos desta coletividade, colocando-se como parte dela.

As memórias de Kleber e Lucca convergem com reflexões de autoras como Oliveira *et al.* (2005) quando as autoras refletem que a organização das coleções está conectada com os significados individuais e coletivos que determinados sujeitos ou grupos destinam para elas, sendo atravessadas pelos efeitos que os acontecimentos passados repercutem nas memórias que os objetos acionam. Em complemento, Pedrão e Bizello (2016) consideram que as memórias que permeiam a coleção de determinado sujeito podem também estar conectadas com as memórias coletivas em determinado tempo histórico, posição que acreditamos ser a mais coerente com o estudo das memórias tendo em vista as contribuições de Halbwachs (1990) e Alberti (2004, 2012).

Eu comecei a colecionar porque eu ia nas reuniões e nos encontros, mas não tinha carro. Então aquilo foi me aguçando. E de lá para cá, disparou, disparou, até que fiquei assim, obcecado (Lucca, Antiquidades).

As memórias de Lucca discorrem sobre o momento em que, antes de ser colecionador, ele sofria as influências do grupo de colecionadores de carros de Belo Horizonte. O participante afirma que participava das “reuniões e (dos) encontros”. A memória, que utiliza o tempo verbal do passado, apresenta uma relação com o tempo presente quando, em apenas um *continuum*, esse passado ainda interfere na forma de ficar “assim, obcecado”. Este ponto converge para o já discutido por Pearce (1997, 2005), quando apresenta a existência de uma ferramenta analítica de que, ao se analisar o colecionismo, é necessário considerar os níveis materiais, individuais e grupais. Mesmo sem compactuarmos com a visão funcionalista da autora sobre o fenômeno, consideramos sua contribuição acerca dos significados que determinados objetos colecionáveis possuem dentro de um grupo, em um sistema de signos que mantém a importância para aqueles que compartilham e compactuam das práticas do grupo. Tal ponto é refletido por Dohmann (2015) e complementado por Oliveira *et al.* (2016), de que há um compartilhamento dos significados dentro dos grupos colecionadores, tornando os objetos desejados na medida em que o meio social em que se está inserido estabeleça um consenso sobre tais. Complementamos que, nosso ponto de vista pode se referir também como fator motivador de início de uma nova coleção para aqueles que ainda não a possuem, como relatado no passado de Lucca.

A gente começou nosso clube por necessidade de exatamente de ter onde se reunir os apaixonados por Hots. **A gente é discriminado nos encontros de carros originais.** A gente chegava, o pessoal torcia o nariz, ficava putó. É muito preconceito. **A gente chegava e um pessoal de carro original olhava olho torto e meio que desprezava o carro (...).** Fomos no encontro em Araxá uma vez e chegando lá o pessoal destratou a gente, cobrou uma fortuna. E decidimos não entrar, **fizemos a exposição paralela do lado de fora. (...)** E na segunda-feira, saiu em um jornal de Belo Horizonte “farofeiros, invadem Araxá”, se referindo a gente. **Aí eu falei, “a partir de agora eu vou criar um encontro para Hot Rod” e criamos o maior encontro do Brasil** (Emanuel, Carros).

Eu fazia parte de um outro grupo (...) eu achava que o clube tinha que prestar conta do dinheiro. **Então quando você cobrava isso, o presidente falava “não devo satisfação a ninguém. Eu faço a coisa, não tem discussão e fim de papo”.** Bom, **“já que é assim, eu vou criar um meu”, que é exatamente o contrário.** O nosso é **um grupo democrático, não tem presidente, não tem nada.** Tem administrador do grupo para quê? Para colocar quando necessário algumas regras. Nós vamos ter uma exposição, nós vamos fazer reservas de mesas, vai ter, **tudo estabelecido democraticamente dentro do grupo, com votação, primeiro nos administradores, depois necessitando, vai para o grupo.** (...) Bom moral da história. **O clube deles tem 30 pessoas, nós temos 2500 pessoas** (Dionísio, Miniaturas).

As memórias dos participantes Emanuel e Dionísio, respectivos presidentes dos grupos de colecionadores *Hot Rods* (ou carros “envenenados”, modificados em sua potência) e de miniaturas, apresentam o contexto da criação dos grupos. Ambos apresentam uma exclusão dos grupos anteriores que geraram a criação dos novos grupos de modos diferentes, convergindo para o exposto por Chaves (2011) de que a memória, a partir de interesses e dissidências, é

constantemente tensionada pela coletividade, de tal modo que possibilita tanto a agregação quanto rupturas. Ambos possuem um contexto de conflitos, sendo marginalizados e silenciados nos grupos anteriores. No caso dos carros, o participante Emanuel rememora a ocorrência de uma discriminação por parte dos colecionadores de carros antigos, grupo do qual fazia parte, que, segundo nossas anotações de conversas informais com o participante com outros colecionadores nos encontros de carros em que estivemos presentes, dá-se exatamente pela modificação das características originais do objeto. A memória do participante mobiliza o caso de um evento ocorrido na cidade mineira de Araxá e que foi o ponto de inflexão para criação do grupo. Neste evento, o participante Emanuel afirma que houve conflitos, explícito no trecho “chegando lá o pessoal destratou a gente”. Este fato possibilitou uma mobilização do grupo para criação do próprio evento, que, segundo o participante, tornou-se o “maior encontro do Brasil”. Estivemos presentes no evento último a que o participante se refere, realizado no estacionamento de um shopping na cidade de Belo Horizonte. Nossa impressão é que é algo que necessita de uma mobilização grande do grupo, tendo em vista os mais de 450 carros expostos de mais de 300 colecionadores, reforçando a narrativa do participante de que se refere a um dos maiores eventos de colecionadores de *Hot Rods* do Brasil.

Uma situação conflituosa que culminou na criação do grupo de colecionadores de miniaturas também é tema das memórias de Dionísio. A existência de situações impositivas no contexto do grupo e na ausência de “prestação de contas”, conforme explícito no trecho destacado, foi um dos fatores que desarticulou o grupo. Insatisfeito com a forma autoritária e excludente com que o antigo grupo tratava os colecionadores, Dionísio e mais alguns ex-membros se reuniram e criaram o próprio grupo de colecionadores sendo, para ele, “democrático, não tem presidente, não tem nada”. Todavia, ao mesmo tempo, o participante se contradiz na própria recordação, quando afirma que atualmente existe um grupo de administradores responsáveis pela tomada de decisão das principais questões. A contradição nas recordações é pauta dos estudos de Guarinello (2004), Neves e Ferreira (2013) e Bosi (2015), referindo-se que estas contradições bem como silenciamentos são seletivos, sendo preciso compreendê-los nas significações que os silêncios possuem. Para nós, pareceu uma alteração apenas da nomenclatura, já que, no grupo anterior, havia uma diretoria responsável pelas decisões internas, chamada no grupo atual de diretoria. O participante, no momento da entrevista, apresentou desconforto ao citar o grupo antigo, buscando logo encerrar o assunto na entrevista e silenciar sobre este nos momentos que buscamos retomar o assunto. Então, conforme as conversas informais que realizamos nos encontros do grupo em que estivemos presentes, assumimos a possibilidade de haver uma

participação maior dos membros na tomada de decisão, e isto pode ser fator que justifica a narrativa explícita de que o “clube deles tem 30 pessoas, nós temos 2500 pessoas”, mas que isso não passa por uma alteração na estrutura de organização do grupo colecionista, e sim na forma de condução das atividades realizadas.

É importante situar que as memórias, destacadas nas narrativas dos participantes Emanuel e Dionísio atendem aos interesses do tempo presente, conforme discutido em Guarinello (2004), Neves (2010) e Bosi (2015). O silenciamento e o incômodo apresentado nos relatos das saídas dos antigos grupos são justamente por não existir o interesse em trazer para a superfície algumas memórias, que podem ser traumáticas e conflituosas, podendo acarretar até conflitos atuais simplesmente por lembrar determinados fatos. Tal questão ainda demarca a diferença para um historicismo que busca apenas reproduzir os fatos escritos e irreversíveis do passado. Perius (2009) diz que Benjamin considera que a história que é recontada está, no mesmo instante, sendo reescrita e recriada. Essa recriação realizada transforma os estudos das memórias ricos em suas complexidades. Não nos interessa buscar uma exatidão do momento de criação dos dois grupos expostos acima, mas refletir sobre como as memórias sobre os fatos reverberam no tempo presente. Este momento de narração, não sendo uma tarefa apenas reprodutora, envolve, portanto, as próprias interferências deste tempo presente como ato político que ele é, trazendo-nos novas interpretações sobre os fatos passados, novas articulações para histórias que foram apagadas, silenciadas, excluídas das ditas oficiais e dominantes. É por isso que Benjamin (1987e, p. 224) nos disse anteriormente: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Por isso,

Contar outra história, numa espécie de política da memória significa, neste sentido, retirar a tradição dos oprimidos do conformismo. O tempo vazio e homogêneo onde se inscreve a noção de continuidade e progresso é no fundo uma negação da temporalidade. A radicalidade do temporal, isto é, o instante como tempo pleno, carregado de possibilidades de subverter a ordem é evitada neste primeiro grande relato – o do progresso. Ver o presente como atualização do passado e preparação do futuro é retirar do tempo, do instante, sua força messiânica. Vê-se, portanto, uma clara tradução política do discurso oficial sobre a história: o de engendrar através da imagem da continuidade o conformismo (PERIUS, 2009 p. 131).

Gagnebin (1993) coloca que, para Walter Benjamin, a ausência do olhar crítico perante a história leva a um conformismo que acarreta a ausência de criticidade dos fatos. Não criticar os fatos, e conseqüentemente, aceitar passivamente a história dos vencedores, que, no caso de Emanuel e Dionísio seria a história dos grupos já estabelecidos antes da criação dos novos, impede-nos de enxergar a história dos vencidos, das tentativas de se fazer uma outra história

dos fracassados, diferentemente do movimento valorizado por nós nesta tese. É nesse raciocínio que podemos pensar na própria história da Administração. A história dos vencedores é aquela que retrata o conhecimento técnico, instrumental, produtivo e a reprodução de modelos em busca da maior produtividade. Enxergar essa história de modo acrítico leva, de igual forma, ao silenciamento das outras histórias, das outras formas de pensar a história da Administração, de pensar a história na gestão, de pensar as organizações por suas margens e pelos sujeitos silenciados e, por fim, de pensar nos atos de organizar a partir daquilo que é improdutivo aos olhos do capital.

A gente tem um estatuto, e temos um perfil. A primeira coisa, o cara tem que ser íntegro, tem que ser parceiro, tem que ser leal. Se a gente sai 15 carros para fazer um passeio em Sete Lagoas, os 15 têm que voltar, ninguém fica para trás, entendeu? Assim, sempre a cordialidade, a camaradagem, isso tudo pesa para a gente. Nenhum nunca ficou e não vai ficar para trás do (nosso clube). Então a gente analisa muito o comportamento do cara, tanto é que o cara chega, pode ter a grana que for. Então a gente viu o comportamento dos encontros fala “oh, vai frequentar com a gente, vamos levar para o conselho” Depois chega à conclusão, se vai dar uma chance para o cara ou não (Emanuel, Carros).

Existe uma cartilha de regra no grupo do *Whatsapp*, que só pode anunciar a camisa original. Se for o camisa paralela, tem que ser avisado. É expressamente proibido contestar ou debochar do valor que a pessoa pediu pelo item, porque o preço é o vendedor, enfim, **existe uma cartilha básica de convivência** (Mário, Camisas de Futebol).

Os participantes Emanuel e Mário apresentam como tema de investigação em suas memórias a forma com que os grupos são organizados. Emanuel afirma que existe um “perfil”, baseado em um “estatuto”, ao qual não nos foi disponibilizado acesso. Ao mencionar o personagem “cara”, o participante apresenta os atributos esperados para participação no grupo: “sempre a cordialidade, a camaradagem”. Para eles, há uma análise do comportamento dos postulantes na entrada no grupo, e quando o participante declara “pode ter a grana que for”, é possível interpretar, de modo implícito, que houve situações em que colecionadores de perfil distinto ao esperado pelo grupo buscaram a entrada, mas não foram aceitos, fatos estes silenciados nas memórias de Emanuel. Ele ainda prossegue descrevendo o processo de entrada no grupo, que passa pela aprovação de um “conselho”, que, segundo nossas anotações do caderno de campo, é composto pelos dez membros mais antigos. Na mesma linha, o participante Mário apresenta em suas memórias a existência de uma cartilha com as principais regras do grupo de colecionadores de que ele faz parte: o de camisas do Atlético-MG (figura 17).

Figura 17 – As regras do grupo de colecionadores de camisa do Atlético-MG

 COLECIONADORES DO GALO  ADM. [unreadable]	
 1. DADOS COMPLETOS Postagem de camisas a venda/troca, somente com tamanho e foto e nos casos de venda o preço.	2. LEILÃO Não é permitido a prática de "leilões". Caso seja constatado, serão tomadas as providências cabíveis. 
 3. SEM SPOILER Não será permitido comentar que irá "anunciar" mais tarde, que vai colocar tal camisa a venda, a não ser que esteja já com preço, isso impede leilões.	4. TEMPO... Respeitar o intervalo de 5 minutos entre o anúncio de um colega e sempre observar antes de fazer algum comentário, se o fizer, respeitar o tempo do anúncio. 
 5. DÚVIDAS, A DISPOSIÇÃO Proibido a postagens de fotos de camisas com o intuito de apenas tirar dúvidas sobre "valor". Para tal pergunte a um administrador no privado.	6. RESPEITO Proibido XINGAMENTOS a outros integrantes. Respeito sempre. Divergência de opiniões e discussões são permitidos e sempre bem vindo, desde que de forma racional e sadia. 
 7. VENDA FAKE Proibido postar camisa a venda, dizendo logo após que foi vendida, quando não foi. Isso levará a um balão de 3 dias. Se houver nova prática, exclusão do grupo.	8. IMAGEM DO GRUPO Não é permitido alterar a imagem do grupo sem o consentimento de um dos administradores. Caso tenham alguma sugestão envie aos adms. 
 9. COMBOS Será permitido a venda de "pacotes de camisa" desde que tenha o preço individual de cada peça.	10. PUNIÇÃO Qualquer violação as regras terá como punição a suspensão (balão) por tempo a ser determinado pelos administradores. 
 11. MODELO Toda camisa postada ainda que tenha sido usada em jogo, deverá constar se ela é modelo torcedor ou jogador, já que em algumas coleções houve as duas opções.	12. EXCLUSÃO Aplicação de 3 punições seguidas, o famoso "balão", acarretará na imediata EXCLUSÃO do integrante, por favor, evite. 
 13. NADA DE XING LING É proibida a postagem de réplicas ou falsificações. Se a camisa for ORIGINAL, porém montada, com todas informações pode anunciar.	14. EX RIVAL As postagem de qualquer foto/video ou afins relacionados ao falido será passível de exclusão do grupo. 
 15. AQUI É GALO POR&% Não é permitido postagem de camisas que nao sejam do Galo.	16. A CAMISA É MINHA... É proibido questionar ou criticar valores de camisas anunciadas por outros no grupo. 
 17. FOCO NO ASSUNTO O foco do grupo é para NEGOCIAÇÕES DE CAMISAS DO GALO e outros colecionáveis. Vamos evitar divergir do tema.	18. INGRESSOS Terminantemente proibido vender ou trocar ingressos no grupo, mesmo que seja valor igual da bilheteria. Permitido apenas a doação. 

Reprodução: Whatsapp. Dados da pesquisa.

O que o participante Mário explicita em sua memória como “cartilha básica de convivência” é apresentado na figura 17. Na figura, podemos verificar algumas regras para manutenção da configuração do grupo entre os participantes e sobre as coleções. Destacamos o item dois, que estabelece a proibição de realizar leilões, ou seja, as camisas a serem comercializadas devem ser postadas já com o preço final, e a regra treze, que estabelece a proibição de camisas falsificadas, tal como na memória de Mário, explícita no trecho “só pode anunciar a camisa

original”, além da regra dezesseis, proibindo comentários relacionados aos preços das camisas anunciadas, aspecto também explícito na memória de Mário (“proibido contestar ou debochar do valor que a pessoa pediu pelo item”). Por ser um grupo de colecionadores de camisas de uma equipe de futebol, as outras regras perpassam questões relacionadas ao clube e que não abrangem os interesses de nossa pesquisa.

A cartilha pode ainda ser lida a partir de Neves (2010), quando a autora afirma que as memórias possuem potencialidades de ultrapassar o tempo da vida individual, o tempo do presente, para alcançar, por meio dos relatos orais, os registros do cotidiano e das tradições dos povos. Elas viabilizam a reconstrução daquilo que antecedeu o tempo que vivemos, permitindo as memórias do passado, sejam elas individuais ou coletivas (HALBWACHS, 1990; ALBERTI, 2004, 2012), e se caracterizam como fontes de pesquisa para a produção do conhecimento. Ou seja, por meio da cartilha, são apresentadas regras a partir de questões que antecederam o presente, exibindo regras a partir da experiência de situações passadas da coletividade.

Existe um certo atrito entre colecionadores. Tanto entre grupos tanto entre colecionadores entre si na hora de comprar alguma coisa, frequentar certas lojas. Eu vi que tem uma guerrinha, que eu não consigo entender muito, não. Porque, para mim, **se eu tiver que brigar com alguém por causa de colecionismo, aí ele deixou de ser um hobby** (Ronaldo, Miniaturas).

Não existe colaboração entre colecionador, não. Existem mutualidades para tentar chegar no outro lugar, uma pista do que ele não tem. **É um querendo ser mais do que o outro. Ser mais exclusivo, mais o cara** e tal. Colecionador se abraça, tira foto, faz reunião, manda mensagem, mostra a peça que conseguiu, mas, assim, **você não consegue crescer a sua coleção dentro de um grupo de colecionadores não** (Bonfante, Antiguidades).

Outros colecionadores falam “o disco é muito raro”, aí você fica assim “nossa, eu também tenho que ter”. **É como se houvesse uma competição, o que não faz sentido. Gosto é subjetivo (...). Então, se ele ficar competindo nessas, perde o sentido. Eu vejo que muitos, colecionadores ficam lá, fica ostentando (...).** Mas **isso não é a função da coleção, no meu entendimento, a função da coleção, é ter um disco para que eu possa ouvir músicas. Só isso.** Agora, se ela é X, se ela é Y, se tem N itens, se o outro tem dois mil, bom pra para ele, que seja feliz. Eu tô feliz com os 600 discos que é o que eu dou conta de escutar ou de ter também (Bernardo, Discos de Vinil).

A competição acaba afastando as pessoas. Eu acho que **essa competição não faz assim muito sentido. Eu acho que o maior culpado da competição também é quando começa a tratar esse, escolher colecionadores como uma espécie de celebridade**, sabe, tipo “ah é o maior colecionador disso”. Velho? Não tem que ter o maior colecionador. Eu acho que cada um sabe o tamanho da sua coleção, cada uma tem seu valor (Givanildo, Camisas de Futebol).

Nos fragmentos narrativos destacados acima, as memórias de Ronaldo, Bonfante, Bernardo e Givanildo optam por enfatizar os atritos existentes nos coletivos de colecionadores de diferentes objetos. Apesar de haver grupos estabelecidos, destacamos a existência de situações

conflituosas, explícitas nos fragmentos a seguir: “Existe um certo atrito entre colecionadores” (Ronaldo), “Não existe colaboração entre colecionador, não. Existem mutualidades” (Bonfante), “É como se houvesse uma competição” (Bernardo). As memórias dos participantes mobilizam, em sua maioria, o tempo presente para refletir sobre o que os participantes Bernardo e Givanildo chamam de “competição”. O participante Bonfante justifica que as “mutualidades” não são suficientes para que haja um senso de coletividade, pois, dentro do grupo de colecionadores, as pessoas buscam alguma forma de distinção, explícito no trecho: “É um querendo ser mais do que o outro” (Bonfante).

Os trechos destacados nos fazem refletir sobre a crítica ao senso comum sobre a Administração. Passamos em nossa formação tendo contato com visões positivistas de gestão que afirmam que a função da organização se relaciona aos objetivos coletivos em comum, em articulação com os objetivos individuais. Ora, se “as organizações são unidades sociais (ou agrupamentos humanos) intencionalmente construídas e reconstruídas, a fim de atingir objetivos específicos” (ETZIONI, 1984, p. 3), como então explicar as organizações que não possuem metas comuns? Explicar as organizações em que não existem apenas as ditas mutualidades para alcance de objetivos individuais? Explicar as organizações em que cada membro possui suas metas únicas? Elas não poderiam ser consideradas organizações pelo olhar tradicional. Então elas não poderiam ser organizações? Acreditamos que as memórias dos participantes nos possibilitam repensar os próprios pontos de referência de organização e de gestão (ROWLINSSON *et al.*, 2014; LIPPMANN; ALDRICH, 2016; OCASIO *et al.*, 2016) mobilizados pelo *mainstream* administrativo

As organizações que se vinculam aos colecionadores não buscam uma meta comum, mas elas não deixam de ser organizações. As organizações sociais, que para nós é o objeto de estudo da Administração, não necessariamente possuem o olhar voltado para um interesse único da coletividade. Os sujeitos se associam aos grupos a partir de diferentes interesses: sociais, políticos, econômicos, e que podem ser até coletivos, mas não necessariamente isto é linear. Não é, por exemplo, o objetivo de todos os colecionadores de certos grupos que todos possuam o modelo X de determinado objeto raro. Apenas alguns dos colecionadores terão tal objeto, e, por isso, Bonfante explicita que “você não consegue crescer a sua coleção dentro de um grupo de colecionadores não”. O objetivo dos grupos, neste sentido, é outro que não passa pela aquisição de determinado objeto para a coleção. Não é o ter que mobiliza a existência de tais grupos. E isso apresenta uma outra possibilidade de mobilização das organizações: por meio

das experiências e das recordações. Os colecionadores se organizam não com o intuito primário de adquirir itens para sua coleção, mas com o intuito de lembrar os fatos que convergem para os objetos, de trocar experiências e, de alguns deles, apresentar alguns objetos raros, de ter conhecimento e estabelecer uma rede social para com o meio. Nesse meio, existem alguns sujeitos que se destacam como “grandes” colecionadores. Isto é algo consciente a partir do trecho de Bonfante, que diz sobre a existência do colecionador que quer “ser mais exclusivo, mais o cara” ou o status de “celebridade”, como lembrado por Givanildo. Esta forma de agir dentro do meio cria uma “competição”, conforme lembram Givanildo e Bernardo. O último participante ainda complementa a partir do substantivo “ostentação”, em uma tentativa de manter a exibição dos objetos para o grupo em que se faz parte não com o intuito de compartilhar histórias, mas para se exhibir, tal como em Santos (2015). Há também um outro olhar sobre esta questão trazida nos trechos a seguir:

Nos grupos de colecionador, você faz muitos amigos, você aprende em quem confiar, tem pessoas que ajudam e tudo. E também é uma coisa que **tem que tomar cuidado com a especulação**, de alguém souber que você está querendo uma camisa e, invés dela fazer um preço justo para você, ela acaba subindo preço, (...). Tem umas pessoas que viram celebridades. Não tem que ser isso. **Eu acho que quem é assim, está colecionando não para ele, mas para os outros** (Givanildo, Camisas de Futebol).

Eu acho o grupo de colecionadores do Galo muito fechado. Panelinha, que não valoriza as subjetividades. Sempre tem um que quer se colocar à frente da coleção. Como tem o artista, que se coloca à frente, do trabalho, da pintura, da fotografia. Mas por outro lado, **é importante manter algum vínculo.** Eu nunca briguei com ninguém, esta nunca falei nada disso para ninguém. Sou super tranquilo. **Porque assim você consegue as camisas. Então não dá também para criar inimizade** (Volpi, Camisas de Futebol).

O **processo de estruturar a coleção**, assim, é de formiguinha. Compra uma coleção no Rio, outra lá no Rio Grande do Sul, outra lá no em Fortaleza, João Pessoa, Brasília, Goiânia, **você tem que estar rodando por aí, tendo conhecimento, conhecendo todo mundo**, porque, quando for vender, te oferecer, você tem que ter conhecimento, **tem que ser conhecido na área e tem que ter referência para você comprar e ter preferência.** Então assim, são vários fatores. Você **tem que construir ao longo do tempo para você ser uma referência nacional ou municipal ou estadual** (Alexandre, Numismática).

Givanildo, Volpi e Alexandre ainda desenvolvem sobre a relação com o grupo, mobilizando em suas memórias a temática da importância de estar inserido nesses meios. Mesmo com diversos apontamentos negativos, como o “cuidado com a especulação” (Givanildo) e sendo “panelinha, que não valoriza as subjetividades”, os participantes acreditam que estar inserido neles facilita a aquisição dos objetos das coleções. Por isso, tal aspecto possibilita fazer “amigos” e encontrar pessoas que “ajudam”, como nas memórias de Givanildo. A importância de se “manter algum vínculo” na rememoração de Volpi é que permite se manter atento aos

novos produtos que surgem, e, assim, “você consegue as camisas”. O participante Alexandre apresenta em seu relato que a estruturação das coleções é um processo de “formiguinha”, dando a entender que é aos poucos que elas se estruturam. Logo, é importante, no caso dele, estar “rodando por aí”, permitindo que você conheça “todo mundo”. O fato de conhecer é critério fundamental para estruturação de uma coleção, explícita no trecho mobilizado no tempo presente: “tem que ser conhecido na área e tem que ter referência para você comprar e ter preferência” (Alexandre). É uma outra forma de olhar a busca por alguns colecionadores de se manterem como “referência” (Alexandre) ou “celebridades” (Givanildo). Manter o nome do colecionador em evidência permite, segundo Alexandre, a “preferência” na hora de uma compra. Então, a exposição que é lida por alguns como “ostentação” (Bernardo) ou colecionar “para os outros” (Givanildo) é também vista como forma de adquirir os melhores itens de coleções à venda que não são publicizadas.

Esse diferencial com o colecionismo me permitiu transgredir o grupo social que eu faço parte. Meu grupo de amigos não curte, quase nenhum deles curte nada, entrei num grupo de colecionadores de antiguidades que, olha nível social do grupo, olha o nível cultural daquele grupo de colecionadores. **O nível de expansão daquele grupo. E eu fui aceito por ele, fui indicado como uma referência para uma pesquisa.** Então **o colecionismo te dá esse passaporte.** Esse grupo te dá mais informação, te dá mais referência de qualidade, de padrão de vida. **O colecionismo é também um upgrade social** (Bonfante, Antiguidades).

O participante Bonfante recorda que o colecionismo permite “transgredir o grupo social” e o utiliza como argumento-chave de sua narrativa. Através desta proposição, o participante mobiliza, por meio do tempo narrativo do passado e do presente, os personagens “coleccionadores” e os hábitos de sujeitos que possuem, em sua visão, um “nível social” e um “nível cultural”, alcançando o que ele explicita de “nível de expansão”. Para ele, o colecionismo pode ser lido por meio da metáfora do “passaporte”, deixando implícito que, com este *status*, acessam-se lugares (SILVA, 2015) impossíveis sem ele, traduzindo, conforme Dohmann (2015, p. 7), “aspectos de dominação cultural e econômica devido à disponibilidade financeira e de tempo livre para sua realização, além de requerer um amplo e profundo conhecimento sobre a natureza das peças”. É neste contexto que o colecionismo é tratado como um “*upgrade social*” para Bonfante. A narração do participante ainda converge para as contribuições de Dohmann (2015) e Silva (2015) quando os autores afirmam que as coleções se tornam, além de expressão de poder, uma expressão social. Portanto, o valor e o prestígio que são dados para uma coleção são atribuídos por meio do compartilhamento dos significados pelo grupo social, de acordo com o mesmo autor. Tal ponto converge para a própria recordação de Bonfante, ao explicitar que,

fora do grupo de colecionadores, seu “grupo de amigos não curte nada”. Ou seja, fora do grupo de colecionadores de antiguidades, a coleção de Bonfante não possui prestígio social.

Eles têm medo de aparecer. Não sei se é mineirice isso, eles não gostam muito não. Medo de sequestro, de roubo. É perigoso, não é uma coisa tranquila não. Mas eu sou um perfil um pouco diferente. Eu sou um colecionador que preocupo com história, com região com tipo, com estilo, é um pouco diferente. **Eles não são abertos, são pessoas mais fechadas, mexem com a parte financeira,** eu tenho a impressão, creio que em parte é isso mesmo (...). **Não tem duzentas pessoas que colecionam arte, acho que no Brasil. São poucas as pessoas. Esse livro que fizeram comigo, a intenção era fazer outros. Você sabe que nenhum quis, não é?** (Cândido, Obras de Arte).

Eu deixo guardado em três, lugares diferentes, quatro lugares diferentes, entendeu? Porque como **eu já fui assaltado, já fui sequestrado.** Já tive roubo de funcionários. Mas tudo, tudo se passa na vida. (...) **Você mexe com o valor e a cobiça.** Quem vai lá (nos eventos) pode passar informação para outras pessoas. É difícil. Ainda mais no Brasil numa crise dessa. Tem que se precaver. (...) **Tudo vem da inveja. Meus roubos foram todos de concorrentes. Falar pra mim é tranquilo. Hoje é, na época, não foi. Achei que ia parar de colecionar** e tal, entendeu? Mas tudo passa na vida. Mas hoje, para mim já está superado, mas até hoje ainda tem roubos, nesse Brasil afora (Alexandre, Numismática).

Os participantes Cândido e Alexandre mobilizam em suas memórias o relato sobre os colecionadores que optam pela não exposição de suas coleções, assim como levantam motivações para isso. Cordova (2017) afirma que este movimento de discrição e segredo se apresenta como uma estratégia dos colecionadores para acesso às melhores obras tendo, como uma das motivações, o acesso a preços melhores. Em contraste com os que optam pela exposição para adquirir os melhores itens ou ter preferência para compra, há aqueles que, por uma série de motivos, não agem desta maneira. Cândido postula que possui um “perfil um pouco diferente” dos colecionadores de arte por não encontrar problemas em expor sua coleção. Ao mesmo tempo, ele possui ciência dos perigos de agir desta maneira e compreende aqueles que optam por manter a coleção reservada, pois há “muito medo de aparecer”, que pode ser por “mineirice”, deixando subentendido que há uma forma própria de mineiro lidar com as coleções de arte, de modo a não despertar tanta atenção, mas que é também por “medo de sequestro, de roubo. É perigoso, não é uma coisa tranquila não”. Ele deixa subentendido em sua narrativa que aqueles que possuem o receio na exposição são os colecionadores que tratam a coleção como investimento, diferentemente de seu perfil que se preocupa com “história, com região com tipo, com estilo”. Os colecionadores de arte, que aparecem como personagens na memória de Cândido como “menos de duzentas pessoas”, são “pessoas mais fechadas”. Isto se traduz pela dificuldade que tivemos em nossa pesquisa em encontrar outros colecionadores mineiros dispostos a participar da pesquisa. Cândido procurou não indicar outros participantes para a pesquisa pois sabia do receio que eles teriam. Outros colecionadores de arte que encontramos

por conta própria, seja pela internet seja por indicação de amigos, não retornaram os nossos contatos, confirmando que, por lidar com valores muito expressivos, há uma dificuldade de acesso por pessoas que não fazem parte do meio.

Alexandre apresenta em sua narrativa a exemplificação do ônus que se possui a partir da exposição existente. O ser conhecido no meio colecionista faz com que o participante adote questões de segurança, tal como discutido em Nordsletten e Mataix-Cols (2012). Em sua loja, local em que foi realizada a entrevista em Belo Horizonte, o acesso é totalmente rígido. Há vidro blindado, seguranças, câmeras e controle de acesso, artifícios necessários, segundo ele, por já ter sido assaltado. Por isso, foram criadas estratégias até de armazenamento da coleção em lugares distintos e seguros. Tal medida passou a ser adotada por já ter sido furtado e também roubado por funcionários de sua própria loja. Sequestros e assaltos ocorreram em diversos momentos de sua vida sendo motivados, conforme o participante, pela “cobiça” e “inveja”. Na entrevista, o participante se apresentou desconfortável em lembrar este momento de sua vida. Por isso, no trecho destacado, ele não apresenta muitos detalhes sobre como foi a dinâmica das situações, apenas afirmando que foram “todos de concorrentes”, mobilizando o presente e o passado para afirmar que “falar pra mim é tranquilo. Hoje é. Na época, não foi”. Com pausas, e idas e vindas em outros assuntos, buscamos abordar a temática não sendo desenvolvida pelo participante, afirmando que achou até que “ia parar de colecionar”, tratando o tema hoje como “superado”. Desta forma, este trecho apresenta outras questões delicadas que ilustram como a exposição no meio colecionador pode atrair novas aquisições, mas também violências para o sujeito.

Saiu uma reportagem minha, **aí, amigos meus “ah, mas você está entregando sua casa, sua vida”**, não tô não (risos). **Eu gosto de mostrar minha coleção**. Eles não gostam de mostrar e acham um absurdo, "você está entregando sua casa entregando sua vida?" eu ouvi isso (Cândido, Obras de Arte).

Cândido rememora a existência de uma pressão social por aqueles que optam por publicizar a própria coleção. O participante possui diversas veiculações na mídia, entre elas uma reportagem que mostra que toda sua casa bem como as obras que possui em seu acervo são filmadas, além de um livro que apresenta, após uma breve entrevista, todas as obras autorizadas para reprodução na publicação. Tivemos acesso aos materiais, e, para manutenção do sigilo da pesquisa, não apresentaremos os *links* ou as referências sobre eles. Podemos afirmar, porém, que o movimento feito pelo participante se torna único, justamente pelo detalhamento e pela compreensão do bem que possui em seu domínio, que conta com diversos artistas renomados,

como citamos em outra passagem desta tese. Contudo, ao mesmo tempo, o participante possui ciência de que este não é um movimento comum, já que há um receio por crimes que possam sofrer devido aos altos valores que os objetos possuem. Em conversas informais, o participante relata que possui uma série de cuidados que não publicaremos por segurança, mas que seu receio não é fator fundamental por considerar que sua coleção não é pautada do ponto de vista financeiro. Outro fator que reforça o argumento é que, ao solicitarmos a Cândido o contato de outros colecionadores de obras de arte para convidarmos para participação da pesquisa, ele relatou: “duvido que vão aceitar”. E assim aconteceu. Quando Cândido realizou o convite ao grupo de colecionadores de que faz parte (de não mais que cinco pessoas), ouviu uma negativa veemente por parte deles. E neste sentido, a áurea de discrição por trás dos colecionadores de arte se mantém, talvez por status, talvez por manutenção de uma distinção, talvez por poder, talvez por receio de assaltos ou talvez por todos esses elementos juntos.

Por fim, finalizamos este capítulo em que apresentamos as interações sociais que fazem o colecionismo de maneira difusa. No contato dos colecionadores com os grupos, há compartilhamento de memórias coletivas (HALBWACHS, 1990; ALBERTI, 2004, 2012), formam-se amizades, inimizades, adquirem-se objetos, mas também se encontram casos extremos de roubos, furtos e sequestros. Existem dissidências de grupos antigos e criação de novos. Existem afastamentos e desinteresses (ou a limitação na amplitude de colecionadores) para criação destes. Há ainda muitas outras questões não alcançadas por esta tese, seja questões dos grupos que alcançamos seja pelos muitos outros existentes. Trata-se de um dos suportes de nossa tese de que é exatamente na diversidade inerente aos grupos colecionistas que podemos pesquisar os diversos modos de ser, estar e se relacionar no tempo e no espaço de alguns colecionadores mineiros.

8 COLECIONANDO, ORGANIZANDO, REMEMORANDO: O PRESENTE EM EVIDÊNCIA

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Neste capítulo, discutimos as manifestações da gestão na prática do colecionismo. Autores como McIntosh e Schmeichel (2004) procuram compreender o comportamento dos consumidores colecionistas e nos apresentam oito etapas que auxiliam na reflexão da prática, a saber: 1) formação dos objetivos de colecionar é espontânea, sendo causada até por acidente; 2) investigação sobre tudo que se pode saber sobre os objetos que serão colecionados; 3) plano para aquisição dos objetos; 4) busca pelos objetos é iniciada, em uma verdadeira “caçada”, envolvendo a localização do objeto, identificação de um negócio vantajoso, negociação; 5) aquisição dos objetos; 6) pós-aquisição, em que o ato de colecionar não se finaliza, tendo em vista a existência de benefícios pessoais aos colecionadores, em uma posse que possibilita a socialização com outros colecionadores; 7) catalogação, exibição e manipulação dos objetos que serão conservados; 8) retorno à fase três, envolvendo o plano de aquisição de novos objetos.

Apesar de McIntosh e Schmeichel (2004) realizarem a sistematização das etapas descritas, não esgotamos neste capítulo suas oito proposições e/ou as seguimos sequencialmente, mas discutimos algumas delas que perpassam o próprio processo de gestão e organização não só “das” coleções, mas também “nas” coleções. Sabemos que as oito etapas podem ocorrer ou não em sequência. O cotidiano envolve o planejamento (ou não) das atividades. A investigação (ou não) do que se pode saber. Um plano (ou não) de aquisição de objetos. Uma “caçada” e negociação (ou não). Uma socialização (ou não) após a aquisição. Uma catalogação (ou não) destes. No mesmo sentido, as práticas organizacionais ocorrem ao mesmo tempo, não sendo a realidade implementada por meio de uma sucessão de etapas. Seguimos compreendendo que o fenômeno social não pode ser enquadrado em processos únicos, subsequentes e encadeados. Ao mesmo tempo que uma dessas etapas acontece, outras podem acontecer em paralelo, outras já encerradas podem voltar à tona, outras que eram metas deixam de ser, e, até mesmo, outras etapas que nem sequer foram descritas pelos autores (ou cogitadas por nós) podem surgir. O

movimento filosófico que coadunamos e seguimos nesta tese destaca a complexidade dos fenômenos, de tal modo, que qualquer tentativa de enquadramento do saber social em “caixinhas” pareça limitada.

Discutimos as questões organizativas do colecionismo, vinculadas às dimensões de tempo (passado, presente e futuro) e da administração. Começamos refletindo sobre formas de se buscar e adquirir os objetos; o armazenamento, a catalogação e a exposição (ou não) destes itens; discutimos as questões relacionadas aos espaços (ou à falta deles); refletimos sobre a manutenção (ou não) dos objetos e sobre a discussão econômica (ou sua ausência); e concluímos apresentando o mercado e o negócio das coleções de acordo com as memórias dos participantes da pesquisa.

8.1 Busca e aquisição dos objetos

Neste tópico, buscamos apresentar como a busca pelos objetos é (ou foi) feita a partir das práticas dos sujeitos estudados. De acordo com suas memórias e ações, podemos refletir questões importantes para a discussão colecionista, convergindo para as contribuições de Weitzel (2021) de que são necessárias políticas de aquisição por parte dos colecionadores.

A busca é feita no cotidiano, [pois o cotidiano] é o garimpo, é procurar as coisas prazerosamente. **O prazer tem que tá no meio**, sem prazer nada feito. E eu viajo muito também, não com a obrigação de encontrar, mas é exatamente **a não obrigação que facilita o trabalho (...)**. **Eu busco de forma aleatória**. Eu não sei se amanhã eu vou sair a pé, de carro, de ônibus, de táxi, de metrô. Não sei se amanhã eu vou tá em Belo Horizonte, se eu vou para Ouro Preto. Então eu não tenho uma agenda administrável (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Eu comecei a perceber que, além daquilo que eu tinha, tinha coisa mais legal. Por exemplo, se eu tinha uma moedinha de um cruzeiro, tinha a moeda de edição comemorativa. “Pô, é mais legal”. Aí depois, tinha outra mais bonita do que a minha. “Então tenho que ter aquela”, **aí começa aquele sistema da busca do objeto mais exclusivo** (Bonfante, Antiguidades).

Os participantes acima destacados possuem como tema central de suas narrativas a busca pelos objetos. A narrativa de Reginaldo é apresentada no tempo presente e envolve pontos de referência para a sua ação: a busca prazerosa que “é feita no cotidiano”. Para ele, o fato de a atividade não ser obrigatória “facilita o trabalho” e é ponto fundamental em sua prática. A aleatoriedade que ele ainda apresenta em sua narrativa demonstra como sua ação não se baseia em critérios definidos e planejados, como no *mainstream* da Administração. Ele apresenta, no tempo narrativo destacado no “amanhã”, uma possibilidade futura de executar a atividade, que

pode ser de diversos modos e, igualmente, com olhares e perspectivas diferentes, explícito no trecho “sair a pé, de carro, de ônibus, de táxi, de metrô”. Sua ação é geograficamente localizada na cidade de Belo Horizonte ou na cidade de Ouro Preto, interior do estado de Minas Gerais. De modo complementar, a narrativa de Bonfante apresenta um movimento contínuo no passado (“eu comecei a perceber”), revelando algo que continuou a ser realizado pela expressão “aí depois” e o alcance do ponto de referência para a ação em que ele gostaria de pontuar em sua narrativa: o começo de um “sistema da busca do objeto mais exclusivo”. O fragmento converge para o já colocado por Baudrillard (2004b) sobre a busca pelo distinto na coleção, o objeto que falta e que reflete uma distinção, um status e uma distinção social nesse processo de busca.

O mesmo cotidiano envolvido na busca dos objetos é discutido em Guarinello (2004) como aquele que possui características de fluidez e dinamicidade. No mesmo sentido, as memórias atuam como o cotidiano. Elas, nesse raciocínio, são elaboradas em um contexto de troca social que atualiza o passado, dando-lhe sentido no tempo presente assim como nas narrativas de Reginaldo e Bonfante. Portanto, para valorizarmos as práticas cotidianas, como em De Certeau (2012), bem como as memórias dos sujeitos, é fundamental o distanciamento de uma concepção que uniformiza a memória e a coloca como mero reservatório de fatos da história.

Nós vamos adquirindo sempre quando a gente viaja, passa num antiquário. Olha alguma coisa, compra. Tem um conhecido nosso aqui do Padre Eustáquio que tem um depósito de antiguidades. **Ele está vendendo agora, então a gente compra alguma coisa na mão dele.** Tem muita coisa lá dentro, muita coisa antiga que acumulou do pai dele, e ele está vendendo (Cláudia, Antiguidades).

Aqui em Belo Horizonte tinha uma feira de arte que funcionava na Praça da Liberdade. No final de semana, eu ia com minha mulher lá. **E tinha uma artista que expunha lá que saia muito nos jornais.** E você sabe que a arte é muito ligada à publicidade. **E eu comprei o primeiro quadro dela lá nessa feira. Ela já era referência, uma pessoa já importante, em 1971.** Ai, o segundo quadro, eu comprei de um artista mineiro na época. Ele veio tratar comigo. Tratei dele durante muito tempo e comprei vários quadros dele. **Depois, frequentando as galerias de arte,** eu dei um pulo mais alto e **fui num artista chamado Manabu Mabe** (Cândido, Obras de Arte).

Nos trechos destacados acima, a temática da busca pelos objetos é destacada de modos diferentes. A participante Cláudia apresenta, como ponto de referência para sua ação e do personagem Arnaldo, implícito no uso da expressão “nós”, a busca em antiquários em viagens. A lembrança é desenvolvida no tempo presente por meio do personagem “conhecido”, um comerciante de antiguidades no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte, local geográfico em que a segunda parte da narrativa é apresentada. Neste comércio, são buscadas peças que foram acumuladas pelo personagem “pai dele” e que são vendidas aos colecionadores. A

recordação da busca pelos objetos é concomitante com a lembrança de compra, o que indica um silenciamento pelos momentos em que se buscam objetos antigos, mas sem uma concretização do negócio.

A narrativa de Cândido localiza geograficamente a cidade de Belo Horizonte para reforçar uma ação passada: idas, com sua esposa, pela referência à personagem “minha mulher”, a uma feira que existia na Praça da Liberdade⁴, região Centro-Sul de Belo Horizonte, nos anos setenta do século passado. Nesse local, em que suas buscas foram realizadas, o participante adquiriu sua primeira obra de arte de uma artista que aparece como personagem em sua fala. Após isso, a busca pelos objetos se vinculou ao personagem “artista mineiro”, que era na época seu paciente. A narrativa do participante se finaliza com a lembrança de que, após isso, houve um “pulo mais alto” ao frequentar galerias de arte, em que as localidades são silenciadas, e a compra de uma obra do artista japonês naturalizado brasileiro Manabu Mabe, que aparece como personagem em sua narrativa.

O porquê eu vou botar [na coleção] e vou atrás é porque eu **conto com a minha memória, conto a minha vivência de época. O que eu vi, vivi e me identifiquei na época que eu tento incorporar** (Bonfante, Antiguidades).

Primeiro eu **busco alguma coisa que o meu inconsciente goste. Segundo** que seja uma coisa que **eu não tenha** e terceiro que **seja rara**. De preferência que **remeta a minha juventude** (Lucca, Antiguidades).

Qual é a função da arte? É despertar o sentimento, seja ele de crítica, seja ele de contestação ou de alegria, seja lá qual for. Eu vejo o disco. Se despertou algum sentimento em mim, eu decido se compro, levando em consideração se o **preço está justo** (Bernardo, Discos de Vinil).

Bonfante, Lucca e Bernardo buscam em suas narrativas apresentar o tema que explica (ou tenta explicar) as razões pelas quais se buscam adicionar itens às suas coleções. Bonfante utiliza as relações do tempo narrativo do presente e passado para apresentar que as adições dos objetos perpassam suas memórias e vivências, aspecto explícito no fragmento “O que eu vi, vivi e me identifiquei na época que eu tento incorporar”. Tal questão converge para as discussões de Formanek (2005) quando o autor aponta a existência de colecionadores que acreditam estar “recolhendo experiências” sobre o passado, e neste caso, não só o passado dos objetos, mas o próprio passado. Esta reflexão também se apresenta nas memórias de Lucca, quando o participante afirma que há uma busca por algo e que esta ocorre de três modos: por aquilo de que seu “inconsciente goste”, pela ausência do objeto na coleção e pela raridade, com a

⁴ A feira de arte e artesanato foi realizada na Praça da Liberdade de Belo Horizonte entre os anos de 1969 e 1991.

preferência de remeter ao passado, expresso no fragmento “remeta a minha juventude”. Já Bernardo procura refletir que a busca pelos objetos está vinculada com o próprio papel da arte, sobretudo da música no formato de vinil, ao indagar “qual é a função da arte?”, reflexão também realizada por Cravo (2017). Para ele, o mais importante na busca por um objeto é despertar um sentimento em conjunto com um preço justo pelo objeto.

Quando eu vejo algum que é do meu foco, aí eu começo a pesquisar, ver quanto é o preço, quem está vendendo, o que está vendo (...). Aí eu compro e fico na expectativa da chegada. Na hora que chega, você pega e vê, fica naquela expectativa igual criança, de ver um presente chegar e expor na coleção, mostrar para os amigos ou postar para os colecionadores (Ronaldo, Miniaturas).

Quando eu vejo a camisa que eu estou procurando, eu acabo desembolsando mais do que eu esperava. Às vezes a emoção fala mais alto, mas muitas vezes é paciência e ficar procurando a camisa. (...) Quando você está com uma meta e tudo, você acaba até passando por cima das suas próprias estratégias de esperar. Falta uma camisa, aí você fica doído para ter, para você ver tudo assim, óh, completinho, sem faltar nada. É uma coisa que incomoda, assim, quando está faltando muito pouco para chegar na meta (Givanildo, Camisas de Futebol).

Os participantes Ronaldo e Givanildo apresentam em sua narrativa como é esse processo de busca e aquisição. Para Ronaldo, há uma partida de foco e uma pesquisa a partir disso. Fatores como “preço”, a referência do vendedor, explícito no uso do pronome indefinido “quem” e o tipo de objeto vendido, explícito em “o que”. Após a efetivação da compra, o participante afirma que o processo envolve uma “expectativa da chegada”, uma contemplação que envolve os sentidos de tato e visão, enunciado no fragmento “pega e vê”. Para ele, esse processo passa por uma expectativa, utilizando o advérbio “igual” para comparar a reação com a de uma criança ao “ver um presente chegar”. Para ele, o processo se completa a partir do olhar do outro, já que envolve “expor”; “mostrar” e/ou “postar” para os demais colecionadores contemplarem o objeto adquirido. Este processo final conversa com as proposições já estabelecidas de Jeudy (1990, p. 14), quando o autor afirma que há um desejo na criação de imagens, em nosso caso, de imagens das coleções que sejam compartilhadas por uma coletividade, em uma espécie de “intercâmbio coletivo das memórias”. Pedrão e Bizello (2016, p. 830) ainda enfatizam:

Essa memória que permeia a coleção pode não ser somente afetiva, pode se tratar de uma memória histórica e cultural, não se limitando apenas ao colecionador. Ela pode se estender a uma população local ou até maior dependendo das proporções da coleção e de quanto ela é divulgada. Ela pode fazer parte de um momento histórico de grande importância como guerras, ditaduras ou grandes crises, momentos em que as pessoas guardaram lembranças, objetos, correspondências e etc. para contar ao futuro o que aconteceu ali.

Givanildo também parte de um foco para buscar e adquirir a peça. Entretanto, ao contrário de Ronaldo, ele afirma que há um pagamento mais alto tendo em vista a “emoção [que] fala mais

alto”. Ele desenvolve em sua memória que esta ação ignora as próprias estratégias, definidas como de “paciência e ficar procurando”, para adquirir uma camisa que falta e ter a sensação de ter tudo “completinho, sem faltar nada”. O participante finaliza o trecho destacado justificando que tal procedimento acontece por ser um incômodo quando “está faltando muito pouco para chegar na meta”. Tal questão ocorre, pois, subsidiados por Bloom (2003, p.181–182), acreditamos que o colecionador coloca metas em sua coleção por saber que ela é algo que nunca se completa, pois “o objeto mais importante de uma coleção é o objeto seguinte”; no caso de Givanildo, a meta mais importante é sempre a que será colocada em seguida. A noção da incompletude (VENN, 2006; FONTDEVILA, 2017) e da falta em Santos (2015) são fundamentais para a compreensão das buscas e aquisições, tendo em vista o incessante processo de início, meio que nunca chega ao fim.

O sujeito que se dispõe a colecionar é apresentado em Benjamin (2009) como aquele que possui a capacidade de fazer renascer o objeto a cada nova aquisição. Adquirir um objeto é renovar o velho (o mundo velho, os significados velhos, as funções velhas). E assim, o sujeito colecionador possui a capacidade de transformar, em uma única aquisição, os significados que aquele objeto possui. O que não possui significado para um pode ser o alcance de um grande objetivo para outro. É por isso que reafirmamos que o ordenamento dos fenômenos sociais a partir de modelos preestabelecidos não se concretiza, pois, nesse contexto, cada colecionador possui seus objetivos, suas intenções, e cada um deles busca uma organização que, apesar de ser semelhante em alguns grupos, só existe sentido para ele.

A coleção de minerais, é uma **coleção um tanto particular**, principalmente quando se trata de um profissional da área, como é o meu caso, como geólogo. **Você não necessariamente compra o objeto da sua coleção.** Muitas vezes no seu trabalho de campo, **you tem acesso a esses minerais. Você mesmo coleta eles, sem custo nenhum** (Francisco, Minerais).

Eu **pedia as palhetas** pros artistas. **E tem todo um modo de fazer.** A pausa na música no momento certo, o gesto certo. **Você não vai ficar enchendo o saco do cara o show inteiro.** Se você tiver a possibilidade de **levar uma parte da coleção de palhetas para você mostrar**, aquilo faz a diferença. (...) E aí, **saber antes, na internet, através de fotos, de que lado fica o guitarrista.** Então você chega no show, **já se posiciona onde fica o guitarrista** (Gump, Palhetas).

Nas memórias dos participantes Francisco e Gump, são apresentadas formas diferentes de se adquirir os objetos que não por meio da compra deles. Francisco afirma que é possível adquirir os minerais colecionáveis por meio da própria coleta deles “no seu trabalho de campo”. Sua profissão de geólogo, formação coerente com sua coleção, permite-lhe a coleta “sem nenhum tipo de custo”, como exposto por Menezes Filho e Chaves (2007). Já Gump rememora como

ocorre o processo de aquisição das palhetas. Ele detalha, não sequencialmente, o processo e seu modo de fazer, que se inicia com a pesquisa do posicionamento do guitarrista no palco por meio de fotos na internet. Depois, há uma separação de uma parte da coleção de palhetas que será levada ao show, o posicionamento próximo ao guitarrista e o processo para chamar atenção do músico. Para ele, não envolve “ficar enchendo o saco do cara o show inteiro”, mas o chamado em determinados momentos de “pausa na música, no momento certo, o gesto certo”.

Prefiro não aceitar doações porque envolve, de certa forma, um compromisso meu com o objeto doado. Quem doa o objeto quer que ele esteja bem posicionado, que tenha o nome de quem doou (...). Várias vezes eu sou chamado por pessoas que querem me dar alguma coisa. E eu até vou, mas com o objetivo de pagar um certo preço. (...). E quando fecha o negócio, você não pode pensar no grau de dificuldade do transporte. Você tem que comprar e depois você resolve (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Diferentemente de Francisco que tem a possibilidade de formar sua coleção em campo e de Gump que cria estratégias para solicitar aos artistas as palhetas, Reginaldo não aceita em sua coleção objetos que não sejam comprados. Ele explicita no personagem “pessoas” com um referente indefinido para recordar acontecimentos passados em que lhe eram oferecidas doações. Sua recusa passa, segundo ele, por acreditar que existe “um compromisso [dele] com o objeto doado”. Em nossas anotações de caderno de campo, registramos casos em que o participante recebeu doações e se viu em situações embaraçosas quando as pessoas iam visitar o espaço e percebiam que o objeto não estava em uma situação de destaque. Por conseguinte, ele afirma que aceita ir ver o que está sendo ofertado para doação, mas “com o objetivo de pagar um certo preço”. Esse processo se finaliza em sua recordação quando Reginaldo afirma que há ainda a problemática do transporte, que é resolvida sempre depois que o negócio é fechado: “Você tem que comprar e depois você resolve”.

Eu sou apaixonado com o [carro da marca General Motors]. Então, **muita gente sabe disso em Belo Horizonte. Eu gosto muito do [carro]. No meu caso, foi por coincidência. Tinha uma oficina perto de casa, e o cara arrumava [esse carro] que eu era doido com ele, e depois o dono morreu**, e o carro ficou parado muito tempo. Um dia eu falei com esse mecânico e ele falou “olha toma o endereço da viúva, vai lá, pode falar, mas ela não quer vender.” E fui lá ver o carro na garagem. Foi assim, impactante. Foi amor à primeira vista. E aí eu fiz uma proposta e no final deu tudo certo. **O segundo, por mais uma questão de coincidência**, fiquei sabendo de uma pessoa que está vendendo, que não tinha obsessão de ter um [carro da General Motors]. Então, quando **eu fiquei sabendo que tinha chance de comprar mais um e não pensei duas vezes. Fiz a proposta** (Emanuel, Carros).

Por fim, a última estratégia que sobrelevamos neste tópico é a do participante Emanuel. O tema central abordado no fragmento é a paixão por um carro específico. Ele descreve como sua paixão pelo carro se desenvolveu, mencionando a coincidência de encontrar um mecânico que

realizava a manutenção no veículo e, posteriormente, ter a oportunidade de adquirir dois exemplares do carro. Em sua narrativa, ele destaca como ter visto o carro inutilizado em uma garagem foi “amor à primeira vista”. Ao mesmo tempo, o participante utiliza a referência geográfica de Belo Horizonte para expor como os contatos sociais lhe permitiram adquirir os carros, pois “muita gente sabe” da sua paixão pela marca. Por isso, para ele, foi possível adquirir o segundo carro, o que ele atribui a uma “coincidência” por ter ficado “sabendo”. Apesar de o autor explicitar tal questão, salientamos que os círculos sociais são importantes na busca pelo objeto desejado nas coleções, exatamente como Santos (2015, p. 80) explicitou que “independentemente da motivação para a construção de uma coleção, ela sofre a influência social na sua formação”.

Apresentadas as discussões e reflexões sobre a busca e aquisição dos objetos, abordamos, no tópico a seguir, as questões posteriores a este primeiro processo. Para tanto, discutimos as memórias que se referem ao armazenamento, à catalogação e exposição (ou não) dos objetos nas coleções dos participantes desta pesquisa.

8.2 Armazenamento, catalogação/não catalogação e exposição/não exposição

Neste tópico, apresentamos os aspectos vinculados ao armazenamento, à catalogação e exposição (ou não) dos objetos. O colecionismo é compreendido em Almeida (2012) como uma atividade de sistematização, com certo rigor classificatório de peças que atendem à referência trazida anteriormente por Pomian (1984) de “semióforo”, ou seja, os objetos passam para um lugar de inutilidade de suas funções para a exposição ao olhar. A visão colecionista para o mundo seria, então, distante dos ideais positivistas pelo simples fato de reconhecer várias formas de se conhecer o mundo por meio dos objetos, pelas várias interpretações a partir das exposições aos olhares. Assim, o fato de que a compreensão de marcha contínua e progressiva dos fenômenos pela lógica positivista se desfaz no momento em que é possível reconhecer a influência dos vários contextos e épocas. Deste modo, qualquer intenção que busque reduzir a riqueza do fenômeno colecionista encontra contrapontos na própria variabilidade e incompletude histórica.

Após adquiridos, portanto, como são armazenados os objetos?

Eu **guardo as camisas em um guarda-roupa, só pra elas**. Eu não gosto de deixar dobrado. Ficam **todas em cabides em ordem cronológica** de temporada (Givanildo, Camisas de Futebol).

Eu guardo em armários. Todas as camisas penduradas em cabides enfileiradas e separadas por temas. E em dois apartamentos diferentes, porque eu mudei para cá há menos de 1 ano. Então, ainda não tenho espaço para guardar tudo aqui. Então aqui eu mantenho as camisas do Galo em ordem cronológica e as que eu considero mais importantes de outros clubes e seleções, todas em **ordem cronológica** (Volpi, Camisas de Futebol).

Eu guardo minha coleção em gaveteiros e envelopes de papel branco neutro. Isso porque a moeda, por exemplo, de ouro, mas mais é de prata, ela oxida e aí, a oxidação, **em um papel de cor, transparece aquela cor para a moeda. E o branco fica neutro.** Já as cédulas, são guardadas em plásticos com divisórias em pastas (Alexandre, Numismática).

Nas memórias dos participantes Givanildo, Volpi e Alexandre, a temática central narrada se refere à organização, ao armazenamento e cuidado com a coleção. Givanildo e Volpi reforçam o mesmo método de armazenamento, explícito respectivamente nos usos dos substantivos “guarda-roupa” e “armários” que permanecem em “cabides”. No armazenamento de ambos, chama a atenção o uso da expressão “ordem cronológica” para especificar o ordenamento que as camisas permanecem. Este ponto converge para uma breve reflexão de Benjamin (2009) quando ele afirma a necessidade da organização, da gestão e do ordenamento para o sujeito colecionador. Esta forma de ordenar é um arranjo que possui sentido para o sujeito e talvez para um grupo de sujeitos que compartilham o colecionismo de um mesmo tipo de objetos, mas que pode ser incompreensível a partir de um olhar externo. O ordenamento e a esquematização das coisas é um dos fatores que contribuem para que a coleção seja delimitada e adquira sentido para o colecionador.

Em nosso caderno de campo, anotamos que a ordem cronológica também é seguida na coleção de Alexandre. Ele, que possui em sua coleção todas as cédulas (e suas variações) circuladas no Brasil no século passado, apresenta diversas pastas separadas por décadas e, dentro delas, a manutenção cronológica em que as cédulas circularam (ou foram impressas). No contexto do participante, a separação das moedas ocorre por meio de envelopes, sempre na cor branca que, segundo ele, “fica neutro” no processo de oxidação. Ao mesmo tempo, o participante exemplifica que as notas são armazenadas em plásticos com divisórias (figura 18) dentro de pastas.

Figura 18 – Parte da coleção de cédulas da década de 1930



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Na figura 18, visualizamos uma página de uma pasta (dentre as várias) da coleção de cédulas de Alexandre. Nela, visualizamos as moedas de 20 mil réis em espécime e a original circulada e uma cédula de 50 mil réis de 1936 que, conforme a explicação na imagem, deveria ter sido aproveitada como Padrão Cruzeiro em 1942, mas que falhou na reimpressão. Cabe salientar que, na coleção numismata, objetos com falhas únicas, como de impressão, são valorizadas pelos colecionadores por ser uma peça rara.

A gestão das coleções a partir do ordenamento das coisas no tempo e no espaço aparece nas reflexões de Benjamin (2009) como eixo que atravessa, de fato, seu pensamento. Isso se dá

quando o autor reflete sobre a valorização não apenas da existência material do objeto em si, mas de seu passado, envolvendo a concepção, fabricação, localização geográfica, venda, preço de aquisição, proprietários anteriores, valor etc. Os dados de cada um dos objetos são explorados pelo colecionador, que busca ordenar e estabelecer um sentido a partir de um desses processos. Isso confirma nossa reflexão de que existem, então, formas diferentes de gerir os objetos de acordo com suas características, tempo, valor econômico e sentimental etc. O colecionador, então, para Benjamin (2009, p. 241), cria, a partir de suas possessões, o que ele chamou de “enciclopédia mágica [buscando] uma ordem para o mundo, cujo esboço é o destino de seu objeto”.

Eu consigo fazer até umas frases com essas cachaças, tá? Pela sequência do nome dela que eu coloco na prateleira (...). Agora pouco que ela vai dar uma frase, está vendo ali? Eu vou formar uma frase, começamos daqui dessa garrafa até chegar naquela última ali, óh. A primeira chama Miss Minas e a última termina na Melhor do Mundo. "Se você quer conhecer a Miss Minas, faz uma Nova Aliança. Jamais esquecerei essa Melodia tão Redondinha. Coisa boa é ter Atitude. Você tomando uma Providência com Decisão e Juízo, você leva uma Boa Vida com a Melhor do Mundo". Então eu vou guardando e formando frases com elas. Tem aqui também óh: "Lá no Cantão das Gerais, existe uma Menina Branca bem Mineirinha, que é uma Dama de Ouro em noite de Lua Cheia, a Granfina virou a Dama da Noite. Com um Tapa na Pantera, a Delícia recordação Sem Ressaca a Caboclinha aos noventa anos, vira uma Defunteira". E aí começa aqui novamente, aqui. "A afamada Seresteira com a Sagrada Izaura lá no Rancho Fundo. Com a demanda de Severina do Popote. É uma Vergonha, um Segredo Pastor, não saber que a Penicilina não é uma Relíquia do Vale do Jequitinhonha" (Murilo, Cachaças).

Eu setorizo algumas coisas até para eu organizar minha própria cabeça, porque, senão, eu fico louco. Mas **não tem algo estabelecido**. Eu brinco que as coisas estão em **desordem cronológica** (...). Os objetos que estão **aqui, eles não ficam presos ao espaço que ocupam**. Nesse momento, eles estão **transitoriamente nesses lugares**. Eles mudam de lugar, vão para outra concepção que interessa ao meu olhar (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Nos fragmentos narrativos de Murilo e Reginaldo, a temática central proposta é a de que os olhares dos sujeitos interferem na distribuição dos objetos. Na coleção de cachaças de Murilo, o participante realiza uma forma diferente de armazenamento e organização. Diferentemente da ordem cronológica comum em outras coleções, Murilo subverte o senso de organização e o tempo, e rearranja as garrafas de modo a contar histórias, explícito no fragmento “consigo fazer até umas frases com essas cachaças, tá? Pela sequência do nome dela que eu coloco na prateleira”. Esta questão nos remete às contribuições de Santos (2013) quando a autora reforça a seletividade que faz com que determinados pontos sejam esquecidos ou evidenciados. Aqui, esse processo envolve uma seletividade a partir da relevância dada por Murilo à organização das cachaças. Seu envolvimento e vivência com sua coleção abrangem uma forma criativa com ela, tendo como ponto de referência para sua ação os nomes dos rótulos. São as formas criativas

de praticar o tempo a que se referiam Simpson *et al.* (2020). O mesmo movimento criativo se manifesta na coleção de Reginaldo, quando o participante afirma que seus objetos estão dispostos em “desordem cronológica” e que ocorre um rearranjo dos objetos nos lugares, com uma mudança contínua a partir de sua percepção. Tais trechos se tornam importantes por apresentar possibilidades de armazenar os objetos nas coleções que não atendam à condição cronológica e estabelecida nos estudos tradicionais históricos, mostrando para nós que a história não precisa seguir uma cronologia para que ela seja recontada. Tal como a memória, os sujeitos interferem na história com suas ações e olhares, refazendo um passado constantemente a partir dos interesses do tempo presente, assim como refletido por Bosi (2015, Üsdiken e Kipping (2022) e Maclean *et al.* (2022).

Quando eu falei “pô já está virando uma coleçãozinha”, **eu comecei a fazer cadastro** “agora vou fazer um cadastro disso aqui”. E fiz **para não comprar repetido** (Dionísio, Miniaturas).

Eu tenho um **arquivo** que eu coloco **quem deu, se foi eu que comprei, a data, de onde que trouxe, se foi presente de aniversário, de natal, de dia das mães**. Então **tem numeração, tem tudo**. A lembrança é o mais forte da minha coleção mesmo, que **eu lembro e eu vejo que tudo que tá catalogado** (Bruna, *Souvenirs*).

Eu gosto planilhar tudo na minha vida, então eu confiro se está fotografada. Eu gosto de fotografar e anotar. **Depois que eu vou no show, eu tenho um ritual. Eu só posso trazer para cá quando estiver digitalizado e acrescentado na planilha** (Gump, Palhetas).

Eu **sempre fui muito metódico, eu sempre fui muito controlado**. Eu **gosto de olhar na coleção e lá tem a localização**, tem tudo **cadastrado** (Kleber, Miniaturas).

Os participantes acima destacados apresentam como temática central de suas narrativas o desejo por manter os itens com uma organização, o que está destacado por meio dos vocábulos “cadastros” (Dionísio), “catalogado” (Bruna), “planilha” (Gump) e “cadastrado” (Kleber). A organização do armazenamento dos objetos é realizada por motivos diferentes: “para não comprar repetido” (Dionísio); pelos registros dos detalhes, na coleção de Bruna que possui como foco “a lembrança”; a fotografia e digitalização de Gump; e o controle de Kleber. As narrativas destacam a importância da organização, do controle e do registro sistemático das coleções, visando evitar repetições, preservar as memórias e garantir o conhecimento e o controle sobre os objetos colecionados.

Eu tenho mais de 15 mil peças. **A memória não dá para tudo isso**. Então hoje **eu estou documentando a minha coleção em livros**. Eu já comecei, já fiz a uma edição de catálogo de cédulas de defeitos, fiz os 640 que são as duas patacas. Agora tô fazendo os de 320, que é uma pataca. Depois eu vou fazer meia pataca, um quarto da pataca, um oitavo, um décimo sexto da pataca. Tudo em um livro. Só **depois vou fazer** o J cruzado e o terceiro sistema, os carimbos de Minas e por fim fazer das células também (Alexandre, Numismática).

O participante Alexandre apresenta uma outra forma possível de catalogar sua coleção: por meio dos livros. Ele, que é autor de diversos catálogos das moedas brasileiras, realiza seu trabalho a partir de sua própria coleção. Esta motivação parte da extensão e do tamanho significativo de sua coleção. Ao afirmar que “a memória não dá para tudo isso”, ele estabelece uma conexão entre o passado que repercute no presente, já que a quantidade de peças adquiridas em um tempo anterior não possibilita uma lembrança de todas no tempo presente. Ao mesmo tempo, a conexão com o presente se mantém quando Alexandre afirma estar realizando um novo catálogo. A conexão com o futuro em sua narrativa se apresenta no momento em que apresenta os pontos de referência para a ação: fazer catálogos do “J cruzado e o terceiro sistema, os carimbos de Minas e por fim fazer das células”.

Acho que **tudo começa com uma acumulação desordenada**, de pegar tudo que você vê pela frente, seja qual for seu gênero. **Depois você começa a setorizar. É classificar e ver o que realmente faz sentido ou não um.** Então, **para que o cara se considere um colecionador**, e não um acumulador, **ele precisa ter esse fator de organização, esse fator de categorização** (Josias, Minerais).

Se você pegar aqui em casa, **qualquer pedra que você pegar, você vai ver que tem uma etiqueta nela.** E aí nessa etiqueta tem uma **ficha com nome, tem a localidade onde ela foi coletada, o ano que foi coletada. Tem todo um histórico por trás de cada amostra, tem uma identidade dela.** O colecionador que é sério, **ele não quer só ter o bem, é ter o bem e ter uma história do que ele tem ali na mão** (Francisco, Minerais).

Eu **faço o cadastro, em cada peça coloca um número, vou olhar o ano (...)** porque **os objetos estavam aqui sem essa curadoria, sem essa parte da gente saber da história deles.** Eu já fiz isso com os automóveis, todos os rádios, todas as TVs, todos os telefones, todas as balanças. É esses objetos menores, os relógios de mesa, isso eu consegui (...). Essa coisa de lotar esse espaço, **não precisava de estar lotado desse jeito**, que tem coisa que não tem valor. Não tem valor sentimental, não tem valor financeiro, não tem nada, é descartável (Alice, Antiguidades).

Os participantes Josias e Francisco, diferentemente da concepção de Murilo e Reginaldo, trazem em suas memórias que as coleções devem atender a alguns requisitos organizativos para que elas se diferenciem de uma mera acumulação, complementado pela ação de curadoria da participante Alice. Para eles, é necessária a existência de uma setorização e categorização dos objetos a partir de uma classificação. Ambos utilizam tons pejorativos para tratar aqueles que não realizam o trabalho histórico de suas peças, diferenciando o “acumulador” (Josias) e o “coleccionador que é sério” (Francisco).

Alice rememora com incômodo a ausência de uma sistematização das peças da coleção de seu pai Lucca, explícito nos fragmentos “os objetos estavam aqui sem essa curadoria” e “não precisava de estar lotado desse jeito”. Neste momento, a linguagem corporal e a expressão da

participante apresentavam uma recusa à forma com que o galpão dos objetos está estruturado. Ele não atende a uma lógica de organização por setores, tipos, modelos, anos, categorias, cores, formas ou ordens cronológicas. As antiguidades estão dispostas no espaço a partir do olhar do colecionador Lucca (ou até mesmo no espaço onde cabiam). Por isso, ela rememora a existência de um trabalho de organização e resgate da história dos objetos. Ao mesmo tempo, precisamos analisar que esta narrativa se encontra no lugar de filha de um colecionador que procura monetizar os objetos por meio de aluguéis dos objetos, transformando a coleção em uma possibilidade de negócio.

Consideramos que as narrativas destacadas nos três trechos acima se apresentam como mais próximas de uma concepção tradicional da Administração, que busca criar parâmetros para qualificar e desqualificar os modos de vivência e existência de outros que não seguem modelos pré-determinados, visão distinta da que apresentamos em nossa tese. Apesar disso, compreendemos que as visões de Josias e Francisco acima correspondem a um lugar de fala: são geólogos que participam de grupos de pesquisa em instituições de ensino e, por isso, a coleção desenvolvida por eles adquire um caráter científico no contexto das peças. Ainda assim, acreditamos que tentativas de hierarquizar modos viver (e de colecionar) se respalda em uma imposição de sistemas de poder, conforme discutem Martins *et al.* (2023) e Martins e Correia (2023). As formas de Murilo e Reginaldo são, nesse sentido, diferentes das ordens cronológicas de Givanildo, Volpi e Alexandre ou do reforço dos sistemas de poder de Josias e Francisco. É nas diferenças que os modos populares dos primeiros encontram resistências às ditas legítimas imposições (DE CERTEAU, 2012) pautadas na cientificidade. De maneira divergente dos últimos trechos destacados, não há, portanto, uma definição do que deve ser ou deixar de ser um colecionador a partir dos modos de categorização e organização de suas peças. Afirmar isso é reforçar uma Administração que busca deslegitimar os saberes que não estão sob seu domínio, assim, o “popular aqui se equipara ao pensamento selvagem e às lógicas dos corpos constituídos como estranhos” (MARTINS; CORREIA, 2023, p. 98). Esse popular, completam os autores, “pertence a uma historicidade social, constituída por instrumentos manipuláveis por usuários, as táticas possíveis em um sistema social dado” (p. 98). Pautadas nessas recusas, novas formas de transgredir o que se coloca como dominante no saber social encontram terreno para transpor lógicas que buscam o apagamento de saberes diversos.

De Certeau (1982) é um dos autores que pavimenta a reflexão sobre a História em bases plurais e renovadas. Para o historiador, o tema ao ser tratado, desta forma, possibilita o questionamento

de histórias (de teorias, de visões de mundo) que se pretendem totalizantes. A contribuição prossegue no sentido de que, para negar a posição dos discursos globalizantes, é preciso repensar as análises que buscam falar somente “da” história para um posicionamento de reflexão “na” história. Esse posicionamento se torna importante para que façamos um trabalho que se dispõe a reinterpretar e refletir “na” história, como processo do qual fazemos parte, diferentemente de pensamentos totalizantes e narrativos “da” história tradicional em que o pesquisador apenas narraria os fatos em uma pretensa neutralidade.

Suportamo-nos em Reis (2010) quando o autor nos diz sobre a relevância de negação da história tradicional, caracterizada como narrativa, para apreensão de uma história-problema. O distanciamento da primeira se faz necessário, segundo o autor, para que a proposta de linearidade e encadeamento ordenado dos fatos que já se presumiam conhecidos deixe de ser protagonista e vá para um segundo plano. Em vez disso, os olhares se voltam para uma história repleta de problemáticas, reconhecendo a interferência do pesquisador que se dispõe a analisar esse fato passado, encontrando formas, no tempo presente, de negar o “progressismo irreversível” de fatos que apenas se sucedem. Pensamos, no mesmo sentido, não apenas nas histórias e memórias repletas de problemática, mas também nas próprias coleções. Por isso, em seguida, apresentamos mais algumas dessas problemáticas: as recordações dos participantes que discutem a exposição (ou ausência dela) em suas coleções:

Fiquei dois anos e meio fazendo a coleção de banca de revista. Cavaleiro de chumbo, solda e cavalos de chumbo, tudo pintado à mão. (...) Tinha uma relação decorativa (...) **eu mandei fazer no corredor uma estante só para receber essa coleção** (Bonfante, Antiquidades).

Eu **mandei fazer uma cristaleira** e coloquei no corredor. Tem um jogo de luzes, então as maquetes de aviões ficam expostas ali (Vinicius, *Safety Cards*).

Nas memórias dos participantes Bonfante e Vinicius, são mencionados os móveis específicos para exposição de suas coleções que ambos criaram. No primeiro trecho, Bonfante menciona ter feito uma estante para sua coleção de cavaleiros de chumbo (figura 19), enquanto, no segundo trecho, Vinicius rememora ter feito uma cristaleira para suas maquetes de aviões (figura 20).

Figura 19 – O corredor e a estante da coleção de cavaleiro de chumbo



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Figura 20 – A cristaleira da coleção de maquetes de aviões



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Nas figuras 19 e 20, visualizamos respectivamente a exposição de uma das coleções de Bonfante e de Vinicius. Ambos os participantes explicitam em suas narrativas a importância da exposição. No primeiro trecho, Bonfante descreve sua coleção de cavaleiros de chumbo como tendo uma "relação decorativa", indicando que a exibição das peças é um aspecto importante para ele. No segundo trecho, Vinicius menciona que suas maquetes de aviões ficam expostas na cristaleira, evidenciando seu desejo de mostrar sua coleção aos outros. Um aspecto interessante que não foi explicitado na narrativa é que ambos os participantes mencionaram em conversas informais, anotadas no caderno de campo, que as exibições das coleções em áreas

comuns só foram possíveis por um combinado com suas esposas. Em ambos os casos, as coleções são fontes de conflito nas relações, e, por este aspecto implícito, analisamos a escolha de Bonfante por ressaltar o apelo estético “pintado à mão” e a explicitação do “jogo de luzes” por Vinicius.

Nem todos ficam expostos, muitos estão guardados em caixas. Não temos espaço, é um problema de espaço. Se eu tivesse espaço, eu poderia expor todos eles. Mas **tem que selecionar, expor o os mais bonitos**, determinada classe mineral que eu acho bonita. Então você procura selecionar, ou seja, expor os melhores (Francisco, Minerais).

Tem algumas coisas que eu gosto mais, então eu deixo eles mais expostos, porque assim a prateleira às vezes você vai colocar, mas **não dá para você colocar todas na vitrine, muitas ficam em caixas.** Então **procuro colocar o que eu mais gosto** (Ronaldo, Miniaturas).

As melhores obras acabam indo para um lugar melhor. Embora tenhas coisas boas em outros lugares, tem uma gravura da Tarsila do Amaral que tá no banheiro (risos) (Cândido, Obras de Arte).

A temática central dos trechos anteriores é a forma como os colecionadores selecionam e expõem suas coleções, levando em consideração fatores como espaço, preferências pessoais e valor estético. Francisco, Cândido e Ronaldo apresentam em suas narrativas a impossibilidade de expor com destaque todas as peças, explícitos nos fragmentos “nem todos ficam expostos, muitos estão guardados em caixas” (Francisco), “não dá para você colocar todas na vitrine, muitas ficam em caixas” (Ronaldo). A impossibilidade de destaque também é ressaltada nas memórias de Cândido de modo implícito, quando ele afirma que “as melhores obras acabam indo para um lugar melhor”. Esse lugar melhor é uma parede nas principais áreas que possam destacar as obras. Ainda assim, por ter muitas obras de destaque, algumas qualificadas como “boas” pelo participante, são expostas em outros lugares, até inusitados com uma gravura da artista modernista Tarsila do Amaral que se encontra em seu banheiro. Ao visitarmos seu apartamento, visualizamos a gravura a que ele se refere. Ela não fica exatamente no banheiro, mas em uma antessala que dá acesso ao banheiro de uma sala de visitas. Os participantes apresentam que não existem critérios definidos para que as peças de destaque sejam escolhidas, ressaltando o gosto pessoal que passa pela beleza, “mais bonitos” (Francisco)”, ou pelo gosto subjetivo, “procuro colocar o que eu mais gosto” (Ronaldo).

Não fica nada exposto, tudo guardado. Primeiro pelo valor, segundo você tem pessoas que fazem serviços na sua casa o tempo todo (...). **Ninguém expõe nada que tenha valor.** E esses caras que falam que expõem normalmente, não tem nada, tem coisas de pouco valor. Porque **até para mostrar uma moeda para um curioso, eu mostro as comuns, eu vou mostrar a rara para quê? Que para ele é como se fosse uma rara. Ele não entende nada, dá na mesma. Se você mostrar uma moeda de prata de 10 reais ou de dez mil, de sessenta mil para ele, é a mesma coisa.** Então

você vai mostrar para que? Para ele deixar cair, sujar, pegar na moeda? Então não, você mostra como é a comum e para ele já é uma grande raridade, ele nunca viu (Alexandre, Numismática).

Tem coisa guardada, nem tudo tá exposto. Tem coisa guardada, tem coisa que eu guardo até de propósito, para não expor mesmo, mas ficar guardado, sabe? São as coisas da minha infância mesmo, **coisas que o valor é demais da conta, então não vou expor esse tipo de coisa minha, eu guardo mesmo** (...). As coisas da minha infância, as que são mais raras, que têm maior valor, não mostro e não levo pros encontros (Dionísio, Miniaturas).

O tema de investigação proposto nas narrativas de Alexandre e Dionísio é a escolha dos colecionadores em não expor todos os itens de suas coleções, sobretudo aqueles de maior valor ou importância sentimental, explícito respectivamente nos trechos “não fica nada exposto, tudo guardado” e “tem coisa guardada, nem tudo tá exposto”. Os participantes optam por estabelecer uma narrativa que relaciona o passado, por meio dos itens adquiridos, e o presente, por meio da não exposição dos objetos no tempo presente. O passado se apresenta como ponto de referência para a ação de Alexandre no presente. Quando ele indaga “para mostrar uma moeda para um curioso, eu mostro as comuns, eu vou mostrar a rara para quê?”, o participante apresenta um caso que pode ter acontecido, possibilidade esta que se apresenta de modo implícito.

Os trechos ainda possibilitam uma reflexão: a coleção, afinal, encontra-se em uma dualidade. Ao mesmo tempo que há um desejo de compartilhamento para a sociedade, implícito quando Alexandre apresenta o caso do personagem “curioso”, ou seja, que há uma exposição dos objetos, também em Dionísio quando ele explicita que os objetos de maior valor não são mostrados e levados aos eventos, deixando subentendido que existem outros que são expostos. Tal questão, sobretudo no último fragmento, é importante para refletirmos que não existe uma visão única sobre os fatos sociais (ARAÚJO; SANTOS, 2007). Há, de fato, uma dualidade e uma dialética entre as escolhas do que será publicizado e do que será silenciado, tal como nos estudos sobre as memórias (NEVES; FERREIRA, 2013; BOSI, 2015).

Benjamin (1987h) nos apresenta reflexões que nos auxiliam na compreensão dos fragmentos destacados quando discute o valor de culto e o valor de exposição e, nesse sentido, é como se existissem obras a serviço de uma magia em que, o que nelas importa, não é suas exposições, mas saber que elas existem. Assim, a partir do valor de culto, há um procedimento de manter as peças secretas, assim como os procedimentos de Alexandre e Dionísio. Ao mesmo tempo, isso ocorre em um contexto, das obras de arte para o autor e dos objetos cultuados para nós, de que: quanto mais há um afastamento do valor de culto, mais há um afastamento de uma tradição que justifica tal objeto como arte a ser cultuado. A consequência disso seria uma exposição às

massas, alcançando um valor de exposição, em que o objeto não cumpre mais a função de culto, mas de consumo. Assim, quanto mais Dionísio e Alexandre tentam afastar os objetos do lugar de culto, mais eles tentam alcançar o valor de culto a estes objetos que, em algum momento, já foram mercadoria a ser comprada e consumida, ainda que enquanto coleção.

Por fim, estudar o movimento memorialístico possibilita fomentar, dentro das narrativas históricas, espaços para valorizar os sentimentos e as experiências humanas frente aos acontecimentos (ARAÚJO; SANTOS, 2007). A numismática, neste sentido, refere-se à história das moedas. A coleção de miniaturas remete à história desses objetos. Contudo, diante disso, Alexandre e Dionísio encontram modos de valorizar seus sentimentos frente a essas histórias. Esse movimento se apresenta como destoante da historiografia tradicional que consolidou o estudo do passado por meio dos registros documentais. Acreditamos que a chamada nova historiografia explica a prática dos participantes na medida em que eles buscam se voltar para o resgate de suas vivências e de seus sentimentos frente aos objetos. A história dos objetos não se impõe sobre as memórias individuais neste caso, possibilitando uma criatividade frente ao que será escolhido de ser publicizado ou silenciado. Por mais que haja uma demanda social para exposição dos objetos, os participantes encontram resistências nas brechas e fissuras do sistema (DE CERTEAU, 2012) para manutenção da posse dos objetos do modo que eles se sintam mais confortáveis: seja por questão de segurança, como em Alexandre, seja por questões sentimentais, como em Dionísio. Discutidas neste subtópico as formas de armazenamento, catalogação e exposição (ou não) dos objetos, abordaremos no subtópico a seguir as memórias que tratam da problemática do espaço (e da falta deles) no âmbito das coleções desta pesquisa.

8.3 Gestão dos espaços (e da falta deles)

A discussão neste tópico se dedica à compreensão da problemática espacial das coleções. Tais questões práticas são trazidas por Pomian (1984) e, embora o autor não afirme diretamente, podem ser lidas como como problemas de gestão. Neste sentido, uma das provocações do autor é sobre a problemática do espaço, tendo em vista que existe uma prática de dispor os objetos à exposição do olhar, seja em vitrines, em álbuns ou espaços destinados a eles. A limitação física se apresenta com um primeiro empecilho, que faz com que o colecionador deva ser seletivo nas peças que irá acumular. Os colecionadores apresentam em suas memórias o modo com que as limitações físicas foram sendo impulsionadores (ou limitadores) para as estratégias colecionadoras.

Uma coisa que limita muito, **diminui o número de colecionadores, é o espaço (...)**. A coleção de minerais está mudando de tamanho. Não essa coleção que você vê aqui em casa, que você olha e só coisa grande, do tamanho de um punho fechado. **Hoje está mudando, todo mundo passando para colecionar mineral menor, dentro de caixinha, coisa pequenininha** (Francisco, Minerais).

O participante Francisco apresenta como tema de investigação em sua narrativa a relação entre o espaço disponível e a prática de colecionar, no seu caso, os minerais, destacando a mudança de tamanho dos objetos que compõem as coleções ao longo do tempo. Portanto, o interesse por colecionar passa, para ele, pela limitação de espaço. Diante deste fato, o participante mobiliza seu conhecimento passado para postular um acontecimento presente que se refletirá no futuro: “a coleção de minerais [que] está mudando de tamanho”. Para ele, as pessoas estão optando por realizar coleções de peças menores, diferentes da forma com que coleciona. E de fato, é algo perceptível no próprio espaço do colecionador. Ele mantém sua coleção em um apartamento em Belo Horizonte, com os principais minerais distribuídos em ao menos 12 cristaleiras em duas salas. E como são todas “tamanho de um punho fechado”, é possível visualizarmos com tranquilidade as nuances e belezas dos minerais. Apesar disso, o participante reconhece que a “coisa pequenininha” está sendo e, na sua visão, continuará sendo colecionada nos próximos anos pelos colecionadores da modalidade.

Costa (2012) relata sobre o desafio comum que é vivenciado por colecionadores nos mais diferentes tempos e lugares: o problema do espaço, que é o momento em que a coleção se torna maior do que o espaço disponível para sua conservação. No mesmo sentido, Pedrão e Bizello (2016) avançaram ao afirmar que o fato do processo colecionista ser algo sem fim, em constante movimento, demanda dos colecionadores estratégias da ordem prática sobre a organização, espaço e compra das peças. Acreditamos ser possível complementar as autoras e afirmar que a questão do espaço de armazenamento que parece, em um primeiro momento, ser algo secundário nas discussões, torna-se algo principal. Isso se dá em razão de uma dualidade que deve ser considerada no movimento colecionista: por um lado, a infinidade de objetos existentes e dos eixos que as coleções podem seguir. Ao mesmo tempo, os colecionadores precisam lidar com recursos econômicos e espaciais que são escassos e incidem diretamente na decisão sobre o que e o quanto se colecionar, buscando um ponto ótimo de gestão dos objetos, quase em uma busca pela perpetuação (PEDRÃO; BIZELLO, 2016).

Eu comecei a formar lá no outro bar que eu tinha, mas **o espaço era pequeno**. Daí quando a prateleira encheu de cachaça, eu falei “agora onde é que eu vou pôr mais?” Era umas 80 marcas, já tinha enchido minha prateleira (...). **Não tinha mais espaço**.

Eu fui pondo em outro local, eu fui dobrando, uma atrás da outra (Murilo, Cachaças).

O meu limite é, na realidade, essa sala, o meu limite é esse espaço. Então eu estou limitado realmente no espaço. Então, aquelas que estão fora do nicho ali já estão me incomodando um pouco, mas tem itens raros ali que eu não, não vou desfazer deles (Kleber, Miniaturas).

Os participantes Murilo e Kleber apresentam em suas narrativas como a restrição de espaço é um fator limitante para a expansão de suas coleções, que estão expostas em prateleiras e nichos, um pequeno pendurado na parede com divisórias para as miniaturas. Murilo faz referência ao passado ao lembrar que, no primeiro bar em que sua coleção era exposta, as prateleiras foram sendo enchidas até que foi necessário repensar a organização do espaço, possível com a mudança para um local maior, onde o participante se encontra hoje. Já Kleber coloca que o espaço é o limite para a sua coleção, exposta em uma sala em sua casa. Esse limite foi colocado por ele próprio com a intenção de não ultrapassar a quantidade de itens que poderia adquirir no futuro. Em termos de organização, ele deixa implícito que não irá se desfazer dos objetos que “estão fora do [móvel] nicho”, mas que, mesmo explicitando um incômodo, ele não irá se “desfazer deles”.

O lugar das miniaturas é no quarto só pra elas. Fica na parede, nos móveis e nas prateleiras. Se passar do quarto, minha mulher me mata (risos). Se eu começar a colocar no quarto de casal, no do meu filho, não tem jeito não, ela fica brava (risos) (Dionísio, Miniaturas).

Eu peguei o quarto que era do meu filho e montei lá um quarto de antiguidades. Aí eu arrumei o espaço para colocar as coisas. Tem algumas coisas que estão na parede. **Tem dois móveis antigos que tem as coisas guardadas e dentro do guarda-roupa, coloquei mais prateleiras e fui separando as coisas por assunto** (Arnaldo, Antiguidades).

Eu tenho um quarto que é meu, é meu escritório e meu quarto. Tem um guarda-roupa, e eu fiz uma extensão do guarda-roupa e, nessa extensão, eu coloquei as prateleiras. Então ali ficam as minhas pastas com as coleções, as caixas de baixo são os excedentes dos cartões telefônicos e dos *safety cards* (Vinicius, *Safety Cards*).

Eu acabei adquirindo uma prateleira que eu tenho 72 pares. Ela pega a parede de cima a baixo em um quarto. São três prateleiras assim, cada uma cabe 27 pares. **Então, em uma parede, eu consigo colocar 72 pares, isso aí minimizou a questão do espaço** (Thomas, Tênis).

Dionísio, Arnaldo, Vinicius e Thomas apresentam como temática central de suas narrativas a problemática do espaço de suas coleções. Nas quatro memórias, os participantes mencionam a existência de um quarto de suas casas em que os objetos ficam guardados, questão exemplificada na figura 21. Nestes espaços, foram montadas estratégias para lidar com a limitação do espaço físico: uso de guarda-roupas, prateleiras, móveis e nas paredes. O participante Dionísio demonstra preocupação com a reação de sua esposa. Mesmo em tom

descontraído, torna implícita a existência de conflitos para com familiares no quesito do espaço das coleções. Em diversas visitas, constatamos que há um acordo para que haja um respeito dos limites estabelecidos, sem conflitos.

Figura 21 - O quarto de Vinicius



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

A figura 21 apresenta o espaço do quarto destinado aos objetos das coleções do participante Vinicius. A imagem se torna representativa de diversos de nossos participantes que possuem, em suas casas, quartos destinados apenas para os objetos colecionáveis. Centralizado na imagem, é possível verificar as caixas com muitas das coleções descontinuadas (e que Vinicius mantém guardadas, segundo nossas anotações de diário de campo). Nas portas abertas do guarda-roupa, verificamos a extensão do guarda-roupa, explicitada no último trecho apresentado pelo participante.

Minha caverna, no caso, é apartamento da família. Não foi investido para isso. Eu não teria um imóvel só para isso. Inicialmente, é **tudo guardado em guarda roupa, guardo no cômodo, embalado**. Agora eu estou mexendo aqui, eu estou fotografando, **eu estou catalogando, resolvi direcionar um projeto, uma etapa é um ciclo novo**. Eu estou fazendo uma triagem e ver o que que tenho de excesso (Bonfante, Antiquidades).

Outros entrevistados adotam estratégias diferentes para gerir o espaço de suas coleções. Bonfante possui um apartamento, no mesmo condomínio em que reside, destinado para os espaços da coleção, que ele nomeia de “caverna”. Segundo ele, é um apartamento que já existia

na família e que não foi adquirido com essa função, mas acabou se tornando espaço de sua coleção (figura 22).

Figura 22 - Parte da coleção de discos na “caverna” de Bonfante



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Na figura 22, visualizamos parte da organização do espaço do apartamento de Bonfante destinado para suas coleções. No local, o entrevistado nos autorizou a visita apenas na sala e na cozinha, com objetos dispostos em todos os dois cômodos. Nos outros quartos, o participante mencionou em conversas informais que os objetos estão dispostos em guarda-roupas, cômodos e que se encontram em um processo de catalogação de sua coleção, mencionando a existência de um “projeto novo”, mas que ele não nos revelou qual seria no momento da entrevista. Alguns meses depois, verificamos, por meio do contato com o entrevistado, que tal projeto se referia à abertura de uma empresa de consultoria para coleções.

Eu comecei a comprar e deixar lá na minha casa. Mas depois minha mulher começou a ficar intrigada, ficava falando “está horroroso”. E ela não gosta de antiguidade, **ai eu adquirir esse galpão e resolvi o problema** (Lucca, Antiguidades).

Eu **tenho esse e outros oito depósitos**. Eles são alternativas que eu tive que fazer, porque tem uma regra: se você pensar na logística e onde colocar determinada coisa que você encontra, você não compra. Então **a regra é não pensar onde vai colocar. Compra e depois você resolve**. Mais outra coisa que eu aprendi na vida: você só arrepende do que você não compra. **Você só deseja o que você não tem**, a verdade é essa (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Os participantes acima destacados rememoram em suas narrativas os galpões que são utilizados por eles. Em Lucca, o motivo pela compra do galpão partiu do atrito familiar com sua esposa, que se incomodava com o armazenamento em casa dos objetos. Em Reginaldo, os nove galpões utilizados para armazenamento das peças foram concretizados a partir da regra de “não pensar onde vai colocar. Compra e depois resolve”. Para ele, o arrependimento só acontece com aquilo que ele não comprou, porque “você só deseja o que não tem”. Portanto, Lucca e Reginaldo se dedicaram às suas coleções a ponto de terem galpões que passam a impressão, para quem os visita, de serem infundáveis. São inúmeras coisas, objetos antigos, em funcionamento, em não funcionamento e que auxiliam a contar a história da sociedade brasileira do século passado.

Safety cards, **eu gosto porque isso aqui não ocupa espaço**, tenho 1500 cartões e não ocupa espaço, é uma beiradinha do meu armário. Agora, as maquetes, como é que você põe 1500 disso aqui? Não tem espaço. E olha que eu gosto demais, se eu pudesse eu teria as 1500, **mas não tem espaço** (Guilherme, *Safety Cards*).

Eu **não deixo de comprar por causa do espaço**. A gente aperta, vai colocando elas mais juntinhas. Ou então, **as que eu menos gosto eu tiro e deixo guardadas** (...). Se há uma oportunidade legal, eu compro (Ronaldo, Miniaturas).

Os participantes Guilherme e Ronaldo rememoram o espaço físico que é ocupado pela coleção. Guilherme recorda que o gosto pela coleção de *safety cards* é justamente por não demandar uma preocupação maior com o espaço físico: “eu gosto porque isso aqui não ocupa espaço”. Ao mesmo tempo, o participante se contradiz ao afirmar que, mesmo ocupando e demandando um espaço, há um interesse pela sua coleção de maquetes de avião, que só não é expandida pela ausência de espaço, mencionado no trecho “se eu pudesse eu teria as 1500, mas não tem espaço”. Já Ronaldo não afirma que o espaço não é um fator limitante para sua coleção, explícito no trecho “não deixo de comprar por causa do espaço”. O participante adota em sua narrativa pontos de referência para sua ação no uso dos vocábulos “aperta” e “mais juntinhas”, de tal modo que consiga adquirir itens que são de seu interesse. Tais questões se convergem para as discussões do ponto de vista da gestão no tempo e no espaço, com suporte em Benjamin (1987a, p. 227) quando o autor diz que o estudo se torna arbitrário, caso se especulem apenas

as formas de adquirir os objetos, sendo importante abranger os aspectos do relacionamento de um colecionador “com seus pertences, uma ideia sobre a arte de colecionar mais do que sobre a coleção em si”. Os processos sociais, complementa o autor, devem ser vistos em suas rupturas e contradições, não podendo ser abarcados como um todo completo, fechado e harmônico. Do mesmo modo, as escolhas pelas peças que serão adicionadas nunca estão completas, e, desta forma, encontram-se modos diversos de gerir estes espaços para que a coleção não chegue ao fim por essa limitação.

Enquanto eu tiver ganhando, eu tô aceitando. Eu só parei de comprar em exagero porque eu tava gastando muito dinheiro. **E não tem falta de espaço não. Eu vou botando na prateleira, no teto, em qualquer lugar, em todo canto vai ter elefante** (Bruna, *Souvenirs*).

Eu não busquei um número. Tenho mais de três mil obras, e tá crescendo. **Eu tenho um apartamento grande, que mora eu e minha mulher. E a coleção ocupa todos os cômodos da casa.** E tem reserva técnica, tem coisa que não tá na parede. **Quando o espaço é grande, é fácil.** O espaço é muito grande, são setecentos metros quadrados (...). **Tenho um apartamento no Rio que tem obra também.** Tem muita coisa que compro e nem trago. Eu vou muito ao Rio também, sabe, porque comprar em Minas praticamente eu não tenho comprado (Cândido, Obras de arte).

A participante Bruna e o participante Cândido apresentam em suas narrativas a temática do espaço em suas coleções. Para eles, o espaço não se caracteriza como um fator limitante na expansão das coleções. Bruna torna isso explícito no fragmento “enquanto eu tiver ganhando, eu tô aceitando”, sendo, em seu caso, a questão financeira o fator limitante: “eu tava gastando muito dinheiro”. Já para Cândido, a problemática de espaço não é uma questão, tendo em vista o fragmento “tenho um apartamento grande [...] quando o espaço é grande, é fácil”. Além do apartamento na cidade de Belo Horizonte, o participante afirma que possui um outro apartamento, localizado geograficamente na cidade do Rio de Janeiro como um local de armazenamento. Torna-se implícita em sua fala a escolha pela última cidade por ter um mercado de arte mais movimentado do que o mineiro, tendo em vista o fragmento “em Minas eu praticamente não tenho comprado”, questão que foi confirmada nos estudos de Campos (2016) e Rosa (2022). Ambas as lembranças partem do presente indicando um futuro, tendo em vista que ambos continuam ou a ganhar (Bruna) ou a realizar as compras (Cândido) dos objetos, não narrando um ponto de referência para a ação que indique a finalização das atividades.

Eu pensei, **não tenho tempo, não tenho patrimônio, não tenho dinheiro e não tenho espaço.** “Eu consigo ter tempo para preservar a camisa, para colocá-las no sol, para comprar saquinhos para separar elas por plástico?” Não, **não tenho tempo e o espaço que eu tenho está danificando a camisa, tava mofando tudo.** E aí eu pensei “pô, eu vou usar cada camisa dessa aqui uma vez, em 10 anos”. Então eu resolvi vender e aplicar esse dinheiro (Gump, Palhetas).

Em contraponto às lembranças de Bruna e Cândido, o participante Gump possui como tema central de sua narrativa o fato de ter desfeito de sua coleção de camisetas de futebol tendo, como uma das justificativas, a ausência de espaço. Para ele, a decisão de venda de uma coleção que possuía, segundo nossas anotações do caderno de campo, mais de 500 camisetas, passou por uma impossibilidade de tempo de dedicação, de espaço, mas também por questões financeiras. O participante relata em sua narrativa que o espaço que possuía estava “danificando a camiseta, tava mofando tudo”. Nesse sentido, o ponto de referência para a ação em sua narrativa é explícito na concretização da venda e aplicação do dinheiro, suportando o argumento do início da sua fala que busca, entre outras coisas, resolver sua ausência de patrimônio e de dinheiro.

Discutimos, por fim, neste capítulo, o modo com que os participantes desta pesquisa gerem os espaços que possuem. Entre os diversos pontos, cabe refletirmos como, a princípio, a discussão emerge como de um tempo presente, mas que estabelece uma conexão discursiva com o passado e com o futuro. Os modos com que os problemas de espaço foram sendo resolvidos neste passado são apresentados nas memórias como suportes para as ações que são tomadas no tempo presente e para as ações vislumbradas no tempo futuro. A riqueza de possibilidades e de uso dos espaços de maneira criativa mostra como a gestão pode ser exercida de maneira próxima às práticas cotidianas, não somente no distanciamento pautado em um planejamento, para posteriormente se realizar uma organização, uma direção e um controle. A seguir, apresentamos como as memórias dos participantes mobilizam a manutenção (ou não) das coleções.

8.4 Manutenção (ou não) das coleções

As reflexões que envolvem o modo com que a manutenção da coleção se dá perpassa a mobilização de diversos aspectos. Na sequência, exibimos como os momentos de manutenção dos objetos são lembrados pelos sujeitos participantes:

Eu limpo quando eu lembro, só que eu lembro muito (risos). A minha esposa sempre me cobra "das suas coleções você nunca esquece, né?" (Vinicius, *Safety Cards*).

Às vezes **dá uma preguiça de limpar, porque é muita coisa, é chato limpar**. Por mais que esteja protegido, poeira entra em qualquer lugar. Mas **eu tenho que limpar, porque depois acaba danificando**. Então às vezes eu tiro um dia para poder limpar, não limpo tudo de uma vez. **Aí eu vou limpo, olho, lembro algumas delas, admiro. Eu acho legal isso**, esse ritual de olhar (Ronaldo, *Miniaturas*).

Manutenção, por exemplo, **eu olho se está bem condicionado, se os plásticos estão novinhos e se não tem muita pressão, de forma que empene o disco**. Só que tem

gente que é chata, né? Tem gente que fica namorando, fica aquela coisa toda e tal. Sim, eu era assim, mas essas coisas, eu já desapeguei (Bernardo, Discos de Vinil).

As narrativas de Vinicius, Ronaldo e Bernardo possuem como temas comuns a manutenção e o cuidado com os objetos de suas coleções. Eles narram, explicitamente, a importância de limpar, proteger e verificar o estado de conservação, enfatizando a necessidade de preservação. De modo explícito, Vinicius sugere, por meio de suas lembranças, que a limpeza da coleção é fonte de conflito com sua esposa, sendo cobrado por ela no fragmento “das suas coleções você nunca esquece”. De modo implícito, as narrativas sugerem a existência de um tempo necessário para a dedicação à limpeza, que é adjetivado por Ronaldo como “chato”. Ainda assim, o participante coloca a necessidade de realizar tal procedimento “porque depois acaba danificando”. O participante ainda postula que o processo de limpeza é um “ritual”, narrando que o limpar e o relembrar são fenômenos de uma mesma prática memorialística. Bernardo, ao contrário, acredita que as pessoas que fazem esse ritual são “chatas”, o que se explicita na expressão “tem gente que fica namorando” os objetos. Para ele, tal atitude demonstra um apego aos objetos que, segundo ele, fez parte de suas práticas no tempo passado e que no tempo presente não faz mais sentido.

Você tem que tomar um cuidado danado. Não vai ter outra peça igual, pelo menos das que eu tenho aqui. Então, se eu perder [breve silêncio]. **Eu já tive caso de empregada que eu falava “não entra no meu quarto, não entra no meu escritório. Da coleção, só eu cuido”**. Aí eu ia trabalhar. A mulher entrava, fazia a festa. E eu comecei a notar, falei, “bicho, está faltando um retrovisor desse carrinho”. **Ela pegava as pecinhas que que ela quebrava e jogava na última prateleira em cima. Ela quebrava e ia jogando**. Aí um dia eu subi lá e descobri que ela subia na escada e colocava lá no fundo, para eu não ver. Cheio de pecinha quebrada (Dionísio, Miniaturas).

A empregada não põe a mão. Quando põe, é um desastre, já estragou. Minha mulher fez curso de conservação de obras de arte. **Ela faz a manutenção**, e depois só eu ponho a mão. **Não gosto que ninguém põe a mão** (Cândido, Obras de arte).

Dependendo do objeto, mão de obra para consertar para você, não acha. A gente compra coisas assim, bem sujas, eu fico aí óh, a manhã inteira, limpando sem estragar, porque você tem que ter cuidado de não molhar, de não me umedecer. **Eu sou a restauradora** (Cláudia, Antiguidades).

Os trechos destacados apresentam um tema narrativo comum: o processo de manutenção dos objetos. Para os participantes Dionísio e Cândido, somente eles devem fazer a manutenção das peças, o que se evidencia nos fragmentos “da coleção, só eu cuido” (Dionísio) e “não gosto que ninguém põe a mão” (Cândido). Essas afirmações surgem em um contexto em que a personagem “empregada” é mobilizada como a que realizava manutenções dos objetos sem os devidos cuidados, resultando em avarias. No caso de Dionísio, ele encontrou as peças de suas miniaturas quebradas em uma última prateleira de seu escritório. Em Cândido, a solução foi

mobilizar a personagem “minha mulher” como aquela responsável pela restauração e manutenção das obras. Percebemos, de modo implícito, o papel secundário que as mulheres são colocadas nas coleções, assim como já destacado por Oliveira (2018). Cândido coloca que sua esposa fez um curso para conservação de suas obras, e, após isso, todo o manuseio é feito somente por ele. Na memória da participante Cláudia, apesar de se considerar colecionadora em uma guarda compartilhada das antiguidades com seu esposo Arnaldo, somente ela realiza o papel de restauração das peças que são adquiridas, sinalizado no trecho “eu sou a restauradora”.

Eu tenho rádio antigo aqui que eu ligo ele sempre porque ele é à válvula, então você tem que ligar aí pelo menos uma vez por mês se não ele perde a polaridade (...). **Ponho para tocar uma música e guardo, ele precisa estar em constante funcionamento, porque senão ele pode estragar** (Arnaldo, Antiguidades).

Faço questão de usar, a melhor manutenção é usar. Quanto mais usar, melhor a máquina fica. É igual o corpo humano, se acomodou o que acontece? Atrofia, fica sem preparo físico. **Carro a mesma coisa. Parou, começa a enferrujar, estraga o freio, o pneu esvazia, vaza água** (João, Carros).

Tem alguns processos que é do próprio material do tênis, que faz com que eles se percam com o passar dos anos, **então acaba que é um item colecionável, com data para se perder.** E se você **não usar, você acaba acelerando o processo de deterioração do produto** (Thomas, Tênis).

Nas memórias de Arnaldo, João e Thomas, a temática comum da manutenção dos objetos passa pela necessidade de funcionamento dos objetos para prolongar o tempo de vida útil deles. Em Arnaldo, é rememorada a necessidade de ligar um rádio antigo que possui: “ele precisa estar em constante funcionamento”. João, na mesma linha de raciocínio, coloca que “a melhor manutenção é usar” seus carros antigos. Realizando a metáfora com o corpo humano, a ausência de uso acarreta a deterioração dos objetos. Este fenômeno também acontece na coleção de tênis de Thomas, aspecto apontado no fragmento “se você não usar, você acaba acelerando o processo de deterioração do produto”. Portanto, para mais do que itens de exposição, os sujeitos buscam prolongar o tempo de vida útil dos objetos atentando para os processos de uso dos objetos.

A conservação na miniatura é que você vai guardar na cartela. A miniatura não vai ser danificada nunca, né? Você tirou ela da cartela, pode empoeirar, arranhar, pode um monte de coisas (Dionísio, Miniaturas).

Cerca de 20 a 30% estão na etiqueta ainda e não pretendo usar. Porque eu penso assim. São peças muito representativas do clube. Então, como o intuito é deixar isso pra frente, eu quero deixar elas o mais intactas possível (Mário, Camisas de Futebol).

Diferentemente das coleções Arnaldo, João e Thomas, o melhor modo de conservação dos objetos para Dionísio e Mário é exatamente a ausência de uso. Os objetos de Dionísio permanecem lacrados em suas cartelas originais, e, somente assim, a miniatura “não vai ser

danificada nunca”. Neste sentido, o uso do objeto é totalmente ignorado para que a peça adquirida seja, também no futuro, um item de exposição (figura 23). Já Mário mantém de 20 a 30% de suas camisas ainda na etiqueta, tendo em vista que seu intuito é deixá-las para o futuro, explícito no termo “mais pra frente”. O que está implícito na narrativa do último participante é quem irá preservar esses objetos quando este futuro chegar, sendo possível inferir a possibilidade da coleção como uma herança, caso o participante venha a ter filhos.

Figura 23 – As miniaturas lacradas em suas cartelas



Fonte: Dados da pesquisa. Acervo pessoal dos autores.

Na figura 23, visualizamos o explícito na narrativa de Dionísio de que “a conservação na miniatura é que você vai guardar na cartela”. Deste modo, os objetos já são adquiridos como peças de exposição, reforçando falas que ouvimos nos eventos que frequentamos e anotamos em nosso caderno de campo: “as miniaturas não são brinquedos”.

A exposição ao olhar que caracteriza uma coleção é um paradoxo para Pomian (1984): ao mesmo tempo que os objetos são protegidos e tratados como preciosos, eles possuem um valor econômico, fazendo com que exista um valor de troca sem que exista um valor de uso. Para o objeto colecionável, sua função é justamente a de não ser usado, é a de não ser feito nada prático com ele, limitando-o ao olhar. Deste modo, o filósofo desenvolve que existe a divisão dos objetos: de um lado estão aqueles que são consumidos, chamados de úteis; de outro, estão o chamados semióforos, ou seja, aqueles que não possuem utilidade a não ser a da exposição ao olhar, tendo em vista que são dotados de um significado.

Os trechos de Dionísio e Mário podem ser, em partes, interpretados pelas contribuições de Belk (1995) quando, ao estudar o colecionismo a partir da ótica do consumo, o analista, motivado por uma paixão pela obtenção e manutenção de objetos, concorda com a retirada de sua função original. O autor considera que, por esses mesmos motivos, há uma dificuldade na definição exata do que é o colecionismo e qual é a única motivação para começar a coleção. Tal inquietação se caracteriza por sua posição funcionalista de busca de respostas únicas e universais para os problemas que incidem na existência humana. Para nós, buscar respostas únicas para essas motivações se torna infundado no contexto das Ciências Sociais, tendo em vista que os fatos humanos não são motivados por definições fechadas, mas recebem a incidência de diversas forças em constante movimento, sendo plurais e dialógicas. A percepção da incapacidade de definição do fenômeno se dá, ainda, pela infinidade de possibilidades e olhares que são possíveis para com o objeto. É por isso que se apresenta mais coerente a busca por pontos de referência que nos ajudem a refletir sobre ele do que por uma definição exata sobre o que ele significa, assim como Mendes (2015) nos auxilia.

Tiveram alguns que **nós mesmos restauramos**. A gente fez porque a gente não é mecânico, a gente não tem essa obrigação, obrigação nossa é ir lá, divertir o dia que faz, faz, dia que não faz, não faz. A gente pegava sábado de tarde, depois do meio-dia, **a gente ia fazer e se divertia** (Daniel, Carros).

Quem ama cuida. Eu sempre cuidei e restaurei os carros. Primeiro porque é **difícil de adquirir de novo**. Segundo **porque eu gosto**. Terceiro **porque, para poder usufruir, tem que estar em bom estado**. (João, Carros).

O cuidado é mais manter o mais perfeito possível. **Eu estou restaurando algumas caixas de brinquedo que eu já comprei danificadas, ou que se danificam com o tempo.** Estou restaurando, tentando não fazer interferência externa, mas, internamente, uma estrutura, colar de novo para reforçar o papelão. Então, assim, **a questão de cuidado é da melhor maneira. Se chegou até aqui, cara, eu tenho que ter o respeito para que ela continue a partir daqui** (Bonfante, Antiguidades).

Nos trechos acima destacados, são apresentadas as memórias sobre a restauração dos objetos das coleções. O processo é tido para Daniel como um momento de socialização e diversão, explícito no uso do vocábulo “divertir”. O participante usa a primeira pessoa do plural para dimensionar a condição coletiva do processo. Já João apresenta que ele é quem restaura os carros, tendo em sua profissão de mecânico a possibilidade de cuidar das coisas que ele diz amar. O cuidado, para ele, é necessário por três motivos: dificuldade de “adquirir de novo”, por gostar e “porque para poder usufruir, tem que estar em bom estado”. Por fim, a dimensão restauradora é rememorada em Bonfante com o intuito de “manter o mais perfeito possível”. Isso ocorre, segundo ele, por uma dimensão respeitosa para com o objeto, explícito no fragmento “Se chegou até aqui, cara, eu tenho que ter o respeito para que ela continue a partir daqui”. O ponto de referência para a ação no presente dos participantes destacados acima, portanto, é com vistas para o futuro e a existência material o tanto quanto possível de cada uma das peças. Este ponto converge para as contribuições de Olender (2012, p. 155):

Esse movimento de recolhimento de objetos de épocas que, mais ou menos próximas, já se apresentam, pelo contexto histórico, tão distantes, localizadas no passado, logo se tornam também, aquele da coleta de objetos do presente, atendendo a uma dupla sensação de, por um lado, a necessidade de perpetuá-los como documentos/monumentos deste novo período histórico e, por outro, pela assombração provocada com a aceleração da própria história, preocupando-se em preservá-los antes que esta nova época apague seus rastros.

A busca pela perpetuação de uma coleção vai ao encontro de Almeida (2012) no que diz respeito aos impulsos relacionados ao ato de colecionar, o chamado por ele como “desejo de museu”. Para o autor, este é algo permanente, mas que pouco é revelado pelos colecionadores. Esta perpetuação do sujeito para a posteridade é buscada por meio dos elementos materiais de quem os reuniu, uma busca de imortalidade.

O mineral, com raras exceções, **não estraga com o tempo. Ele não deteriora.** Se ele ficar exposto, vai dar poeira. (...) Muitos dos minerais você **não pode lavar.** Os que podem lavar, tem que ser com muito cuidado, porque eles podem ser suscetíveis a seres microscópicos, a absorverem água. Se for uma coisa que não pode ser lavado com água, aí **você vai procurar um produto que você vá utilizar.** Tem algumas coisas, você pode **lavar com álcool.** Tem algumas coisas podem **lavar com uma solução não etílica,** mas é uma solução com água oxigenada. Tem umas que você **pode lavar só com água oxigenada,** e você não pode lavar com álcool. **Por isso a importância de ter conhecimento da peça que você possui** (Francisco, Minerais).

Nas memórias de Francisco, são apresentadas formas com que os objetos devem ser mantidos. Ele apresenta diversos exemplos de como se podem lavar as peças e os produtos que podem ser ou não utilizados. A narrativa do participante se torna importante para justificar que é a partir do conhecimento da peça e desse mineral, deixando implícitas as informações referentes às suas reações químicas, que o colecionador poderá cuidar de determinada peça, explícito no trecho “por isso a importância de ter o conhecimento da peça que você possui”. Gostaríamos de apresentar fotografias dos objetos, mas este registro não nos foi autorizado.

Eu já tinha visto uma coleção de cachaça que o camarada tinha umas cinquenta variedades de cachaça. Tinha essa coleção de cachaça dele, umas cinquenta marcas de cachaça. (...) Uma funcionária limpou tudo e deixou tudo limpinho e botou lá na cristaleira, achando que estava agradando ele. Quando ele chegou, viu, tudo limpo. Ele pegou as garrafas, levou fora de casa e quebrou tudo. Que **não era para limpar, e isso foi que me trouxe a curiosidade de querer fazer deixar elas criar poeira e criar teia de aranha. O charme é a poeira na garrafa** (Murilo, Cachaças)

Alguns **objetos, eu não tiro nem a poeira**. Porque a poeira acumulada ali levou 50 anos para chegar naquele ponto, cria uma pátina. E se eu tiro a poeira demora, pra tirar poeira, demora dois minutos, então alguns objetos, **eu não tiro nem a poeira [breve silêncio]. A poeira é do tempo** (Reginaldo, Antiguidades).

Os participantes Murilo e Reginaldo possuem como tema de suas narrativas justamente o contraponto dos demais entrevistados: a memória de não limpeza dos objetos. Murilo recorre ao caso de um conhecido para apresentar o momento em que ficou curioso por manter as garrafas das cachaças empoeiradas. Para ele, “criar a poeira e criar a teia de aranha” se caracteriza como o “charme” da coleção. De modo implícito, acreditamos que o que ele chama de “charme” é justamente a dimensão histórica que se apresenta explícita na narrativa de Reginaldo, que afirma que “a poeira é do tempo”. Essa poeira, para ele, demora anos para ser acumulada e, ao ser retirada em “dois minutos”, considera-se, implicitamente, como um apagamento da história daquele objeto. Portanto, o manter a poeira e não realizar a manutenção dos objetos é uma forma de apresentar como aquele objeto possui as marcas de um tempo que se manifesta por meio da poeira.

Estes trechos se apresentam para nós em conjunto com as reflexões de Pomian (1984). Para o autor, uma função subjacente à de olhar é a de assegurar a intermediação entre os que olham, tidos como espectadores, para com os habitantes de um tempo outro do mundo (POMIAN, 1984). Esta relação assegura uma comunicação entre dois universos: o do agora e do passado. Nesse caso, a comunicação entre os dois tempos é realizada por meio da poeira que permanece na garrafa. Este movimento reverbera a diversidade inerente ao mundo e aos objetos que dele

fazem ou fizeram parte, em uma exposição da “diversidade que corresponde aos vários modos de opor o invisível ao visível” (POMIAN, 1984, p. 68).

Para continuar inteiro, sem ninguém bater? Não tem o que fazer. Assim, **você vai e pede a proteção de Deus todo dia, faço a minha oração.** Eu não saio sem horário. Então assim porque é você pode estar fazendo o seu percurso tranquilo e tal. Mas vai um cara, às vezes até olhando seu carro, distraí, bate no seu carro, fica admirando e bate. É uma coisa que foge da sua competência. Você tem que fazer a sua parte, né? Pegar com Deus (Emanuel, Carros).

Na sexta-feira, eu não saio mais de carro antigo porque o trânsito tá todo nervoso, todo mundo querendo ir pra boteco, querendo ir pra casa. Então chega no sábado, eu vou cedo com um carro antigo que o pessoal já respeita, **as pessoas já estão mais descansadas, estão relaxadas** (Lucca, Antiguidades).

Emanuel e Lucca apresentam em suas narrativas uma adição em nossas reflexões sobre a manutenção dos objetos: a impotência. O primeiro participante demanda ao inteligível, explícito no trecho “você vai e pede a proteção de Deus todo dia, faço a minha oração” a conservação do carro no trânsito. Para ele, “não tem o que fazer” para que as pessoas não batam em seu carro. Por mais que exista uma prudência maior no trânsito, seus carros de tonalidades fortes (verde e vermelho) despertam a atenção dos curiosos e se tornam mais suscetíveis aos acidentes. A minimização destes aspectos seria por algumas atitudes que é não sair “sem horário” (Emanuel) ou evitar de usar o carro alguns dias da semana “na sexta-feira, eu não saio mais de carro antigo” (Lucca). Para Lucca, ainda, o dia e horário ideal para utilizar o carro antigo nas ruas é o sábado de manhã, em que “as pessoas já estão mais descansadas, estão relaxadas”.

Acreditamos que, ao discutir formas variadas de manutenção (ou não) dos objetos, estamos contribuindo para o debate que busca formular uma outra forma de se fazer Administração. Esta, a partir das memórias e dos fatos que são rememorados, não atendem à lógica produtivista do capital (como, por exemplo, o tempo da contemplação, do corpo vibrátil, da nostalgia) e retira a tradição de opressão e conseqüente conformismo (GAGNEBIN, 1993; PERIUS, 2009), das formas diversas de se pensar da gestão: há outras formas de administrar, de gerir, de organizar e de pensar o cotidiano organizacional distintas dos modelos que pressupõem a necessidade de incorporação da lógica tecnicista para se pensar qualquer fenômeno da área (MARTINS *et al.*, 2023; MARTINS; CORREIA, 2023). Chamar atenção para a nostalgia, para a história desassociada do “progresso” é desestimular a negação da temporalidade que este mesmo progresso carrega, conforme contribuições de Perius (2009) e Üsdiken e Kipping

(2022). Assim, reforçar a temporalidade da vida é negar a ideia de evolução humana a partir da valorização excessiva do conhecimento ferramental.

Ao discutirmos a temporalidade da vida oriunda das reflexões sobre formas singulares de manutenção dos objetos, consideramos o aprendizado inerente do passado no tempo presente, conforme Perius (2009) e Hodge e Costa (2021). O autor reforça que ter a história como objeto de estudo não significa tratá-la como algo inerte e irretocável, mas de trazer à tona as potencialidades que não foram realizadas, rever as que foram concretizadas, compreendendo que o passado, como o momento do outro, pode ser readaptado pelo agora. No tempo do agora (*Jetztzeit*) anteriormente apresentado em Benjamin (1987e), há a possibilidade de rompimento com aquilo que se coloca como linear e global (PEREIRA, 2008; PERIUS; 2009). É, portanto, no tempo do agora, que podemos pensar e repensar o que está historicamente constituído e mantido nas coleções. Em nosso caso particular, é uma gestão que está historicamente posta para atender (e defender) aos interesses dos sujeitos de poder no tempo presente. Deste modo, cabe:

[...] dissociar a ideia de história de outros conceitos comumente com ela conjugados, isto é, verdade, razão, progresso. Ainda que a história seja palco de um conflito de múltiplas racionalidades, de múltiplas forças, não deriva daí a necessidade de unidade e linearidade da história universal. Muito antes disso, significa que no conflito de forças e racionalidades algumas foram derrotadas, vencidas. A ideia de que há vencidos na história, de que há mortos, há sonhos soterrados, aos quais tem que se fazer justiça, contradiz este enunciado de uma linearidade e do progresso na história (PERIUS, p. 130, 2009).

Considerar a memória como forma de reproduzir de forma exata o passado incorreria em uma perspectiva engessante da realidade social. Diante do contexto capitalista, Ewald (2008) nos coloca que há uma redefinição da comunicação por meio da oralidade a partir do desenvolvimento tecnológico, mas, em vez de desestruturar os papéis das tradições orais, elas são reinventadas, refeitas, redimensionadas pelas narrativas diversas presentes na vida cotidiana. Nesse contexto, falar sobre a história sob a perspectiva memorialística benjaminiana é tratar do que é diverso, multifacetado e mutável. É, em conjunto com as teorias e sujeitos silenciados, encontrar meios de sobrelevar acontecimentos que possam contribuir para o conhecimento histórico, social e organizacional.

Perius (2009, p. 128) disserta sobre o olhar que Walter Benjamin possui para “desenterrar” coisas mortas”, de se voltar para as pequenas coisas que “sobreviviam nas mãos de colecionadores” (*ibidem*), ou seja, de coisas que se referem a um passado supostamente imóvel

e inalterado pelos vencedores do ponto de vista histórico. É o olhar para o marginalizado e para o que não se caracteriza como *mainstream* na vida cotidiana que o filósofo alemão se volta. A partir dessa sua compreensão, embasamos nossos olhares para pensarmos no que é marginalizado dentro da gestão, daquilo que não é tido como fundamental aos olhos do capital: do gerir e do organizar que considera os sentimentos, corpo acompanhado das memórias e as formas com que os sujeitos lidam com elas. As memórias, nesse sentido, colocam-se como ponto de destaque no pensamento de Benjamin, sendo uma importante sustentação para aplicarmos no contexto de gestão: as críticas sobre o modo com que o conhecimento dominante silencia a nostalgia. Refletidos os aspectos de manutenção aprendidos por meio de um cotidiano colecionador, apresentamos, a seguir, um outro aspecto que remonta à discussão organizacional nesta tese: a problemática econômica.

8.5 O negócio colecionista e a questão econômica (ou a ausência dela)

Neste último tópico do oitavo capítulo, buscamos discutir, no primeiro subtópico, o negócio colecionista e, em um segundo momento, a manifestação dele a partir da questão econômica. Neste sentido, refletimos as questões amparadas pelas contribuições de Finardi e Sousa (2020), quando os autores desenvolvem sobre a existência de uma relação entre o colecionismo e a modernidade técnico-científica a partir de um ideal mercantilista. Camargo (2012) já havia afirmado anteriormente que o colecionismo atendeu às expectativas de uma sociedade que buscava mensurar e controlar racionalmente os fatos sociais, sendo uma forma valorizada de traduzir um sistema econômico-político dominante. Desde então, os aspectos financeiros são notados nas práticas dos colecionadores e são rememorados por nossos participantes.

8.5.1 O negócio colecionista

Neste subtópico, mobilizamos nossas discussões sobre as atividades do mercado colecionista. Refletimos sobre como tal dinâmica se manifesta nas memórias dos participantes da pesquisa.

Nesses 43 anos, eu já troquei 10 vezes a mesma moeda, acho uma mais bonita, troco, acho uma mais bonita, troco. Então, **a vantagem dos grandes colecionadores comerciantes é que eles conseguem completar muito melhor e mais rápido que os colecionadores tradicionais que não têm tempo para dedicar** (Alexandre, Numismática).

Meu foco de comercializar é, principalmente, manter minha coleção. E você acaba tendo acesso a peças que você não teria só como um cara que só compra

para colecionar, né? Quando você virá um vendedor, você atinge outras pessoas (Josias, Minerais).

Nas memórias de Alexandre e Josias, são mobilizadas as vantagens dos colecionadores que também comercializam os objetos que colecionam. Por isso, ambos os entrevistados mobilizam um *continuum* de passado, presente e futuro como pontos de referência de suas ações. Alexandre recupera o passado quando inicia sua narrativa “nesses 43 anos (...)”, como ponto de referência para a atuação no tempo presente (“acho uma mais bonita, troco”) e buscando um futuro, que é “completar muito melhor e mais rápido” a coleção. Josias mobiliza a tríade temporal para manutenção da coleção e acessar “peças que você não teria só como um cara que só compra para colecionar”. Comercializar, portanto, é um fator que auxilia a realização de boas coleções, segundo a narrativa explícita (Alexandre) e implícita (Josias) dos trechos selecionados.

É no início, **a minha esposa falou assim “ah um homem velho brincando de carrinho. Isso te dá prejuízo”** (...) aí um dia eu peguei a minha planilha e falei “só o mês passado, eu comprei quatrocentos reais de miniatura e vendi por mil reais. Tive seiscentos reais de lucro”. **Ela nunca mais falou** (Kleber, Miniaturas).

Nas memórias de Kleber, são explicitados conflitos familiares em relação ao colecionismo que cessaram a partir de uma dimensão mercadológica e econômica. O participante apresenta que foi ironizado por sua esposa, a qual declara que ele era “um homem velho brincando de carrinho”, desenvolvendo uma atividade que traria prejuízos. Tais críticas não voltaram a ocorrer, segundo Kleber, a partir do momento em que ele apresentou para sua esposa o lucro que possui com o comércio de miniaturas, explícito no trecho “tive seiscentos reais de lucro”. Deste modo, é implícito na narrativa como a referência para ação de comercialização de objetos colecionáveis é utilizada como legitimadora para manutenção de seu colecionismo.

É uma coisa que vale muito dinheiro, então outras pessoas começaram a ver isso como uma forma de ganhar dinheiro. Criaram bots para comprar tênis dos sites (...). E mesmo em tênis que o valor de venda dele sai a 1700 reais, ainda **é muito difícil comprar e acaba que isso vai para a revenda num preço muito maior**. Isso dificultou bastante o mercado, **muita gente largou o colecionismo por causa disso** (Thomas, Tênis).

Tem gente no grupo que sabe que você está procurando a camisa às vezes a pessoa não tem nem a camisa para vender, mas ela vê a camisa vendendo, **ela compra da pessoa que está vendendo para te vender mais caro** (Givanildo, Camisas de Futebol).

Os participantes Thomas e Givanildo mobilizam em suas memórias a temática da especulação no mercado colecionista. Para Thomas, por ser “uma coisa que vale muito dinheiro”, houve um movimento do mercado paralelo para compra dos tênis nos sites das marcas e o repasse em um

“para a revenda num preço muito maior” que fez com que o mercado colecionista fosse dificultado. Ele mobiliza em sua narrativa o personagem indefinido “muita gente” para afirmar a existência de colecionadores que encerraram a prática. Já em Givanildo, é lembrada a existência de especulação dentro do próprio grupo colecionador, explícito em “tem gente no grupo”. Há um movimento de especulação, de acordo com suas memórias, de compra de uma camisa que é o foco de um colecionador para revenda a um preço maior.

Tem muita coisa que eu gostaria de comprar, e você não encontra nas lojas mais porque **fulano tem amizade com o gerente da loja. O cara vai lá e compra tudo**. Então você pega assim uma miniatura *Hot Wheels* que custa 13 reais, por exemplo. Aí o cara vai lá e compra tudo e depois vende ela por 30, 35, 40 reais (Ronaldo, Miniaturas).

Tem o tal do Super T-Hunt que é famoso aí. Eu detesto. Eu tinha alguns, mas eu vendi tudo. **Eu tomei raiva por causa desse mercado, os preços são absurdos**. Eu falei “vou vender a preço de banana para todo mundo. Aí dá uma sacudida no mercado” (Dionísio, Miniaturas).

Nas narrativas dos participantes Ronaldo e Dionísio, são também mobilizadas as temáticas relacionadas ainda à especulação do mercado. Ronaldo denuncia a existência de um esquema com as principais lojas nas quais as miniaturas mais raras são desviadas pelos gerentes de lojas, repassadas ao mercado paralelo e vendidas com preços duas, três ou quatro vezes maior. Já Dionísio, recorda, no tempo passado, que possuía os chamados “*Super T-Hunt*”⁵ mas que foram todos vendidos (“eu vendi tudo”). Segundo sua narrativa, o ponto de referência de sua ação partiu dos “preços [que] são absurdos”. A especulação do mercado colecionista, portanto, fez com que o colecionador deixasse de executar a coleção de determinados modelos de miniaturas.

Eu acredito na coleção do Brasil. Eu acho que as moedas brasileiras ainda estão baratas. E eu acho que ela vai subir ao longo prazo. Bastante coisa. A gente vê as feiras na Europa, nos Estados Unidos, China, Japão. Os preços das moedas dispararam. O Brasil não disparou, subiu na pandemia, subiu bastante, mas não disparou. Então **o Brasil tá engatinhando para a numismática ainda. Com o olhar lá na frente daqui dez, vinte anos, eu vejo um mercado bem promissor e com bastante rentabilidade** (Alexandre, Numismática).

O mercado colecionador ainda é incipiente perto do que ele já foi nos anos 1990 (...). Eu diria que tem um *gap* de idade, do que seria a galera hoje dos 20 aos 40 anos, que é onde eu me enquadrava. De 40 a 60 anos, **ele ficou tão buraco, que não foi preenchido, talvez por uma questão econômica, social**. Tem uma coisa de mercado, inclusive, **o Brasil como qualquer economia emergente, tem N coisas que são, no geral, na sociedade, são mais consumidas do que coisas supérfluas. Por mais que tenha uma parte técnica, uma coleção de mineral ou de arte, ninguém precisa dela para viver** (Josias, Minerais).

⁵ O super T-Hunt é um modelo de miniatura *Hot Wheels* que está disponível em uma unidade a cada 17 caixas. Ela possui pintura especial e pneus de borracha, e seu valor no mercado paralelo é considerado elevado devido a estes aspectos.

Por fim, os participantes Alexandre e Josias refletem como eles consideram no tempo presente o mercado colecionador, como ele foi no passado e como ele poderá ser no futuro. Para Alexandre, “as moedas brasileiras ainda estão baratas”, o que o faz “acreditar na coleção do Brasil”, pois, para ele, haverá “no longo prazo” uma alta dos preços, sobretudo em comparação com outros países. O participante utiliza a metáfora “o Brasil tá engatinhando para a numismática” para afirmar que, no tempo presente, as coleções de moedas no país ainda são eficientes. Ele ainda postula em sua narrativa um futuro em que haverá um crescimento deste mercado, com alta de preços e, com sua visão de também comerciante, trazendo “bastante rentabilidade”. Josias acredita que houve uma regressão do mercado colecionador de minerais, comparando com o tempo passado, ao mobilizar a década de 1990 em seu discurso. Para ele, houve uma distância geracional que fez com que o mercado de minerais decaísse, atribuindo a questões sociais e econômicas essa dispersão dos colecionadores da modalidade. Josias ainda afirma existir “uma coisa de mercado”, em que os bens colecionáveis são “coisas supérfluas”, o que faz aumentar um desinteresse pela modalidade. Concordamos com a visão do participante, mas adicionamos também um aspecto: um desinteresse pela ciência (nesse caso, a dos minerais) e pelos aspectos memorialísticos, o que faz com que as coleções permaneçam em um limbo de pouca atenção e incentivo. A seguir, discutimos como a questão econômica nas operações financeiras de estabelecimento de preços, compras, vendas e investimentos são rememoradas nas memórias dos participantes da pesquisa.

8.5.2 *A questão econômica (ou a ausência dela)*

A partir da questão financeira, discutimos neste tópico sua mobilização em alguns aspectos do colecionismo. Apesar de não ser o aspecto principal de nossa tese, compreendemos a dimensão econômica como algo importante de ser discutido.

As pessoas não sabem, **mas a maioria dos cartões telefônicos valem cinco, dez, trinta centavos.** Porque **são cartões de tiragem muito grande**, um milhão, dois milhões de cartões. Não tem como esse cartão ter valor, não é raro (Vinicius, *Safety Cards*).

A tiragem é importante. Você não pode querer que uma peça de trinta milhões valha o preço da de um milhão (Bonfante, *Antiguidades*).

Exatamente **o que se dá o preço hoje numa moeda brasileira é primeiro, a quantidade dela emitida. Depois nós temos o metal intrínseco**, é lógico, a moeda de ouro vale mais do que a moeda de aço ou de bronze. (...) **O terceiro item é o estado de conservação.** O estado interfere (Alexandre, *Numismática*).

As memórias de Vinicius, Bonfante e Alexandre buscam introduzir, como tema central de investigação, a definição do valor das peças colecionadas. O vocábulo “tiragem” é explícito nas memórias tanto de Vinicius quanto de Bonfante. O primeiro afirma que há um desconhecimento por parte das pessoas dos valores das coleções de cartões telefônicos, mantendo implícito em sua memória que as pessoas acreditam que são valores consideráveis, mas que, na verdade, os cartões colecionáveis possuem valores irrisórios, “mas a maioria dos cartões telefônicos valem cinco, dez, trinta centavos”. Bonfante complementa tal narrativa ao afirmar que a questão da tiragem é importante, pois objetos que foram emitidos em grandes quantidades não são raros e, por isso, possuem menor valor. Por fim, Alexandre desenvolve em sua narrativa que os preços das moedas brasileiras são pautados em três aspectos: “a quantidade dela emitida”, suportando as memórias de Vinicius e Bonfante; mas também a questão do “metal intrínseco”, que é o material de fabricação desta moeda, além do “estado de conservação”. No contexto numismata, é necessário considerar os três aspectos para que se chegue a um valor aproximado do objeto.

Quem tem o objeto, quem tem uma relação com ele, às vezes agrega valor sentimental, que não vale nada. A gente não está falando de amor, a gente está falando de produto. **Produto não tem emoção.** Se você tem emoção, não vende (...). Então não adianta colocar o preço alto (Bonfante, Antiquidades).

Bonfante rememora em sua narrativa que existem pessoas que buscam agregar um “valor sentimental, que não vale nada” no preço final dos objetos colecionáveis. O participante afirma que existe no mercado, sobretudo por não colecionadores, uma tentativa de adicionar, aos três aspectos levantados por Alexandre, o critério sentimental. Isso não se concretiza para o participante pelo fato de, ao postularmos os preços, “a gente não está falando de amor, a gente está falando de produto. Produto não tem emoção”, linha próxima aos estudos do marketing que tratam do colecionismo sobre uma vertente funcionalista (FARINA *et al.*, 2006; CAVEDON *et al.*, 2007; FLECK; ROSSI, 2009; VIEIRA; CAVEDON, 2013). O participante realiza uma crítica a este tipo de ação no mercado, pois “não adianta colocar o preço alto” devido a critérios emocionais. Ora, mas se os valores dos produtos não atendem a critérios sentimentais, como explicar, por exemplo, produtos de alta tiragem e em um estado ruim de conservação e que são comercializados com preços significativos? Como explicar, por exemplo, as camisas de futebol antigas de um ano marcante na história de determinado clube, com alta tiragem, mas, ainda assim, comercializadas a valores expressivos? A memória coletiva não interfere no preço de um produto? Acreditamos que tal narrativa não pode ser generalizada e, por isso, contrapomos a narrativa de Bonfante e acreditamos que é possível agregar valor sentimental aos objetos.

Tal contraposição realizada por nós envolve as percepções de Nora (1993) e Dohmann (2015) sobre a memória coletiva. Ao pensarmos por esse lado, consideramos nas análises a influência do capital social, bem como dos grupos colecionadores dos mesmos objetos e a memória coletiva deste processo. Pollak (1989) apresentou anteriormente bases solidificadas por esse caminho quando considera a memória como esforço coletivo que movimenta não só os acontecimentos do passado como também as interpretações dadas a ele, buscando, de certa forma, o reforço de sentimentos de pertencimento e os limites das fronteiras sociais. Recordar o passado, nesse sentido, é manter a coesão de grupos sociais. Essa recordação interfere no tempo presente e, do mesmo modo, nos objetos que são comercializados neste tempo.

A forma com que as lembranças individuais se solidificam, na mesma concepção trazida por Pollak (1989), são resultados do processo de interação entre grupos sociais e indivíduos. Nesse mesmo raciocínio, ao pensarmos nos termos das coleções particulares, Bosi (2015) reforça que a memória individual é tratada sob a influência da memória coletiva, ou seja, para nós, os objetos colecionados pelo individual são influenciados pela memória coletiva. Assim, o pertencimento dos sujeitos aos grupos colecionistas faz com que lembranças que são expressivas sejam trazidas ao tempo presente, atendendo às ações consideradas importantes para o coletivo neste momento. Desta forma, o que se coloca como expressão individual é, na verdade, coletiva, como já desenvolvido em Halbwachs (1990).

Primeira coisa que você tem que fazer ao comprar um mineral, acredito que **qualquer coisa colecionável, é entender que aquilo ali tem um valor, mas é um valor intrínseco à peça, que não tem como você medir.** (...) O valor, é você que vai estipular. Mas, curiosamente, tem valor, sim. Você sabe mais ou menos qual é, você sabe, você olha, você vê (...). Aquilo ali **não tem um valor que você possa mensurar, não tem uma tabela.** É você é que vai achar quanto é que vale. E **as pessoas curiosamente chegam a valores muito parecidos** (Francisco, Minerais).

Eu acho que deve ser muito difícil colocar um preço na coleção porque envolve muitos fatores subjetivos. E que eu acho que podem ser considerados também. Mas eu não [breve silêncio]. **Realmente não estou conseguindo desenvolver isso. A parte econômica é muito chata** (Volpi, Camisas de Futebol).

A questão dos valores das peças é apresentada nas narrativas de Francisco e Volpi de modo similar no que tange aos critérios subjetivos. Para eles, há uma dimensão subjetiva na busca pelos valores de determinado objeto, tendo em vista a existência de “valor intrínseco à peça, que não tem como você medir” (Francisco). Volpi, na mesma esteira, acredita na dificuldade de “colocar um preço na coleção porque envolve muitos fatores subjetivos”. Então, o fator sentimental desconsiderado no último trecho apresentado de Bonfante aparece em Volpi como

um fator decisivo nesta discussão. Francisco complementa que, mesmo não sendo possível “mensurar, [já que] não tem uma tabela”, é recorrente a percepção de “valores muito parecidos”. Por fim, Volpi apresenta sua impossibilidade de desenvolver uma reflexão econômica, justamente por acreditar que “a parte econômica é muito chata”. E isso passa pelas relações que sua coleção transmite a ele, que não alcança os critérios financeiros. As coleções, portanto, não são apenas dinheiro, mas histórias que são contadas, memórias que foram vividas e que o sistema capitalista atual insiste em apagar, deslegitimar, desconsiderar e escantear. Essa é uma questão recorrente, de modo que eu, Gabriel, quando apresento para amigos e parentes minha coleção de camisetas de futebol, costumo escutar a indagação “quanto você gastou?”. O lado histórico é totalmente desconsiderado, fruto de um constante cerceamento das emoções pelo capitalismo vigente, o que não passa por uma indagação diferente, que seria algo próximo de “quanta história você possui com sua coleção? Qual é a sua história com determinada peça? Qual é a memória que lhe faz buscar este objeto?”. São por questões neste sentido que acreditamos ser importante sobrelevar as questões intrínsecas nas coleções, e não somente as objetivas e funcionais pautadas por uma lógica de mercado que uniformiza as relações para com os objetos.

A maioria fica descontrolado. Todo hobby é caro, toda coleção é cara. E de uns 3 anos para cá, com a pandemia, os carros antigos triplicaram de preço. Carro que valia cem, vale trezentos mil hoje (João, Carros).

Na **pandemia**, teve um aumento nos preços das camisetas, e **eu acabei me descontrolando um pouco do orçamento**. Agora, assim, eu vejo assim, sobrou um dinheiro ali depois que eu fiz meus objetivos, economizei o dinheiro que eu me propus a economizar, eu vou e compro as camisetas (Mário, Camisetas de Futebol).

Acho que aumentou o preço, principalmente na pandemia. O pessoal acha chique colecionar, ficou caro. Quando você adjetiva para a palavra “raridade” e “coleccionador” o preço muda (...). Eu vejo que a música tem que ser apreciada, eu tenho que curtir a música. **Eu não vou comprar o disco só para deixar aqui na minha estante, para falar que eu tenho. Não faço isso mais, já fiz, mas não faço** (Bernardo, Discos de Vinil).

A questão do aumento dos preços das coleções na pandemia de COVID-19 é apresentada como tema central nas narrativas dos participantes João, Mário e Bernardo. O descontrole financeiro é tratado como tema explícito na narrativa dos dois primeiros, quando afirma, respectivamente, que “a maioria fica descontrolado” e que “eu acabei me descontrolando”. A questão do descontrole é implícita na narrativa de Bernardo quando ele afirma que comprava um “disco só para deixar aqui na minha estante”, só para falar que tinha, mesmo sem apreciar a música do disco. Tal colocação é importante porque está dentro do contexto narrativo que João apresenta: a de que “todo hobby é caro, toda coleção é cara”.

Tem que ter controle financeiro. Ou por força maior ou menor. Se o cara não tiver o controle, ele perde a família. Ou acaba perdendo as moedas, né, porque, se ele não tem limite, ele vai fazer besteira no mercado (Alexandre, Numismática).

Você tem aquela empolgação da coisa. Depois você **para um pouquinho e pensa**. Eu nunca fui além daquilo que eu posso. **Nunca paguei o preço para ter uma exclusividade** (Bonfante, Antiguidades).

A necessidade de controle financeiro frente às coleções é pontuada nas memórias de Alexandre e Bonfante. O primeiro afirma, explicitamente, que é preciso “ter controle financeiro”, apresentando em sua narrativa as consequências de um descontrole: a perda da “família” ou das “moedas”. A questão é implícita na narrativa de Bonfante quando ele afirma a necessidade de, passada a “empolgação da coisa”, ter um momento em que o colecionador “para um pouquinho e pensa”. As memórias dos participantes mobilizam o presente quando utilizam o verbo “ter” no infinitivo e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (“tem”), indicando uma ação do presente que incidirá no futuro, quando Alexandre apresenta as causas de uma ação do presente e quando Bonfante utiliza o advérbio “depois”. O último entrevistado ainda estabelece uma conexão de sua narrativa com o passado, ao utilizar nesse tempo as expressões “fui” e “paguei”, para indicar uma ação que não realizou. Deste modo, há mais uma incidência das conexões entre presente, passado e futuro nas ações dos sujeitos, demonstrando que os três tempos se caracterizam como movimentos de uma mesma ação, não podendo, portanto, serem analisados de modo distinto.

As memórias discutidas se relacionam com o tempo presente na medida em que as lembranças dos sujeitos protagonistas dos eventos históricos sejam analisadas como fontes históricas, como já nos apresentava Bosi (2003) Maclean *et al.* (2020a). As próprias “memórias vivas”, segundo Neves e Ferreira (2013, p.25), apresentam-se fundamentais para os recortes temporais no estudo dessa história do tempo presente. Sendo o passado em constante atualização, o tempo presente apresenta dimensões fundamentais para o nosso trabalho como um processo histórico que é “marcado por experiências ainda vivas, com tensões e repercussões de curto prazo; um sentido de tempo provisório, com simbiose entre memória e história; sujeitos históricos ainda vivos e ativos; produção de fontes históricas inseridas nos processos de transformação em curso” (*ibidem*), além de uma temporalidade tratada que caminha em conjunto ou próxima à da pesquisa que se desenvolve. Nossa compreensão sobre o tempo presente situa, portanto, as experiências analisadas acima, observando a intervenção das memórias nos futuros elaborados pelos sujeitos. A seguir, apresentamos as narrativas que recordam os processos de compra dos objetos.

Eu já sou conhecido, eles sabem que, se eles exagerarem no preço, eu não levo também. Mas eu **também uso disfarces**, é simples (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Eu já **comprei algumas coisas sem me identificar**. Já pedi terceiros para olhar e para bater o martelo. E **quando você fala que é colecionador, os caras acham que você é rico e nem sempre é assim**. Não é porque você dá valor para o que você gosta que você é rico financeiramente (João, Carros).

No processo de compra, os participantes Reginaldo e João afirmam que, por serem conhecidos como colecionadores, os preços são intencionalmente elevados. Para ambos, uma alternativa criativa utilizada a partir das brechas e das fissuras deixadas na prática do cotidiano (DE CERTEAU, 2012) é a utilização de “disfarces” (Reginaldo) ou da compra sem identificação, a partir do pedido de “terceiros para olhar e bater o martelo”.

Quando você **quer comprar um mineral, a primeira coisa que você fala é “será que eu vou conseguir vender esse mineral pelo mesmo valor que eu estou pagando?”** Se a resposta for sim, se for uma coisa que te interessa, você já **pode pensar em comprar**. Se for uma coisa, que você vê e pensa “pô, tá sendo vendido por 10, mas eu não consigo vender novamente por 10, se eu for vender, eu só vou conseguir 8”. Aí **você chega e pensa se é uma coisa que você quer muito**. Você bancou ali aquele prejuízo. E tem outras coisas que você compra por 10, “mas se eu for vender, eu vendo por 25”. Aí você compra imediatamente (Francisco, Minerais).

Para o participante Francisco, a necessidade de realizar a compra com o pensamento na liquidez do objeto, ou seja, conversão do bem em dinheiro em caso de uma venda futura, deve ser considerada em conjunto. Para ele, “a primeira coisa que você fala é ‘será que eu vou conseguir vender esse mineral pelo mesmo valor que eu estou pagando?’”. Tal quesito se torna importante, pois não basta apenas o interesse por determinado objeto, mas a ponderação de que ele se encontra em um preço mais elevado e, assim, bancando um certo prejuízo, ou um preço abaixo do mercado, podendo gerar lucro em uma possível venda futura. Comprar um objeto, portanto, perpassa a possibilidade futura de obter lucro com uma determinada peça.

A questão econômica, ela vai influenciar, não vou negar isso não. **Não é que eu não queria ter, mas disco está muito caro. Fico só na vontade** e chega uma hora que passa também (Bernardo, Discos de Vinil).

Nem sempre as pessoas têm poder aquisitivo hoje para poder chegar e dar mil reais para botar um negócio numa prateleira e depois, nunca mais pegar aquilo ali. Vai **ficar com aquele dinheiro jogado fora** (Francisco, Minerais).

Eu tenho a menorzinha porque eu não posso ter a de verdade. Se eu pudesse, eu tinha uma Ferrari ali na garagem de verdade, e não a miniatura (Kleber, Miniaturas).

Ao mesmo tempo que a compra dos objetos deve ser ponderada com uma possibilidade futura de venda, a capacidade financeira é algo que limita ou demarca um tipo de coleção que será realizada. Segundo as memórias de Bernardo, sua coleção de discos de vinil é limitada pela

questão financeira, explícita no trecho “a questão econômica, ela vai influenciar”. Há, portanto, uma demanda por parte do participante que esbarra nos preços praticados no mercado de discos. Para Francisco, a coleção se torna limitadora por não ser algo acessível, aspecto evidenciado no trecho “nem sempre as pessoas têm poder aquisitivo hoje para poder chegar e dar mil reais para botar um negócio numa prateleira”. Nesta hipótese, seria um “dinheiro jogado fora” para os que dele dependem. Em Kléber, a coleção de miniaturas é realizada pela impossibilidade financeira de obter os carros reais, explícito no trecho “Eu tenho a menorzinha porque eu não posso ter a de verdade”. Anotamos, em nosso diário de campo, um diálogo de um casal de participantes conosco que nos chamou atenção em relação à questão financeira:

Arnaldo: Eu não gosto de gastar muito dinheiro com a coleção.

Cláudia: Mas gasta.

Arnaldo: Gasta, mas de vez em quando, compra uma coisa, compra outra. Mas para comprar objetos caros assim, eu fico meio receoso.

Cláudia: Mas gasta.

Arnaldo: Gasto não. Compro umas coisas pequenas, né?

Cláudia: **Pequenas? Você pagou mil e quinhentos reais na faca de aço damasco.** Mas nós estamos em um ponto de vida do tipo que óh, gostou, gostou. O que eu tenho no bolso dá pra comprar? Vai lá e compra. Nós estamos chutando o balde.

No diálogo que presenciamos, os participantes Arnaldo e Cláudia discutem sobre se há gasto ou não com a coleção de antiguidades, que atualmente é compartilhada pelos dois. Cabe situar ao leitor que a participante Cláudia atualmente se considera uma colecionadora, mas que é um movimento dos últimos anos, sendo antes uma pessoa contrária à prática do esposo. Segundo suas memórias, ela foi “tomando gosto pela coisa” e hoje realiza não só as compras, como a restauração dos materiais. Sendo assim, Arnaldo apresentou no diálogo que há um receio por “gastar muito dinheiro com a coleção”, sendo contraposto pela esposa em todas as suas justificativas, exposto em “mas gasta”. Na última contraposição, quando Arnaldo afirma que não gastou dinheiro ampliando a coleção, a participante apresenta o valor pago por ele em um único objeto, sendo implícito na narrativa que é um valor expressivo. Por fim, a participante finaliza o diálogo afirmando que, pelo momento que estão de vida, são feitas concessões para ampliação da coleção. A seguir, discutiremos os aspectos relacionados às vendas de coleções.

A coleção tem um preço. Eu não vou dizer que tem liquidez, não tem liquidez, mas **eu não faço isso por um comércio** (Lucca, Antiguidades).

Você tá fazendo uma coleção sendo uma coisa que você está fazendo para ganhar dinheiro? **Para ganhar dinheiro, tem um monte de aplicação financeira que você**

faz, que você ganha muito dinheiro. Você está fazendo aquilo que você gosta (Francisco, Minerais).

A questão da venda das coleções ou de um lucro pela atividade é negada em todas as narrativas destacadas acima. Lucca considera a existência de um preço para a coleção, o que não significa a existência de uma “liquidez”. O participante apresenta despreocupação em sua narrativa com questões de venda dos objetos, ao finalizar sua recordação com a afirmação “eu não faço isso por comércio”. O mesmo aspecto é mobilizado e complementado na narrativa de Francisco, quando mobiliza no tempo presente a indagação “você tá fazendo uma coleção sendo uma coisa que você está fazendo para ganhar dinheiro?”. A pergunta é respondida pelo próprio entrevistado, que declara que, por dinheiro, “um monte de aplicação financeira que você faz, que você ganha muito dinheiro”. E, por isso, as questões financeiras não são suficientes para mobilizar uma coleção, sendo necessário gostar da atividade. Por fim, acreditamos que as narrativas destacadas mobilizam passado, presente e futuro em um mesmo processo com o intuito de estabelecer pontos de referência para a ação: as coleções como um prazer e não como comércio.

Eu vendi meus quatro [carros da mesma marca] de 2017 pra cá. Vendi para colecionadores de BH, são meus amigos e clientes meus aqui. Então, assim como foi vendido para cá, para pessoas boas que estão usufruindo também, eu fico feliz. Mas **no fundo dói o coração, porque tem muita história com eles.** É complicado. Mas foi questão de vida pessoal. (...). Então eu fui vendendo para poder me manter. Por isso que eu vendi, se não, não tinha vendido nada, nada (João, Carros).

Eu não adquirei as camisas pensando no investimento. Eu adquirei por paixão. Eu adquirei todas por paixão e jamais cogitei vender uma. **Em 2014, eu precisei vender uma camisa porque eu estava sem grana para almoçar na semana. E aí ali eu me senti muito traidor de mim,** do [Gump] do passado (...). **Quando eu vendi toda minha coleção de camisas do Atlético, eu fiquei triste.** É porque é algo que envolve paixão. Não é coleção de palhetas. Eu gosto de música, mas eu não sou apaixonado pelas bandas como eu sou pelo Atlético. (...). Estou vendendo o pedaço, **assim como eu tenho história com as palhetas, eu tenho com as camisas,** de como eu adquirei tal e de momentos, **mas às vezes existem memórias também que são legais de serem apagadas. Nem todas são boas serem preservadas. Eu quis apagar algumas também** (Gump, Palhetas).

O participante Gump rememora um fato passado em que precisou realizar a venda de uma camisa por questões financeiras. Por nunca ter adquirido as camisas “pensando no investimento”, ele explicita que se sentiu “muito traidor” de si mesmo. O participante desenvolve sobre a venda que precisou realizar de sua coleção de camisas do Atlético por questões financeiras. Para ele, este processo envolveu uma triste lembrança por ser “algo que envolve paixão”, realizando até um paralelo que diminui a ação colecionista atual de palhetas, explícito no trecho “não é coleção de palhetas”. Gump afirma que existiam histórias com as camisas, tanto quanto ele possui com as palhetas. No fim, sua narrativa é finalizada com uma

reflexão de que “existem memórias também que são legais de serem apagadas. Nem todas são boas para serem preservadas”. Para ele, as camisas que possuía envolviam questões pessoais e lembranças vividas com as camisas que, atualmente, são consideradas por ele como um “passado difícil” (Gump, anotações do caderno de campo). O participante nos chama a atenção para o fato de que as lembranças dos objetos nem sempre representam aquilo que se gostaria de lembrar. Portanto, as histórias que são rememoradas com as coleções nem sempre são sobre momentos felizes, mas podem ser sobre memórias que os sujeitos gostariam de esquecer. Um destes métodos, seria, portanto, para Gump, a venda dos objetos.

Assim como Gump, João precisou realizar a venda de sua coleção por questões financeiras. O participante afirma em suas memórias que foi algo realizado por necessidades da vida pessoal e que, mesmo afirmando estar “feliz” por vender “para pessoas boas que estão usufruindo”, ele sente que “no fundo dói o coração, porque tem muita história com eles”. Este ressentimento, explícito na memória do entrevistado, mobiliza o passado, o presente e o futuro no momento em que realizou as vendas dos carros no passado, tendo como ponto de referência de sua ação a manutenção das despesas pessoais no presente e também no tempo futuro. O participante, em sua entrevista, narrou esse trecho com os olhos marejados, relembrando outras questões extremamente pessoais que subtraímos do trecho acima, como se justificasse para ele mesmo que foi uma situação incomum. A dor mencionada remete justamente ao fato de ter conseguido adquirir os carros que, segundo ele, eram seu “sonho” e de ter que vendê-los depois de alguns anos.

Tem coleções aí que valem muito dinheiro, tem coleções aí que podem valer cinquenta milhões de reais. Nesses últimos 15 anos, vieram no mercado umas cinco coleções, grandes. Tudo na faixa aí de cinco a oito milhões de dólares (Alexandre, Numismática).

Eu ganhei muito dinheiro com a arte. Sem querer. Tudo que eu comprava pensando em dinheiro dava errado. Se eu comprava sem pensar, dava certo (risos). **A arte é uma coisa totalmente incerta. Tudo é incerto, a vida é incerta.** Ganhei muito e perdi também. É um jogo (...) A arte hoje pra mim é um investimento, **virou um investimento.** Se você me perguntar “quanto vale?”, eu sei quanto vale, “quanto você pagou?”, eu sei quanto eu paguei. **O valor é coisa astronômica. Mas nunca foi pensando nisso** (Cândido, Obras de Arte).

Nas memórias dos participantes Alexandre e Cândido, são apresentados os expressivos valores que, respectivamente, as coleções numismatas e de artes podem alcançar. Alexandre narra, como hipótese, o valor possível de uma coleção numismata: “coleções aí que podem valer cinquenta milhões de reais”. Entretanto, tal afirmação apresenta o contato implícito que o próprio participante teve com tais coleções, tendo em vista sua prática atuante no mercado

coleccionista de compra e de venda de coleções. Quando ele se mobiliza no tempo passado, explícito no relato “nos últimos 15 anos”, ele está dando suporte a sua prática implícita no mercado colecionista. Os valores significativos também são mobilizados nas recordações de Cândido. Ao mobilizar o tempo passado, por meio do uso da forma verbal “ganhei”, o participante narra que o ganhar dinheiro foi “sem querer”, justamente pelo fato de a arte ser “uma coisa totalmente incerta”. No tempo presente, a arte “virou um investimento” no tempo presente. Para que no tempo presente fosse possível se tornar um investimento, foi preciso a mobilização exorbitante de valores no passado, explícita no trecho “eu sei quanto eu paguei. O valor é coisa astronômica”. Ele finaliza sua recordação enfatizando que, apesar de ter atingido valores importantes, sua ação “nunca foi pensando nisso”. Este ponto é apontado brevemente por Pomian (1984) quando ele afirma que existem peças que são valorizadas pelo olhar, mas também pelos preços astronômicos a que a elas se destinam. Na visita que realizamos à coleção de Cândido, ele nos disse, ao mesmo tempo, que não enxerga sua coleção apenas como dinheiro. Ele olha para as obras e não vê dinheiro. Se fosse isso, segundo ele, “seria melhor pendurar dinheiro na parede” (Cândido, anotações do caderno de campo). Por mais que seja um investimento, não é só o investimento que o faz ser colecionador de arte, conforme enfatiza Cordova (2017, p. 40), este tipo de colecionador efetiva compras a partir da própria expressividade ou reconhecimento que sua coleção possui, sendo “capaz de valorizar artística e financeiramente aquilo que adquire. Seu investimento enquanto um comprador especializado pode funcionar como indício e lastro da qualidade de obras e artistas”. Por isso, o olhar de Cândido lhe permitiu ganhar, no que ele chama de jogo, quando ele se apresentava desinteressado no valor econômico das peças. Por fim, apresentamos as questões que envolvem a não efetivação das vendas em um contexto colecionista:

Eu sou assim, mesmo se tiver precisando de dinheiro, **não vou vender para qualquer um**. Eu acredito que a percepção daquelas coleções que eu comprei, **essas pessoas sempre preferem percorrer o caminho da segurança**. Das pessoas mais estabelecidas, com **credibilidade**, com **dinheiro para poder comprar** (Alexandre, Numismática).

O mercado exige muito de você ser conhecido, ter referências. “**Já negociou com quem? Você conhece quem?**” Então, assim é meio que uma grande panelinha do meio, do colecionismo. As pessoas se conhecem. E quando eu fiz a primeira venda, o rapaz perguntou “você tem a referência?” (Beatriz, Numismática).

A rememoração de Alexandre e Beatriz é significativa no contexto desta discussão pelo fato de os mesmos recordarem que o ponto de referência para uma ação futura de efetivação da venda de uma coleção não passa apenas pelo dinheiro. Tal questão é explícita nas memórias de Beatriz: “o mercado exige muito de você ser conhecido, ter referências”. Alexandre utiliza o

personagem implícito “qualquer um” para afirmar que a venda não ocorre apenas pelo dinheiro, mas sim por um “caminho da segurança”. Por isso, ele lista critérios para que uma coleção seja vendida a determinados colecionadores: a necessidade de que as pessoas compradoras sejam “estabelecidas, com credibilidade, com dinheiro para poder comprar”. Implícito na narrativa de Alexandre e explícito na narrativa de Beatriz está a questão de que, sem estes três critérios, a venda de uma coleção não se concretiza para um pretense comprador que não está inserido na sociabilidade dos colecionadores.

Eu não vejo isso aqui como cifrões. Depois eu vou ver isso, como é, mas **primeiro isso aqui, para mim, que tem que contar a história** (Alice, Antiguidades).

É sentimento, é puro sentimento. Tem coisa que eu não vendo. Não há nada nesse mundo que me faça vender, **eu não vou vender nunca porque me lembra tal fato, me lembra minha mãe** (Dionísio, Miniaturas).

Eu poderia ter uma *big* loja, vender, enriquecer. Sei lá. **Isso não me interessa.** Eu acho que o dinheiro, já que nós estamos falando da Administração, eu acho que o objetivo pessoal deve ser o seguinte: **dinheiro: ter o suficiente para não dar valor a ele** (Reginaldo, Antiguidades).

As narrativas de Alice, Dionísio e Reginaldo apresentam, como tema de investigação proposto, a desvalorização da questão econômica frente a outros aspectos. Este ponto está presente na narrativa de Alice quando ela afirma que, quando tiver o controle total das coleções de seu pai Lucca irá considerar que, primeiro, “tem que contar a história”, mantendo a questão econômica em segundo plano, ao explicitar que “não vejo isso aqui como cifrões”. A questão sentimental e da memória é mobilizada nas recordações de Dionísio, expressa no trecho é “puro sentimento”. O participante ainda reforça que não é de seu interesse realizar a venda das coleções: “eu não vou vender nunca porque me lembra tal fato, me lembra minha mãe”. Portanto, a indisponibilidade da venda é tratada a partir do que se recorda com a existência de determinado objeto na coleção. As narrativas anteriores são complementadas por Reginaldo, quando o participante afirma sobre o ato de enriquecer: “isso não me interessa”. Ele traz para seu discurso a área de conhecimento da “Administração” para afirmar que o objetivo pessoal deve ser o “dinheiro: ter o suficiente para não dar valor a ele”.

Por fim acreditamos que este subtópico se resume na recordação de Reginaldo: “dinheiro: ter o suficiente para não dar valor a ele”. Os aspectos financeiros são “muito chatos” como adjetiva Volpi e, por isso, eles são tão importantes para nós que acreditamos ser suficiente não darmos valor a eles. As coleções, para nós, não são resumidas e desenvolvidas com este aspecto em evidência. Pelo contrário, acreditamos que ele se coloca em segundo (ou em último plano, por

que não?) na existência das coleções. Afinal, como nos disse Francisco, “existem investimentos muito mais rentáveis” caso o objetivo seja o lucro por si. Este tópico, portanto, apresenta uma fissura do próprio sistema capitalista. Compreender, conforme Bosi (2003) e Hodge e Costa (2021), a história do tempo presente, por meio das memórias, é protagonizar narrativas que ficam em segundo plano. Em nosso caso, é também protagonizar práticas que não se voltam para o ideal utilitarista que tradicionalmente tem dominado a gestão. É olhar para os fenômenos sociais e buscarmos a compreensão do que eles são, historicamente e temporalmente localizados, (ÜSDIKEN; KIPPING, 2022; MACLEAN *ET AL.*, 2022), não o que eles deveriam ter sido no passado ou que deveriam ser no futuro. É utilizar o trabalho conjunto com a História para criticar os ideais vazios das teorias produtivistas de uma Administração que funcionaliza os processos sociais.

Concordamos com o dito por Santhiago *et al.* (2020) de que a sobrevivência da História (e para nós, a sobrevivência da ciência da Administração), com legitimidade e reconhecimento científico e social só se dará quando o silenciamento frente aos desafios postos no tempo presente não for nem sequer uma alternativa: eles não serão sequer considerados. Os desafios, neste tempo, exigem do processo de conhecimento uma postura analítica, crítica e posicionada em favor de visões de mundo que estão em uma posição de menor poder social. Para nós, é impossível pensarmos em uma omissão “sobre os usos e abusos do passado no tempo presente, sobre as violências, censuras, golpes e articulações que irrompem de tempos em tempos e, principalmente, como eles estão à espreita na atualidade” (*ibidem*, p. 36). São os abusos de uma ciência administrativa que nega a historicidade que buscamos combater por meio do estudo do tempo presente, sobretudo, do tempo não produtivista aos olhos do capital: do tempo da contemplação e da nostalgia que soa como absurdo para aqueles que só vêm nexos nos estudos históricos na Administração se eles puderem, de algum modo, trazer benefícios (de preferência nas margens de lucro) no contexto empresarial.

Neste capítulo, portanto, buscamos abranger os aspectos da gestão que abarcam os modos de buscar e adquirir os objetos e vimos que eles são dinâmicos, variando de acordo com o cotidiano, com as vivências, experiências, viagens e as memórias dos sujeitos. Isto influencia, de igual modo, nos modos de organização com que os participantes optam por trazer para suas coleções. Destacamos, de igual modo, que a sequência de uma outra lógica de armazenamento (que não a tradicional) se apresenta e, por isso, podemos valorizar os modos diversos de organizar os objetos. O terceiro aspecto buscou apresentar o modo com que os objetos são

dispostos nos espaços e a valorização (ou não) do ordenamento como critério. A seguir, discutimos os modos diversos com que a manutenção (ou não manutenção) surge nas lembranças dos participantes para, por fim, concluirmos o capítulo com a discussão do negócio colecionista, pontuando a questão econômica ou a sua ausência. A seguir, finalizamos as análises de nossa tese refletindo o futuro (ou os novos começos) das coleções retratadas nesta pesquisa.

9 “QUANDO A GENTE COMEÇA UMA COLEÇÃO, NÃO PENSA EM FIM, PENSA EM COMEÇO”: O FUTURO EM EVIDÊNCIA

Neste capítulo, finalizamos as discussões com projeções futuras das e para as coleções, seguindo as contribuições de Jardine *et al.* (2019) que nos auxiliam a refletir: afinal, como as coleções acabam? Quais serão seus fins (ou recomeços?) Com estas perguntas reflexivas, mobilizamos as reflexões a seguir.

Acredito que no futuro, pelo menos, **eu trabalho para que eu tenha mais espaço. Eu dedico para que no futuro**, além de eu ter as camisas, continuar mantendo as camisas, eu continue colecionando, porque **quero ter mais espaço também** (Givanildo, Camisas de Futebol).

Eu queria, **num futuro, fazer um investimento num espaço**, sabe, para ficar mais fácil, porque ela fica dividida em duas casas. Então eu deixaria num lugar só, tudo perto (Volpi, Camisas de Futebol).

Eu imagino minha coleção no futuro do mesmo tamanho, no sentido que ela ocupa de espaço físico. E melhor, né? Tem algumas peças lá que ainda quero trocar, melhorar (...). **E também deixar ela mais técnica também. Quero conseguir mais amostras do Brasil** (Josias, Minerais).

Nas narrativas destacadas acima, os participantes mobilizam a temática do espaço físico em termos futuros. Givanildo e Volpi rememoram a partir de uma mesma orientação futura: a expansão do local de armazenamento como ponto de referência para a ação. Tal questão é explícita, respectivamente, nos fragmentos “eu trabalho para que eu tenha mais espaço” e “eu queria, num futuro, fazer um investimento num espaço”. As narrativas utilizam o tempo verbal do futuro: Givanildo emprega o presente com acepção de futuro do presente para apresentar fatos que ocorrerão em momentos posteriores ao discurso; e Volpi recorre ao futuro do pretérito ao indicar que o espaço terminado faria com que outra ação acontecesse: “eu deixaria num lugar só, tudo perto”.

Josias estabelece sua narrativa, também utilizando do tempo verbal do futuro, para indicar uma orientação contrária à de Givanildo e Volpi: a de manter sua coleção ocupando o mesmo espaço físico que ela ocupa hoje. Além disso, o participante afirma o desejo de uma ação futura de tornar sua coleção “melhor”, “mais técnica” e se voltando mais para uma quantidade de amostras brasileiras, enunciada no fragmento “quero conseguir mais amostras do Brasil”. Por fim, as narrativas dos três participantes acima destacados projetam expectativas e desejos futuros a partir do tempo presente de suas coleções. Em todas, são mobilizadas as ações passadas, de vivências anteriores das coleções, do presente, destacando o modo como elas estão hoje e no futuro, implicando uma continuidade da execução da atividade.

Eu espero que ela só **crezca nesse sentido de sentimento, não em quantidade, mas em qualidade**, espero que vá crescer mais ainda do que já é. E eu, eu aprimoro muito isso. Acho que **qualidade vale muito mais do que quantidade** (Dionísio, Miniaturas).

Eu **sempre procuro na minha coleção melhorar a qualidade dela e paralelamente, achar aquilo que eu não tenho. Minha coleção é muito grande. Talvez a de prata seja a maior do Brasil ou do mundo.** Então, eu sempre **estou buscando primeiro aquilo que eu não tenho e depois melhorar a qualidade daquilo que eu tenho** ou que o estado do meu está inferior (Alexandre, Numismática).

Nas narrativas de Dionísio e Alexandre, é mobilizado o vocábulo “qualidade” como tema central de projeção de um futuro de suas coleções. Partindo do presente e da forma com que suas coleções se encontram hoje, ambos vislumbram que no futuro elas adquiram um caráter de melhorias. Esta questão é explícita na rememoração de Dionísio ao afirmar que há um desejo de crescimento “nesse sentido de sentimento”, para apresentar que as melhorias não acontecem somente em termos quantitativos. Na recordação de Alexandre, a temática mobilizada é explícita no fragmento “estou buscando primeiro aquilo que eu não tenho e depois melhorar a qualidade daquilo que eu tenho”. A ação dele possui como ponto de referência o futuro ao mobilizar uma concepção de continuidade, por meio da repetição do advérbio de tempo “sempre”. O participante ainda deixa implícito que este trabalho possui uma trajetória passada, ao reforçar o argumento com o fragmento “minha coleção é muito grande. Talvez a de prata seja a maior do Brasil ou do mundo”. A importância que é destacada na afirmação do participante é confirmada em nossas anotações de caderno de campo pois, em conversas informais nos eventos de colecionadores em que estivemos presentes, as pessoas destacaram a atuação de Alexandre, sobretudo por meio de seus livros publicados, como citados anteriormente.

Um convite recente que é de levar para um museu, um espaço que hoje está na iniciativa privada (...) ela deve ir para um lugar onde eu terei uma exposição

permanente, uma exposição temporária e **parte do acervo vai ficar ao alcance dos olhos das pessoas. Porque é a maneira de eu dar uma direção ao trabalho** (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

O meu objetivo de vida, a longuíssimo prazo, é colecionar ou até o enjoar (). Mas lá para a minha aposentadoria ou quando estiver bem mais velho, talvez idoso, **abrir um minimuseu de minerais em um local onde não haja essa difusão de minerais. Só para incentivar o colecionismo, para incentivar a ciência. A beleza dos minerais atrai a gente** (Josias, Minerais).

A minha mulher e as outras filhas não querem transformar em museu, acham que museu não dá dinheiro e vai dar trabalho, que vai ser um problema isso quando eu morrer. Mas eu acho que vai dar muito certo. Eu vejo que a gente tem que transferir tudo mostrando, transmitir para os nossos descendentes a cultura, o lazer e o turismo (Lucca, Antiguidades).

Eu acho que, quando eu morrer, é capaz dessa minha coleção sumir (risos). Eu acho que vai tomar alguma coisa e vai desinteressar. Minha filha não tem interesse em nada. Eu espero que **ou eles vendam ou que dê para alguém que dê valor, alguém que colecionem.** Eu não daria para museu. Sabe por quê? Muitas vezes **a pessoa doa um negócio para o museu e depois de um tempo vai olhar e não está lá mais, o item sumiu.** Meu pai ajudou a montar o museu da mineração da Mineradora Morro Velho, mas muita coisa que eles conseguiram resgatar e colocar lá desapareceram. (Arnaldo, Antiguidades).

Nos fragmentos acima, a temática de transformar as coleções em museus é abordada de formas diferentes pelos participantes. Reginaldo mobiliza em sua narrativa os três tempos em sua narrativa: ele apresenta o passado, ao afirmar que houve um “convite recente”, do presente para afirmar a existência de um convite para “levar para um museu, um espaço que hoje está na iniciativa privada” e do futuro, como ponto de referência para sua ação, para mobilizar a ideia do espaço que sua coleção ocuparia, explícito no trecho “ela deve ir para um lugar”. A pretensão de Josias é colecionar no tempo presente para que, no tempo futuro, em sua “aposentadoria ou quando estiver mais velho”, ele possa “abrir um minimuseu de minerais em um local onde não haja essa difusão dos minerais”. Para ele, atender a este critério seria uma forma de dar um retorno para a sociedade da atividade científica dos minerais, além de “incentivar o colecionismo”.

O participante Lucca explicita em sua narrativa que há um desejo seu por tornar sua coleção um espaço musealizado, apresentando de modo implícito a existência de conflitos no presente por meio do trecho “minha mulher e outras filhas não querem”, em contraponto a sua concepção de que “eu acho que vai dar muito certo”. O participante mobiliza o tempo futuro para apresentar a justificativa pela qual sua família não gostaria de um museu: “vai ser um problema isso quando eu morrer”, além de “não [dar] dinheiro e vai dar trabalho”. Tal trecho reforça as contribuições de Belk (1988) e Almeida (2012) de que existem problemas familiares sobre a

herança do acervo, sobretudo quando da existência, de um lado, da vontade de imortalidade do ex-colecionador e, de outro, o desinteresse da família pela continuidade da coleção.

A posição de Reginaldo, a intenção de Josias e o desejo de Lucca respaldam o colocado por Gutierrez (2012, p. 233) de que, em certo momento, a coleção se torna “mais forte que o colecionador” e que a busca apenas por adquirir, possuir, conhecer e preservar já não atendem ao objetivo do sujeito. Desta forma, em um segundo momento, o chamado por Almeida (2012) de “desejo de museu” se sobrepõe para que os objetos possam de fato ser compartilhados em outros lugares de contemplação, como os próprios museus.

No mesmo raciocínio de que as coleções se voltam, após um tempo, ao grande público, Almeida (2012) reflete sobre a existência de uma maturidade da coleção, que ocorre concomitantemente com a maturidade do colecionador. Para ele, a coleção não pode ser considerada completa sem que exista uma determinação de seu proprietário. É ele que vai dizer sobre sua finitude, sobre seu fim (ou sobre sua pausa). Ao mesmo tempo, ao alcançar uma fase madura, a coleção pode ser considerada próxima do acabar, um eterno “em acabar” que faz com que problemas anteriores de compra e posse deixem de ser relevantes: “a coleção deve extrapolar o território particular do seu colecionador para ser admirada por um conjunto maior de pessoas, como sua extensão material e espiritual. Se a coleção permaneceu escondida, agora é a hora de pensar em sua revelação” (ALMEIDA, 2012, p. 184).

Diferentemente das colocações de Almeida (2012), Arnaldo mobiliza em sua narrativa que não é um desejo seu transformar sua coleção em um museu, mas gostaria que, no tempo futuro, seu desejo se concretize: “eu espero que ou eles vendam ou que dê para alguém que dê valor, alguém que colecionem”. Sua justificativa para que a transformação em um espaço museal não seja cogitada é a de ter tido contato, no tempo narrativo do passado, com a experiência da criação de um museu corporativo por seu pai e que, ao longo dos anos, as coisas “desapareceram”. O receio implícito em sua fala é a de que o trabalho tido em estruturar sua coleção seja perdido, ou que aconteça conforme o exemplo rememorado de doar “um negócio para o museu e depois de um tempo vai olhar e não está lá mais, o item sumiu”. Neste caso, ficam para nós algumas reflexões: por que o medo é tão grande de se perder o que foi colecionado? E se o objeto se perder, mas estiver em posse de alguém que valoriza o colecionismo? O desejo feito em vida não teria sido cumprido?

Eu **tenho três opções e falei pro meu filho** “você escolhe uma delas”: **ou eu percebo no meu último suspiro que você é uma pessoa que pode cuidar, vai saber valorizar**. Claro, vender o que é tiver que vender, mas vai reconhecer o esforço, o empenho, a dedicação minha e vai valorizar isso até para vender. É sua. Se eu não identificar isso, **eu doo para alguém. Ou vendo tudo**, aproveitar uma coisinha. **Ou eu posso fazer a loucura da minha vida agora e eu mando tudo pra caçamba**. Vai ser meu até o último minuto (risos). Ai, é minha até o final. Curte? Curte. Só não desvaloriza (Bonfante, Antiquidades).

Se eu **pensar em futuro, seria talvez eu pensar nos meus filhos continuarem essa coleção**. Mas assim, eles vão comigo nos encontros, mas **eles não têm esse mesmo interesse que eu tenho**. (...) Eles me ajudam e tal, mas assim eles não têm aquele desejo de ser um colecionador, pelo menos por enquanto. Talvez mude (...). **Eu gostaria que eles continuassem, que eles guardassem, cuidassem. É um futuro que eu que eu gostaria de ter** (Ronaldo, Miniaturas).

Eu não vejo na minha família ninguém que daria prosseguimento, acho que não teria ninguém com interesse. Porque eu **só tenho filhas mulheres e eu não vejo como herança** (Kleber, Miniaturas).

Eu quero deixar de herança, meu filho já prometeu que, depois que eu morrer, ele vai cuidar. Ele é uma fofura, me dá muito elefante. Então, vai ficar pra **ele e ele vai cuidar, ele vai continuar**, é promessa já, tá combinado (Bruna, *Souvenirs*).

Nas narrativas destacadas, Bonfante, Ronaldo, Kleber e Bruna desenvolvem a temática do futuro de suas coleções. O participante Bonfante estabelece três hipóteses futuras que dependem da atitude de seu filho perante aos objetos. Para ele, o ponto-chave é a valorização dele até para a ocasião em que realize uma venda, explícito no trecho “vai reconhecer o esforço, o empenho, a dedicação minha e vai valorizar isso até para vender”. Neste caso, seria uma herança para o filho. Em segundo caso, caso não haja esta valorização, o participante afirma restar duas alternativas: “ou vendo tudo [...]. Ou eu posso fazer a loucura da minha vida agora e eu mando tudo pra caçamba”. Sua atitude drástica neste futuro postulado ocorreria em caso de uma desvalorização e não reconhecimento por este filho. A possibilidade de continuidade dos filhos também é postulada por Ronaldo, da mesma forma. Ele explicita, em sua narrativa, um ponto de referência para a ação que não seria sua, mas de seus filhos: “Eu gostaria que eles continuassem, que eles guardassem, cuidassem”.

Já o participante Kleber apresenta em sua memória uma concepção machista para o futuro, semelhante à discussão de Oliveira (2018). Colecionador de miniaturas de carrinhos, ele afirma que não percebe em sua família “ninguém que daria prosseguimento, acho que não teria ninguém com interesse”. Esta fala é justificada por uma concepção de que possui “filhas mulheres e eu não vejo como herança”. Ora, por qual motivo as filhas mulheres são utilizadas como argumento para o desinteresse em uma coleção de miniaturas de carrinhos? Pelo fato de que o carrinho é uma construção social de algo que “deveria ser” destinada ao masculino? Por

qual motivo pontuar a existência de mulheres seria um impeditivo para o interesse na continuidade? Para nós, a narrativa machista do participante se apresenta como algo que impediria um prosseguimento das filhas mesmo que elas tivessem o interesse, já que, para os homens que se identificam com esta visão de mundo, “carrinho não é coisa para menina”. E discordamos: por que não?

Diferentemente das hipóteses de Bonfante e Ronaldo, Bruna reforça em sua narrativa que o futuro de sua coleção de elefantes *souvenirs* já possui um destino certo: a de “herança”. Ela afirma existir uma promessa com seu filho de que, no futuro, “ele vai cuidar, ele vai continuar”, estando subentendido que seria uma forma de preservação da memória da participante. Isto reforça a reflexão de Guimarães (2012, p. 233) de que “na era do efêmero, a memória parece dissipar-se com a rapidez de um piscar de olhos. [A coleção] cabe, pois, avivar as lembranças do passado, de modo a transmitir a cultura e reaproximar gerações, reatando, enfim, os fios da continuidade do tempo, ainda que de maneira artificial”. Portanto, a manutenção da memória viva de Bruna por seu filho seria uma forma de lutar contra a própria transitoriedade pregada não só capital, mas inerente à materialidade da vida. No sistema atual, no qual tudo é passageiro, preservar uma memória seria uma forma de lutar contra o próprio por meio de suas brechas e fissuras (DE CERTEAU, 2012), um modo que nega a obsolescência que está no cerne das formas de agir e de manter todos os tipos de relações atuais. Recordar, rememorar, preservar as coleções, portanto, são movimentos que reafirmam a improcedência dos modos do capital. Estudar o fenômeno colecionista, no âmbito da gestão por meio das memórias, possibilita-nos avançar sobre os fragmentos da vida social organizada (CARRIERI, 2014), compreender a bricolagem (DE CERTEAU, 2012) que envolve o fenômeno e suas repercussões no cotidiano. Tratar o colecionismo apenas distinto da ótica do consumo (BELK, 1988; GENTRY, 1996; MCCRACKEN, 2003; MCINTOSH E SCHMEICHEL, 2004; VIEIRA; FARINA *et al.*, 2006; CAVEDON *et al.*, 2007; FLECK; ROSSI, 2009; BARBOZA *et al.*, 2011; VIEIRA; CAVEDON, 2013; ALMEIDA, 2014; SILVA; NUNES, 2020) é afastar dos fenômenos sociais a lógica da produtividade e do lucro que desconsidera as formas de analisar o mundo que são nostálgicas e, por isso, improdutivas aos olhos do capital.

Ultimamente eu ando pensando bastante que **a coleção é um jeito de deixar minha memória eterna e para sempre**. Porque todos nós vamos um dia, e o **objetivo é encontrar alguém que queira ficar com a coleção, que queira cuidar, tocar para a frente**. Ou até mesmo sim disponibilizar. Sei que minhas peças são poucas, mas em um eventual museu que o Galo faça. Enfim, é realmente **deixar um legado** (Mário, Camisas de Futebol).

Eu vejo mais minha coleção como uma parte da memória do futebol e da minha, eu gosto muito de guardar isso também e muitas vezes eu fico olhando para ela e pensando assim “daqui a um tempo isso daqui vai ser uma parte da minha memória”. E já é, né? Mas, com o passar do tempo, também é parte da minha memória (Givanildo, Camisas de futebol).

Os participantes Bruna, Mário e Givanildo postulam um futuro de igual forma, respectivamente: a coleção como uma “memória eterna e para sempre” e “uma parte da memória do futebol e da minha”. A reflexão trazida por ambos nos trechos é que as coleções se tornaram uma forma de alcançar a imortalidade (BELK, 1988; ALMEIDA, 2012), explícito nos trechos “deixar um legado” (Mário) e “parte da minha memória” (Givanildo).

É aquele negócio, a gente não leva nada. Depois que partir dessa foi melhor, então (risos). Só leva só a carcaça. Tudo fica aqui. Mas **não imagino o que será dela. Se eu morrer amanhã de repente “ah, morri”, não sei o que vai acontecer com a coleção.** Minha esposa fala “aí, se você morrer, eu não sei o que eu faço com essa coisa” Falo “cê é boba! Pesquisa preço e ganha pelo menos um bocado com ela” (risos). **O futuro ou eu posso vender um dia ou alguém vender para mim** depois que eu partir dessa para melhor (risos) (Bernardo, Discos de Vinil).

Tem um investimento grande na coleção. Ela tem valor ao longo do tempo, bastante valor (...). **Quem vai lucrar com a tua coleção, no dia que você morrer, se você não vender antes, são os herdeiros.** Eu estou com 75 anos, **então a gente vai ficando velho e, se eu não vender, vai ser um transtorno para a minha família, porque eles vão ficar com um negócio desse tamanho aí na mão, não gostam e vão fazer o quê com isso?** (Francisco, Minerais).

O futuro nem mesmo eu sei. Eu enquanto tiver vivo, vou ficar com a coleção. Agora depois que eu morrer **a gente não sabe o que o filho vai fazer.** Eu acho que a tendência é preservar a coleção, eu acho. Mas **é um gosto meu, não sei se eles vão fazer.** Eu acredito que sim, mas bom, não sei se fala para me agradar ou se lá na frente vai vender. **Eu criei os filhos para isso e criei a coleção para isso, para um dia ela ser de outra pessoa, porque é o normal, 90% das famílias não continuam as coleções** (Alexandre, Numismática).

A temática de reflexão de não imaginar o que será da coleção em um futuro é mobilizada na narrativa de Bernardo “não imagino o que será dela [...] não sei o que vai acontecer com a minha coleção” e de Alexandre “o futuro nem mesmo eu sei”. O participante Bernardo busca postular algumas possibilidades, como “ou eu posso vender um dia ou alguém vender para mim” e Francisco consegue conceber que, por ter um “investimento grande” e ter “valor ao longo do tempo, bastante valor”, há uma perspectiva de lucro para com os herdeiros. Isso ocorre, para ele, por um desgosto da família, que, no caso de morte futura, transformar-se-á em um “transtorno para a família”.

Já Alexandre possui consciência de que sua coleção é algo que irá se manter “enquanto tiver vivo”, acreditando que, após sua morte, “a tendência é preservar a coleção”. Ainda assim, ele possui consciência de que o colecionismo “é um gosto meu, não sei se eles [filhos] vão fazer”.

Tal questão se torna importante para não criar uma expectativa de imortalidade de si nas peças. Este movimento converge para as contribuições de Neves (2010, p. 42), quando a autora afirma que tanto história quanto a memória possuem “substância comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade”, e, assim, são também fontes de poder (CORREIA, 2020). Isso se torna importante para considerarmos que a história e a memória narrada pelo sujeito participante em questão se tratam, de igual forma, de uma busca por sua imortalidade.

O participante Alexandre afirma ainda que houve, no passado, uma ação visando a este momento, explícito no trecho “eu criei os filhos para isso e criei a coleção para isso”. Entretanto, sua narrativa prossegue de modo explícito evidenciando que a coleção será um dia “de outra pessoa, porque é o normal”. Ele espera isso a partir de sua experiência no mercado de compra e venda das coleções, no qual “90% das famílias não continuam as coleções”, passando a ser colecionado por outros, como reflete Baudrillard (2004b, p. 103):

O profundo poder dos objetos colecionados não lhes vem com efeito nem de sua singularidade nem de sua historicidade diversa, não é por este meio que o tempo da coleção deixa de ser o tempo real, é pelo fato de a própria organização da coleção substituir o tempo. Sem dúvida acha-se aí a função fundamental da coleção: solucionar o tempo real em uma dimensão sistemática [...]inventariando o tempo em termos fixos com os quais pode jogar reversivelmente, a coleção representa o perpétuo reinício de um ciclo dirigido onde o homem se entrega a cada instante e com absoluta segurança - partindo não importa de que termo e seguro de a ele voltar - ao jogo do nascimento e da morte.

Sobre o tema da investigação de que as famílias não continuam as coleções, Alexandre e Francisco desenvolvem seus argumentos nos trechos a seguir. É importante termos em mente que as reflexões dos participantes partem de suas vivências enquanto experientes colecionadores numismatas e de minerais. Sem fazer generalizações, são apresentados caminhos para refletirmos sobre a questão da não continuidade nas famílias.

Os colecionadores da minha idade, vão morrendo. **E é os filhos? Dificilmente seguem, não sei por quê.** Eu tenho os outros amigos, meus colecionadores contemporâneos meus, não tem **nenhum deles que a família tenha prosseguido com a coleção. É uma regra que até o momento, infelizmente não tenho não vejo exceção** (Francisco, Minerais).

Eu comprei muita coleção grande no Brasil. **E na concepção dos herdeiros, a maioria deles não gostam, não continuam a coleção do pai, 90% não continua a coleção do pai. É difícil, isso é experiência própria que eu tenho, e a convivência dos longos anos aí no mercado comprando coleções normalmente, porque a moeda, o cara interage muito. A paixão é tão grande que a pessoa, às vezes, relega a família, não sabe separar. E os filhos veem aquilo como uma competição entre o colecionismo e a família.** Quem não sabe separar isso aí, realmente dá com os burros n'água. **Primeira coisa que a família faz quando o cara morre é vender a coleção. Os filhos vendem no outro dia.** Porque às vezes a pessoa deixa faltar coisas

em casa para poder comprar uma moeda. Isso acontece muito (Alexandre, Numismática).

A narrativa de Francisco destaca a não continuidade das coleções e apresenta, em seu ponto de vista, que a continuidade “difícilmente” acontece. Para o participante, a partir de sua experiência que é mobilizada em sua narrativa no tempo passado, ele se não recorda de nenhuma família que “tenha prosseguido com a coleção”. Segundo sua visão, “isso é uma regra”. Ao afirmar que isso acontece, Francisco postula, implicitamente, que este também será o destino de sua coleção: a não continuidade por sua família.

No trecho destacado de Alexandre, ele afirma que, de acordo com sua experiência no tempo passado, é comum a não continuidade das coleções pelas famílias. Há, para ele, um desgosto pelos herdeiros por existir uma sobreposição da atividade colecionista para com a atividade familiar, o que é sinalizado no trecho “a paixão é tão grande que a pessoa, às vezes, relega a família, não sabe separar. E os filhos veem aquilo como uma competição entre o colecionismo e a família”. Tal fragmento se torna importante para refletirmos o motivo pelo qual a não continuidade do gosto pelo colecionismo pelos herdeiros se torna algo comum. Sabemos que existem muitas possibilidades não elencadas aqui e que podem passar por critérios subjetivos, mas é importante refletirmos que a dedicação do tempo ao colecionismo de muitos dos colecionadores implica uma não dedicação de tempo para as atividades familiares. Por isso, acreditamos que este fator apresentado por Alexandre é algo importante (entre muitos outros) e que faz com que as coleções não apresentem continuidade. As coleções podem, portanto, refletir muito mais a ausência que ela gerou do que a recordação da memória de determinada pessoa. Uma reflexão que nos fica é: mesmo com todas estas questões de não continuidade, como são pensados os fins das coleções?

Olha, eu acho que, quando a gente começa uma coleção, não pensa em fim, pensa em começo. Eu nunca pensei que ela fosse acabar, eu estou pensando que ela vai acabar agora, porque eu também vou acabar (risos). Só por causa disso (Francisco, Minerais).

A gente está aqui de passagem, e nós somos donos momentaneamente. Muitas coleções vêm de gerações de colecionadores, que vai preservando um, outro, vai passando aqui. A gente está aqui de passagem, então hoje eu tenho a minha coleção amanhã, essa minha coleção que eu guardei por 40 anos ou 50 anos, sei lá quanto tempo eu vou viver, vai passar para outro colecionador. E aí a essa conservação vai passar para outro, o outro vai pegar e vai guardar. Isso vai está vindo sucessivamente desde as primeiras moedas brasileiras de 1695. Na coleção é assim, na vida é assim (Alexandre, Numismática).

Existem reflexões nas memórias de Francisco e Alexandre que discutem sobre os fins (ou os novos começos) das coleções. O primeiro participante afirma que não há, na atividade

coleccionista, um pensamento para o fim: “quando a gente começa uma coleção, não pensa em fim, pensa em começo”. A coleção e o colecionar é, portanto, dotada de vários começos, vários inícios que se iniciam no encerramento de outros ciclos, tal como é a vida, como a gestão é e como as histórias e as memórias são. Começar e acabar são contínuos de um mesmo fenômeno, e, por isso, devemos refletir sobre eles em uma continuidade. Isso ocorre de modo explícito, na narrativa de Alexandre, quando declara que a coleção irá continuar, ficando subentendido que tal prática pode não ocorrer na própria família, quando ele utiliza o pronome indefinido “outro”. Portanto, pode não necessariamente ocorrer uma recordação por sua prática, mas haverá a continuidade do colecionismo numismata, explícito quando recorre ao tempo narrativo do passado de que a prática ocorre “sucessivamente desde as primeiras moedas brasileiras de 1695”. A seguir, mobilizamos os últimos trechos desta tese que buscam refletir sobre uma questão: o futuro do próprio colecionismo. Afinal, como ele será no futuro, na concepção de nossos participantes?

Hoje é mais fácil adquirir, mas é mais sem graça. Porque **antes você tinha que ir na loja e você criava uma outra relação com ir até o lugar**. E isso aqui é uma pista que parece boba, mas eu acho que é valiosa. **Você vai no lugar e tem acesso a um monte de coisa maravilhosa. No digital, você vai perdendo as nuances.** (...) Então esse tipo de prejuízo assim, da coisa instantânea automática, o tempo é muito importante. **É ir até a loja, é esticar, o dilatar o tempo da aquisição da camisa.** Ao comprar na internet você acha coisas maravilhosas, mas perde essas vivências (Volpi, Camisas de Futebol).

É o colecionismo está se tornando uma coisa complicada, exatamente por perda de foco. Pessoas que se dizem colecionadores que não são. Eu gosto de dizer que são vendedores e é diferente. **O colecionador, ele é sentimento.** O vendedor, não, o vendedor é uma pessoa fria que está ali para vender (...). **Meu medo é que vire só isso, que no futuro a gente só tenha a venda, que o cara perca o amor pela coleção** (Dionísio, Miniaturas).

Os participantes acima destacados apresentam como tema de investigação as reflexões sobre o que pode ser o futuro do colecionismo. Volpi mobiliza o tempo do presente e do passado para vislumbrar possibilidades futuras. Isso ocorre por meio da rememoração do que ocorre no presente (“hoje é mais fácil adquirir, mas é mais sem graça”) e no passado (“antes você tinha que ir na loja e você criava uma outra relação com ir até o lugar”). Para o participante, esta questão do passado se torna ponto importante em sua narrativa, explícita no fragmento “uma pista que parece boba, mas eu acho que é valiosa”. Em sua narrativa, bem como em sua linguagem não verbal de retração no momento em que a conversa foi gravada, percebemos um receio para com a situação do colecionismo. Para ele, a internet ampliou o acesso a uma gama de objetos, mas, de igual forma, fez com que se perdesse o tempo da contemplação inerente à experiência da compra do produto, que se contemplassem os movimentos de um *flâneur*,

denominado em Benjamin (1987g) como aquele que vê sem ser visto, que vê o movimento e que corporifica o prazer da cidade (e o prazer de adquirir os objetos das coleções). Já o participante Dionísio afirma um certo receio pela atividade futura do colecionismo, explícito no trecho “o colecionismo está se tornando uma coisa complicada, exatamente por perda de foco”. Ele complementa que esse contínuo de algo que está se transformando no tempo presente, ocorre pela existência de “pessoas que se dizem colecionadoras, mas não são”. Os chamados “vendedores”, para ele, estão transformando o colecionismo a partir da especulação, em que os objetos são vendidos a partir da oferta e da demanda.

No sentido apresentado pelos participantes Volpi e Dionísio, o tempo no sistema capitalista, passageiro, mutante e momentâneo, necessita de novidades constantes que trazem com elas as angústias da perda de sentido do passado. O tempo se torna coisa a ser consumida e, de igual modo, razão da perda de sentido dos sujeitos (MATTOS, 2015). Os incômodos relacionados ao tempo que acompanhavam as escritas e os pensamentos de Walter Benjamin, são, para a mesma autora, causados pela perda do ideal e na transitoriedade de tudo do século XIX, sobretudo no que se trata dos pertencimentos, das origens e das referências. Gagnebin (2015, p. 59) enfatiza que:

A obtenção de uma memória comum, que se transmite através das histórias contadas de geração a geração, é hoje destruída pela rapidez e violência das transformações da sociedade capitalista. Agora, o refúgio da memória é a interioridade do indivíduo, reduzido à sua história privada, tal como ela é reconstruída no romance (...). O desaparecimento de uma memória e de uma experiência coletiva traz também como consequência o culto do sempre novo, razão de ser da imprensa escrita.

Mattos (2015) nos suporta na reflexão daquilo que é esquecido e perdido no contexto capitalista. Para ela, o movimento de recuperar objetos perdidos é um estímulo consciente para restaurar o próprio tempo perdido. Para nós, além disso, caracteriza-se como uma tentativa de compensar a falta de referências temporais que o sistema atual desfez: os objetos. Estes, enquanto fragmentos do passado, trazem para o real aquilo que ficou perdido no passado: o tempo das vivências, das percepções, do sentir o aqui e o agora, manipulado pelas novidades capitalistas, assim como enfatizam Volpi e Dionísio. É o corpo que sente, o corpo que percebe e se permite viver o real busca, no passado, a recuperação dos momentos experienciados (MATTOS, 2015).

Eu acredito que no Brasil tenha dez mil colecionadores, e o mercado norte-americano tem cinco, seis milhões de colecionadores. Eu acho que o Brasil pode chegar lá, que **o Brasil é um país rico, está em plena expansão, em pleno crescimento e para você agregar a cultura, você tem que ter conhecimento, tem que dar estudo, tem que dar preparo.** Então assim, o Brasil está deslançando agora para o mundo. **Então eu acredito muito no Brasil, no futuro do colecionismo do Brasil e é por isso que**

eu acho que as moedas brasileiras vão subir bastante ainda (Alexandre, Numismática).

Na coleção de minerais, o que eu tenho visto é que o número de colecionadores andou, por um período, quase que desaparecendo no Brasil. Não vinha se renovando e **hoje, com esse negócio dessa feira de colecionadores lá do Museu da Gerdau, tem atraído muito o público mais jovem.** Mas é mais difícil, porque a **coleção de minerais, quer queira ou não, é uma coleção um pouco mais cara.** Um mineral de mil reais é uma coisa corriqueira, e isso limita a expansão (Francisco, Minerais).

Por fim, os participantes Alexandre e Francisco postulam o futuro do colecionismo no contexto brasileiro. Para o primeiro, é possível o aumento do número de colecionadores atuantes no Brasil se comparado ao que ele chama de “mercado norte-americano”. Para ele, o aumento pode ocorrer considerando que o país está em “plena expansão, em pleno crescimento”, indicando uma tendência que é global, como indicado em McAndrew (2022). O ponto de referência para ação é explicitado em termos de políticas que agreguem cultura, e, para isso “tem que ter conhecimento, tem que ter estudo, tem que dar preparo”. Assim, para o participante, somente com um investimento educacional e cultural o Brasil pode alcançar em um futuro promissor no colecionismo. A partir desta temática, Francisco complementa a narrativa a partir de um ponto de vista, mais realista, em nossa concepção. Este participante reconhece que, no passado, os colecionadores de minerais quase desapareceram no país. Essa ausência de renovação aparece, implicitamente, pela falta de incentivo, já que explicitamente o participante coloca que a “feira de colecionadores lá do Museu da Gerdau, tem atraído muito o público mais jovem”.

O ponto-chave da narrativa de Francisco, que acreditamos que se aplica para os colecionadores numismatas, de minerais e de muitos outros objetos, é referente ao valor com que são comercializados os objetos, o que se explicita na memória do participante no fragmento “a coleção de minerais quer queira ou não, é uma coleção um pouco mais cara. Um mineral de mil reais é uma coisa corriqueira, e isso limita a expansão”. Portanto, não é possível pensarmos no futuro de expansão da atividade colecionista com a prática de preços que não são nada populares. Afinal, em um país como o Brasil, quem pode pagar quase um salário mínimo em uma única peça? Ou quem pode adquirir uma obra de arte que pode custar milhões? Quem pode adquirir uma peça numismata antiga e de alta tiragem que custa, em alguns casos, 70 mil reais? Ou uma camisa de futebol que ultrapassa os 500 reais? Ou uma miniatura que ultrapassa os 200 reais? Portanto, pensar na realidade do colecionismo brasileiro é pensar que a atividade, das principais coleções, foi para poucos no passado, é para poucos no presente e continuará sendo para poucos em um futuro. Por fim, após a realização de nossas discussões, finalizamos a seguir

o último capítulo desta tese, em que tecemos nossas reflexões não como pontos de chegada descritivos do que foi, mas pontos de partida do que ela ainda poderá ser.

10 CONCLUSÕES (QUE NUNCA SÃO FINAIS)

Escrevemos o último capítulo de nossa tese não com a intenção de descrever o que fizemos ou de determinar questões sobre nossa tese, mas de apresentar pontos de chegadas que também são pontos de partida com inspiração na tríade dialética do passado, presente e futuro que propusemos aqui. Refletimos, portanto, sobre esses pontos que estiveram presentes no nosso doutoramento e que reforçam a pretensão de voltarmos a estas reflexões em momentos futuros. O processo desta conclusão é uma chegada-partida do que ainda irá permear nossas reanálises e repensamentos.

Partimos da seguinte pergunta de pesquisa: “como algumas coleções particulares mineiras são formadas e geridas, no tempo e espaço, pelas pessoas participantes deste trabalho?”. E acreditamos que conseguimos respondê-la em sua totalidade. A formação e a gestão de coleções particulares mineiras corroboram nossa tese de que rastrear o colecionismo pessoal se caracteriza como um objeto da Administração na medida em que os objetos colecionados geram problemas de gestão no tempo e no/do espaço. Fizemos o que propusemos e apresentamos como o colecionar, o gerir, o tempo, o passado, o presente e o futuro são componentes de um mesmo fenômeno, em um *continuum*. Tratar de coleção é tratar da gestão. Mas não aquela tradicional em que se hierarquiza tudo (e todos) e estabelece as coleções como aquelas que devem ser “grandes” ou “pequenas”, “mais” ou “menos” lucrativas, em que modos de fazer devem ser considerados como “melhores” ou “piores” em virtude de um retorno ao capital. Utilizamos, diferentemente disso, outro tempo. O tempo que desconsidera essa produtividade maçante para sobrelevarmos aquele que contempla, que rememora, que sente, que pensa, que reflete sem um compromisso com o que se ganha (ou se deixa de ganhar). Se este último raciocínio se colocasse à frente das coleções, elas não teriam o ímpeto que possuem. Do ponto de vista do capital, os gastos são muito maiores do que os lucros, mesmo naquelas coleções que possuem um alto valor agregado. Ao mesmo tempo, isso não significa que a lógica do capital não as perparse, afinal, estamos inseridos em um sistema capitalista. O colecionador, neste sentido, é um consumidor de mercadorias. Os objetos são mercadorias, mas as coleções também se tornam

mercadorias, fruto da ação de sujeitos explorados e trabalhadores, não detentores dos meios de produção.

Compreendemos que a coleção é, simbolicamente, a busca pela experiência que não se concretiza, assim como discute Walter Benjamin. Os sujeitos buscam modos de experienciar, de alcançar uma experiência verdadeira, quase impossível no sistema capitalista. Nessa busca pelo inalcançável, talvez possamos refletir que a obsessão tratada pelos participantes do trabalho são sintomas do sistema econômico que nós vivemos. Buscar o “Santo Graal”, nunca o achar e continuar procurando-o em uma eterna busca pela verdadeira experiência.

Este trabalho foi, também, um trabalho sobre o tempo. O tempo do fazer, do ser, do viver, do experienciar. A partir dele, pudemos olhar os fenômenos sociais organizacionais sob um ponto de vista daquilo que é considerado improdutivo, como nos auxiliou Bosi (2003): a rememoração. Por isso, nossa tese foi sobre a improdutividade. E ao realizarmos, no campo da Administração, um trabalho sobre a improdutividade, fizemos um movimento contra o sistema dominante, ressignificando os padrões do que é considerado trabalho. Ora, o trabalho é apenas aquele que produz um resultado financeiro (imediate, muitas das vezes)? E o trabalho que não possui a centralidade nos processos do capitalismo não deve fazer parte da Administração? Não é trabalho? Não é gestão? O ato de recordar só deve ser acionado no momento em que podemos utilizar o passado como uma ferramenta que serve de modelo para “melhorar eternamente” os processos produtivos?

Para além do objetivo geral de compreender como algumas coleções particulares mineiras são formadas e geridas, no tempo e espaço, pelas pessoas participantes deste trabalho, tivemos também objetivos intermediários e pudemos refletir, primeiro, sobre o que é a coleção e o colecionador. Para nós, a partir das memórias dos participantes da pesquisa, a coleção é a reunião de dois ou mais objetos aglomerados a partir de uma intenção colecionista, um recorte ou uma delimitação e que pode partir de interesses individuais ou coletivos. Portanto, o que diferencia a coleção de um mero acúmulo de objetos é a intenção dada pelo sujeito. Essa intenção pode ser acionada a partir dos mais diversos olhares: a partir das memórias, de questões financeiras, por gostos particulares que abrangem os mais variados tipos existentes. Ela precisa ter uma peculiaridade, ou um “borogodó”, como disse um dos participantes. Ao mesmo tempo, acreditamos que o sujeito colecionador é aquele que possui um olhar peculiar para os objetos, que os vê de outras formas e que atribui os mais variados sentidos para a reunião deles.

Consideramos, nesta tese, a existência de diversos modos de ser colecionador e não buscamos definir o que é o colecionador. Seria mais apropriado refletir o que são os colecionadores: sujeitos que reúnem objetos a partir de suas lembranças, gostos, experiências, vivências, oportunidades, investimentos e, até mesmo, por buscar um senso de organização em um movimento de agrupar uma existência material dispersa no mundo. Portanto, são essas e muitas outras possibilidades de caracterizar o sujeito colecionador, indo muito além dos pontos de referência que aqui tratamos.

Com o nosso segundo objetivo intermediário, pudemos refletir a forma com que os sujeitos concebem as coleções. Refletimos que o início das coleções são diversos e que, nem sempre, os sujeitos começam colecionando um único objeto ao longo da vida e dão prosseguimento a ele. Podemos falar, então, em diversas coleções que são iniciadas e pausadas ao longo da vida dos sujeitos, que podem ou não ser retomadas. Há interesse pelo colecionismo ainda nas primeiras lembranças, memórias da adolescência, da vida adulta, após ter os filhos, após o crescimento dos filhos, pela partida de parentes e amigos, a partir de presentes e de se fazer lembrado pelas pessoas, por se inserir em determinado grupo social, por questões financeiras ou ainda por uma motivação de preservação da história. As coleções, portanto, não são concebidas de uma única forma, mas de diversas que podem ser combinadas ou não com as possibilidades que elencamos e muitas outras que sequer acessamos com nosso trabalho.

Acreditamos ainda que alcançamos o terceiro objetivo específico deste trabalho e pudemos analisar as práticas históricas que permeiam a gestão das coleções. Elas são, deste modo, pensadas e geridas a partir das experiências, das memórias (individual e coletiva) e dos interesses do tempo presente. Portanto, pensar as coleções é considerar que as práticas de gestão são realizadas no tempo presente, mas que mobilizam de forma mutável o passado a partir dos interesses de hoje e postulam um futuro com base nesses mesmos critérios. Por conseguinte, por mais que a Administração *mainstream* se volte a pensar no passado apenas de modo ferramental para abastecer as decisões do presente que visem a um futuro mais “produtivo e lucrativo”, é possível pensarmos em uma outra forma contemplativa e não produtivista de abarcarmos os fenômenos memorialísticos e históricos. Deste modo, nosso trabalho contribui para as reflexões de que o trabalho improdutivo de gestão colecionista se pauta na tríade de dialética de presente, passado e futuro para executar suas atividades. Para além de uma separação, os problemas de gestão que aqui vimos (e pontuamos no capítulo 8), devem ser considerados em conjunto para execução da atividade colecionista.

Pensamos ainda junto com Benjamin sobre as transmissões que compõem a experiência para questionar em nosso trabalho a lógica hierarquizante tradicionalmente imputada por países euro-estadunidenses-centrados. Acreditamos, por isso, ao trabalharmos com colecionadores geograficamente localizados no sul global, que contribuímos com Wanderley e Barros (2018), Carrieri e Correia (2020), Silva e Carrieri (2021), Silva *et al.* (2021); Coraiola *et al.* (2021), Costa e Wanderley (2021), Martins *et al.* (2023) e Martins e Correia (2023) no fomento de estudos de experiências que são nossas enquanto país oriundo de um processo de colonização: de nossos modos de colecionar, de gerir, de ser e estar no mundo. Historicizamos a nossa própria construção de conhecimento que, marginalizada no aspecto mundial, deve, portanto, ser valorizada por nós mesmos. Nossos modos de experienciar, em nosso caso, de colecionar, servem-nos como base na compreensão das especificidades do fenômeno aqui estudado. Por isso, acreditamos ser importante, para nós e para a área de Administração, não descartarmos nós mesmos, outros brasileiros e outros saberes frente ao mundo. É importante considerarmos nossas diferenças sociais. Quando silenciemos nossas diferenças, rejeição programada e institucionalizada por muitas vezes no mundo, descartamos as possibilidades de transinclusão, de transgressão, de agir; transinclusão esta que é contrária à uni-inclusão e que evidencia um movimento, uma atuação, uma práxis política que devemos ter para mover e criticar a produção de nossa área de saber, a Administração. A transinclusão se torna um contrapeso aos pressupostos euro e estadunidense centrais, podendo ser vista como uma marca de transgressão (JAMMULAMADAKA; FARIA, 2023).

Autores como Simas e Rufino (2018), Rufino (2019), Martins (2003, 2021), Simas (2021) e Cabral (2022) nos mostram que aprendemos, em nosso processo social histórico, a trabalhar com cruzamentos, em encruzilhadas. O termo encruzilhada é trabalhado por Martins (2021, p. 56) e é utilizado como “conceito e como operação semiótica que nos permite clivar as formas que daí emergem”. Ao termos pensado as encruzilhadas no nosso trabalho, exploramos as inter-relações espiralares entre corpo, oralidade, gestos, tempos, memórias, espaços e objetos. Para Simas e Rufino (2018) e Rufino (2019), o padrão de poder-saber trazido e desenvolvido pelos colonizadores europeus era devastador e buscava eliminar as grafias ancestrais, desestruturar os atos sociais performáticos desenvolvidos na preservação da memória local e histórica, destruindo repertórios orais e corporais. Por isso, para estes autores, e para nós, é preciso criar outros arranjos discursivos, limar o muro das apresentações e representações, abrir fissuras nos discursos hegemônicos para pensarmos a partir de nós mesmos, como sujeitos inseridos em

nossos múltiplos processos de subalternização e subjetivação, ou seja, em nossas próprias encruzilhadas. São nossas encruzilhadas frente ao saber posto que escanteia o que é produzido no sul global. Quem disse que o subalterno (SPIVAK, 2010) não pode colecionar e ter memórias próprios de seu colecionismo?

Precisamos, assim, valorizar os conhecimentos produzidos por nós mesmos, diante de nossos próprios saberes e processos. Por isso, fomos com Benjamin pelos fragmentos das memórias colecionistas aqui pesquisadas. Negamos o dominante e nos vimos perdidos pela ausência de referências. Ainda assim, caminhamos. Encontramos encruzilhadas, encontramos-nos e nos perdemos novamente, refletimos sobre os extremos, descobrimos as discontinuidades. Encaramos com Velloso (2022) as angústias da não linearidade e da ausência de modelos, que de igual modo, permitiram-nos encontrar pontos de referência de uma forma de pensar que não se atém ao que está aparentemente exposto. Precisamos nos aprofundar nas coleções, nos colecionadores, no campo e nas dinâmicas próprias do fenômeno. Fomos tocados por ele. Sentimos repulsa. Sentimos paixão. Afastamo-nos, mergulhamos nos dados. Voltamos ao campo, produzimos com os participantes. Escrevemos esta tese. Percebemos que o pensar por constelações de Benjamin é produzido no presente, recupera um passado com vistas a um futuro. Um futuro que pode ser postulado pelo sul global, por nossos processos.

Para que rememoramos nesta tese, afinal? Exatamente por considerarmos Bosi (2015) quando diz que, se o presente fosse voltado apenas para o futuro, seria uma prisão. Não foi nossa intenção estarmos presos em idealizações de uma sociedade que, assim como na música “Novas Auroras” do Nação Zumbi, ontem quis o amanhã e hoje quer o depois. E nessa busca de não tornar o passado uma ferramenta e o presente uma forma de antecipar o futuro, fomos aos fragmentos e às manifestações de suas diversidades. Não buscamos uniformizar as coleções, os sentimentos que nelas devem ou não incidir, as memórias que devem ou ser lembradas a partir delas. Compreendemos cada uma em sua diversidade, em sua univocidade e em sua memória individual, conscientes da influência da memória coletiva (HALBWACHS, 1990; ALBERTI, 2004, 2012) dentro dos próprios grupos colecionistas e, em um aspecto macro, da forma de se colecionar na sociedade.

Consideramos a história a contrapelo (BENJAMIN, 1987e). A experiência do colecionar, para nós, foi muito mais importante do que o estabelecimento de um início, meio e fim que a história tradicional tenta imputar. Desenvolvemos, com este trabalho, vários fins, vários meios, vários

inícios, que podem a qualquer momento ser um meio ou ser um início. Não sabemos. Não saberemos. Não buscamos saber, seria impossível. Conseguimos, apenas nestes processos, estarmos cientes que início, meio e fim compõem, juntas, os termos da tríade dialética de passado, presente e futuro. Tríade dialética esta com a qual, considerando-a em um *continuum*, contribuímos para os EOR. Distantes de uma visão que lineariza tais pontos, rompemos com a ideia de que o passado foi o início, o meio é o presente e o fim será o futuro. Eles acontecem para nós ao mesmo tempo. Não é o início ou o fim, não é o passado ou o futuro. Ela é o início e o fim. Ela é o passado e o futuro em um movimento só. Todos, considerando a diversidade de possibilidades, são pensados a partir do tempo presente.

As discussões memorialísticas nos levaram pelos caminhos, descaminhos e encruzilhadas que sobrelevaram os olhares, as escutas e as ações sensíveis nos EOR por meio do passado, do presente e do futuro em um único movimento. O estudo do colecionismo nos oportunizou fomentar modos de ser e de estar no campo da Administração que são desvalorizados pelo *mainstream*. E consideramos ser também esta nossa contribuição ao campo. A gestão dos negócios é a gestão das organizações e dos negócios pequenos, mas também é a gestão e organização da vida, dos grupos sociais, das histórias, das memórias, das nostalgias reflexivas que, ao considerar o que se passou no tempo presente de modo não ferramental, possibilita pleitear um futuro com a variabilidade existente no acionamento das memórias no tempo presente. É deste modo que desenvolvemos uma tese que se sensibiliza contra as ações administrativas que marginalizam, sobretudo, os modos alternativos de se pensar a gestão. Ela ainda demonstra que as tecnologias lucrativas do sistema capitalista se apresentam duais: as coleções-produtos e o rememorar improdutivo. Não obstante, foi comum ouvirmos durante nossos percursos questionamentos oriundos de áreas tecnicistas e funcionalistas como: “mas e a Administração?”; “o que esta tese teve a ver com a área?”; “mas isso não é Sociologia, História ou Ciências Sociais?”. Se contemplar, relembrar, rememorar e redescobrir processos e procedimentos de gestão e de organização ao longo da vida dos sujeitos em seu passado, em seu presente e em seu futuro não são temáticas que precisam ser tratadas na Administração, que encontram na pluralidade dos EOR, um “ir além”, em quais locais seriam revisadas e ampliadas as visões sobre as gestões e as organizações *per se*? Em qual momento seria oportuno discutir a ciência administrativa produtivista que desconsidera os anseios humanos em prol de um pseudoavanço econômico se não no âmbito acadêmico da Administração? São para minimizar questões como estas que encontramos respaldo nos EOR sobre temáticas que não se voltam a compreender processos gerenciais ou que se dedicam aos procedimentos que irão impactar

positivamente no ROI – Retorno Sobre o Investimento (*Return on Investment*), no ROE – Retorno Sobre o Capital (*Return On Equity*) ou no ROA – Retorno Sobre o Ativo (*Return on Asset*).

Distintamente do que pretendem os estudos dominantes, estivemos comprometidos com o avanço do conhecimento e da visão do que se pode ser administração. Para nós, administrar não é tratar do capital somente, é tratar da vida social organizada que nos foi colocada por Carrieri (2014) a partir das diversas histórias possíveis na sociedade e que reconhecemos, ainda assim, estarem articuladas na própria lógica do capital. Por isso, encontramos nas coleções um objeto de estudo que nos possibilitou avançar, discutir, refletir e, até mesmo, recuar. Recuar na necessidade da contextualização histórica de uma área que foi “fundada” no início do século XX, omitindo Weber e as gestões que incidiram no Egito, no principado romano, na monarquia diocleciana, na igreja católica romana; na China; nos estados europeus modernos e nas empresas públicas desde a época do absolutismo real, para garantir “o melhor jeito de se fazer” (*one best way*) e que continua sendo reverberado por diversos estudos funcionalistas. Ora, falar de uma gestão técnica é recuar ao século passado. Então por que não recuar até esse século para auxiliar no movimento já em curso nos EOR de desfazer os nós amarrados pelos discursos estadunidenses e eurocentristas sobre o que é esta área, como bem posiciona autores como Moulin *et al.* (2015)? Acreditamos, portanto, na necessidade de recuos para que possamos avançar em uma gestão inclusiva, reflexiva e que considere, em suas teorizações, a contextualização histórica local.

A reflexão sobre os processos sociais e organizacionais que se voltam para o contexto local (CARRIERI; CORREIA, 2020; BARROS; WANDERLEY, 2020; BASTIEN *et al.*, 2021; PALUDI, 2021; SILVA *et al.*, 2021; SILVA; CARRIERI, 2022; MARTINS; CORREIA, 2023) se caracteriza como a que estimula um fazer social diverso, plural e multifacetado, assim como são as memórias. É nesta busca pela diferença e no fomento de uma administração menor (MARTINS, 2021), inspirados na referência anterior de Deleuze e Guattari (1979) sobre uma literatura menor, que também pode ser atenta e cuidadosa (MARTINS *et al.*, 2023), que estudamos as memórias nas gestões das coleções particulares localizadas no sul global, ao mesmo tempo que compreendemos as memórias das gestões deste mesmo objeto de estudo. E é nessa busca, conforme nos colocam os últimos autores, que contribuimos com a expansão dos olhares da e na Administração: uma área do conhecimento que se descole das forças utilitaristas e controladoras. Uma gestão que, por meio dos próprios processos de rememorar, permita-nos

compreender os processos organizativos da vida tal como eles são: complexos, difusos, ambíguos e contraditórios. Por fim, esta tese se dedicou a compreender o fenômeno colecionista distante dos anseios mercadológicos da administração metódica e funcionalista. Dedicamo-nos, como diversas vezes ressaltamos em nossas reflexões, a compreender como as memórias foram contribuindo para a formação das coleções particulares, ao mesmo tempo que buscamos analisar as formas com que os problemas de gestão do tempo, do espaço e dos recursos foram sendo (ou não) solucionados de acordo com as memórias de alguns colecionadores particulares mineiros, considerando os processos de passado, presente e futuro do que chamamos de tríade dialética.

Este trabalho sobre as coleções foi um trabalho sobre a vida: um eterno processo, um eterno vir a ser que não se completa e que chegará ao fim apenas quando deixarmos de ser matéria. As coleções são, conforme Benjamin (2009), um trabalho contra a dispersão. E avançamos que não seria apenas contra a dispersão dos objetos, mas a dispersão dos próprios processos da vida. As coleções visam a uma junção não só dos objetos, mas do passado que reverbera na materialidade dos objetos (DOHMANN, 2015, 2017). Nessa memória que pode ser tangível por meio dos objetos, o passado é recordado por meio da posse. Este ponto, não aprofundado por nós neste trabalho, caracteriza-se como uma sugestão de trabalho futuro.

Ao mesmo tempo, sugerimos aos leitores desta tese trabalhos que tratem das coleções sob uma perspectiva de gênero nos EOR, tal como desenvolvido por Oliveira (2018) na área de museologia. Acreditamos que trazer esta discussão para o ponto de vista organizacional possibilita avançar em uma questão importante e que, apesar de mencionada, não foi desenvolvida por nós. Longe da ideia de generalização, nossa tese foi desenvolvida a partir de alguns colecionadores mineiros, e, por isso, indicamos a expansão da pesquisa pra colecionistas de outros estados ou até mesmo um projeto que englobe o colecionismo em uma perspectiva nacional, com participantes de diferentes regiões. Sugerimos ainda, sob uma perspectiva dos EOR, trabalhos que considerem as histórias dos próprios objetos, apresentando suas influências culturais no plano de uma história não linear. Acreditamos, de igual modo, importante estimular trabalhos que lidem com a questão da estética do colecionismo, sendo possível ainda avançar em estudos sobre a dimensão investidora, trazendo uma importante discussão financeira que ainda permanece em segundo plano nos EOR.

Por fim, acreditamos que o colecionismo tratado aqui (e longe do esgotamento ou de sua pretensão), é um pouco disso e muito mais. Acreditamos que conseguimos concluir o que nos propomos: lançar novas possibilidades para o estudo do colecionismo, antes investigado na Administração somente pelo prisma do marketing, a partir da perspectiva organizacional. Finalmente, vemo-nos nas próximas coleções!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. De "versão" a "narrativa" no Manual de história oral. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 159–166, 2012.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, C. A. Objetos que se oferecem ao olhar. Colecionadores e o “desejo de museu”. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

ANDRADE, R. Colecionando segredos: Os aruanãs e as práticas de colecionamento no médio Araguaia. **Sociedade e Cultura**, v. 21, n. 1, p. 49–71, 2018.

ANDRADE, E. P.; ALMEIDA, J. R. Trajetórias docentes e história pública: a construção de um acervo com narrativas de professores. In: ALMEIDA, J. R.; MENESES, S. (Org.). **História Pública em Debate: patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, v. 1, p. 129–144.

ARANTES, C. P. **Coleções: um estudo dos processos criativos e comunicacionais**. Orientadora: Lucia Isaltina Clemente Leão. 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ARAÚJO, M. P. N.; SANTOS, M. S. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p. 95–111, 2007.

ATAÍDE, M. A. Um diálogo com a história oral: limites ou possibilidades de se fazer pesquisa qualitativa? **Sinais**, v. 20, p. 149–167, 2016.

AUDEMARD, J. Objectifying Contextual Effects. The Use of Snowball Sampling in Political Sociology. **Bulletin of Sociological Methodology** v. 145, n. 1, p. 30–60, 2020.

BAKER, S.; GENTRY, J. Kids as collectors: a phenomenological study of first and fifth graders. **Advances in Consumer Research**, v. 23, p. 132–137, 1996.

BARROS, A. **Uma narrativa sobre a história dos cursos de Administração da FACE–UFMG: às margens do mundo e à sombra da FGV?** Orientador: Alexandre de Pádua Carrieri. 2013. 187 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151–161, 2015.

BARROS, A.; CRUZ, R.; XAVIER, W.; CARRIERI, A.; LIMA, O. A apropriação dos saberes administrativos: um olhar alternativo sobre o desenvolvimento da área. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 5, p. 43–67, 2011.

BARROS, A.; WANDERLEY, S. Decolonialism and management (geo)history: is the past also a place? In: BRUCE, K. **Handbook of research on management and organizational history**, Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2020.

BASTIEN, F.; CORAIOLA, D.; FOSTER, W. M. Don't talk about history: Theorizing 'past occurrences' in Indigenous organizations. IN: MACLEAN, M.; CLEGG, R.; SUDDABY, R.; HARVEY, C. (Orgs.). **Historical organization studies: Theory and applications**, 2021.

BAUDRILLARD, J. O objeto marginal – o objeto antigo. In: BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, (1968) – 2004a.

BAUDRILLARD, J. O sistema marginal: a coleção. In: BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, (1968) – 2004b.

BELK, R. W. Collecting as luxury consumption: Effects on individuals and households. **Journal of Economic Psychology**, v. 16, n. 3, p. 477–490, 1995.

BELK, R. W. Possessions and the “extended self”. **Journal of Consumer Research**, v. 15, n. 2, p. 139–168, 1988.

BENJAMIN, W. Desempacotando a minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 2: rua de mão única**. Brasília: Editora Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, W. Armários. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 2: rua de mão única**. Brasília: Editora Brasiliense, 1987b.

BENJAMIN, W. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 2: rua de mão única**. Brasília: Editora Brasiliense, 1987c.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987d.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987e.

BENJAMIN, W. “O narrador”. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987f.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987g.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política.** Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987h.

BENJAMIN, W. O colecionador. In: BENJAMIN, W. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e o brincar, a educação.** São Paulo: Duas Cidades; 34, 2002.

BINHOTE, J. M. **Quem constrói e gerencia a história e memória das organizações?** Um estudo sobre as empresas produtoras de histórias organizacionais. Orientadora: Alessandra de Sá Mello da Costa. 2017. 238 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BLATTNER, W. Temporality, Aspect, and Narrative. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. **Time, temporality, and history in process organization studies.** New York: Oxford University Press, 2020.

BLOOM, P. **Ter e manter:** uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOM MEIHY, J. C. S.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas:** história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

BOM MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013.

BONGERS, D. E. N. Historical consciousness as a management tool. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. **Time, temporality, and history in process organization studies.** New York: Oxford University Press, 2020.

BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. **Management and Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 5–30, 2006.

BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. IN: MCLAREN, P.; MILLS, A.; WEATHERBEE, T. **The routledge companion to management and organizational history.** New York: Routledge, 2015.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación:** Enfoque y metodología. 328 p. Madrid: Muralla S.A., 2001.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOYM, S. Mal-estar na nostalgia. **História e Historiografia**, n. 23, p. 153–165, 2017.

BUCK-MORSS, S. (Org.). **Dialética do olhar**: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CABALLERO, J. A. R. Memórias contrapuestas. España frente a su pasado reciente. In: 12º Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea, 2015. Madrid. **Anais...** Madrid: UAM, 2015, p. 3399–3415.

CABRAL, A. M. **Teologia das encruzilhadas**: Feminismo e mística decolonial nas pombagiras de umbanda. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2022.

CAMARGO, T. **Colecionismo, ciência e império**. Universidade Federal do Paraná — Centro de Documentação e pesquisa de História e Domínios Portugueses – CNPQ 2012.

CAMPOS, C. **Arte e mercado no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Projetos, 2016.

CARRIERI, A. **A gestão ordinária**. Tese de Professor Titular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil., 2012.

CARRIERI, A. P. As gestões e as sociedades. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 1, p. 19–57, 2014.

CARRIERI, A.; CORREIA, G. Estudos Organizacionais no Brasil: construindo acesso ou replicando exclusão? **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 1, p. 59–63, 2020.

CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 49, n. 4, p. 698–713, 2014.

CARRIERI, A.; SANTOS, J. V.; PEREIRA, V.; MARTINS, T. Pesquisa Histórica em Administração: A (re)construção identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). **Revista de Ciências da Administração**, v. 18, n. 46, p. 9–22, 2016.

CARVALHO, T. M.; SILVA, C. R.; BIANCHI, E. M. Análise Crítica da Pesquisa Narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. 1–10, 2021.

CASE, D. Serial collecting as leisure, and coin collecting in particular. **Library Trends**, v. 57, n. 4, p. 729–752, 2009.

CAVEDON, N.; CASTILHOS, R.; BIASOTTO, L.; CABALLERO, I.; STEFANOWSKI, F. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de porto alegre. **Horizontes Antropológicos**, n. 28, p. 345–371, 2007.

CINTRA, S. L.; CORREIA, L.; TENO, N. Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender experiências formativas. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 66451–66463, 2020.

CLARK, P.; ROWLINSON, M. The treatment of history in organization studies: towards an ‘historic turn’? **Business History**, v. 46, n. 3, p. 331–352, 2004.

CLANDININ D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EdUFU, 2015.

CLEGG, R.; SUDDABY, R.; HARVEY, C.; HARVEY, C.; MACLEAN, M. At the intersection of theory and history: a research agenda for historical organization studies. In: MACLEAN, M.; HARVEY, C.; SUDDABY, R.; CLEGG, R. **Historical organization studies**: theory and applications. London and New York: Taylor & Francis Group, 2020.

CRAVO, R. Por que colecionamos arte? **GV Invest Short Studies Series**, v. 13, p. 2–4, 2017.

COOLEY, J.; UNKRICH, L.; LASSETER, J. **Toy Story** [filme]. USA: Walt Disney Pictures, 1995.

COSTA, G. **A exigência política do despertar**: escrita, história e revolução em Walter Benjamin. Orientadora: Carla Milani Damiano. 2021. 217 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

CORAIOLA, D. M.; BARROS, A.; MACLEAN, M.; FOSTER, W. História, memória e passado em estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, p. 1–9, 2021.

CORDOVA, D. Z. Colecionadores, coleções particulares e o mercado brasileiro de arte contemporânea. **Ouvirou**, v. 13, n. 2, p. 468–479, 2017.

CORREIA, G. **“Uma grande solidão em meio à multidão”**: histórias e memórias da arbitragem de futebol de Minas Gerais. Orientador: Alexandre de Pádua Carrieri, 2020, 243 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

CORREIA, G.; CARRIERI, A. Histórias, Memórias e Futebol Amador: Reflexões e Possibilidades nos Estudos Organizacionais. **Gestão & Conexões**, v. 8, p. 8–24, 2019.

CORREIA, G.; COSTANZI, C. G.; CARRIERI, A. Práticas cotidianas na criação e manutenção de pequenos negócios em Matozinhos/MG. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 9, p. 1–23, 2020a.

CORREIA, G.; SILVA, F.; CARRIERI, A. Identidades e identificações nas memórias de ex-árbitros de futebol de Minas Gerais. **FULIA**, v. 5, p. 1–15, 2020b.

COSTA, A. S.; WANDERLEY, S. Passado, presente e futuro da história (crítica) das organizações no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, p. 1–8, 2021.

COSTA, C. M. Alfredo Ferreira Lage: o colecionador mineiro e a nostalgia do passado. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores**: a polissemia das práticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

CURY, F. G. **Uma história da formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins**. 290 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

DALE, A. If you collect, the IRS will collect from you: Whether category is collector, dealer or investor matters. **Wall Street Journal**, v. 1, p. 1–14, 2008.

D'ANGELO, M. Leituras benjaminianas: memória e experiência. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, v.9 n 2, p. 51–60, 2016.

DAVY, J. A. Lego snowmobile and the elements of miniaturization. **Anthropology Today**, v. 31, n. 6, p. 1–4, 2015.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

DE CERTEAU, M. O estabelecimento das fontes ou redistribuição do espaço. In: DE CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELACROIX, C. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 39–79, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. México: Ediciones Era, 1979.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

DUREPOS, G.; SHAFFNER, E.; TAYLOR, S. Developing critical organizational history: Context, practice and implications. **Organization**, v. 28, n. 3, p. 449–467, 2019.

DOHMANN, M. V. Coleções de objetos: memória tangível da cultura material. In: CAVALCANTI *et al.* (Org.). **Coleções de arte: formação, exibição e ensino**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

DOHMANN, M. V. Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos. **Diálogo com a Economia Criativa**, v. 2, n. 6, p. 41–53, 2017.

ENOQUE, A. G. Olhares sobre a culpa no capitalismo moderno: um diálogo entre Deleuze-Guattari e Walter Benjamin. **Cadernos EBAPE.BR**, 1–21, s.n., 2023.

ESPÍRITO-SANTO, S. M. A contribuição do estudo do colecionismo para historiografia do Museu Histórico do antigo “Oeste Paulista”. **Transformação**, v. 23, n. 1, p. 29–37, 2011.

ETZIONI, A. **Organizações Modernas**. São Paulo: Pioneira, 1984.

EWALD, F. G. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, v. 4, n. 2, p. 1–8, 2008.

FARIAS, M. C. Q.; BIZELLO, M. L. Memória e representação: reflexões para a organização do conhecimento. **Scire**, v. 22, n. 2, p. 99–106, 2016.

FARINA, M. C.; TOLEDO, G. L.; CORRÊA, G. B. F. Colecionismo: uma perspectiva abrangente sobre o comportamento do consumidor. In: XIX Seminários em Administração, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2006.

FEIJÓ, G. V. Metodologias de estudos da narrativa e do discurso na interpretação de fontes orais de história. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 10, p. 1–26, 2018.

FERNANDES, A. H. Diálogos com Walter Benjamin sobre narrativa: refletir para educar. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 30, p. 7–19, 2019.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FERREIRA, M. S. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, v. 7, n. 2, p. 121–133, 2011.

FINARDI, F.; SOUSA, R. Colecionismo moderno: conhecimento, memória e indústria cultural. **Triades**, v. 9, n. 2, p. 84–99, 2020.

FLECK, J. P. S.; ROSSI, C. A. V. O colecionador de vinil: um estudo vídeo-etnográfico. In: XXXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009.

FONTDEVILA, O. **The incomplete collection**. In: Exhibition Opening of Centre D'art La Panera & Museu D'art Jaume Morera, p. 1–4, 2017.

FORMANEK, R. Why they collect: collectors reveal their motivations, In: PEARCE, S. (Org.). **Interpreting objects and collections**. New York: Routledge, 2005.

FOXHALL, L. Introduction: miniaturization. **World Archaeology**, v. 47, n. 1, p. 1–5, 2015.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GAGNEBIN, J. M. Memória e libertação. In: GAGNEBIN, J. **Walter Benjamin: os cacos da história**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin – “esquecer o passado?”. In: MACHADO, C. E. *et al.* **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

GAGNEBIN, J. M. Do conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou Verdade e Beleza. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 112, p. 183–190, 2005.

GARBER, K; GAGNEBIN, J. M. Por que um mundo todo nos detalhes do cotidiano? **Revista USP**, n. 15, p. 38–47, 1992.

GARCIA, K. P. Desafios, avanços e especificidades: reflexões sobre a História do Tempo Presente. **Tempo e Argumento**, v. 15, n. 38, p. 1–8, 2023.

GARDNER, J. Access to the past and the present: a history of the M. C. Migel Memorial Collection, American Printing House for the blind. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, v. 11, n. 4, p. 381–386, 2019.

GARNICA, A. V. M. Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. **Mimesis**, v. 22, n. 1, p. 35–48, 2001.

GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e Educação Matemática. In: D'AMBRÓSIO, B.; LOPES, C. (Orgs.). **Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

GOMIDE, A. **Colecionismo de arte moderna e contemporânea no Brasil: um estudo**. Orientadora: Maria Angélica Melendi de Biasizzo. 224 f. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GONÇALVES, M. A. Relampejos em Walter Benjamin: ideias e reminiscências sobre o brinquedo. In: MACHADO, C. E. *et al.* **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

GONÇALVES, T.; LEBREGO, R.; BARREIRA, J.; SIQUEIRA, I. Análise textual discursiva na pesquisa narrativa: investigando sentidos da docência expressos por professoras de ciências. **Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, 1087–1096, 2019.

GOUVÊA, J. B.; CABANA, R. P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 297–347, 2018.

GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, p. 13–38, 2004.

GUIMARÃES, L. M. P. Colecionismo e lugares de memória. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

GUTIERREZ, A. Coleções – entre o público e o privado. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALILOVICH, H. Re-imaging and Re-imagining the Past after ‘Memoricide’: Intimate Archives as Inscribed Memories of the Missing. **Archival Science**, v. 16, n. 1, p. 77–92, 2016.

HODGE, P. A.; COSTA, A. S. M. Do particular para o geral: memória, história oral e estudos organizacionais. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 19, n. 3, p. 303–336, 2020.

HODGE, P. A.; COSTA, A. S. M. História oral e pesquisa organizacional: desafios da construção de conhecimento sobre o passado. **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 99, p. 721–756, 2021.

JAMMULAMADAKA, N.; FARIA, A. Decolonizing inclusion in performing academia: Trans-inclusion as phronetic border thinking/doing praxis. **Gender, Work & Organization**, v. 30, n. 2, p. 431–456, 2023.

JARDINE, B.; KOWAL, E.; BANGHAM, J. How collections end: objects, meaning and loss in laboratories and museums. **BJHS: Themes**, v. 4, p. 1–27, 2019.

JEUDY, H. P. **Memórias do social**. Forence Universitária: Rio de Janeiro, 1990.

JOAQUIM, N. F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 85, p. 303–319, 2018.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KIESER, A. Crossroads – Why organization theory needs historical analyses – and how these should be performed. **Organization Science**, v. 5, p. 608–620, 1994.

KIERNAN, P. Miniature objects as representations of realia. **World Archaeology**, v. 47, n. 1, p. 45–59, 2015.

KOLL, H.; JENSE, A. Appropriating the past in Organizational Change Management. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. **Time, temporality, and history in process organization studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

KRTALIĆ, M.; DINNEEN, J.; LIEW, C.; GOULDING, A. Personal Collections and Personal Information Management in the Family Context. **Library Trends**, v. 70, n. 2, p. 149–179, 2021.

KUECKER, E. The Walter Benjamin Experience: Inquiry for Changing Reality. **Qualitative Inquiry**, v. 27, n. 5, p. 534–543, 2021.

KUNDERA, M. **A lentidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPPMANN, S.; ALDRICH, H. A rolling stone gathers momentum: Generational units, collective memory, and entrepreneurship. **Academy of Management Review**, v. 41, n. 4, p. 658–675, 2016.

LONG, M. M.; SCHIFFMAN, L. G. Swatch Fever: An Allegory for Understanding the Paradox of Collecting. **Psychology & Marketing**, v. 14, n. 5, p. 495–509, 1997.

LOPES, J. R. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, n. 34, p. 377–404, 2010.

- LOPES, J. R.; SILVA, R. M. D. Colecionadores e cidadania patrimonial: os agenciamentos de arquivos pessoais em projetos memorialistas locais. **Sociedade & Cultura**, v. 21, n. 1, p. 136–154, 2018.
- LÖWY, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, n. 16, v. 45, p. 199–206, 2002.
- LYRA, M. C.; RIBEIRO, A. K.; DECONTI, L. Temporalidade e Interpretabilidade na Análise de Narrativas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, p. 1–10, 2019.
- MACIEL, M. M.; PEREIRA, J. S. G.; VALENTE, T. R. A ressignificação da cachaça: um olhar sob a perspectiva teórica da memória social. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, v. 8, n. 1, p. 210–225, 2020.
- MACHADO, H. P. V. A Longevidade de Pequenas Empresas Familiares em Narrativas Históricas de seus Integrantes. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 18, n. 3, p. 361–381, 2019.
- MACLEAN, M.; HARVEY, C.; CLEGG, R. Conceptualizing historical Organization Studies. **Academy of Management Review**, v. 41, n. 4, p. 609–632, 2016.
- MACLEAN, M.; HARVEY, C.; CLEGG, S. Organization theory in business and management history: Current status and future prospects. **Business History Review**, v. 91, n. 3, p. 457–481, 2017.
- MACLEAN, M.; SHAW, G.; HARVEY, C.; BOOTH, A. Management learning in historical perspective: rediscovering Rowntree and the British interwar management movement. **Academy of Management Learning & Education**, v. 19, n. 1, p. 1–20, 2020a.
- MACLEAN, M.; HARVEY, C.; SUDDBAY, R.; CLEGG, R. **Historical organization studies: theory and applications**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2020b.
- MACLEAN, M.; HARVEY, C.; SUDDBAY, R.; CLEGG, R. Historical Organization Studies: advancing new directions for organizational research. In: MACLEAN, M.; HARVEY, C.; SUDDBAY, R.; CLEGG, R. **Historical organization studies: theory and applications**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2020c.
- MACLEAN, M.; SHAW, G.; HARVEY, C.; STRINGER, G. Methodological openness in business history research: looking afresh at the british interwar management movement. **Business History Review**, v. 96, n. 4, p. 805–832, 2022.
- MCANDREW, C. **A survey of global collecting**. Switzerland: Art Basel and UBS, 2022.
- MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas. Introduzindo um debate. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.
- MALHEIRO-DA-SILVA, A. O colecionador segundo Walter Benjamin ou um texto pronto-sistêmico. **Revista Fontes Documentais**. v. 3, p. 602–615, 2020.

MARTINS, E. C. R. Memória e experiência vivida: a domesticação do tempo na história. **Antíteses**, v. 1, n. 1, p. 17–30, 2008.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Cobogó, 2021.

MARTINS, P. G. **Por uma administração menor**: cartografando a vida de mulheres que dançam no bailinho da Tia Naná e inventam outras velhices. Orientador: Alexandre de Pádua Carrieri. 2021. 238 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MARTINS, P. G.; CORREIA, G. Histórias, memórias e saberes populares: reflexões e aproximações com a gestão ordinária. In: SARAIVA, L. A.; CARRIERI, A. (Orgs.). **Estudos Organizacionais e Sociedade**. Porto Alegre: Fi., 2023.

MARTINS, P. G.; CORRÊA, M.; CARRIERI, A. For a Minor Administration: The Case of the Bailinho da Tia Naná. **Organizações & Sociedade**, v. 30, n. 105, p. 329–359, 2023.

MATOS, O. C. F. **Benjaminianas**: Cultura Capitalista e Fetichismo contemporâneo. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MATTOS, J. M. Walter Benjamin: contratempo e história. In: MACHADO, C. E. *et al.* **Walter Benjamin**: experiência histórica e imagens dialéticas. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MAYUMI, M.; CARRIERI, A. A estreia do grupo galpão: o novo e o velho em uma imagem dialética. In: CARRIERI, A. P.; GOBIRA, P.; FABRI, B. **O lado [B]enjamin**. Belo Horizonte: Crisálida. NEOS, 2011.

MCINTOSH, W.; SCHMEICHEL, B. Collectors and collecting: a social psychological perspective. **Leisure Sciences**, v. 26, n. 1, p. 85–97, 2004.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MENDES, C. Pós-estruturalismo e a crítica como repetição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 88, p. 45–60, 2015.

MENESES, U. T. B. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9–23, 1992.

MENEZES FILHO, L.; CHAVES, M. L. Minerais de coleção: ciência, estética e mercado. **Geonomos**, v. 15, n. 2, p. 65–73, 2007.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1–12, 2017.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Zahar: 2013.

MILLS, A. K.; NOVICEVIC, M. **Management and Organizational History**: a research overview. London: Taylor & Francis Group, 2020.

MILLS, A. K.; SUDDABY, R.; FOSTER, W.; DUREPOS, G. Re-visiting the historic turn 10 years later: current debates in management and organizational history – an introduction. **Management and Organization History**, v. 11, n. 2, p. 67–76, 2016.

MINAS GERAIS. **Lei Nº 16.688, de 11 de janeiro de 2007**. Declara patrimônio cultural de Minas Gerais o processo tradicional de fabricação, em alambique, da cachaça de Minas. Belo Horizonte, MG. Diário Oficial do Estado, 2007.

MIRANDA, V. C. O problema da nostalgia nas coleções de porcelanas históricas. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores**: a polissemia das práticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JUNIOR, V.; GALLO, P. R.; ROLIM NETO, M. L.; REIS, A. O. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 193–199, 2014.

MONTEIRO, D. F. B.; CORREIA, G.; CARRIERI, A. Memórias de Operários e Gestores: histórias acerca das transformações na gestão de uma fábrica têxtil de Minas Gerais (1990–2000). **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 9, p. 15–37, 2020.

MORAES, A. D. J. **História e memória da formação docente em Ituiutaba–MG**. Orientadora: Sônia Maria dos Santos. 2014. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

MORAES, L. N. Acervos domésticos e a construção da narrativa através de objetos: um estudo entre praticantes budistas. In: XLV Encontro Anual da ANPOCS. GT10 – Desafios contemporâneos da memória social: objetos, coleções e heranças. **Anais...** v.1, p. 1–20, 2021.

MOULIN, E.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. A organização (incorporada): ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 4, p. 727–742, 2015.

MOUTINHO, K.; CONTI, L. Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 1–8, 2016.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D.; FRITZ FILHO, L. F. As relações interorganizacionais na perspectiva da estratégia como prática social. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 20, n. 2, p. 179–192, 2022.

NEVES, L. A. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista de História Oral**, v. 6, p. 9–25, 2003.

NEVES, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica: 2010.

NEVES, L.; FERREIRA. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19–34, 2013.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v. 10, p. 7–28, 1993.

NORDSLETTEN, A. E.; MATAIX-COLS, D. Hoarding versus collecting: Where does pathology diverge from play? **Clinical Psychology Review**, v. 32, n. 3, p. 165–176, 2012.

NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. Introdução: para a historiografia da nova história. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. (Org.). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, p. 7–70, 2011.

NUNES, L. S.; PAULA, L.; BERTOLASSI, T.; FARIA NETO, A. A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas, **Revista Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, p. 9–17, 2017.

OCASIO, W.; MAUSKAPF, M.; STEELE, C. W. J. History, society, and institutions: The role of collective memory in the emergence and evolution of societal logics. **Academy of Management Review**, v. 41, n. 4, p. 676–699, 2016.

OLENDER, M. Algumas considerações sobre as coleções como “lugares de memória” da Modernidade. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

OLIVEIRA, A. C. A. R. Colecionismo a partir da perspectiva de gênero. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 7, n. 13, p. 15–30, 2018.

OLIVEIRA, A. M.; SIEGMANN, C.; COELHO, D. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 111–119, 2005.

OLIVEIRA, C. Coleções e colecionadores: as práticas de colecionar, motivações e simbologias. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 12, p. 169–179, 2017.

OLIVEIRA, D. F. H.; HOLANDA, A. F.; MACIEL, J. C. Coleções e colecionadores: compreendendo o significado de colecionar. **Revista do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas**, v. 8, n. 1, p. 31–54, 2016.

OLIVEIRA, I. B. Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, p. 162–184, 2008.

PACHECO, D.; GUSTAVO, M. Walter Benjamin: rememoração e imagem dialética. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, v. 12, n. 23, p. 122–136, 2022.

PALHARES, J. P.; CORREIA, G.; CARRIERI, A. “Um lugar de movimento”: a trajetória histórica das apropriações dos espaços da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 15, p. 1–19, 2020.

PALHARES, J. V.; CARRIERI, A.; OLETO, A. As práticas cotidianas de negócio dos catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. **Gestão & Regionalidade**, v. 35, p. 245–261, 2019.

PALMA, O. L.; PALHARES, J. V.; CARRIERI, A.; VASCONCELLOS, M. As Identidades da Galeria do Maletta no Decorrer da sua História: um Espaço de Negócios, de Luxo, de Resistência Política e de Boemia. **Gestão & Conexões**, v. 10, p. 121–143, 2021.

PALUDI, M. I.; MILLS, J. H.; MILLS, A. J. Corporate storytelling and the idea of Latin America. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, 1–14, 2021.

PEARCE, S. **Collecting in contemporary practice**. London: Sage, 1997.

PEARCE, S. **Interpreting objects collections**. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2005.

PEDRÃO, G. B.; BIZELLO, M. L. As coleções como patrimônio: um meio para a preservação da história e da memória. VI Seminário em Ciência da informação. **Anais...** Londrina, 2016. p. 830–840.

PENA, F. G.; MARTINS, T. S.; OLIVEIRA, L.L.; CARRIERI, A. P. O polo da moda em Belo Horizonte: uma análise histórica do Barro Preto. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 15, n. 4, 2016.

PEREIRA, M. A. Repensar o passado – recobrar o futuro: história, memória e redenção em Walter Benjamin. **História Unisinos**, v. 12, n. 2, p. 148–156, 2008.

PERIUS, O. Walter Benjamin: considerações sobre o conceito de História. **Tempo da ciência**, v. 16, n. 2, p. 123–135, 2009.

PIRES, E. G. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 3, p. 813–828, 2014.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179–195, 2001.

PENTLAND, B. T. Building process theory from narrative: from description to explanation. **Academy of management review**. v. 24, n. 4, p. 711–714, 1999.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POMIAN, K. Coleção. In: BAUDRILLARD, J. **Enciclopédia Einaudi: memória-história**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1984.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUELHA-DE-SÁ, R. G.; COSTA, A. S. M. Anti-history e a pesquisa em Administração: reflexões iniciais. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**. v. 6, n. 1, p. 46–58, 2018.

RANGEL, M. As coleções e a construção do conhecimento: a formação do acervo do Museu da Cidade do RJ, a Coleção Costa Lima e a Coleção de Instrumentos Científicos do Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.

REBUÁ, E. Ensaio benjaminiano: a experiência como construção de sentidos. **Cadernos Walter Benjamin**, n. 19, p. 22–41, 2018.

REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. Time, temporality, and history in process organization studies. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. **Time, temporality, and history in process organization studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

REUTER, Y. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the Human Sciences**. London: Sage, 2008.

RODEGHERO, C. S.; WEIMER, R. A. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? COVID-19: tempo, testemunho e história. **Estudos Históricos**, v. 34, n. 74, p. 472–491, 2021.

ROSA, N. Estratégias para pensar o colecionismo de arte contemporânea no Brasil. **MODOS: Revista de História da Arte**, v. 6, n. 2, p. 269–300, 2022.

ROSA, N. O que é contemporâneo no colecionismo de arte contemporânea? **Estado da Arte**, v. 1, n. 1, p. 97–109, 2020.

ROWLINSON, M. Historical analysis of company documentation. In: CASSELL, C.; SYMON, G. **Qualitative methods in organizational research**. London: SAGE, 2004.

ROWLINSON, M.; BOOTH, C.; CLARK, P.; DELAHAYE, A.; PROCTER, S. Social remembering and organizational memory. **Organization Studies**, v. 31, n. 1, p. 69–87, 2010.

ROWLINSON, M.; CASEY, A.; HANSEN, P. H.; MILLS, A. J. Narratives and memory in organizations, **Organization**, v. 21, n. 4, p. 441–446, 2014.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Mórula, 2019.

SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T.; RODRIGUES, R. R. O dever público da história no tempo presente: outras linguagens, outras narrativas. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas**, v. 12, n. 1, p. 13–38, 2020.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria nacional**. São Paulo: Annablume, 2013.

SANTOS, A. S. **A influência do colecionismo na representação da memória social: análise da coleção Amicis Tocantins**. Orientadora: Maria Leandra Bizello. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Beatriz, 2015.

SANTOS, M. S.; FOURAUX, C. G.; OLIVEIRA, V. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**, n. 5, p. 37–51, 2019.

SANSEVERINO, A. M. A emancipação do conto moderno: considerações acerca do narrador de Walter Benjamin. In: CAIMI, C.; OLIVEIRA, R. **Sobre alguns temas em Walter Benjamin**. Porto Alegre: Editora Uniritter, 2015.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, p. 1–15, 2009.

SANCHES, E. O.; SILVA, D. J. Infância e coleção: experiência e profanação em Walter Benjamin, **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 143, p. 379–396, 2018.

SCHIEMER, B. The (in)actuality of Walter Benjamin: On the relation between the temporal and the social in Benjamin's work. **Time & Society**, v. 25, n. 1, p. 3–23, 2015.

SCHÜTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: how to analyze autobiographical narrative interviews – part one and two. **European Studies on Inequalities and Social Cohesion**, n. 1, p. 153–242, 2008.

SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SILVA, A. R.; VASCONCELOS, A.; LIRA, T. A. Inscrições contábeis para o exercício do poder organizacional: O caso do fundo de emancipação de escravos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, 1–14, 2021.

SILVA, F. R.; CARRIERI, A. Reframing “Organizations and Society” from the Escrevivências: for a Form of Management from and in the Gaps. **Organizações & Sociedade**, v. 29, n. 101, p. 385–413, 2022.

SILVA, C. R. M.; GONZALES, K. G.; NAKAMURA, M. E. Três olhares sobre a análise de narrativas na pesquisa em educação matemática. **Ensino em Revista**, v. 28, p. 1–24, 2021.

SILVA, H. H. C.; NUNES, M. R. F. A experiência estética no consumo de coleções: um estudo sobre colecionadores de estátuas e figuras de ação. **Signos do Consumo**, v. 12, n. 1, p. 94–111, 2020.

SILVA, P. S. **Educação estética**: corpo, experiência e memória em Walter Benjamin. Orientador: Jaison José Bassani. 2013, 125 f, Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato**: A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro, RJ: Márula, 2018.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021.

SIMPSON, B.; TRACEY, R.; WESTON, A. The Timefulness of Creativity in an Accelerating World. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. **Time, temporality, and history in process organization studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

SOUZA, S. J. Walter Benjamin e a infância da linguagem: uma teoria crítica da cultura e do conhecimento. In: SOUZA, S. J.; KRAMER, S. **Política, cidade e educação**: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. A análise do discurso em estudos organizacionais. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TARROW, S. Comparison, triangulation, and embedding research in history: a methodological self-analysis. **Bulletin of Sociological Methodology**, v. 141, n. 1, p. 7–29, 2019.

TENNENT, K. D.; GILLETT, A. G.; FOSTER, W. M. Developing historical consciousness in management learners. **Management Learning**, v. 51, n. 1, p. 73–88, 2020.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, v. 15, p. 51–84, 1997.

TIGHT, M. Saturation: An Overworked and Misunderstood Concept? **Qualitative Inquiry**, 0(0), 2023.

ÜSDIKEN, B.; KIESER, A. Introduction: history in organization studies. **Business History**, v. 46, n. 3, p. 321–330, 2004.

ÜSDIKEN, B.; KIPPING, M. Objective: Finding History in Management Research. In: ÜSDIKEN, B.; KIPPING, M. **History in Management and Organization Studies: from margin to mainstream**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2022.

VIEIRA, L.; CAVEDON, N. Uma pesquisa que não está no gibi: um estudo com colecionadores de revistas em quadrinhos. **GESTÃO.Org**, v. 11, n. 1, p. 1–33, 2013.

VELLOSO, R. **Urbano-Constelação**. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2022.

VENN, C. The collection. **Theory, Culture & Society**, v. 23, p. 35–40, 2006.

WANDERLEY, S.; BARROS, A. Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: towards a Latin American agenda. **Management & Organizational History**, v. 13, p. 1–19, 2018.

WEITZEL, S. R. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **Transformação**, v. 24, n. 3, p. 179–190, 2021.

WILSON, S. The work of collecting: Objects, sociality and self in Leïla Sebbar's *Lettres parisiennes* and *Mes Algéries en France*. **French Cultural Studies**, v. 27, n. 4, p. 398–411, 2016.

YATES, J. Understanding historical methods in organization studies. In: BUCHELI, M.; WADHWANI, D. R. (orgs). **Organizations in time: history, theory, methods**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

ZALD, M. N. 'History, Sociology, and Theories of Organization'. In: JACKSON, J. E. (org), **Institutions in american society: essays in market, political and social organizations**. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 1988.

ZALD, M. N. More fragmentation? Unfinished business in linking the social sciences and the humanities. **Administrative Science Quarterly**, v. 41, n. 2, p. 251–261, 1996.

ZALD, M. N. Organization studies as a scientific and humanistic enterprise: toward a reconceptualization of the foundations of the field. **Organization Science**, v. 4, n. 4, p. 513–528, 1993.

ZIMOVSKI, T.; PEREIRA, R. D.; CARRIERI, A.; CORREIA, G. Memórias em movimento: histórias da Casa Tina Martins no combate à violência de gênero. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, p. 1–16, 2021.

ZIMOVSKI, T.; PEREIRA, R. D.; CARRIERI, A. Narratives from Casa Tina Martins' Women's referral center: Aesthetics of existence in the struggle against gender violence. **Gender Work and Organization**, v. 29, p. 1542–1561, 2022.

APÊNDICE A

Apêndice A – Roteiro semiestruturado de entrevista narrativa com colecionadores mineiros de diversos objetos

- 1) Como surgiu o interesse por colecionar? O que você se lembra de como e quando ela começou? Me fale um pouco sobre sua coleção, um pouco da história dela. Como ela foi se estruturando?
- 2) Qual seu objetivo ao ser um colecionador? Por que você coleciona?
- 3) Por que o interesse sobre estes determinados objetos e não em outros?
- 4) Onde e como são guardados seus objetos?
- 5) Me fale um pouco da sua rotina com a coleção. Como é seu dia a dia com ela?
- 6) Qual o preço de uma coleção?
- 7) Você possui uma estimativa de quanto gastou e quanto vale atualmente sua coleção?
- 8) Como é definido o preço de cada objeto da coleção?
- 9) No geral, o que você entende como uma coleção? E como colecionismo? O que é ser colecionador?
- 10) Me fale um pouco sobre sua relação com outros colecionadores. Você faz parte de algum grupo? Conhece outras pessoas que colecionam? São organizados? Como ocorre esta organização?
- 11) Se pudesse escolher outros objetos para começar uma nova coleção, quais escolheria? Por que?
- 12) Como você vê no colecionismo hoje? Há alguma mudança desde o momento que começou a colecionar?
- 13) Se você pudesse melhorar algo no colecionismo, o que seria? Como faria isso?
- 14) Se você pudesse melhorar algo na sua coleção o que seria? Como faria isso?
- 15) Existe um limite para uma coleção?
- 16) O que considera importante para que possamos compreender as coleções, o colecionismo e os colecionadores?
- 17) Tem alguma questão adicional que não foi perguntada, mas que considera importante de ser desenvolvida?